eryica

european youth information
and counselling agency

Liaisons
Ligações

um manual para a prevenção do extremismo violento através da informação para jovens

© ERYICA asbl 2020, Todos os direitos reservados
Este trabalho foi licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons
Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0

Ilustração de capa pela jovem artista Emi Scheyvaerts
ISBN: 978-2-919810-16-1

“A ignorância leva ao medo, o medo leva ao ódio e o ódio leva à violência. Esta é a equação.’

Ibn Rushd, Averroes (1126-1198)

Foi com esta ideia em mente que a European Youth Information and Counselling Agency (ERYICA), e os seus membros francófonos (Centro de Informação e Documentação para Jovens – França, Centro de Informação para Jovens – Luxemburgo, Centro de Informação e Documentação para Jovens – Bélgica e Infor Jeunes Bruxelas) criaram este manual, com o objetivo de contribuir para a prevenção do extremismo violento das/os jovens através da informação para jovens.

Diretora da Publicação:
Eva Reina

Editora:
Jessica Walker

Colaboradoras/es:
Nicolas Vaslin, Simon Therer, Didace Kalisa, Franck Chabriak, Angèle Deheyn,
Laetitia Rensonnet, Juliette Brassard, Manfred Zentner,
Eva Reina, Jessica Walker, Claire Conlon

Tradução do inglês para português:
André Quintino, Centro de Juventude de Lisboa do IPDJ

Adaptação:
Centro de Juventude de Lisboa do IPDJ

Revisão:
Edições Afrontamento, Lda. – Porto

Ilustração:
Visuality, Emi Scheyvaerts (furet1318@live.be)

Design:
Ismet Lisica (www.studiolisica.com), Jasmin Leventa

Impressão e Acabamento:
Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira

Texto original produzido e usado com permissão da ERYICA. Esta tradução foi publicada de acordo com a ERYICA, mas sob responsabilidade exclusiva do Centro de Juventude de Lisboa do IPDJ.
© Centro de Juventude de Lisboa do IPDJ, 2020, tradução portuguesa

INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE, I. P.

Lisbon Youth Centre
Centro de Juventude de Lisboa

Esta publicação foi criada com o apoio do Conselho da Europa e do Bureau International Jeunesse
(Federação Valónia-Bruxelas, Bélgica)

**Publicado no âmbito do acordo de parceria entre o Conselho da Europa e a ERYICA,
a European Youth Information and Counselling Agency.**

As opiniões expressas neste manual não refletem necessariamente a posição do Conselho da Europa.

Os direitos de autor desta publicação são detidos pela ERYICA. Nenhuma parte desta publicação poderá ser traduzida ou reproduzida em quaisquer formatos ou através de quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informação, sem a permissão por escrito da detentora dos direitos de autor. Quaisquer pedidos para reprodução ou tradução integral ou parcial devem ser dirigidos a ERYICA asbl:
European Youth Information and Counselling Agency,
87 Route de Thionville
L-2611 Luxemburgo
secretariat@eryica.org

A reprodução de material desta publicação é autorizada apenas para fins de educação não comercial e na condição de que a fonte seja citada apropriadamente.

Parceiros de Publicação

A European Youth Information and Counselling Agency (ERYICA) é uma organização Europeia independente, composta por órgãos e redes nacionais para a coordenação da informação para jovens. O papel da ERYICA é o de fomentar a cooperação na área do trabalho e serviços de informação para jovens; desenvolver, apoiar e promover a política e a prática da informação para jovens generalista e com qualidade a todos os níveis; e assegurar que as necessidades de informação para jovens e os princípios da Carta Europeia de Informação para Jovens são respeitados. A ERYICA tem continuado a expandir a sua rede desde a sua criação em 1986; à data desta publicação, conta com 36 membros em 27 países (www.eryica.org).

A *Fédération de Centres d'Information et de Documentation pour Jeunes* (CIDJ) é uma organização de centros de informação para jovens ativos na Comunidade Francófona da Bélgica (Federação Valónia-Bruxelas), assim como um serviço de informação generalista para as/os jovens. O papel do CIDJ é promover e gerir projetos e ferramentas de informação e materiais educativos, ao mesmo tempo que valoriza os serviços dos seus membros e assegura que o setor é representado (www.cidj.be).

O *Centre d'information et de documentation jeunesse* (CIDJ) é uma associação desenvolvida sob a tutela do Ministério da Educação de França. Estabelecido em 1969, a sua missão é a de assegurar que todas/os as/os jovens têm igual acesso à informação de que necessitam para serem pessoas autónomas. A missão pode ser dividida em quatro pontos chave: centros de informação públicos, publicação de materiais de referência para informar e guiar as/os jovens, gestão e recursos e redes de vigilância, coordenação de programas e formação (www.cidj.com).

Criada em 1987, a *Agence Nationale pour l'Information des Jeunes* (ANIJ), anteriormente conhecida como CIJ, é uma associação subsidiada pelo Ministério da Educação, da Infância e da Juventude do Grão Ducado do Luxemburgo. A sua missão é a de providenciar a todas as pessoas jovens o acesso a informação objetiva e fidedigna, promover o direito a aceder a esta informação, providenciar apoio profissional, dando resposta a todos os pedidos, e fomentar a autonomia das/os jovens. Enquanto estrutura nacional, a ANIJ também trabalha com autoridades políticas e profissionais do setor da juventude de modo a reforçar a importância da qualidade na informação para jovens (www.jugendinfo.lu).

O *Centre d'Accueil et d'Information Jeunesse de Bruxelles*, abreviadamente *Infor Jeunes Bruxelles*, é um centro de informação generalista para jovens com idades entre os 12 e os 26, que tem o objetivo de informar acerca de todos os temas de juventude (emprego, formação, estudos, mobilidade, lazer, saúde…). A Associação é reconhecida pela Federação Valónia-Bruxelas como um centro de informação para jovens (www.ijbxl.be).

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar a nossa gratidão para com todas/os as/os que contribuíram para este manual, especialmente organizações e indivíduos que marcaram presença nos dois dias de Open Dialogue (Diálogo Aberto) em Bruxelas em 2016 e 2017.

Annoncer La Couleur, Association des Parents turcs de Belgique (TOVAP), AVISCENE ASBL, BePax, Bureau International Jeunesse (BIJ), Cellule de prévention du radicalisme de la Ville de Bruxelles (BRAVVO), Centre d'Information et d'Avis sur les Organisations Sectaires Nuisibles (CIAOSN), Centre Infor Jeunes d'Eupen (Infotreff), Centre Information Jeunesse de Laval, Centre régional d'Information Jeunesse Lyon Rhône-Alpes, Centre régional d'Information Jeunesse Toulouse Midi-Pyrénées, Commission européenne, Commune d'Anderlecht — Service de Prévention, Commune de Molenbeek--Saint-Jean — Service de la Jeunesse et de la Cohésion sociale, Commune de Schaerbeek — Service d'Appui Thématique et Territorial, Coordination Nationale d'Action pour la Paix et la Démocratie (CNAPD), De Ambrassade, Département Cultura, Jeugd en Media — Vlaamse Overheid, Direction de la Prévention et de la Sécurité de la Ville de Charleroi, Direction générale de l'enseignement obligatoire et Service de la Jeunesse — Fédération Wallonie-Bruxelles, Dounia Bouzar (Anthropologue du fait religieux/gestion de la laïcité), European Peer Training Organisation (EPTO), Fédération Infor Jeunes Wallonie-Bruxelles, Forum Belge pour la Prévention et la Sécurité Urbaine, Institut de Recherche, Formation et Action sur les Migrations (IRFAM), Interfédérale des Centres de Jeunes Belgique (FMJ), Le Foyer de Jeunes des Marolles, Les Parents Concernés ASBL, Mairie de Viry-Châtillon — Service Jeunesse, Maison des jeunes de Rodange, Manfred Zentner (chercheur, Danube-University Krems), Mourad Benchellali (témoin), Observatoire International de Justice Juvénile (OIJJ), Point Information Jeunesse de la Ville de Lille, Service de Prévention de la Ville de Mons, SPF Intérieur, UCLAT Unité de coordination de la lutte antiterroriste — Police nationale (France) et Université de la Paix.

Também gostaríamos de agradecer ao Conselho da Europa pela sua confiança e apoio ao longo deste projeto.
Os serviços de articulação do Conselho da Europa com a União Europeia, as/os representantes da Campanha Não ao Discurso de Ódio, os membros do Comité Diretor Europeu de Juventude (CDEJ), os membros do Conselho Consultivo de Juventude e o Departamento de Juventude.

Também estamos gratas/os às instituições e indivíduos que contribuíram com material para ser utilizado nas atividades e documentação.
A World of Difference, BePax, Conseil Supérieur de l'Éducation aux Médias — Fédération Wallonie-Bruxelles, La Coordination pour l'éducation à la non-violence et à la paix, Commission éducation, Educanet Belgique, European Peer Training Organisation (EPTO), Gérard Pirotton, Média Animation, Mutualités chrétiennes, SPF Intérieur, Università degli Studi di Firenze, Université de la Paix, and Vivre ensemble Bruxelles.

Dirigimos um especial agradecimento à jovem artista Emi Scheyvaerts (*Clube de Juventude de Waterloo, Bélgica*) que ilustrou este manual com criatividade e entusiasmo.

Fizemos os esforços possíveis para identificar referências de textos e atividades com as/os suas/seus autoras/es de forma a atribuir-lhes o devido crédito. Pedimos desculpa por eventuais omissões e teremos todo o gosto em corrigi-los na próxima edição.

Conteúdos

Prefácio **11**

O Conselho da Europa e a luta contra o extremismo violento das pessoas jovens **12**

Sobre Liaisons **15**
- **Objetivo e estrutura** **16**
- **Utilizando o manual** **17**

Elementos Teóricos 20

1. Analisar e compreender 22
- 1.1. Radicalização e extremismo: uma visão geral 22
- 1.2. O processo de radicalização 23
- 1.3. Razões para o extremismo violento 26
- 1.4. Abordagens ao combate à radicalização que conduz ao extremismo violento 28

2. O papel da informação para jovens na prevenção do extremismo violento **31**
- 2.1. Informação para jovens (IJ) 31
- 2.2. Parte de uma rede de interesses mais ampla 33
- 2.3. Formas de intervenção: Prevenção, Deteção 34

Referências **39**
- **1. Uma breve bibliografia seletiva sobre o tema** **39**
- **2. Documentos políticos chave** **40**

Caixa de ferramentas 42

Secção 1. Auto-estima, confiança e autoconsciência 45
1.1. A minha identidade 48
1.1.1. Onde estou eu? Quem sou eu? 49
1.1.2. Modelos a seguir e recursos 53
1.1.3. Os meus familiares mais velhos dizem-me 56
1.1.4. A minha cultura 58
1.2. Os meus pontos fortes, os meus talentos e as minhas competências 59
1.2.1. A/0 minha/meu amiga/o consegue fazer isso 60
1.2.2. Quarteto de talentos e pontos fortes 68
1.2.3. Silhuetas 75
1.3. Desejos e Necessidades 76
1.3.1. Os meus gostos e *hobbies* 77
1.3.2. Um objetivo positivo 79
1.3.3. Eu gosto, eu não gosto: Atividade de linguagem fotográfica 81
1.3.4. Autorretrato 84

Section 2. Diversidade e vida em conjunto 87
2.1. Conhecendo pessoas diferentes de nós: as semelhanças e as diferenças 90
2.1.1. Ligações 91
2.1.2. Adivinha quem vem jantar 93
2.2. Estéreotipos e Preconceitos 96
2.2.1. Estéreotipos, preconceitos e discriminação 97
2.2.2. Estéreotipos 1-2-3 99
2.3. Discriminação 103
2.3.1. Trata-te bem 104

2.3.2. O círculo . . . 108
2.3.3. O bode expiatório . . . 110
2.3.4. Congflitos económicos e culturais I . . . 119
2.3.5. Conflitos económicos e culturais II . . . 122
2.3.6. Quatro quadrantes . . . 125
2.4. Interculturalidade . . . 129
2.4.1. O caldeirão cultural . . . 130
2.4.2. A 'árvore da convivência' . . . 132

Secção 3. Comunicação interpessoal . . . 139
3.1. Expressa-te (criatividade, emoções, sentimentos, necessidades, pensamentos, ideias…) . . . 142
3.1.1. Defender uma opinião . . . 144
3.1.2. Círculos concêntricos . . . 148
3.2. Debater (contexto, métodos, ferramentas…) . . . 151
3.2.1. Algumas técnicas para atividades de grupo . . . 153
3.2.2. O "frasbee" . . . 157
3.2.3. Qual a tua posição? . . . 160
3.3. Gestão de conflitos . . . 163
3.3.1. O comboio . . . 166
3.3.2. O jogo do conflito . . . 174
3.3.3. Choque de liberdades.. . . . 176

Secção 4. Literacia dos Media e da Informação . . . 183
4.1. Pensamento crítico . . . 186
4.1.1. O que viste? . . . 188
4.2. Os Media . . . 190
4.2.1. Manchete . . . 191
4.2.2. Analisando os media em seis partes . . . 194
4.2.3. Informação ou embuste? . . . 197
4.2.4. Verificar os factos . . . 199
4.3. Propaganda . . . 207
4.3.1. Analisar um cartaz de propaganda . . . 208
4.3.2. Analisar um discurso de propaganda . . . 218
4.3.3. Compreender o discurso de ódio . . . 220
4.4. Teorias da conspiração . . . 224
4.4.1. Acreditamos na conspiração? . . . 225
4.4.2. A tua vez de criar uma teoria da conspiração! . . . 227

Glossário . . . 230

Prefácio

Liaisons ("Ligações") é o produto do Acordo de Parceria entre o **Conselho da Europa e a European Youth Information and Counselling Agency** (ERYICA). A Parceria tem o objetivo de promover e desenvolver a cooperação europeia na área da informação e aconselhamento para jovens. Os métodos incluem, em particular, o desenvolvimento de atividades de formação e recursos para os atores que trabalham no setor da juventude, de acordo com as necessidades e solicitações expressas pelos Estados Membros do Conselho da Europa e outros países signatários da Convenção Cultural Europeia.

Presentemente, as/os responsáveis na área da política e no setor da juventude procuram implementar mecanismos, estruturas e planos de ação para prevenir e contrariar a evolução da radicalização e do extremismo violento entre as/os jovens. O Conselho da Europa, a ERYICA e os seus membros francófonos (CDIJ de França, ANIJ do Luxemburgo, CIDJ da Bélgica e a Infor Jeunes de Bruxelas) destacam a **importância da informação e aconselhamento para jovens** para alcançar este objetivo, assim como o papel fundamental que o trabalho em conjunto com as/os intervenientes chave pode ter na prevenção deste fenómeno.

Ser radical não é inerentemente ilegal ou malicioso em si, mas usar a radicalização como ferramenta através de ações violentas é repreensível aos olhos da lei. Esta ideia suscita um número de questões: *enquanto profissionais do setor da juventude e na área da informação para jovens, que papel devemos desempenhar na abordagem a este fenómeno?* De facto, o trabalho na área da juventude e os serviços de informação para jovens têm um **papel preventivo a desempenhar** não só para com as/os jovens, mas para com a sociedade civil no seu todo. A questão que se levanta é quando e como intervir.

Além do mais, a emergente amálgama de radicalização e *jihad* significa que as medidas que têm sido implementadas muitas vezes aplicam-se exclusivamente à radicalização num contexto religioso. Temos de reconhecer que o extremismo violento pode assumir várias formas e expressa-se **bastante para lá do prisma religioso**.

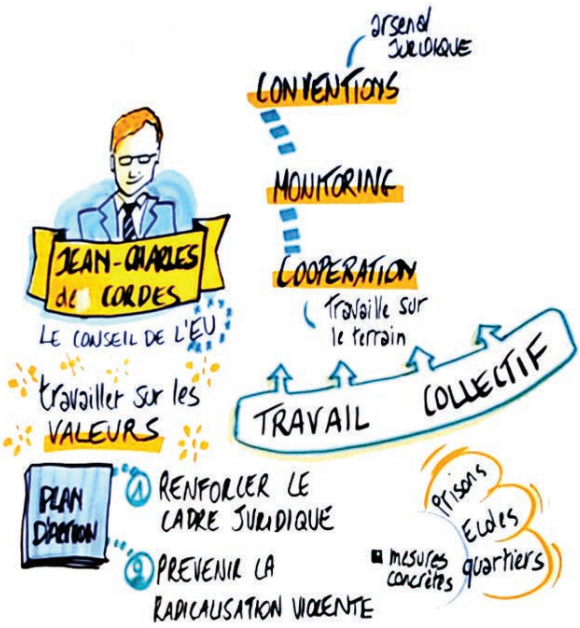
Este manual é uma **ferramenta educativa**, em resposta à crescente solicitação dentro do setor da juventude, que se encontra frequentemente sem meios para trabalhar na prevenção deste fenómeno. *Liaisons* ("Ligações") é uma chave para entender alguns aspectos do extremismo violento, embora seja principalmente um catálogo de recursos práticos ao dispor das/os técnicas/os. Esperamos que seja útil no seu trabalho com jovens e que contribua para criar uma geração autónoma e bem informada.

Eva Reina,
Directora, ERYICA

O Conselho da Europa e a luta contra o extremismo violento das pessoas jovens

Utilizando como base a **Convenção Europeia dos Direitos Humanos**, assim como outras Convenções, o Conselho da Europa desenvolve e adota programas e atividades com o objetivo de promover a democracia, os direitos humanos e o Estado de direito. Também monitoriza o progresso dos Estados Membros em diferentes áreas dos direitos humanos, fazendo recomendações através de organismos peritos independentes.

O Conselho da Europa também é um promotor dos **direitos das crianças e das/os jovens**. O Departamento de Juventude, parte da Direção de Cidadania e Participação Democrática, elabora linhas orientadoras, programas e instrumentos legais para o desenvolvimento de **políticas de juventude** coerentes e eficazes a nível local, nacional e europeu. Providencia também financiamento – através da **Fundação Europeia da Juventude** – e apoio educativo a atividades internacionais para jovens através dos Centros de Juventude Europeus em Budapeste e Estrasburgo. Tem como objetivo a promoção da cidadania juvenil, da mobilidade de jovens e do valor dos direitos humanos, da democracia e do pluralismo cultural. Estas atividades são detalhadas nas páginas web do **Departamento de Juventude** (www.coe.int/youth).



Planos de ação

O Conselho da Europa adotou um **Plano de Ação** (2015-2017) na luta contra o extremismo violento e a radicalização que desencadeia o terrorismo. Os seus dois principais objetivos eram reforçar o **enquadramento legal** contra o terrorismo e o extremismo violento, assim como a prevenção e combate da radicalização violenta através de **medidas concretas no setor público**. O Plano de Ação reconheceu que "a educação formal e não formal, as atividades para jovens e a formação dos atores chave (incluindo nos *media*, áreas políticas e setores sociais) têm um papel crucial no que a estas questões diz respeito". Subsequentemente veio o **Plano de Ação para a Construção de Sociedades Inclusivas (2016-2019)**, que é organizado em torno de atividades nas áreas da **educação, antidiscriminação e integração efetiva**. O Plano de Ação tem o objetivo de combater os estereótipos e a discriminação, apoiar estratégias de inclusão, criar confiança entre os cidadãos com diferenças culturais e sociais e apoiar a comunicação e as aptidões interculturais.

O Conselho da Europa e a informação para jovens

O Conselho da Europa foi pioneiro na política de juventude europeia e foi a primeira instituição a adotar um documento que destaca a importância e os princípios da informação e aconselhamento para jovens na Europa (Recomendação CM/Rec (1990)7 sobre a informação e aconselhamento às pessoas jovens). Em junho de 2010, esta recomendação foi seguida pela Recomendação CM/Rec(2010)8 do Comité de Ministros aos Estados Membros sobre a informação para jovens, a qual tinha o objetivo de consolidar e desenvolver os serviços existentes de informação e aconselhamento para jovens. Em abril de 1997, o Conselho da Europa estabeleceu um Acordo de Parceria com a ERYICA, de forma a promover e desenvolver a cooperação europeia na informação e aconselhamento para jovens. A abordagem específica do Conselho da Europa no que diz respeito à informação para jovens é caracterizada pela crença de que **a informação é um direito humano** (conforme definido na Convenção Europeia dos Direitos do Homem, de modo geral, e na Convenção sobre os Direitos da Criança, em particular) e de que as/os jovens são um grupo alvo especial e vulnerável. Além disso, o compromisso para com a participação das pessoas jovens em todas as áreas que lhes dizem respeito – conforme demonstrado, por exemplo, pelo sistema de cogestão do Conselho da Europa através do qual jovens líderes tomam decisões ao lado de representantes governativos – fortalece esses valores subjacentes.

Para além das recomendações diretamente relacionadas com a informação e aconselhamento para jovens, o papel da informação em apoiar a participação das/os jovens e em providenciar-lhes acesso aos seus direitos está também expresso na **"Carta Europeia revista sobre a Participação das Pessoas Jovens na Vida Local e Regional",** do Congresso das Autoridades Locais e Regionais da Europa, e na **Estratégia para os Direitos da Criança** (2016-2021) do Conselho da Europa. O Conselho da Europa reconhece que o acesso a informação completa, compreensível e fidedigna é um direito das/os jovens que lhes permite exercer uma total **liberdade de escolha** e que é um pré-requisito para a sua **inclusão** e **participação ativa** na sociedade assim como para uma **cidadania responsável**. Também considera a informação individualizada e o aconselhamento baseados nas necessidades da/os jovens um importante fator para assegurar o acesso aos seus direitos e promover a sua autonomia.

A Recomendação CM/Rec(2015)3 do Comité de Ministros para os Estados Membros, sobre o acesso das pessoas jovens de bairros desfavorecidos aos direitos sociais, é um passo muito importante em direção à inclusão social e à **participação ativa das pessoas jovens desfavorecidas**, e coloca especial ênfase no papel da informação para jovens. Tem como objetivo investir no melhoramento, e onde não existirem na criação, de **sistemas totalmente acessíveis de informação para jovens** que lhes providenciem informação atualizada e apelativa, assim como tornar os serviços de informação e aconselhamento acessíveis através de infraestruturas comunitárias existentes, e implementar medidas de monitorização de forma a assegurar a qualidade e eficácia dos serviços de informação e aconselhamento às pessoas jovens com base em padrões reconhecidos.

O Conselho da Europa também respondeu aos novos desafios que as/os jovens enfrentam na atual **era digital** causados pelo excesso da oferta de informação e a necessidade da sua gestão assim como aos aspetos técnicos de uma sociedade baseada no conhecimento. Isto pode ser constatado, por exemplo, na Recomendação CM/Rec(2009)5 sobre medidas para a proteção das crianças contra conteúdos e comportamentos prejudiciais e para a promoção da sua cidadania ativa no novo ambiente de informação e comunicação.

Além do mais, a 28 de setembro de 2016, o Comité de Ministros adotou a Recomendação CM/Rec(2016)7 aos Estados Membros sobre o acesso das pessoas jovens aos direitos. Na abordagem ao **acesso à informação** (secção 3.6), a Recomendação apela à provisão de "mecanismos eficazes para informar e aconselhar as/os jovens acerca dos seus direitos e possibilidades de compensação no caso de estes serem violados ou retirados".

A Recomendação CM/Rec(2017)4 do Comité de Ministros aos Estados Membros sobre o trabalho com jovens, adotada a 31 de maio de 2017, sublinha a importância de providenciar apoio adequado às pessoas jovens na atualidade, especialmente através de um **trabalho com jovens** de qualidade. Tem o objetivo de apoiar os Estados Membros em impedirem a criação de **uma 'geração perdida' de jovens desiludidas/os e desinteressadas/os**, que poderão ser suscetíveis a comportamentos e influências negativos. O texto promove o desenvolvimento de várias competências como a criatividade, o pensamento crítico, a gestão de conflitos e a **literacia digital e da informação**, e reconhece a importância de "informar as/os jovens acerca dos seus direitos e das oportunidades e serviços à sua disposição" e de "potenciar a aprendizagem não formal e informal". A recomendação destaca o papel que o trabalho com jovens pode desempenhar ao lidar eficazmente com alguns dos maiores desafios atuais, como a migração, o desemprego, a exclusão social e o extremismo violento.

Contra o Discurso de Ódio

O movimento Contra o Discurso de Ódio, dirigido pelo setor de juventude do Conselho da Europa, e que envolve jovens para os direitos humanos *online* (https://www.coe.int/en/web/no-hate-campaign), foi originalmente planeado entre 2012 e 2014.

O sucesso do movimento significou a sua extensão por mais três anos (2015-2017). O seu objetivo é combater o discurso de ódio *online* em todas as suas formas, incluindo aquelas que mais afetam as/os jovens. Tem um enorme alcance; 39 Estados Membros estão envolvidos na campanha, e países não membros do Conselho da Europa também se têm vindo a envolver. A campanha é baseada na **educação para os direitos humanos, na participação das/os jovens e na literacia dos média**, e a sua extensão focar-se-á em apoiar novos ou já existentes Comités de Campanha Nacionais, assim como atualizar e promover a visibilidade da página na internet, a qual contém informação sobre os padrões e ferramentas do Conselho da Europa para combater a radicalização e o terrorismo. A coordenação europeia da campanha terminou no início de 2018, mas as campanhas nacionais poderão continuar.

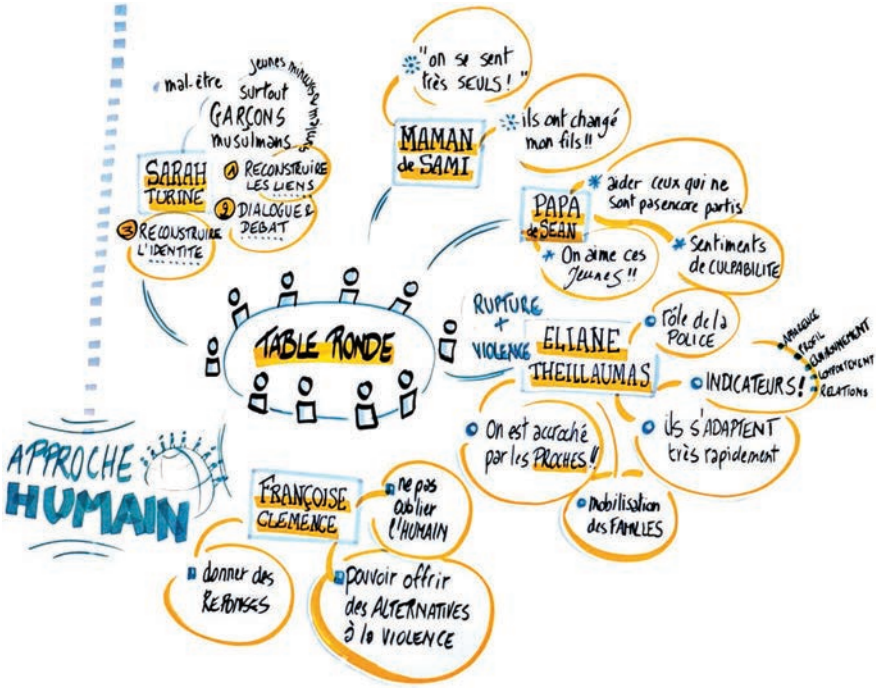
NO HATE SPEECH MOVEMENT

Sobre Liaisons

Quatro dias depois dos ataques de Paris em Novembro de 2015, um grupo de trabalho dos membros francófonos da ERYICA reuniu, e foi decidido apresentar ao Conselho da Europa uma ideia para desenvolver uma ferramenta de prevenção, especificamente dirigida às pessoas que trabalham no setor de juventude.

No enquadramento deste projeto, um grupo de participantes, oriundo de vários países diferentes e com vários níveis de experiência de trabalho com jovens ou com o extremismo violento, participou em dois dias de discussão em Bruxelas, a 21 de junho de 2016 e a 3 de abril de 2017. As/os participantes exploraram o fenómeno do **extremismo violento entre as pessoas jovens** a partir de diferentes pontos de vista. Após definirem o fenómeno em si e posteriormente examinarem o papel que o trabalho com jovens e a **informação às pessoas jovens** podem desempenhar na prevenção do extremismo violento, foi possível definir qual a melhor forma de atuar das/os intervenientes no setor de juventude. A equipa editorial selecionou então as ferramentas mais relevantes para dotar as/os jovens com as competências básicas para construírem o seu pensamento crítico e resiliência.

Alguns aspetos chave foram identificados como fatores de risco para o aumento de uma tendência para o extremismo violento. Estes incluem: o círculo de família e pessoas amigas, pessoas conhecidas, estatuto social, valores, emoções, objetivos e aspirações. É amplamente declarado que todos estes aspetos devem ser tidos em conta no trabalho de prevenção contra o extremismo violento, permitindo assim uma **abordagem multidisciplinar** a tal trabalho.



O grupo de trabalho também olhou para os problemas específicos que as pessoas que trabalham com audiências jovens frequentemente enfrentam. Ao fazê-lo, conseguiram identificar os pontos fortes do setor de juventude no presente, mas também as áreas mais ambíguas que muitas vezes se revelam desafios ao abordarmos questões essenciais com pessoas jovens.

Durante a segunda ronda de discussões em abril de 2017, o grupo editorial apresentou uma versão preliminar do manual a intervenientes na educação formal e não formal assim como a peritas/os no desenvolvimento de ferramentas educativas. Este documento – *Liaisons* – é baseado nessas discussões intersetoriais, a vários níveis, que surgiram como resposta às questões em causa.

Objetivo e Estrutura

O objetivo de *Liaisons* não é decifrar e analisar os pormenores técnicos do extremismo violento. Já existe uma boa quantidade de literatura publicada sobre este tema, podendo encontrar essas referências na secção de 'Recursos' da página de internet da ERYICA. Acima de tudo, *Liaisons* é uma **ferramenta prática** para qualquer pessoa que trabalhe no **setor de juventude** (técnicas/os de juventude, técnicas/os de informação às pessoas jovens, educadoras/es, professoras/es, assistentes sociais, jovens líderes e voluntárias/os, etc.) para as/os capacitar de forma a lidarem com os **fatores de risco no contexto do extremismo violento.**

Para ser eficaz no seu objetivo, a abordagem não deverá ser feita de forma simples e direta; na verdade, isso poderá até ser contraprodutivo para esta temática delicada. Por exemplo, não seria eficiente abordar o tema de uma perspetiva moral, de proibição ou utilizando um discurso institucional. Este guia oferece uma abordagem mais profunda e focada no longo prazo, tendo em conta questões de identidade, diferença, autoconhecimento, arte do debate e a literacia dos média e da informação.

Trata-se de uma tarefa ambiciosa, uma vez que pretende **sensibilizar as pessoas jovens** de que:
- As diferenças são valiosas;
- A divergência de opinião ajuda a promover a livre troca de ideias e possibilita a mudança na sociedade;
- O pensamento crítico ajuda a promover a autonomia e a liberdade;
- A autoconfiança é a base da realização pessoal e é uma condição necessária para que uma pessoa encontre o seu lugar na sua sociedade; e que
- Todos estes elementos (e outros) são ingredientes importantes para a coexistência, e como tal são essenciais para a construção de uma sociedade multicultural respeitadora e progressiva!

Liaisons é composto por **duas partes.** A primeira é **teórica**. Pretende aumentar a compreensão de termos como radicalização, extremismo violento, prevenção e resiliência. Irá igualmente visar a clarificação dos muito específicos mecanismos e questões em causa no contexto do extremismo violento. Finalmente, este manual revelar-se-á como um meio para a definição do papel das/os intervenientes na educação formal e não formal e das/os técnicas/os de informação às pessoas jovens na prevenção da radicalização que conduz à violência, ao clarificar como estas/es poderão intervir no âmbito da sua profissão e conjunto de competências.

A segunda parte do documento é **prática**. É composta por uma **caixa de ferramentas** com atividades, selecionadas pela sua relevância, aplicabilidade e capacidade para terem um impacto positivo num público jovem.

Este catálogo de atividades não é de todo exaustivo e aquelas/es que trabalham de perto com jovens irão compreensivelmente aplicar outros meios, os quais são igualmente válidos. Contudo, acreditamos que as **mais de 40 atividades** incluídas neste manual serão úteis para um público alargado e poderão destinar-se a responder às necessidades de públicos específicos em vários contextos. Estas atividades pretendem pelo menos abrir a mente das pessoas que as utilizam a novas possibilidades e enriquecer a sua base de conhecimentos. Para cada atividade, o leitor encontrará objetivos pedagógicos, informação prática (por exemplo, público-alvo, materiais necessários, tamanho do grupo, etc.), detalhes sobre a melhor forma de desenvolver a atividade e como a adaptar a necessidades específicas; todas as atividades estão prontas a serem utilizadas. Também haverá uma base de dados com **recursos** práticos adicionais disponíveis *online*, na página de internet da ERYICA.

Utilizando o manual

Liaisons está desenhado para funcionar como uma **caixa de ferramentas**, permitindo-lhe selecionar as atividades mais relevantes para os seus objetivos, necessidades, público e meios, tais como *staff*, tempo, espaço e equipamento. Embora organizado com uma certa ordem em mente, as diferentes séries de atividades não necessitam de ser seguidas cronologicamente. Cada atividade poderá também funcionar por si só e pode ser implementada independentemente das outras.

A **informação prática** para cada atividade, como o tamanho do grupo, a duração, o público-alvo, etc., não constitui uma regra rígida, mas sim uma sugestão. Muitas variáveis irão influenciar o modo com a atividade será conduzida, e esta deverá ser adaptada de acordo com as necessidades do público.

Salvo indicação em contrário, as atividades apresentadas não requerem quaisquer conhecimentos especializados. É aconselhável previamente estar familiarizada/o com o material para que ele possa ser adaptado ao público da melhor forma.

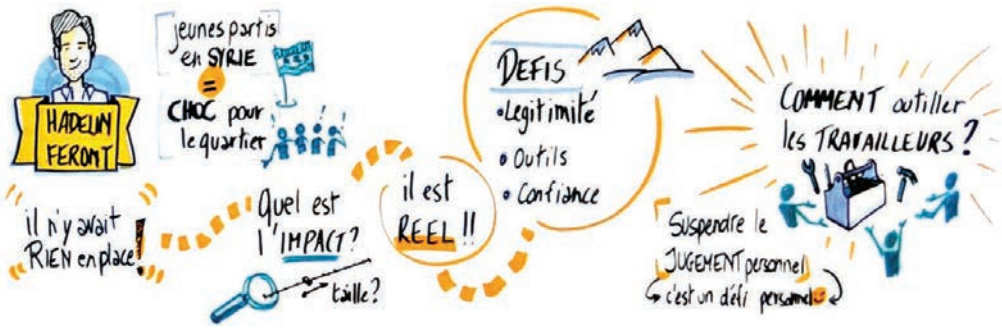
Liaisons contém uma **série de materiais de apoio** com informação adicional que acreditamos poder ser útil ao desenvolvimento das atividades. O seu papel é o de transmitir a informação de forma lógica, estando ao mesmo tempo preparada/o para reagir a novas questões, posições e até potenciais conflitos que possam surgir.

Acima de tudo, o seu papel é o de manter a confiança e o respeito e este é um aspeto que deve ter presente ao desenvolver as atividades. Deverá também estar ciente de que cada atividade conduz a um **maior grau de sensibilização** para cada participante.

As seguintes atividades pretendem encorajar as/os participantes a refletir e agir sobre alguns tópicos. Trata-se de oportunidades para as pessoas jovens experienciarem, refletirem, analisarem e criticarem, mas especialmente expressarem-se, sobre um largo conjunto de tópicos.

As atividades poderão evocar alguns pontos de vista discordantes dos valores inerentes ao trabalho com jovens, e como tal colocá-la/o numa posição desconfortável. Contudo, é essencial que haja um ambiente em que as/os participantes se possam expressar livremente, sem censura ou julgamento. *O seu principal objetivo deve ser o de construir um equilíbrio delicado entre a liberdade de expressão e o respeito mútuo.*

Em algumas atividades, irá encontrar sugestões específicas que aconselhamos que siga de forma a assegurar que elas decorram sem problemas, combinando o profissionalismo e a criatividade para adaptar cada atividade ao seu contexto específico. Irá encontrar hiperligações e recursos adicionais na página de internet da ERYICA para a/o ajudar: Sítios na internet, pastas e ferramentas educativas, livros de referência, etc.



Para ter em atenção:

A *retórica de vitimização* é um dos pilares da estratégia de propaganda dos movimentos radicais. Este discurso é frequentemente alimentado com teorias da conspiração. É essencial que, ao tentar encorajar a empatia e a livre expressão de ideias, não se valide este tipo de discurso. Neste manual irá encontrar várias ferramentas educativas para a/o ajudar nesta tarefa e alguns destes conselhos incluem:

- Não se envolver num debate dogmático ou ideológico (religioso, político, cultural ou outro).
- Não hesitar em partilhar o seu desconhecimento sobre determinado tema, se necessário.
- Não abordar um tema limitando-se à dimensão social. O desafio não são os dogmas ou as ideologias em si, mas *a forma como estes se tentam infiltrar numa sociedade diversificada e democrática*.

O que fazer:	O que não fazer:
Encorajar as pessoas participantes a expressarem opiniões e ideias baseadas nas suas próprias experiências.	Não condenar quaisquer sugestões como 'inúteis', 'irrelevantes' ou 'estúpidas'!
Tentar fomentar uma cultura de respeito mútuo, um ambiente seguro em que todas as pessoas se sintam confortáveis para partilhar a sua opinião.	Não permitir que o grupo exclua, ignore, julgue prematuramente ou desrespeite alguém: tente estabelecer alguns princípios básicos desde o início.
Encorajar a discussão e as perguntas: as/os participantes aprenderão expressando as suas dúvidas ou incerteza.	Não tente fazer apresentações longas: isso apenas fará as pessoas participantes perderem o interesse!
Estabeleça ligações com as realidades das/os participantes e problemas reais dos seus meios.	Não faça menção a generalizações com as quais as pessoas não se conseguem relacionar.
Abandone o dogma! Permita a si mesma/o e às pessoas participantes questionar 'verdades estabelecidas'.	Não faça pregação nem utilize a sua posição para encerrar uma discussão.
Seja honesta/o. As/os participantes irão respeitá-la/o mais por esse motivo e provavelmente abrir-se-ão mais.	Não finja saber se não tem a certeza! Diga-lhes que se irá informar, ou encoraje-as/os a fazê-lo.
Confie nas/os participantes. Elas/es precisam encontrar as respostas por si próprias/os.	Não fale mais alto que as/os participantes e não as/os tente levar onde elas/es não irão.
Encare as sugestões de forma séria: será mais provável as/os participantes envolverem-se se sentirem que têm "mão" na atividade.	Não sinta necessidade de manter o plano de forma rígida: Siga os interesses das pessoas participantes caso elas pretendam ir noutra direção.
Apele às emoções das/os participantes. Pergunte como se sentem, como se sentiriam se…	Não desista se as opiniões das/os participantes parecerem indelicadas ou irrefletidas. Mostre-lhes outra perspetiva.
Trate todas/os as/os participantes como iguais – iguais entre elas/es e iguais a si. São todas/os apenas humanos!	Não exclua participantes ou faça suposições sobre o que podem ou não podem fazer. Os humanos conseguem ser imprevisíveis!

Fonte

Bookmarks – A manual for combating hate speech online through human rights education, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2014

ELEMENTOS TEÓRICOS

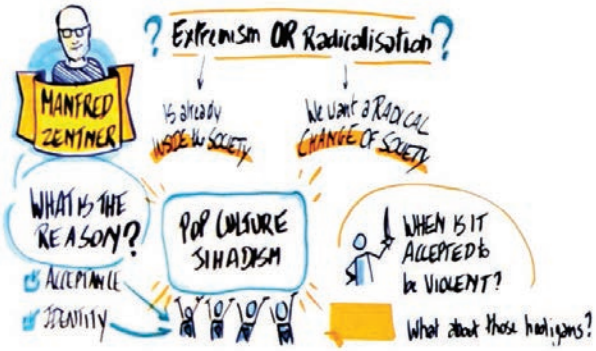
O que temos aqui?

Elementos Teóricos

1. Analisar e compreender

O combate à radicalização e ao extremismo violentos tem-se revelado cada vez mais como um trabalho que deve ser feito por vários intervenientes, entre os quais as instituições e os decisores da área da educação desempenham um papel de destaque. Parece claro que a principal missão para o setor da educação reside na **prevenção da radicalização que conduz ao extremismo violento.** Ao tentar prevenir a radicalização, é aconselhável refletir previamente sobre o processo de radicalização, assim como sobre o significado e os objetivos por trás dele. Mas quando fazemos uma pesquisa em literatura recente sobre radicalização e desradicalização, torna-se evidente a falta de um consenso na compreensão dos principais termos.

1.1. Radicalização e extremismo: uma visão geral



Radicalização deriva da palavra em Latim para raíz: radix, e não implica ser fundado em algo, mas sim lutar por uma **mudança radical**, para desenraizar algo e assim alcançar uma mudança social radical. Assim sendo, ser radical implica que uma pessoa reconheça problemas na sociedade que pretenda alterar de forma profunda. Consequentemente, uma mudança radical da sociedade procura transformar os alicerces da sociedade conduzindo a um novo sistema; um sistema que não era parte da sociedade anteriormente. No passado estas mudanças radicais passaram, por exemplo, pela implementação da democracia (através de guerras civis ou revoluções), assim como pela luta pelos direitos das mulheres, pela abolição da escravatura ou pela revolução de outubro na Rússia czarista em 1917. A mudança radical conduz sempre ao estabelecimento de novas coisas – e estas **contradizem as práticas existentes**. Desta forma, prevenir a mudança radical é sempre uma abordagem "conservadora" – no sentido de preservar práticas estabelecidas. Por outro lado, a radicalização não é propriamente "progressiva", uma vez que a mudança pode ter o objetivo de restabelecer conceitos que já haviam sido superados, tais como formas de liderança não democráticas.

As atitudes radicais procuram **transformar formas e práticas institucionalizadas ou estabelecidas** e podem focar-se em várias áreas da vida: podem concentrar-se em relações pessoais como o casamento, parcerias ou o próprio conceito de família; podem focar-se sobre os direitos individuais num Estado; atitudes radicais podem tentar alterar formas de participação e envolvimento; e podem também tentar alterar hábitos de consumo. Desta forma, o radicalismo pode ser um desafio para qualquer *instituição* mas **nem sempre está ligado à violência** – ou assim parece.

A radicalização está ligada à violência em várias definições. *"Radicalização envolve adotar uma visão extremista do mundo, a qual é rejeitada pela sociedade comum e legitima o uso da violência enquanto método para efetuar a mudança social ou política. Existe alguma controvérsia sobre a melhor forma de concetualizar a radicalização, mas a visão consensual converge em três elementos chave para a definição deste fenómeno. A radicalização é habitualmente um (1) "processo" gradual que envolve a socialização num (2) sistema de convicções extremista que propicia (3) a violência mesmo que não a torne inevitável."* (Hafez & Mullins 2015, 960). Portanto, mesmo que ser violenta/o em si não seja visto como parte integral de ser radical, a aceitação da violência habitualmente é. Schmid (2013, 6) refere sete definições diferentes apresentadas por Della Porta e LaFree, todas elas mencionando a violência ou a força física. Mas Schmid também menciona o desenvolvimento histórico do termo radicalismo e indica vários movimentos não violentos tal como o das Sufragistas.

Uma abordagem alternativa à definição de radicalismo foca-se portanto na mudança pretendida para a sociedade, e refere-se ao facto de que tais mudanças podem ser resultado de vários desenvolvimentos diferentes. Por exemplo Khosrokhavar afirma: "O processo pelo qual um indivíduo ou grupo se comporta de forma violenta, diretamente ligado a uma ideologia extremista com conteúdo político, social ou religioso e que contesta a ordem política, social ou cultural estabelecida." (Khosrokhavar 2014)

O **Grupo de Peritos em Radicalização Violenta da Comissão Europeia** (2006) usou esta descrição: "O radicalismo enquanto defesa da, ou compromisso para com, a mudança abrupta e restruturação das instituições políticas e sociais tem estado historicamente associado a partidos de esquerda e de direita – por vezes até com ideologias centristas ou liberais – e envolve o desejo de eliminar restrições tradicionais e processuais que mantêm o *status quo*. Enquanto ideologia, o radicalismo desafia a legitimidade das normas e políticas estabelecidas, mas não leva, por si só, à violência. (…) Por outras palavras, pode haver radicalismo sem a defesa da violência como forma de realizar a mudança social ou política." Consequentemente, as/os decisoras/es políticas/os e as/os profissionais na área da prevenção utilizam o termo radicalização para fazer a distinção entre ideais sociais ou políticos legais e não violentos, que almejam a mudança profunda da sociedade, e atitudes ilegais que aceitem, apoiem ou até envolvam a ação violenta na procura da mudança.

A diferença entre a participação em atividades legais e ilegais poder ser usada como diferenciação entre ativismo e radicalismo, segundo Moskalenko e McCauley (2010). De todo o modo, devemos aceitar que radical, tal como extremo, são termos relativos que dependem de normas e conceitos existentes nas sociedades.

Em conclusão, a radicalização é descrita como uma vontade ou disposição crescentes em perseguir e apoiar mudanças extremistas na sociedade, contrariando as normas existentes. É, portanto, geralmente entendida como um desenvolvimento no sentido da aceitação, um progresso na adoção de valores e atitudes opostos aos padrões e práticas predominantes.

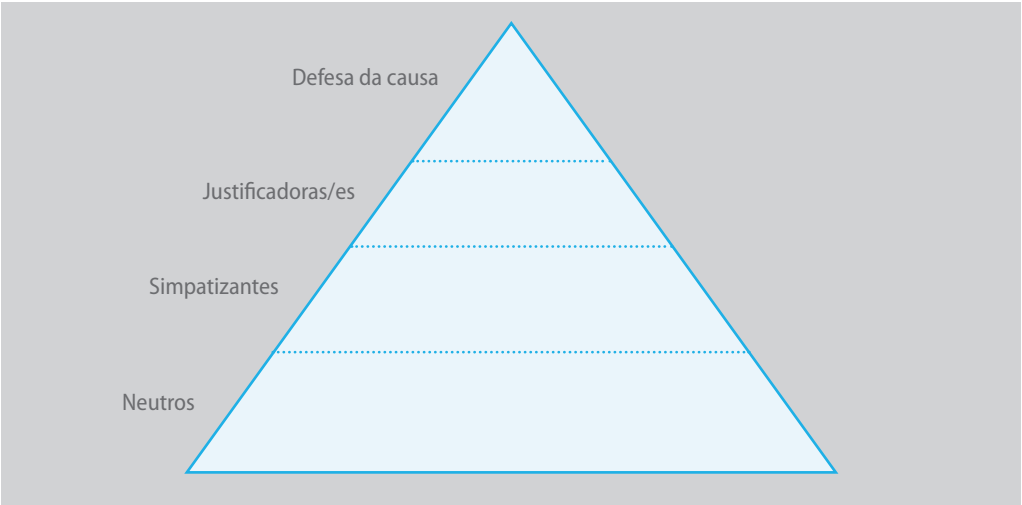
1.2. O processo de radicalização

Para desenvolver abordagens eficazes para a prevenção da radicalização violenta é essencial **compreender o processo** de radicalização e **conhecer as razões** ou causas para a radicalização. Além disso, deve ter-se uma noção de quem poderá ser propenso à radicalização.

Em qualquer abordagem, o processo de radicalização é entendido como a adoção de opiniões (políticas, sociais ou religiosas) extremas, e refere-se a um desvio das opiniões comuns e aceites. Schmid (2013, 9) descreve o extremismo de acordo com os seguintes elementos: "No contexto das sociedades democráticas, os grupos (violentos), movimentos e partidos extremistas tendem a ter um programa político que contém vários dos seguintes elementos:

- Anticonstitucional, antidemocrático, antipluralista, autoritário;
- Pensadoras/es fanáticas/os, intolerantes, inflexíveis e que só vêm preto ou branco;
- Rejeição do Estado de direito e adesão a uma filosofia em que os fins justificam os meios;
- Intenção de alcançar os objetivos através de quaisquer meios, incluindo, quando a oportunidade o proporciona, o uso de violência política maciça contra os opositores."

O processo pode ser dividido em **várias fases**, desde o interesse em ideologias extremas ao apoio à violência e finalmente conduzindo à prática de ações extremistas violentas. Estas fases foram analisadas em descrições de radicalização, tanto individual como de grupo. Uma descrição das diferentes fases da radicalização é a metáfora de uma pirâmide (McCauly, Moskalenko 2008), em que a base é constituída por todas as pessoas que simpatizam com os objetivos dos extremistas, mas as poucas que estão dispostas a praticar terrorismo podem ser encontradas no vértice da pirâmide. O processo de radicalização pode, portanto, ser descrito como uma ascensão da pirâmide. Este processo tem sido estudado particularmente em relação à radicalização individual, mas vale a pena considerar o desenvolvimento de grupos e massas no sentido de atitudes mais extremas, da intolerância crescente e da aceitação da violência.



Mecanismos a nível individual

Estes mecanismos referem-se quer às razões quer ao processo de radicalização. Os mecanismos dos processos de radicalização a nível individual podem ser despoletados por vários fatores. A **vitimização pessoal** refere-se a uma ocorrência isolada de discriminação, injustiça ou violência e experiência traumática num meio social restrito. Por outro lado, o **ressentimento político** é uma resposta individual a eventos políticos ou tendências na sociedade. A descrição da adesão a um grupo radical como sendo um declive escorregadio refere-se ao processo

de **aceitar gradualmente o comportamento violento dominante** dentro de um grupo – por razões como pertencer ao grupo, a ausência de um corretivo social fora do grupo ou o autoritarismo, aceitando assim a superioridade ou poder de uma pessoa. O mecanismo descrito como o poder do amor destaca a importância da confiança e afeição entre grupos de amigas/os ou em relações, conduzindo à aceitação e apoio do comportamento violento destes importantes contratos sociais.

Mecanismos da radicalização de grupo

As explicações da radicalização de grupo pela mudança de extremidade focam-se num fenómeno observado pela psicologia social que demonstra que em grupos de estranhos o grupo tende a mostrar uma crescente concordância e que **a opinião comum tende a mudar em direção a uma extremidade crescente.** Isto deve-se ao facto de ser procurado um entendimento comum, mas os membros do grupo que demonstram uma atitude mais extrema são mais admirados e portanto têm mais influência. O desenvolvimento de um comportamento extremo em membros do grupo sob isolamento e ameaça pode ser constatado em pequenas tropas de combate, quando existe uma diminuição do controlo social externo ou a ordem no sentido de atos violentos é dada por um superior externo. Estes dois mecanismos diferem da competição pela mesma base de simpatizantes, em que **grupos radicais competem por apoiantes** e pretendem ser encarados como mais extremos do que os outros grupos de forma a atrair um maior número de pessoas. A competição contra o poder estatal é descrita como uma reação à opressão do Estado em relação a grupos de ação política legais ou ilegais embora pacíficos, conduzindo a uma escalada de violência mútua entre o poder estatal e o grupo de ação. A radicalização depende da **coesão e solidariedade do grupo** e da vontade do indivíduo de se vingar devido à violência por parte do Estado. A fissão, pelo contrário, explica a violência enquanto reação ao conflito interno dentro do grupo.

Mecanismos da radicalização em massa

A radicalização em massa através de políticas "jujitsu" refere-se à resposta a ataques externos, e é encarada de forma tão fiável que pode ser usada enquanto estratégia. Assim, uma resposta dura do Estado contra a ação violenta é até desejada, de forma a mobilizar novas/os simpatizantes para a ação. O ódio é um meio para a radicalização em massa, encarando os outros grupos como sendo o inimigo e ao mesmo tempo desumanizando os opositores, referindo-os como animais, máquinas ou simplesmente desumanos. O **martírio** é uma forma de potenciar o sacrifício das/os radicais (presas/os ou mortas/os devido à sua ação violenta) e enfatiza a sua **vitimização**. Este martírio tanto pode ser visto como uma escolha individual da/o ativista ou como uma injustiça contra as/os inocentes; em ambos os casos o martírio pode construir lendas de heróis.

12 mecanismos que conduzem à radicalização política e ao extremismo violento		
A nível individual	**A nível de grupo**	**Radicalização em massa**
Vitimização pessoal	Mudança de extremidade em grupos de pensamento único	Políticas "jujitsu"
Ressentimento político	Extrema coesão sob isolamento e ameaça	Ódio
Adesão a um grupo radical – o declive escorregadio	Competição pela mesma base de apoio	Martírio
Adesão a um grupo radical – o poder do amor	Competição com o poder do Estado – condensação	
	Competição dentro do grupo – fissão	

Fonte: McCauley e Moskalenko (2008)

1.3. Razões para o extremismo violento

De forma a compreender o processo, interessa não apenas aprender sobre os mecanismos, o "como", mas também sobre o "porquê", os fatores influentes e as razões. Várias disciplinas analisam o processo e as razões para a radicalização e deste modo focam-se em diferentes indicadores e estímulos.

As principais diferenças residem nas explicações a nível micro, meso e macro. A psicologia individual e a sociopsicologia focam-se no nível micro, que são os fatores individuais influentes no desenvolvimento. A ciência política e a sociologia analisam os efeitos e as influências a nível macro (com destaque para o nível geopolítico), enquanto que o nível meso, o qual reflete a dimensão individual e social, como a teoria cultural, é analisado pelas disciplinas científicas, como o trabalho social, a educação ou a criminologia.

Nível	Disciplinas	Abordagens	Exemplos
Micro	Psicologia	Fatores individuais que conduzem à radicalização	Problemas de identidade, famílias desfeitas, violência experienciada, educação, inclusão falhada, sentimentos de alienação ou discriminação…
Meso	Disciplinas científicas, como o trabalho social, a educação ou a criminologia	A nível individual e da sociedade Socialização gradual no sentido da aceitar valores (de grupo) radicais	Fazer parte de um grupo alvo de injustiças e que consequentemente desenvolve a radicalização violenta como forma de vingança
Macro	Ciência política e sociologia	Desigualdades sociais e políticas entre grupos sociais ou Estados	Reações à desigualdade e injustiça, ou até violência, sofrida por um grupo social ou classe

Por outro lado, parece bastante improvável que uma só razão possa conduzir à radicalização de um indivíduo.

No **nível micro**, a influência de fatores como problemas de identidade, famílias desfeitas, violência experienciada, educação, inclusão falhada, sentimentos de alienação ou discriminação, entre outros, são vistos como importantes para a radicalização. Em relação à discriminação, é de notar o facto de que a injustiça não tem de ser experienciada pessoalmente, mas que todo um grupo se pode sentir vitimizado. Assim sendo, basta uma pessoa pertencer a um grupo que seja **oprimido ou mal tratado** – mesmo que aconteça num outro país – para se sentir discriminada. O impacto do autoritarismo e/ou de personalidades narcisísticas na radicalização também foi analisado. Além disso, a abordagem da escolha racional explica a aceitação e adoção do comportamento radical devido a determinados fatores de atração que oferecem benefícios pessoais (materiais assim como não materiais) ao indivíduo.

A explicação do **nível meso** aponta o foco ao meio do individuo e refere que os indivíduos experienciam uma **socialização gradual** no sentido de aceitarem valores (de grupo) radicais. Este processo é descrito na **teoria do enquadramento** ao analisar-se várias sub– e contra– culturas. A investigação indica que num grupo alvo de injustiça a radicalização violenta como meio de vingança pode ser aceite.

As abordagens do **nível macro** tentam explicar a radicalização com a **desigualdade e injustiça** entre grupos sociais e classes numa sociedade, conduzindo à **marginalização, depravação e desintegração.** Uma reação crítica a esta teoria é o facto de que apenas alguns elementos destas classes e grupos sociais se tornam radicais. Outra explicação do nível macro encara a radicalização como uma reação à política externa e às ações políticas, militares ou económicas do Estado em outras partes do mundo.

Hoje em dia é geralmente aceite que nenhuma destas teorias consegue providenciar uma explicação única para o radicalismo, habitualmente é uma combinação de "razões" de nível macro ou meso, incluindo fatores do nível micro, que conduzem à radicalização.

Estas combinações devem ser consideradas ao desenvolver abordagens de prevenção para diferentes formas de radicalização, por um lado, e para diferentes grupos alvo, por outro.

Em todas as formas de radicalização, um elemento importante é a identificação com uma ideologia, com determinados valores que não são representados pela abordagem comum. Este fator é especialmente importante para a combinação de abordagens de nível micro e meso, uma vez que informa sobre o envolvimento do indivíduo num meio ou grupo.

Em especial nas sociedades ocidentais, onde existe um forte grau de individualização, a tarefa da construção da identidade não termina com a juventude, sendo sim um processo contínuo de reação a mudanças de enquadramento na sociedade, e de adaptação ou protesto em relação a tendências ou desenvolvimentos. A juventude é o período entre uma total dependência das pessoas adultas na infância (normalmente dentro da família) e a completa autonomia na vida adulta. Nesta fase de semi-dependência, uma pessoa jovem tem de **criar a sua própria identidade**, a qual se opõe à das pessoas adultas e das/os outras/os jovens, de forma a tornar-se um indivíduo único e ao mesmo tempo encontrar o seu próprio lugar na sociedade como parte de grupos, que lhe dão um sentimento de pertença.

As pessoas jovens que não se sentem aceites ou integradas na sociedade comum, por várias razões, procuram **formas alternativas de reconhecimento**. Deste modo, pertencer a grupos em que possam sentir aceitação ajuda as pessoas jovens a construírem a sua autoestima e a ganharem respeito. A investigação relativamente ao extremismo de direita destacou que este foi o caso de alguns jovens rapazes que não foram aceites noutros círculos. Entre jovens ativistas de direita, eles sentiram que faziam parte do grupo e que não eram ignorados devido à falta de educação, à sua origem social ou outros fatores que encaravam como obstáculos ao seu envolvimento em grupos. O sentimento de pertencer a um grupo é um fator importante para a **identificação com uma ideia**, se esta ideia se tratar de uma ideologia orientadora dentro desse grupo. Em algumas circunstâncias, grupos de pessoas radicalizadas podem ser um substituto para as famílias ou outros grupos de amigos. Ao longo do tempo, a nova ideia sobrepõe-se à ideia dominante dentro do grupo, aceitando essas visões como corretas devido às poucas ou nenhumas objeções da parte de terceiros.

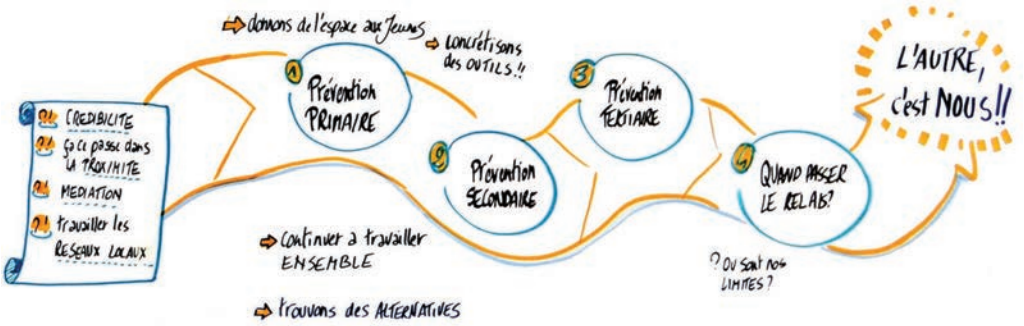
Este sentimento de pertença, e consequente **construção da identidade enquanto membros desse grupo**, revela-se ainda mais forte quando o grupo não é aceite na sociedade, permitindo que as pessoas do grupo se vejam como vítimas.

Em muitos casos, sinais de simpatia e apoio para com ideias radicais não passam de **uma forma de protesto** da parte de jovens numa época liberal, quando a transição entre a juventude e a vida adulta se torna difícil. Poderá também ser um protesto ou um forte indicador da **não pertença à sociedade comum**, e da situação de exclusão. A **utilização de símbolos** por determinados grupos extremistas poderá então ser indicador de protesto e insatisfação, em vez da aceitação dos valores do grupo extremista. O protesto poderá facilmente ser expresso por grupos de extremos opostos, uma vez que a atração não reside na ideologia (ou religião), mas sim na oposição à sociedade comum.

Contudo, seguindo a teoria do enquadramento, o sentimento de exclusão da sociedade, a experiência de alienação e a adesão a um grupo de protesto poderão formar a base para uma completa adaptação à ideologia e ao sistema de valores da cultura de protesto.

1.4. Abordagens ao combate à radicalização que conduz ao extremismo violento

Considerando o que é mencionado acima, as definições de radicalização e de radicalização violenta, as várias descrições dos processos de radicalização, as suas causas e mecanismos, poder-se-á facilmente deduzir que não existe uma única solução para prevenir e/ou combater o extremismo violento. Além disso, é óbvio que o combate à radicalização violenta não poderá ser uma tarefa para um só ator. A **cooperação** é necessária entre os atores e decisores da área da educação, do trabalho com jovens, do trabalho social, da segurança e da inteligência, de forma a desenvolver estratégias que alcancem diversos grupos alvo em diferentes níveis e fases dos processos de radicalização. Uma abordagem única não resultará com todas as pessoas e grupos da sociedade, nem em todos os países.



Além do mais, vários dos atores envolvidos no trabalho com jovens pretendem a **mudança radical na sociedade** – fomentar o comportamento sustentável, reduzir a intolerância, promover a igualdade de oportunidades ou até a oposição a ideologias políticas dominantes são frequentemente declarados como objetivos do trabalho com jovens. Consequentemente o **papel do trabalho com jovens** não será prevenir e combater a radicalização, mas apenas o elemento violento do processo de radicalização.

A prevenção é melhor que a cura. O papel do trabalho com jovens na prevenção e combate à radicalização que conduz ao extremismo violento apenas poderá ser encarado como um elemento complementar para alcançar as pessoas jovens, em conjunto com a educação e o trabalho social, e em cooperação com outros atores.

Também é importante compreender que prevenir a radicalização violenta é completamente diferente de combatê-la. A prevenção só pode – literalmente – acontecer antes de um comportamento indesejado se manifestar e, portanto, apenas previamente aos primeiros sinais deste comportamento indesejado aparecerem, ou apenas durante as primeiras fases. Desta forma, a prevenção da radicalização que conduz ao extremismo violento terá de ser focada na **população geral** assim como nos indivíduos e grupos classificados como **"de risco"**, ou poderá tentar identificar indivíduos que se encontrem no início do processo de radicalização.

A primeira abordagem da prevenção é frequentemente designada por **prevenção primária** e inclui informação geral e específica, a melhoria das condições de vida para indivíduos e grupos, e também o diálogo pessoal e o empoderamento. Poderá e deverá ser providenciada desde idades mais precoces por vários atores e decisores de forma a prevenir desenvolvimentos negativos e fomentar a evolução desejada. A melhoria das condições de vida não é uma tarefa apenas para o trabalho com os indivíduos, mas também inclui medidas políticas que visem as mudanças na sociedade.

A segunda abordagem, mais direcionada, à prevenção é frequentemente designada por **prevenção secundária**, e nela são visados os indivíduos ou grupos que já demonstraram os primeiros **sintomas do comportamento indesejado**. Aqui o trabalho junto dos indivíduos, a partilha de experiências pessoais, o empoderamento, as propostas de participação e o apoio na construção da identidade revelam-se importantes.

A terceira forma de prevenção, a **prevenção terciária**, foca-se em **minimizar as consequências negativas** do comportamento já existente. O trabalho com jovens nem sempre se revela o ator mais indicado neste campo, uma vez que qualquer intervenção a nível pessoal poderá colocar em perigo o princípio da **participação voluntária**. Além do mais, a prevenção terciária está frequentemente relacionada ao tratamento, e, em casos de comportamento violento, a sanções negativas. Ambas as abordagens poderão entrar em conflito com os princípios do trabalho com jovens, no qual a confiança e as relações são a base do trabalho. Combater o extremismo violento pode ser interpretado como intervenções fortes do Estado – desde tratamentos a sanções e desde restrições ao aprisionamento. Outros atores para lá do trabalho com jovens e da área da educação – como os serviços sociais, de segurança ou de inteligência – estão mais aptos a lidar com estas tarefas.

Nas primeiras duas áreas de intervenção, o trabalho com jovens poderá desempenhar um papel importante, uma vez que elas são elementos essenciais de qualquer forma de trabalho com jovens. Mas é sempre crucial colocar o papel preventivo do trabalho com jovens nas realidades quotidianas das pessoas jovens, o que significa cooperar com ou complementar várias instituições como escolas, universidades, o mercado de trabalho, grupos religiosos, famílias, o trabalho social, clubes desportivos e outros, tais como os serviços de segurança e de inteligência. Os atores da educação formal e não formal devem aceitar que não terão sucesso sozinhos, mas por outro lado deverão ter noção das oportunidades que o trabalho com uma pessoa jovem ou com grupos oferece.

O que fazer e quando? Os métodos utilizados para a intervenção primária podem refletir os diferentes níveis de interpretação do processo da radicalização violenta, das formas de extremismo, ou dos mecanismos. Consequente-

mente, a prevenção deverá ter em conta as necessidades e desejos, os medos e os desafios dos indivíduos e grupos visados, assim como os sistemas de valores das ideologias extremistas e as condições de vida dos grupos alvo. Refletindo as explicações de nível micro dos processos de radicalização, a prevenção primária deverá focar-se na **construção da identidade**, no fortalecimento da **autoestima**, em fomentar a tolerância e a **aceitação entre diferentes grupos**, ou destacar de forma geral a importância dos **direitos humanos e da igualdade**. No nível macro, combater a discriminação e alienação serão elementos importantes, assim como a **literacia dos *media* e da informação** de forma a permitir que as pessoas jovens consigam encontrar e interpretar informação fidedigna e compreender conceitos e princípios da propaganda. No nível meso, o fortalecimento do indivíduo enquanto **parte ativa dos grupos**, o desenvolvimento de uma imagem positiva da/o própria/o e o fortalecimento da resiliência são elementos importantes. A informação e as abordagens através do diálogo são também elementos base da prevenção primária.

A **prevenção secundária** é focada em grupos específicos e consequentemente não pode ser responsabilidade de todos os atores da área da juventude, uma vez que em muitos dos casos estas/es jovens suscetíveis à radicalização que conduz à violência não chegam a ter contacto com profissionais ou serviços do trabalho com jovens. Se se verificar que o trabalho com jovens alcançou estes grupos alvo especiais da prevenção secundária, a intensificação da **cooperação com peritas/os** e outros agentes da área será de grande importância. O trabalho com jovens poderá oferecer uma plataforma para um trabalho de prevenção mais intensivo junto das pessoas jovens, uma vez que elas confiam nestes atores; a relação de confiança mútua e resiliência entre a/o jovem e o trabalho com jovens é o elemento mais importante para este tipo de prevenção.

De um modo geral, é evidente que os princípios básicos do trabalho com jovens poderão providenciar elementos importantes na prevenção primária contra a radicalização violenta, a nível individual, mas todos os grupos que trabalham com jovens – escolas, religiões, clubes desportivos, o trabalho social, entre outros – deverão ser encarados como parceiros complementares neste trabalho. Por outro lado, é também evidente que as alterações nas condições de vida das/os jovens, a eliminação da marginalização e a erradicação da discriminação são tarefas a um nível superior que não podem ser cumpridas apenas através do trabalho com jovens – embora o trabalho com jovens possa também trabalhar no sentido deste objetivo.

> "As pessoas jovens devem ter consciência e conhecimento da democracia, da igualdade, do respeito pela dignidade humana, dos direitos humanos, do pluralismo e da diversidade, e devem ter competências ao nível da literacia dos *media* e da informação. Isto contribuirá para o pensamento crítico, para a consciencialização e para o conhecimento sobre como a informação pode ser tendenciosa e explorada por grupos extremistas violentos de forma a espalhar a propaganda."
>
> *Excerto do Conselho da União Europeia (9640/16), Conclusões do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados Membros, reunidos no Conselho (30 de maio de 2016), relativo ao papel do setor de juventude na abordagem integrada e intersetorial à prevenção e ao combate à radicalização violenta das pessoas jovens.*[1]

1 Conselho da União Europeia, Bruxelas, 2016, http://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-9640-2016-INIT/en/pdf

2. O papel da informação para jovens na prevenção do extremismo violento

2.1. Informação para Jovens (IJ)

A **Informação para Jovens (IJ)** foi instituída como modelo no final da década de 1960 e posteriormente estendeu-se pela Europa nas décadas de 1970 e 1980. A European Youth Information and Counselling Agency (ERYICA) nasceu neste contexto em 1986, quando o Conselho da Europa reuniu um comité de profissionais especialistas em informação para jovens. Este comité ajudou a alargar o modelo da informação para jovens para uma rede de estruturas locais e nacionais, a qual se revela hoje em dia um elemento integral do trabalho com jovens em vários países.

A ERYICA é composta por 36 redes de estruturas de informação e aconselhamento para jovens espalhadas por 27 países. O seu objetivo é garantir **o direito das pessoas jovens ao acesso a informação completa e fidedigna**, independentemente da nacionalidade, sexo, religião ou situação social (Carta Europeia de Informação para Jovens).

Permitir maior acesso à independência. A informação para jovens procura **informar e acompanhar as pessoas jovens** no delicado caminho até à idade adulta, um período transitório e desafiante. Durante este período relativamente curto, espera-se que as/os jovens tomem um conjunto de decisões que irão, sem dúvida, influenciar bastante o seu futuro. A ERYICA acredita que permitindo o acesso das/os jovens à informação lhes serão dadas as ferramentas **para agirem de forma autónoma** e que estarão melhor equipadas/os para tomar decisões que afetam o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional no longo prazo. Ao mesmo tempo, as/os jovens devem também ser capazes de avaliar as diferentes opções à sua disposição de acordo com as capacidades de cada um(a). Esta é a base da informação para jovens enquanto princípio; a ideia de que uma pessoa só poderá tomar a decisão certa quando **informada acerca das opções** e alternativas existentes. O caráter específico da informação "generalista" para jovens, a abordagem adotada pela ERYICA e pelos seus parceiros, pretende guiar as/os jovens na sua tomada de decisão e, ao fazê-lo, permitir que as pessoas façam escolhas bem informadas, adaptadas às suas necessidades específicas. É baseada numa abordagem centrada no utilizador e, portanto, procura cobrir um vasto conjunto de temas que possam interessar às pessoas jovens.

Ao longo do tempo, o setor da informação para jovens **adaptou-se aos pedidos e necessidades de informação das/os jovens**. Ao mesmo tempo, a informação para jovens tem de se adaptar às mudanças nas sociedades, aos desenvolvimentos na área da informação e da tecnologia, às dificuldades que as/os jovens enfrentam ao tentarem encontrar o seu lugar na sociedade e à crescente procura por orientação conforme estas/es entram na vida adulta. Hoje em dia o setor continua a evoluir e a adaptar-se.

A Informação para Jovens pretende (entre outros objetivos):

- Providenciar informação fidedigna, precisa e compreensível;
- Providenciar acesso a diferentes fontes e canais de informação;
- Providenciar uma síntese de opções disponíveis sobre tópicos relevantes para as pessoas jovens;
- Ajudar as/os jovens a "navegar" pelo excesso de informação da sociedade moderna;
- Assegurar que as/os jovens conhecem os seus direitos, os serviços disponíveis e como aceder a eles;
- Providenciar apoio na avaliação da informação existente e a sua qualidade;
- Guiar as/os jovens para que encontrem as melhores opções disponíveis e tomem as suas próprias decisões;
- Oferecer diferentes canais de comunicação e diálogo para apoiar diretamente as/os jovens na sua procura por informação e conhecimento; e
- Providenciar educação para a literacia dos *media* e da informação.

Encontrar o seu lugar na sociedade. O objetivo da informação para jovens não passa apenas por corresponder às necessidades do público em geral – o seu principal objetivo –, mas também por antecipar as suas necessidades e preparar **medidas preventivas** em conformidade. Algumas destas necessidades serão relacionadas com questões essenciais da sociedade, nomeadamente a saúde física e mental, os comportamentos de alto risco, as relações interpessoais, a discriminação, a cidadania, a participação ativa na sociedade e o acesso aos direitos sociais. Apenas estando informada/o acerca dos seus direitos e deveres será possível encontrar um lugar na sociedade e ser um(a) cidadã(o) bem informada/o.

Criar uma cultura de informação. Atualmente, as pessoas jovens são **"inundadas" com informação** e **expostas a uma variedade de diferentes *media***. Este acesso à informação não tem precedentes e traz consigo uma tendência nunca antes vista para que haja igualmente vontade de gerar conteúdo *media*, habitualmente de forma pessoal e descontrolada. De modo a ser um(a) cidadã(o) consciente, é importante que uma pessoa encare este conteúdo com um olhar crítico, avaliando a qualidade, a fiabilidade, a estratégia e o interesse de quem produz a informação (Landy & Le Tellier, 2016). Neste contexto, a informação para jovens ganha uma nova finalidade: **educar as/os jovens para a literacia dos *media* e da informação.** Os serviços de informação para jovens estão totalmente equipados para aconselhar as/os jovens sobre como pesquisar, avaliar e reconhecer a informação e o quão fidedigna ela é. Por esta razão a literacia dos *media* e da informação ocupa uma parte importante deste manual e é parte dos esforços mais amplos para prevenir o extremismo violento entre as/os jovens.

Fonte: Cinco leis da Literacia dos *Media* e da Informação

2.2. Parte de uma rede de interesses mais ampla

Numa altura em que atores políticos e governos da Europa trabalham para colocar em prática mecanismos, estruturas e planos de ação para contrariar a evolução do fenómeno da radicalização e do extremismo violento entre as/os jovens, o setor de juventude em geral, e a informação para jovens em particular, têm certamente um papel a desempenhar.

Conforme mencionado anteriormente, o trabalho das instituições estabelecidas não é suficiente para enfrentar o problema; Este deve ser observado de **vários ângulos** simultaneamente. As pessoas que trabalham na área da juventude há muito que se comprometeram a enfrentar estas questões, habitualmente com muito poucos

recursos. Elas vêm-se frequentemente na linha da frente, lidando com a crescente falta de civismo, a desistência e um declive gradual no sentido da radicalização que leva à violência.

As/os profissionais da informação para jovens ocupam uma posição única enquanto ponto de contacto com pessoas frágeis, que estão habitualmente desapontadas e cansadas de promessas quebradas (a 'guetização', a discriminação, a rejeição, e as desigualdades no acesso no acesso à educação e a oportunidades de emprego, etc.) Sendo o primeiro e por vezes único contacto para jovens desfavorecidas/os, as/os profissionais da informação para jovens, em conjunto com todo o setor de juventude, têm de manter a importantíssima ligação social que mantêm com estas/es jovens e ajudar a construir um futuro progressivo para elas/es.

O setor de juventude não tem escolha no que concerne ao envolvimento na luta contra o extremismo violento, a **realidade do seu trabalho** significa que, inevitavelmente, elas/es estão envolvidas/os. Também lhes confere completa legitimidade para assumir a tarefa. É claro que a informação para jovens isolada não é solução suficiente para todos estes desafios. Preferencialmente, deve ser considerada como um componente essencial de uma política de juventude global e uma cooperação intersetorial que pretende promover o acesso e a inclusão para todas as pessoas.

2.3. Formas de Intervenção: Prevenção, Deteção

Se acreditarmos que a informação para jovens é necessária para o combate à radicalização e ao extremismo violento, teremos de reconhecer que esta tarefa só poderá ser desempenhada dentro dos limites da função de cada profissional e do **código de ética** que a acompanha.

Não encaramos os atores do setor de juventude como se desempenhassem o papel de polícias ou detetives. Na verdade, isto seria incoerente com a atmosfera de confiança que as/os profissionais que trabalham com jovens pretendem promover. É sua missão ouvir e apoiar as/os jovens, respeitando o seu anonimato. Como é determinado no princípio 7.1. da Carta Europeia de Informação para Jovens, *os serviços de informação para jovens respeitam o direito das/os jovens à privacidade, confidencialidade e anonimato. Os serviços de informação para jovens proporcionam um ambiente seguro para as pessoas jovens.*

A confiança estabelecida entre as estruturas do trabalho com jovens e da informação para jovens e as/os utilizadoras/es baseia-se em relações asseguradas pelo código de ética. Contudo, esta confiança assenta também na convicção de que estes mesmos serviços existem para providenciar um espaço seguro e inclusivo para as/os utilizadoras/es, o qual é acessível, aberto e promove o diálogo, apoiando as/os jovens na sua transição para a vida adulta e para a autonomia.

De facto, o atual clima político e social requer que todas/os as/os cidadã(o)s participem de forma a combater o risco de violência, e embora o objetivo principal do trabalho com jovens seja a prevenção de comportamentos de alto risco, isto não retira a **responsabilidade de também reportar tais comportamentos** nos casos em que a prevenção falhe. Estas duas missões – prevenção e deteção – são desenvolvidas de forma coordenada para assegurar o cumprimento de um objetivo global, o combate ao extremismo violento.

Prevenir os riscos que conduzem ao extremismo violento. Prevenir os riscos e, de forma mais geral, prevenir os comportamentos de risco, é um fundamento da informação para jovens. O modelo da informação para jovens tem décadas de experiência nesta área, atuando em diversas situações e de diferentes formas, como por exemplo: permitir às/aos jovens expressarem-se melhor, combater os preconceitos e os estereótipos, trabalhar contra a discriminação, valorizar as diferenças, promover a confiança e a autoestima, sensibilizar para a gestão de conflitos e providenciar formação para a literacia dos *media* e da informação, mencionando apenas algumas.

> *"Não são os media nem a Internet os responsáveis pela radicalização das pessoas jovens, mas mais frequentemente a incapacidade das pessoas jovens em avaliar a informação objetivamente e de forma crítica e em identificar a informação que as pode expor ao verdadeiro perigo."*
>
> Éliane Theillaumas, psicóloga da Unidade de Coordenação da Luta Contra o Terrorismo. Ministro do Interior (França)

De forma a conseguir prevenir os **fatores de risco** com maior probabilidade de conduzirem uma pessoa jovem a cometer um ato violento, há que ter um bom conhecimento das causas da radicalização, para começar. Como se disse previamente, estas causas são multifacetadas e específicas para cada pessoa e local. Elas poderão incluir: a adesão a uma ideologia extremista/fanatismo (religioso, moral, político, desportivo, etc.); um desejo de vingança contra uma sociedade ou sistema que não cumpriu a sua promessa (conduzindo à rejeição, desemprego e discriminação – sejam eles reais ou presumidos); a culpabilização de um grupo social ou minoria (xenofobia, racismo, homofobia, antissemitismo, islamofobia, etc.); a busca da adrenalina; a procura de sentido na vida de uma pessoa; a necessidade de uma estrutura (em casos de pessoas que sentem falta de orientação ou um propósito); a procura por uma "família" (especialmente para jovens com uma pobre vida social); a vitimização, incluindo o desejo de se tornar um mártir; problemas psicológicos ou psiquiátricos, etc. Estes poderão ser fatores motivadores, em particular quando suportados por **propaganda eficaz e pela difusão da desinformação**. Neste contexto, as/os profissionais da informação para jovens (assim como todas/os as/os técnicas/os de juventude) deverão levar a cabo o seu trabalho, mas com uma maior sensibilidade para com estas situações específicas.

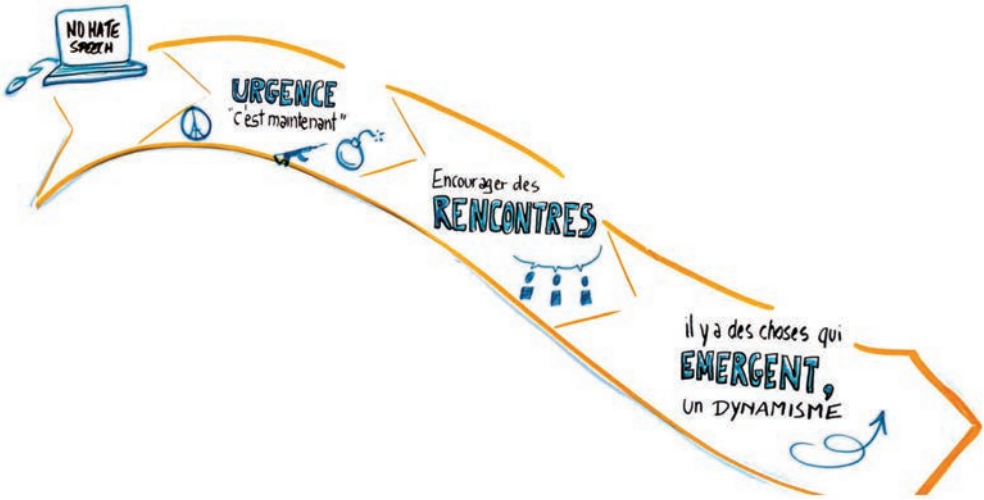
Escuta Empática. Escutar é a base do trabalho com jovens e da informação para jovens e a escuta empática consiste na atitude de se interessar verdadeiramente na pessoa que fala, sem procurar aconselhar, julgar ou influenciar. Este tipo de escuta facilita a comunicação, a partilha, e promove a confiança. É importante notar que a empatia não implica que tenha de haver concordância sobre o assunto: *"Eu não concordo necessariamente contigo, mas tens um espaço para te expressares".* Esta abordagem torna-se ainda mais importante se a pessoa se sentir rejeitada, traída ou desprovida de um papel na sociedade, e é uma parte importante do trabalho de prevenção dos conflitos de identidade e comportamentos de alto risco que poderão resultar de tais sentimentos.

Permitir que as/os participantes se expressem livremente. É essencial permitir que as/os participantes se expressem livremente, incluindo e especialmente quando o que dizem deixa as outras pessoas desconfortáveis. Esta poderá ser uma estratégia de facilitação eficaz. Apenas expressando opiniões diferentes, escutando e criando uma partilha respeitosa em torno do que nos divide, conseguiremos unir as pessoas, em vez de procurar o consenso. Isto permitirá que as/os participantes pensem e se expressem de forma diferente.

Tais momentos de **discussão** são importantes no âmbito do trabalho com jovens e da informação para jovens, particularmente quando as/os jovens tomam a iniciativa em relação aos temas em debate. Vários centros de informação para jovens promovem semanal ou mensalmente debates e criam um espaço para a discussão livre e a partilha, sobre temas como a discriminação racial, a cidadania, o papel da religião na sociedade, as questões de género ou a imigração, nomeando apenas alguns. Os convites podem também ser alargados a pais ou parceiras/os. O trabalho com jovens está limitado ao necessário papel de facilitação, embora o conteúdo de tais partilhas possa ser usado posteriormente de forma a planear ou criar um projeto de longo prazo sobre temas como a cidadania, a democracia, o diálogo intercultural, etc.

Acompanhar um(a) jovem ao longo da sua integração social e profissional. O processo de **escutar ativamente** é importante para manter uma ligação com pessoas jovens que experienciam sentimentos de exclusão. Contudo, a escuta ativa não é uma resposta por si só; é uma parte do trabalho mais substancial no sentido de desenvolver um verdadeiro projeto para a pessoa jovem. A forma mais segura de combate à radicalização violenta é a integração através do emprego e da formação. Esta é uma parte fundamental da missão diária do trabalho com jovens. Dar prioridade à criação de um projeto para a/o jovem e ajudá-la/o a cumpri-lo fará com que tenha um maior sentimento de propósito, que se sinta útil na sua comunidade, e que sinta que os seus pares a/o encaram dessa maneira. Obviamente que nem todas as pessoas jovens em situações vulneráveis se radicalizam, mas é sabido que a ausência de objetivos e a incapacidade de se projetar enquanto membro ativo da sociedade é uma das causas do extremismo violento. Dar às/aos jovens a oportunidade de **participarem e encontrarem um lugar na sociedade** é um parte integral da missão mais abrangente que o trabalho com jovens e a informação para jovens almejam cumprir.

> *"É essencial que o setor da juventude, o trabalho com jovens e a informação para jovens ofereçam alternativas reais às/aos jovens."*
>
> Manfred Zentner



Deslizando para o extremismo violento. A experiência e a cautela são ambas necessárias para distinguir os sinais indicativos de que uma pessoa **começa a aceitar ideologias radicais ou fanáticas**. Conhecer alguns dos sinais geralmente reconhecidos como indicadores de que alguém poderá estar a deslizar para um comportamento extremista torna possível identificar melhor estes sinais alarmantes nas pessoas jovens. A identificação destes sinais não é exclusiva do trabalho com jovens, mas sim algo com que todas/os as/os cidadã(o)s se devem preocupar. É por este motivo que vários Estados europeus estabeleceram centros nacionais que assistem pessoas preocupadas com ente queridos que possam estar em risco de deslizar para o extremismo violento.

O processo de radicalização não pode ser identificado por um único sinal isolado, mas sim por uma **combinação de diferentes fatores.** Um comportamento isolado não é suficiente para confirmar o risco, assim como não deve ser atribuído o mesmo valor a todos os indicadores. Por exemplo, sinais relacionados com a aparência física e vestuário não são de todo suficientes para sugerir que possa haver um risco de deslizamento para o comportamento extremista. Nenhuma atitude, facto ou conteúdo doutrinário isolados poderão ser indicativos do processo de radicalização. Também devemos ter em conta o período da juventude em si. Esta é uma altura de mudanças na identidade em que a/o jovem poderá adotar propositadamente uma atitude provocatória de forma a atrair atenção.

Fatores sinalizadores do comportamento extremista. Os seguintes fatores foram classificados como indicadores chave do deslizamento para o comportamento extremista – como anteriormente se disse, cada fator por si só não é suficiente para indicar tal desenvolvimento. Estes fatores não são de todo exaustivos: a capacidade das pessoas para escapar à deteção e encobrir as suas atividades significa que estes fatores têm de ser revistos e adaptados constantemente.

Fatores sinalizadores do comportamento extremista

1. A mudança ou o desvio da norma (em rutura com o meio habitual ou a aparência física).
2. Fatores relacionados com o ambiente pessoal (uma fraca estrutura familiar ou social, uma personalidade instável, uma rede social altamente influenciadora).
3. Teorias e discussões (aderir a teorias da conspiração, exibir um comportamento de vítima, mudanças na identidade e no comportamento, tentativas de converter outras pessoas).
4. Técnicas (utilização de redes humanas ou virtuais, estratégias de encobrimento).
5. Registos criminais (particularmente, experiências passadas em ambiente de prisão).

O Caso da França: CNAPR

Em França, o plano para a luta contra radicalização está delineado numa declaração publicada a 29 de abril de 2014: A Unidade de Coordenação da Luta Contra o Terrorismo (UCLAT) é responsável pela coordenação de todas as medidas que constam no plano.

Um dos pontos principais é a criação do Centro Nacional para a Assistência e Prevenção da Radicalização (CNAPR). Esta é uma plataforma de apoio telefónico, com o propósito de proporcionar a oportunidade de escutar e providenciar informação e apoio a famílias e parentes de pessoas que exibem alguns dos fatores sinalizadores de uma aproximação ao comportamento extremista. Esta linha telefónica, sem custos associados, está disponível de Segunda a Sexta, entre as 9h e as 17h. Também é possível contactar o CNAPR através de um formulário eletrónico disponível em http://www.stop-djihadisme.gouv.fr.

Desde que a plataforma ficou disponível, em abril de 2014, mais de 11000 relatos foram registados. Mais de metade destes vêm das próprias famílias. Acima de 70% dos relatos dizem respeito a homens e 19% a menores. Os serviços competentes consideraram que uma parte das chamadas não estava diretamente relacionada com o extremismo violento e por isso menos de metade das situações foram acompanhadas.

Caso a situação seja considerada preocupante, a pessoa reportada e a sua família recebem apoio adaptado à especificidade da situação. O objetivo é cuidar da pessoa radicalizada, olhar pelos seus entes queridos e, em última instância, evitar qualquer tragédia.

Referências

1. Uma breve bibliografia seletiva sobre o tema

« Radicalisme violent comprendre, prévenir au-delà de l'urgence », *L'observatoire*, trimestral n° 86/2015, março de 2016.

Andersen Lars Erslev, « Terrorisme et contre-radicalisation : le modèle danois », *Politique étrangère*, n° 2, 2015, páginas 173-183.

Borum Randy, « Radicalization into Violent Extremism I : A Review of Social Science Theories », *Journal of Strategic Security*, vol. 4, n° 4, 2011, páginas 7-36.

Bouzar Dounia, « Les professionnels de la jeunesse face au discours radical musulman », *La nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation*, vol. 38, n° 2, 2007, páginas 125-139.

Chalvin, Dominique, *Tensions et conflits dans les relations personnelles*, ESF Editeur, 1999.

El Ghabri Mohssin; Gharbaoui Soufian, « Qui sont ces Belges partis combattre en Syrie ? », *Analyses Etopia*, junho de 2014, http://www.etopia.be/spip.php?article2663 consultado a 7 de junho de 2017.

Fastrès Jacqueline, Blairon Jean; Watillon Laurence, « Radicalisation, prévention et milieu ouvert », *Analyse et études RTA ASBL*, setembro de 2015, http://www.intermag.be/518 consultado a 8 de junho de 2017.

Fiez Michel, *Radicalisation de la jeunesse. La montée des extrêmes*, Eyrolles, Paris, 2016.

Hafez Mohammed; Mullins Creighton, « The radicalization puzzle: a theoretical synthesis of empirical approaches to homegrown extremism », *Studies in Conflict and Terrorism*, vol. 38, 2015, páginas 958-975.

Khosrokhavar Farhad, *Radicalisation*, Éditions de la Maison des sciences de l'Homme, Paris, 2014.

Landy Normand; Letellier Anne-Sophie, *L'éducation aux médias à l'ère numérique : entre fondations et renouvellement*, Les Presses de l'Université de Montréal, 2016.

Manço Altay; Gülver Murat, « Causes de la radicalisation à travers le recrutement du Hizbullah turc : quelles pistes de prévention ? », *Revue internationale de criminologie et de police technique et scientifique*, n° 1, páginas 19-60, 2016.

Marret Jean-Luc e col., « An overview of the SAFIRE Project: A Scientific Approach to Finding Indicators and Responses to Radicalization », *Journal EXIT-Deutschland, Zeitschrift für Deradikalisierung und demokratische Kultur*, n° 2, 2013, páginas 123-148.

McCauley Clark; Moskalenko Sophia « Measuring Political Mobilization: The Distinction Between Activism and Radicalism », Terrorism and Political Violence, vol. 21, n° 2, 2009, pp. 239-260.

McCauley Clark; Moskalenko Sophia, « Mechanisms of political radicalization: Pathways towards terrorism », *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n° 3, 2008, páginas 415-433.

Pisoiu Daniela; Köhler Daniel, « Individelle Loslösung von Radikalisierungsprozessen. Stand der Forschung und eine Überprüfung bestehender Theorien anhand eines Ausstiegsfalls aus dem militanten Salafismus », *Journal EXIT-Deutschland, Zeitschrift für Deradikalisierung und demokratische Kultur*, n° 2, 2013, páginas 241-274.

Pisoiu Daniela, « Theoretische Ansätze zur Erklärung individueller Radikalisierungsprozesse: eine kritische Beurteilung und Überblick der Kontroversen », *Journal EXIT-Deutschland, Zeitschrift für Deradikalisierung und demokratische Kultur*, n° 1, 2013, páginas 41-87.

Rosenberg Marshall, Les mots sont des fenêtres (ou des murs). Introduction à la communication non-violente, éditions Jouvence, Paris, 1999.

Schmid Alex, P., « Radicalisation, De-Radicalisation, Counter-Radicalisation : A Conceptual Discussion and Literature Review », Artigo de investigação ICCT, *International Center for Counter-Terrorism*, La Haye, 2013.

Silber Mitchel D.; Bhatt Arvin, « Radicalization in the West : The homegrown threat », relatório, *New York City Police Department*, Intelligence Division, Nova Iorque, 2007.

Vallet Cédric, « Radicalisation : le secteur jeunesse, un acteur de prévention ? », *l'Agence Alter, Alterechos*, n° 421, abril de 2016.

Vivre Ensemble, *Djihadisme « Made in Belgium »* : un terrorisme religieux ?, Bruxelas, 2016. http://www.vivre-ensemble.be/IMG/pdf/2016-15_jihadisme.pdf, consultado a 7 de junho de 2017

Weißgerber Christian Ernst, « Das Kaleidoskop der Radikalisierung. Ein Plädoyer für die Verabschiedung des Extremismusbegriffs », *Journal EXIT-Deutschland, Zeitschrift für Deradikalisierung und demokratische Kultur*, n° 1, 2014, páginas 187-227.

Wilner Alex S.; Dubouloz Claire-Jehanne, « Homegrown terrorism and transformative learning:an interdisciplanary approach to understanding radicalization ». *Global Change, Peace and Security*, vol. 22, n° 1, fevereiro de 2010, páginas 33-51, http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781150903487956.

2. Documentos políticos chave

Conselho da Europa, *Recommendation CM/Rec (2009)5 of the Committee of Ministers to member States on measures to protect children against harmful content and behaviour and to promote their active participation in the new information and communications environment*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2009.

Conselho da Europa, *Strategy for the Rights of the Child (2012-2015)*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2012.

Conselho da Europa, *Strategy for the Rights of the Child (2016-2021)*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2016.

Conselho da Europa, *Revised European Charter on the Participation of Young People in Local and Regional Life*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2015.

Conselho da Europa, *European Convention on the Rights of the Child*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 1996.

Conselho da Europa, *Recommendation CM/Rec (1990)7 concerning information and counselling for young people*, Estrasburgo, 1990.

Conselho da Europa, *Recommendation CM/Rec (2010)8 of the Committee of Ministers to member States on youth information*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2010.

Conselho da Europa, *European Convention on Human Rights*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 1950.

Conselho da Europa, *European Convention for the Protection of Human Rights and Fundamental Freedoms, as amended by Protocols Nos. 11 and 14*, 4 de novembro de 1950, ETS 5.

Conselho da Europa, *Action Plan (2015-2017) in the fight against violent extremism and radicalisation leading to terrorism*, Conselho da Europa, 2015.

Conselho da Europa, *Action Plan on Protecting Refugee and Migrant Children in Europe (2017-2019)*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2017.

Conselho da Europa, *Recommendation CM/Rec(2015)3 of the Committee of Ministers to member States, on the access of young people from disadvantaged neighbourhoods to social rights*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2015.

Conselho da Europa, *CM (2015)74 final. Declaration of the Committee of Ministers of the Council of Europe "United around our principles against violent extremism and radicalisation leading to terrorism",* Conselho da Europa, Bruxelas, 2015.

Conselho da Europa, CM (2016)25.2.4 *Action Plan on Building Inclusive Societies (2016-2019),* Conselho da Europa, Estrasburgo, 2016.

Conselho da Europa*, Recommendation CM/Rec (2016)7 and explanatory memorandum. Young people's access to rights*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2016.

Conselho da Europa, *Recommendation CM/REC(2017 4 of the Committee of Ministers to member States on youth work*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 2017.

Conselho da União Europeia *(9640/16) Conclusions of the Council and of the Representatives of the Governments of the Member States, meeting within the Council, on the role of the youth sector in an integrated and crosssectoral approach to preventing and combating violent radicalisation of young people*, Conselho da União Europeia, Bruxelas, 2016.

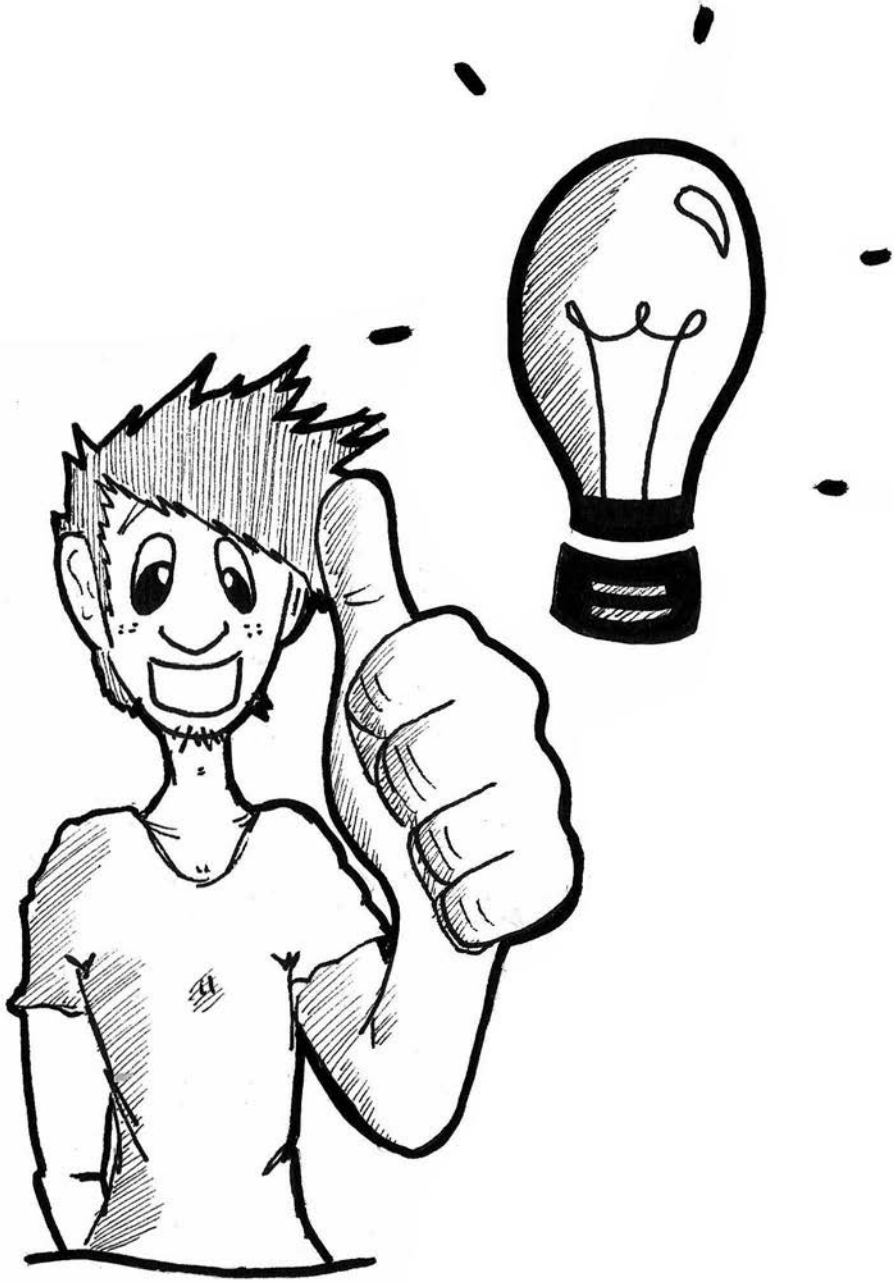
Associação Europeia do Cartão Jovem, European Youth Information and Counselling Agency, Eurodesk, *Engage. Inform. Empower. Position Paper – Recommendations from the main European Youth Information and Mobility networks on the new EU Youth Strategy*, ERYICA, Eurodesk, Bruxelas, 2016.

ERYICA (2018) Carta Europeia de Informação para Jovens https://www.eryica.org/european-youth-information-charter

ERYICA (2011) *Kit* de Iniciante da Informação para Jovens https://static1.squarespace.com/static/59ab1130ff7c-50083fc9736c/t/59d76c9b1f318db8c85e80e9/1507290279523/2010_Youth_Information_Starter_Kit_II_en.pdf

UNESCO, (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) *Preventing Violent Extremism Through Education – A guide for policy-makers*, Paris, 2017, https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247764 consultado a 7 de junho de 2017.

CAIXA DE FERRAMENTAS



Secção 1.

AUTOESTIMA, CONFIANÇA E AUTOCONSCIÊNCIA

A autoconfiança é um elemento essencial no que diz respeito à construção da identidade de uma pessoa. É a autoconfiança que nos permite sentir capazes e nos faz querer ser participantes ativas/os na sociedade: *"Eu sei que tenho os recursos necessários para lidar com qualquer situação específica"*. É impossível progredir sem autoconfiança. A autoestima tem origem na capacidade da pessoa para viver de acordo com os seus próprios valores; em grande medida, podemos considerar que é a forma como uma pessoa vê a sua própria reputação. Esta autoestima é o que ajuda todas as pessoas a sentirem-se valorizadas: *"Eu sei que posso ajudar e que as outras pessoas podem contar comigo"*. Sem autoestima, é muito difícil ser feliz. Tal como a autoestima, a autoconfiança é uma parte necessária na construção de relações sociais. É essencial para encontrarmos o nosso lugar dentro de um grupo; valorizando os valores e aspirações das outras pessoas, afirmando as nossas próprias diferenças, mantendo ao mesmo tempo um ambiente de respeito.

Pelo contrário, a falta de autoconfiança e autoestima pode ser paralisante. Dela pode resultar que a pessoa se "feche" mais, a frustração caso as coisas não corram conforme planeado, e até raiva. As/os recrutadoras/es, os grupos extremistas e as/os propagandistas sabem-no muito bem; o desespero e a frustração são as bases do pensamento radical e do extremismo violento e por isso as pessoas que tenham estes sentimentos são alvos habituais.

A autoconfiança e a autoestima constroem-se ao longo da vida da pessoa; não nascemos com estas qualidades inatas, embora elas sejam essenciais à construção da nossa identidade. Existem diversos fatores que influenciam o nível de autoconfiança e autoestima que a pessoa sente: validação de necessidades e opiniões, aceitação das/os outras/os, sentimento de segurança, ou seja, um ambiente que permita à pessoa arriscar de forma a avançar na vida.

As atividades que se seguem têm em conta alguns dos ingredientes essenciais para a construção da identidade de uma pessoa e para progredir na sociedade. Elas encorajam:

- a autoconsciência e a assertividade;
- o conhecimento dos seus próprios recursos;
- a autoconfiança e a validação das suas próprias necessidades.

1.1. A minha identidade

Encorajar a autoconsciência é um dos objetivos essenciais de quem trabalha com jovens. Esta tarefa abrange temas como a definição da tua identidade (em vez de ser outra pessoa a fazê-lo por ti) e a valorização da singularidade da tua própria identidade.

É essencial, no trabalho de prevenção com jovens, valorizar quem nós somos, o que somos, o que fazemos, o que sabemos, o que sabemos fazer...

As seguintes atividades ajudarão as/os participantes a conhecerem-se melhor, a serem assertivos e a valorizarem-se mais entre si.

1.1.1. ONDE ESTOU EU/QUEM SOU EU?

Objetivos

Esta atividade visa possibilitar que as/os participantes se conheçam melhor entre si e que compreendam o conceito de identidade. Os seus objetivos incluem:

- **Ter noção de que a identidade e os papéis são diferentes em diferentes espaços e tempos.**
- **Perceber que a identidade pode mudar.**
- **Ter noção da multiplicidade da identidade.**

Público-alvo

A partir dos 12 anos de idade.

Tamanho do grupo

10-20 participantes.

Materiais

- **Um mapa do mundo (suporte de atividade 1): um por par.**
- **Um mapa da Europa (suporte de atividade 2): um por par.**
- **Um mapa do país onde a formação decorre: um por par.**
- **Um mapa da cidade onde a formação decorre: um por par.**
- **Marcadores.**

Duração

Entre 40 e 50 minutos.

A Atividade

- Formem pares. Cada par receberá cópias dos quatro mapas e marcadores. A questão a debater é: 'Onde estou eu/quem sou eu?'
  - 'Onde': As/os participantes indicam locais onde estiveram, com que têm uma ligação, locais que têm um significado, que conheçam, que frequentem… agora, no passado e no futuro. Também poderão ser locais com os quais sonham, ou que estejam nos seus planos, ou locais com os quais os seus entes queridos tenham uma ligação.
  - 'Quem': As/os participantes indicam o papel ou papéis que têm nesses locais (um ou mais aspetos da sua identidade). Poderão ser papéis que têm, que sonham ter, que terão ou que tiveram nesses locais. (Por exemplo: em Marrocos eu fui turista, em Bruxelas sou estudante, no *skate park* sou *skater*, e assim por diante).
- Em pares, as/os parceiras/os deverão discutir os significados dos locais e o papel ou papéis que neles desempenham.
- Posteriormente, as/os participantes apresentam de forma breve (alguns) locais e papéis da/o parceira/o ao grupo.

Avaliar a atividade

Utilize as seguintes questões para iniciar a discussão:

- *Quem descobriu locais e/ou papéis dos quais não tinha conhecimento?*
- *Quem descobriu diferentes papéis num local?*
- *Que locais assinalaste? Que papéis anotaste?*

- *Existem locais onde tens mais do que um papel? Existem locais onde apenas um papel é importante? Existem papéis que desempenhas em todos os locais?*
- *Existem papéis que desempenhaste no passado, mas que já não desempenhas? Existem papéis que irás desempenhar no futuro?*
- *Que aspetos da tua identidade mudam quando estás nos diferentes locais e desempenhando papéis diferentes? (Por exemplo: aspetos visíveis da identidade: aparência, comportamento, etc., e aspetos invisíveis: como pensas ou te sentes, etc.)*

Dicas

Poderá ser interessante olhar para os papéis que desempenhas, e a que locais estes papéis estão ligados. Diferentes aspetos da tua identidade poderão ser mais ou menos visíveis, importantes, úteis em diferentes locais e situações. A isto chamamos 'identidade múltipla'.

Podemos utilizar a imagem de uma cebola, que tem diferentes camadas. A pele da cebola é visível, e pode dizer-nos coisas sobre a nossa identidade. O exterior da cebola também poderá mudar ao longo do tempo e em diferentes locais, mas debaixo dessa pele existem mais camadas. Estas não são visíveis à primeira vista, e talvez nem sempre sejam do nosso conhecimento. Através destes exercícios podemos aprender sobre estas diferentes camadas. No centro da cebola, existe um núcleo, uma parte da identidade que é muito forte, e que contém os nossos valores fundamentais, aquilo em que acreditamos, aquilo que tentamos alcançar, partes da identidade que são muito fortes e poderão nunca mudar.

Fonte

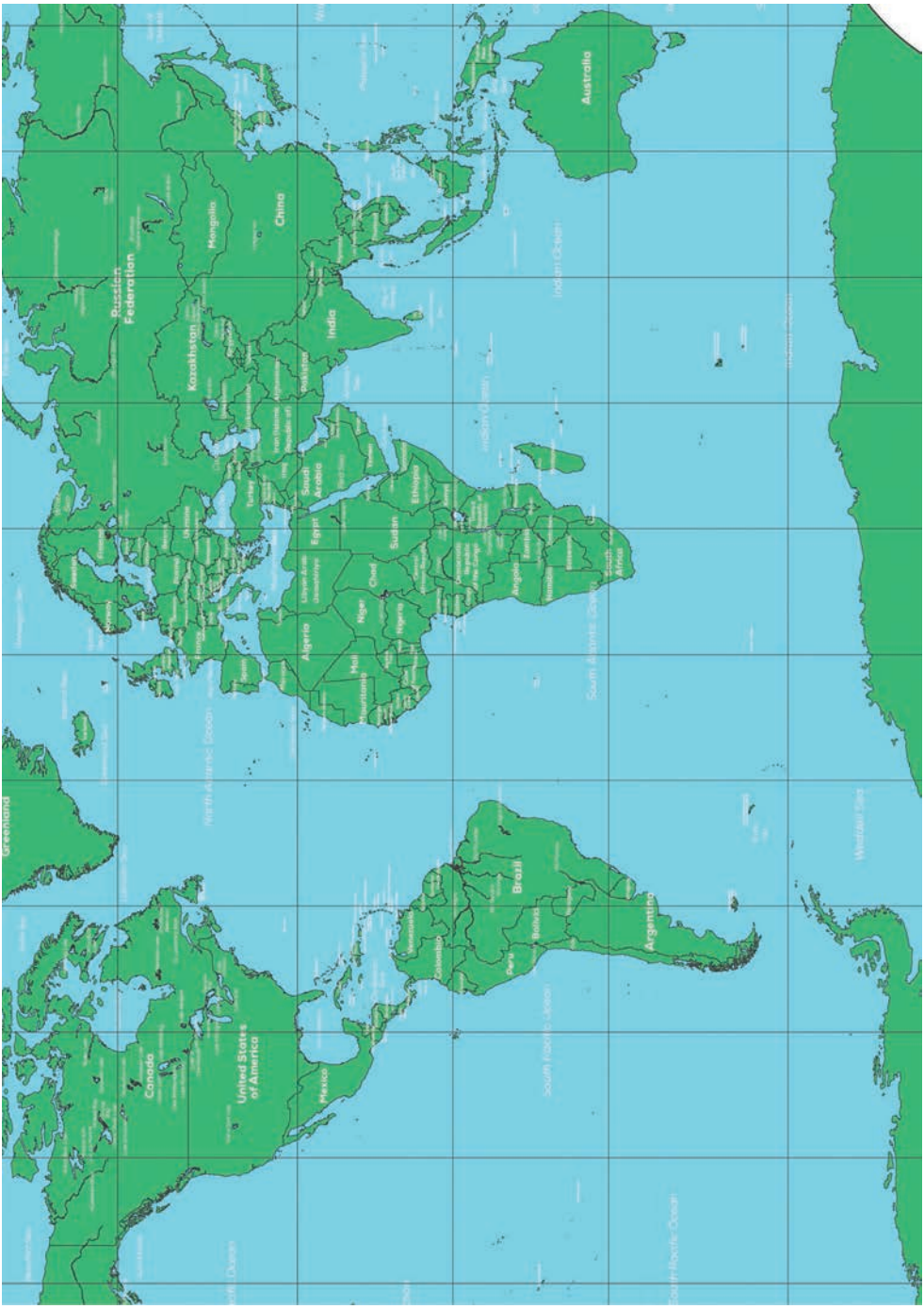
www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Suporte de atividade 1: **Mapa do Mundo**



Suporte de atividade 2: **Mapa da Europa**

1.1.2. EXEMPLOS A SEGUIR E RECURSOS

Objetivos

Esta atividade visa possibilitar que as/os participantes se conheçam melhor a si próprias/os. Os seus objetivos incluem:

- **Tomar conhecimento dos recursos que utilizamos em situações desafiantes.**
- **A troca de ideias entre as/os participantes acerca dos recursos que utilizamos em situações desafiantes.**
- **Pensar em pessoas que são exemplos a seguir para nós.**
- **Ganhar consciência da influência que os exemplos têm na nossa própria identidade.**
- **Aprender sobre as ligações que temos com os exemplos e com os recursos.**

Público-alvo

12-15 anos.

Tamanho do grupo

8-16 participantes.

Materiais

- **Uma folha de papel A4 para cada 'domínio de vida' (suporte de atividade).**

Duração

40-50 minutos

Preparação

Marca dez pontos na sala, cada um representando um 'domínio de vida', indicado por uma folha A4. Os domínios de vida são: família, amigas/os, escola/trabalho, *hobbies*, *media*, associações, cultura, natureza, espiritualidade, o mundo.

A Atividade (1)

- As/os participantes assumem posições aleatórias em cima de um ponto – cada ponto representa um domínio de vida. Permita um mínimo de duas/dois participantes num ponto (alguns pontos podem ficar vazios).
- Coloque algumas das questões sobre exemplos e recursos abaixo indicados. As/os participantes podem responder às questões que se referem ao tema do ponto onde se encontram nesse momento.
- As/os participantes deslocam-se para outro ponto. Algumas questões são novamente colocadas ou novas questões são colocadas. Este processo estende-se pelo número de pontos utilizados. Após várias deslocações, as/os participantes podem escolher onde permanecer.

Questões sobre os exemplos a seguir no domínio de vida apresentado:

- *Quem é um exemplo a seguir para ti?*
- *Quem é um importante exemplo a seguir para outras pessoas?*
- *Quem admiras?*
- *Em quem te revês?*
- *A quem te queres assemelhar?*
- *Em quem acreditas?*

A Atividade (2)

As/os participantes escolhem onde gostariam de se posicionar, ao longo dos vários pontos, após cada questão ser colocada.

Questões sobre os recursos:
Quem ou o que consideras um bom recurso para apoio/ajuda/aconselhamento/conforto/repouso…

- *Tens más notas.*
- *Foste vítima de* bullying.
- *A/o tua/teu melhor amiga/o contou-te um segredo que não consegues guardar para ti.*
- *Os teus pais discutiram.*
- *Fizeste algo estúpido.*
- *Estás apaixonada/o.*
- *Tens de fazer uma escolha importante (por exemplo: escolher o que estudar).*

Avaliar a atividade

A avaliação pode ser feita cada vez que as/os participantes assumem posição num dos pontos, após várias deslocações entre pontos, ou no fim.
Questões:

- *Tens uma experiência pessoal que queiras partilhar a respeito deste exemplo ou recurso?*
- *O que aprendeste com este exemplo ou recurso?*
- *O que retiraste deste exemplo ou recurso e que faz agora parte da tua identidade?*
- *És um exemplo ou recurso para outras pessoas?*

Dicas

- Nem todas/os as/os participantes têm de responder a todas as questões. Tomar uma posição e pensar sobre as questões poderá ser suficiente para algumas/alguns participantes.
- Faça uma seleção dos temas específicos que pretende usar com o grupo, de acordo com as suas aptidões e interesses.
- Modifique as questões e domínios de vida, dependendo das idades e interesses das/os participantes.

Variações

- As/os participantes podem escrever as respostas que deram em cada ponto numa folha grande. O grupo ou participante seguinte pode então acrescentar mais respostas na mesma folha.
- Com grupos pequenos, permita que todas/os as/os participantes se desloquem juntas/os entre pontos.
- Pode sugerir outros exemplos. Por exemplo, revês-te em alguma personalidade desportiva?

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Suporte de atividade: **Domínios de vida**

FAMÍLIA

AMIGAS/OS

ESCOLA/TRABALHO

LAZER

MEDIA

ASSOCIAÇÕES

CULTURA

PASSADO/PRESENTE/FUTURO

NATUREZA

ESPIRITUALIDADE

1.1.3. OS MEUS FAMILIARES MAIS VELHOS DIZEM-ME

Objectivos

Esta atividade pretende:

- **Reunir informação sobre a nossa origem, a nossa família e como elas podem influenciar a nossa identidade.**
- **Promover o conhecimento das nossas histórias de vida e das nossas diferenças de cultura.**
- **Aumentar a confiança e a autoestima das/os jovens, especialmente no que respeita às suas origens e história familiar.**

Público-alvo

12-15 anos.

Tamanho do grupo

5-20 participantes.

Materiais

- **Cadeiras, papel, canetas**

Duração

A atividade é composta por três partes:

- **Introdução (15min).**
- **Pesquisa em casa (1 hora).**
- **Discussão em grupo (1 a 2 horas, dependendo do tamanho do grupo).**

Preparação

- Peça às/aos participantes para se apresentarem e se conhecerem melhor.
- Apresente a atividade às/aos participantes: exemplifique com a ideia de uma entrevista em que elas/es terão que se colocar no lugar da/o jornalista.
- Esta atividade consiste em entrevistar os pais e, quando possível, os avós. Terá que facultar um questionário com o qual as/os participantes concordem e que possa ser completado em grupo.
- De seguida apresentamos algumas sugestões para o questionário, podendo as/os participantes acrescentar as suas ideias:
  - *Quais os primeiros e últimos nomes dos teus avós paternos e maternos?*
  - *Em que ano nasceram?*
  - *Onde vivem hoje em dia?*
  - *Onde viviam antes?*
  - *Qual a sua origem (país, cidade, região)?*
  - *Caso tenha havido necessidade de abandonarem a sua região de origem, o que o motivou?*
  - *Que profissões exerciam?*
  - *Como se conheceram?*
  - *Frequentaram a escola?*
  - *Partilha uma memória de infância.*
  - *Quantos filhos tiveram?*

- Durante o processo de aprendizagem sobre o seu histórico familiar, assegure-se que as/os participantes prestam particular atenção a:
  - *Quaisquer movimentos migratórios de pais ou avós.*
  - *Memórias felizes e eventos positivos que marcaram a história da sua família.*
  - *Quaisquer desejos ou aspirações que tenham no presente.*
- Conceda às/aos participantes uma semana para entrevistarem a família.

A Atividade

- Assim que as entrevistas estiverem concluídas, reúna as/os participantes para partilharem as suas descobertas.
- Convide as/os participantes a partilharem o que descobriram sobre o histórico da sua família.
- Conforme se disse antes, preste particular atenção a eventos positivos, anedotas, memórias felizes, etc. As/os participantes poderão querer contar a história da imigração da sua família, se os seus pais forem oriundos de outro país.

Avaliar a Atividade

- *Foi fácil/difícil entrevistar os pais?*
- *Mostraram-se disponíveis para participar no exercício?*
- *Se for o caso, que dificuldades encontraram as/os participantes?*
- *Durante o processo da atividade, o que descobriste sobre a tua família?*
- *O que retiraste desta atividade?*

Dicas

- Assegure que as/os participantes se sentem respeitadas/os enquanto falam.
- Certifique-se de que as/os participantes não se sentem obrigadas/os a partilhar experiências se não for essa a sua vontade. Elas/es não se podem sentir forçadas/os a revelar informação contra a sua vontade.
- Insista para que as/os participantes se foquem nos elementos positivos das suas histórias.

Fonte

Centre d'Information et de Documentation pour Jeunes (CIDJ Belgium), Mes tissages de vie. Une réflexion sur les identités jeunes. Dossier pédagogique, Brussels, 2005.

Para mais informação, dirija-se a:

www.cidj.be

1.1.4. A MINHA CULTURA

Objetivos

A cultura na qual nascemos molda-nos e, por outro lado, nós moldamos a nossa cultura. Somos todas/ /os uma mistura de diferentes culturas, características e experiências pessoais. As tentativas de compreender a cultura envolvem o estudo de vários aspetos da vida, alguns dos quais são bastante óbvios e outros requerem uma investigação mais aprofundada. O propósito da atividade que se segue é:

- **Permitir que as/os participantes compreendam o conceito de "cultura" para assim se conhecerem melhor.**
- **Determinar os vários elementos que compõem a cultura.**
- **Identificar os elementos que se relacionam com a nossa cultura de origem, assim como da do país ou cidade em que vivemos atualmente.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos. Esta atividade é particularmente adequada para um grupo multiétnico.

Tamanho do grupo

Máximo de 12 participantes.

Materiais

- **Papel e canetas/*flipchart*.**

Duração

1 hora.

A Atividade

- Questione as/os participantes sobre o significado que a palavra cultura tem para elas/es (atividade de *brainstorming*).
- Anote todas as respostas dadas e agrupe-as em seis categorias: artes, ciência, crenças religiosas, justiça, valores e tradições.
- Convide as/os participantes a partilharem os seus pontos de vista e ajude o grupo a identificar os elementos culturais que lhes foram transmitidos pelas suas famílias, colocando questões como:
  - *O que é definido como "bom" e "mau" na minha cultura?*
  - *Qual a estrutura da minha família?*
  - *Como é que a minha cultura carateriza as relações entre homens e mulheres?*
  - *Quais são algumas das tradições importantes?*
  - *Que línguas são faladas?*
  - *Quem detém o poder e como é que ele é obtido?*
  - *Como pode ser caraterizado o humor da minha cultura?*
  - *Que papel desempenha a religião?*
  - *Como é que a minha cultura encara as outras culturas?*

Avaliar a atividade

Conclua reiterando as principais ideias expressas pelas/os participantes e evocando princípios considerados essenciais para a coexistência numa sociedade multicultural, tais como a tolerância, o respeito, a não discriminação e a laicidade.

Dicas

Tenha atenção para preservar o respeito no seio do grupo, particularmente em relação a quaisquer estereótipos que possam surgir.

Fonte

Centre d'Information et de Documentation pour Jeunes (CIDJ Belgium), Mes tissages de vie. Une réflexion sur les identités jeunes. Dossier pédagogique, Brussels, 2005.

1.2. Os meus pontos fortes, os meus talentos, as minhas competências

Seres capaz de te definir é certificares-te de que 'ninguém' o faz por ti.

As atividades que se seguem ajudarão a desenvolver competências relacionadas com a autoestima.

1.2.1. A/O MINHA/MEU AMIGA/O CONSEGUE FAZER ISSO

Objetivos

Esta atividade consiste numa série de desafios para as/os participantes. Irá permitir-lhes:

- **Conhecer os seus talentos e pontos fortes.**
- **Conhecer os talentos e pontos fortes que o grupo vê nelas/es.**
- **Conhecer os talentos e pontos fortes das/os outras/os.**
- **Fortalecer a confiança.**
- **Ter confianças nas/os outras/os.**

Público-alvo

Entre os 12 e os 16 anos. Participantes que se conheçam (uma turma, por exemplo).

Tamanho do grupo

20-25 participantes.

Materiais

- **Suportes de atividade 1: desafios**
- **Suporte de atividade 2: talentos e pontos fortes para os desafios**
- **Suporte de atividade 3: cálculo**
- **Suporte de atividade 4: imagens**

Materiais adicionais conforme se segue:

- **Para o desafio 3: um baralho de cartas**
- **Para o desafio 6: duas facas, duas maçãs**
- **Para o desafio 7: algo para tocar música, uma música popular**
- **Para o desafio 8: uma mesa, duas cadeiras**
- **Para o desafio 9: uma bola de ping-pong, dois copos, uma mesa**

Duração

1 hora. A duração poderá ser adaptada de acordo com o número de participantes e desafios.

Preparação

- Organize os materiais para cada desafio.
- Explique que haverá vários desafios. Para cada desafio são necessárias/os duas/dois participantes, que farão uso dos seus talentos e pontos fortes. Cada jogador(a) participará em pelo menos um desafio.
- Recorrendo à lista de desafios mais abaixo, peça ao grupo que nomeie duas/dois participantes para cada desafio.
- Enquanto decidem quem participará em cada um dos desafios, as/os participantes deverão evitar voluntariar-se ou demonstrar os seus talentos e pontos fortes.
- 'A/o minha/meu amiga/o consegue fazer isso' significa que o grupo debate e indica duas pessoas para cada desafio, dependendo dos talentos e pontos fortes de cada participante.
  - *Desafio 1: foco, concentração*
  - *Desafio 2: matemática*
  - *Desafio 3: coordenação motora precisa*
  - *Desafio 4: atenção*
  - *Desafio 5: força física e reações rápidas*
  - *Desafio 6: competências de cozinha*

- *Desafio 7: musicalidade*
- *Desafio 8: força e persistência*
- *Desafio 9: controlo físico*
- *Desafio 10: velocidade*

A Atividade

- Uma vez atribuídos os papéis, explique o desafio (consulte o suporte de atividade mais abaixo) e então a atividade poderá começar.
- Após cada desafio, poderá ser feita uma breve análise antes de começar o seguinte.

Avaliar a atividade

Uma vez completados todos os desafios, inicie o debate baseado nas seguintes questões:

- *Como decorreu a discussão em grupo?*
- *Quão difícil (ou fácil) foi não se voluntariarem para um desafio?*
- *Quão difícil (ou fácil) foi para ti aceitar quando as outras pessoas te atribuíram um talento? Como reagiste a esse facto?*
- *Quão confiante te sentiste enquanto participavas no desafio?*
- *Quão satisfeita/o ficaste com o teu próprio resultado no fim do desafio?*
- *Quão correto pensas que o grupo foi ao atribuir-te aquele talento específico? Que talento querias e porquê?*
- *Conseguiste usar esse talento ou ponte forte nesse desafio?*
- *Existem outros exemplos de situações em que esse talento ou ponto forte poderia ser útil?*
- *Por que motivo crês que as/os outras/os participantes te atribuíram esse talento ou ponto forte?*
- *Que parte do jogo sentiste que foi mais importante? O debate sobre quem participaria no desafio? Participar no desafio? Vencer o desafio?*

Dicas

Podes reduzir o número de desafios, dependendo do tamanho do grupo e da sua motivação. Neste exercício, vencer os desafios é apenas um pequeno detalhe. Existe um elemento competitivo em cada desafio, mas ganhar ou perder não é a principal finalidade deste exercício. O debate sobre quem o grupo escolhe para fazer uso dos seus talentos e pontos fortes é mais importante, assim como a experiência das/os participantes a quem são atribuídos desafios, e que participam neles.

É provável que as/os participantes tendam a voluntariar-se para desafios em que os seus talentos e pontos fortes são necessários.

Intervenha e realce que a decisão deverá ser tomada por todo o grupo.

Variação

Poderá adaptar os desafios ou recorrer a outros, de acordo com os interesses, talentos e pontos fortes dos participantes.

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Suportes de atividade 1: **Desafios**

Desafio um

- Talento/ponto forte: foco, concentração
- Duas/dois participantes colocam-se em frente um(a) da/o outra/o, com um metro de distância. Deverão permanecer relaxadas/os, mas firmes (com os pés afastados, as costas e a cabeça direitas, sem tensão, respiração calma). Outros membros do grupo mantêm alguma distância e observam. No começo, duas/dois participantes olham-se nos olhos. A/o que se mantiver focada/o e não se mover, virar a cara ou rir, vence o desafio.
- Variação: repita até cada participante vencer três vezes.

Desafio dois

- Talento/ponto forte: matemática
- Duas/dois participantes colocam-se ao lado um(a) da/o outra/o, em frente a uma folha tapada, onde consta um cálculo matemático (Ver anexo 9: Cálculo). Quando a folha é destapada, as/os participantes deverão calcular e responder assim que possível. A primeira pessoa a dizer a resposta em voz alta, vence.

Desafio três

- Talento/ponto forte: coordenação motora precisa
- Construa uma casa feita de cartas, com três níveis. A /o primeira/o participante a construir uma casa que permaneça de pé durante cinco segundos, vence.

Desafio quatro

- Talento/ponto forte: atenção
- Duas/dois participantes colocam-se, cada um(a), em frente a duas folhas tapadas, as quais contêm várias imagens (Ver anexo 10: Imagens). As folhas são destapadas durante 10 segundos, após os quais a/o participante mais nova/o (A) poderá dizer o que viu: a/o participante A indica uma coisa, depois a/o participante B, e assim por diante, alternando até que um(a) das/os participantes se engane ou hesite durante muito tempo. Quem acertar mais vezes consecutivas, vence o desafio.

Desafio cinco

- Talento/ ponto forte: força física e reações rápidas
- Crocodilo – luta: duas/dois participantes colocam-se em frente um(a) da/o outra/o, apoiando-se nas mãos e nas pontas dos pés, com o corpo esticado e os pés à largura dos ombros. Os pés ficam imóveis durante o desafio. Após o sinal de início, tentarão tocar na mão da/o oponente, tentando também evitar que esta/e lhe toque, afastando a mão. Cada vez que uma mão de apoio é tocada, ou um(a) participante toca no chão com uma parte do corpo que não as mãos ou os pés, é contabilizado um ponto. Após cada ponto contabilizado, o desafio repete-se assim que é dado o sinal de início. O desafio dura até aos três pontos.
- Variação: se o pavimento for seguro para quedas, permita que as/os participantes agarrem e puxem as mãos da/o oponente até esta/e perder o equilíbrio.

Suportes de atividade 1: **Desafios**

Desafio seis

- Talento/ponte forte: competências de cozinha
- Descasque uma maçã de forma retirar dela uma casca tão longa quanto possível. A/o participante que tiver a casca de maçã mais longa, vence.

Desafio sete

- Talento/ponto forte: musicalidade
- Um(a) participante voluntária/o adicional (que não compete no desafio) entoa o refrão de uma canção popular, as/os duas/dois participantes no desafio adivinham o título e intérprete da canção. A primeira pessoa que acertar, vence o desafio.
- Variações:
  - Tocar a música com um kazoo.
  - Tocar (o refrão de) uma canção popular. As/os duas/dois participantes terão cinco minutos cada para preparar uma forma criativa de utilizar a canção. Por exemplo entoar a canção, tocar percussão numa mesa ou outro material, fazer uma dança, gargarejar a canção, envolver outras pessoas… Enquanto a/o primeira/o participante atua, a/o outra/o aguarda de fora. Após as duas atuações, o grupo vota para decidir quem foi mais creativa/o.
- Dicas para a/o facilitador(a): permita que as/os participantes escolham a canção, recorra à/ao participante musical para tocar a canção.

Desafio oito

- Talento/ponto forte: força e persistência.
- Braço de ferro: a/o melhor ao fim de três rondas, vence.

Desafio nove

- Talento/ponto forte: controlo físico.
- Lançamento de bola de ping-pong: cada participante coloca-se num lado da mesa, com um copo contendo um pouco de água à sua frente. As/os participantes tentam, alternadamente, lançar a bola para dentro do copo que está no lado oposto, deixando-a saltar na mesa uma vez para que depois aterre e permaneça no copo. A/o primeira/o participante a conseguir fazê-lo, vence.

Desafio dez

- Talento: Velocidade
- Disponha aleatoriamente dez cartas numeradas (de 1 a 10) num círculo assinalado. Após o sinal de início, o cronómetro é ativado. A/o participante A terá então de tocar em cada carta de um a dez, a/o participante B terá de tocar cada carta de dez a um. Cada vez que uma carta é tocada, as/os participantes terão de sair e entrar no círculo para tocar na próxima. A/o participante que conseguir fazê-lo de forma mais rápida e sem enganos, vence. Por cada engano são adicionados dois segundos.

Ideias adicionais para desafios

- Talento: coordenação motora precisa e criatividade
- Croché/costura/utilize outra técnica para criar uma peça artística.
- Talento: uso dos *media*.
- Duas/dois participantes pegam num telefone (o seu próprio, ou um facultado pela/o formador ou formadora) e posicionam-se lado a lado, em frente a uma folha de papel tapada. Acedem ao ecrã de mensagens. Sob a folha de papel, encontra-se um texto curto. A folha é destapada e as/os participantes copiam o texto para o ecrã de mensagens. A/o formador(a) monitoriza o tempo entre as/os duas/dois participantes. As/os participantes deverão pousar os telefones quando acharem que estão prontas/os. A/o formador(a) verifica a ortografia. Por cada erro, é adicionado um segundo ao tempo dessa pessoa.
- Talento: autocontrolo e musicalidade
- Gargareje uma canção com água na boca.

Suportes de atividade 2: **Talentos e pontos fortes para os desafios**

Foco, concentração	Foco, concentração
Matemática	Matemática
Coordenação motora precisa	Coordenação motora precisa
Atenção	Atenção
Força física e reações rápidas	Força física e reações rápidas

Suportes de atividade 2: **Talentos e pontos fortes para os desafios**

Competências na cozinha	Competências na cozinha
Musicalidade	Musicalidade
Força e persistência	Força e persistência
Controlo físico	Controlo físico
Velocidade	Velocidade

Suportes de atividade 3: **Cálculo**

3x6

+5

-3

/2

=

Suportes de atividade 4: **Imagens**

1.2.2. QUARTETO DE TALENTOS E PONTOS FORTES

Objetivos

Esta atividade visa despertar as/os participantes para os seus próprios talentos e pontos fortes e desenvolver a sua autoestima e confiança. Elas/es deverão:

- **Refletir e ganhar consciência dos seus talentos e pontos fortes.**
- **Debater os seus talentos e pontos fortes.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

8-12 participantes.

Materiais

- **Ver suporte de atividade.**

Duração

Entre 30 e 40 minutos.

Preparação

- Espalhe as cartas dos talentos.
- Forme um círculo.

A Atividade

- As/os participantes pegam em cinco cartas de talentos e pontos fortes aleatórias. Dê sinal para que a atividade se inicie. As/os participantes começam todas/os por passar a carta de talentos que menos se lhes adequa para a pessoa à sua esquerda. Desta forma, as cartas são passadas várias vezes, sendo as mais adequadas mantidas e as menos adequadas passadas.
- Após as cartas serem passadas várias vezes, todas/os participantes poderão dispensar a carta que menos se lhes adequa, entre as cinco, mantendo quatro cartas, umas mais adequadas e outras menos. Este é o quarteto de talentos.

Avaliar a atividade

- Envolva-se no debate com as/os participantes de modo a explorar cada um dos seus talentos, pontos fortes e qualidades mais aprofundadamente. As/os participantes poderão mostrar o seu "quarteto de talentos" ao grupo ou escolher uma carta de talento que se lhes adeque e utilizá-la para se expressarem. Também poderão explicar porque não escolheram determinadas cartas.
- Poderá recorrer às seguintes questões para encorajar o debate:
  - *O teu quarteto de talentos é demonstrativo dos teus talentos, pontos fortes e qualidades?*
  - *Podes exemplificar como usas estes talentos?*

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Suportes de atividade: **Cartas de talentos e pontos fortes**

Tem garra	Poderosa/o	Bela/o
Bom sentido de humor	Fiel	Confiante
Ouvinte	Calma/o	Interessada/o
Cheia/o de imaginação	Cheia/o de ideias	Trabalhador(a)

Suportes de atividade: **Cartas de talentos e pontos fortes**

Admirável	Ágil	Mente Aberta
Engraçada/o	Persistente	Coopera-tiva/o
Honesta/o	Arrumada/o	Traça limites
Decisiva/o	Encontra soluções	Defende a sua posição

Suportes de atividade: **Cartas de talentos e pontos fortes**

Rigorosa/o	Paciente	Otimista
Adaptável	Indepen-dente	Desportiva/o
Protetor(a)	Consolador(a)	Acolhedor(a)
Planeador(a)	Delicada/o	Sensata/o

Suportes de atividade: **Cartas de talentos e pontos fortes**

Amigável	Forte	Curiosa/o
Exigente	Carinhosa/o	Rápida/o
Sensível	Generosa/o	Aberta/o
Feliz	Educada/o	Sonhador(a)

Suportes de atividade: **Cartas de talentos e pontos fortes**

Entusiasta	Criativa/o	Alegre
Amigável	Organizada/o	Esperta/o
Séria/o	Contente	Sociável
Modesta/o	Cuidadosa/o	Gosta de brincar

Suportes de atividade: **Cartas de talentos e pontos fortes**

Linda/o	Espontânea/o	Aventureira/o
Ambiciosa/o	Generosa/o	Curiosa/o
...	...	...
...	...	...

1.2.3. SILHUETAS

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Fazer com que as/os participantes se conheçam melhor a si próprias/os. Em particular, identificando os seus pontos fortes.**
- **Criar confiança e autoestima.**
- **Encorajar a liberdade de expressão.**

Público-alvo

12-15 anos.

Tamanho do grupo

8-16 participantes.

Materiais

- **Tinta, marcadores.**
- **Revistas, cola, tesouras.**
- **Uma folha grande de papel por cada participante ou um rolo de papel branco (o papel deve corresponder à altura da/o participante).**

Duração

1 hora.

Preparação

- Convide as /os participantes a formarem pares.
- Providencie a cada par uma folha grande de papel, tinta, marcadores, revistas, cola e tesouras.
- Em pares, um(a) das/os participantes estende-se no papel e a/o outra/o desenha a sua silhueta, e vice-versa (se a folha de papel não for suficientemente larga, desenhe a silhueta em várias folhas).

A Atividade

- Peça às/aos participantes para desenharem ou escreverem exemplos dos seus conhecimentos, competências, pontos fortes e qualidades pessoais na silhueta, relacionados com cada parte do corpo (por exemplo, com as minhas mãos eu consigo… com o meu coração, com a minha cabeça). As/os participantes também podem recortar imagens das revistas e colá-las no papel de modo a representarem essas qualidades.
- Quando as/os participantes terminarem a tarefa, encoraje todas/os a mostrar a sua silhueta completa ao grupo e a explicar o que desenharam/colaram no papel.

Avaliar a atividade

Inicie um debate sobre o conceito de competências e talentos; tente realçar a importância da autovalorizarão e como ela pode ajudar a encontrar o seu lugar num ambiente social.

Variações

- As silhuetas podem ser apresentadas primeiro em grupos de dois e depois a todo o grupo.
- Em alternativa, as/os participantes poderão apresentar a silhueta da/o sua/seu parceira/o. Esta variação poderá fazer com que participantes modestas/os se sintam mais confortáveis em participar.
- As silhuetas podem ser expostas na sala.
- Se o tempo ou papel forem limitados, as silhuetas poderão representar apenas a metade superior do corpo, por exemplo face/ombros.

Fonte

Université de Paix ASBL, *De la prévention à la gestion positive des conflits. Jeux de coopération*, Namur, www.universitedepaix.org/pdf/jeuxdecooperation.pdf

1.3. Desejos e necessidades

Os obstáculos que enfrentamos podem ser causados por diversos fatores: medo de estar errada/o, medo de não agradar a todas as pessoas... mas muitas/os peritas/os concordam que as pessoas que não conseguem tomar decisões facilmente poderão ter falta de autoconfiança. Isto poderá fazer com que não escutemos os nossos desejos e necessidades. As pessoas jovens em particular arriscam-se a ser influenciadas pelos desejos das outras, e a não seguirem os seus próprios.

As atividades que se seguem possibilitarão às/aos participantes trabalhar sobre afirmações traiçoeiras, tais como 'Eu quero… Eu não quero', 'Eu gosto… Eu não gosto', de modo a formular objetivos para si próprias/os.

1.3.1. OS MEUS GOSTOS E *HOBBIES*

Objetivos

O objetivo desta atividade é ajudar as/os participantes a terem um conhecimento mais aprofundado dos seus próprios objetivos e necessidades e a melhorarem a sua autoestima. Os objetivos incluem:

- **Ganhar consciência dos seus próprios gostos e *hobbies*.**
- **Partilhar e descobrir os talentos, *hobbies* e necessidades das outras pessoas.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

8-16 participantes.

Materiais

- **Papel e canetas.**
- **Cartão espesso ou uma tábua.**

Duração

1,5-2 horas, dependendo do tamanho do grupo e opções escolhidas.

A Atividade

Esta atividade é composta por três partes. Para começar, dê a cada participante papel e uma caneta.

Parte 1

- Cada participante tira um momento para pensar e depois aponta os seus gostos no que respeita aos cinco sentidos: o que mais gostam de ouvir, ver, tocar, cheirar e saborear.
- Após todas/os as/os participantes registarem as suas respostas, todas/os expõem o seu pensamento ao grupo. Também pode ser dado *feedback* através de um(a) porta-voz nomeada/o.
- Se a segunda opção for escolhida, peça às/aos participantes para formarem pares. Um a um, cada par apresenta as respostas à/ao sua/seu parceira/o. Reúnam-se novamente, num grupo maior, e peça a cada participante para apresentar as opiniões da/o sua/seu parceira/o. Esta opção é particularmente útil se as/os participantes se sentirem desconfortáveis em expressar os seus próprios gostos a todo o grupo.
- Finalmente, promova um debate sobre o que as/os participantes sentem que poderão retirar do exercício.

Parte 2

- Cada participante apresenta a sua paixão ou o seu *hobbie* favorito ao grupo, incluindo detalhes tais como no que consiste, onde tem lugar, com quem e durante quanto tempo, etc.
- Depois classificam cada atividade por tema colocando-as em colunas, tal como no exemplo em baixo:

DESPORTO	MÚSICA	CIÊNCIA	TECNOLOGIA	NATUREZA	ARTESANATO	LITERATURA	…

- Cada caixa sombreada corresponde a um(a) participante específico(a). Poderá acrescentar o nome de cada participante e o tipo específico de atividade (futebol, ténis, violino, *jazz*, etc.) ao quadro. Os temas não são de todo pormenorizados e poderão ser adicionados mais.
- O grupo poderá então analisar o exercício identificando o valor de cada atividade e de que forma estes diferentes interesses poderão unir mais as/os participantes.

Parte 3

- Após registar todos os "talentos" do grupo (Parte 2), prossiga e pense sobre a forma como partilhar estas paixões e o conhecimento por trás delas.
- Peça às/aos participantes que reflitam sobre o tema seguinte e depois registem as suas ideias numa folha de papel: *"Se eu tivesse que apresentar uma das minhas atividades favoritas a outras pessoas ou se tivesse que iniciar esta atividade com elas/es, como o faria?"*.
- Por outro lado, peça a cada pessoa para explicar as suas ideias. Posteriormente, dê às/aos participantes um curto período de tempo para reagirem e expressarem os seus comentários e sugestões.
- Com base nas ideias expressas, questione se alguém gostaria de saber mais sobre as diferentes atividades e interesses das/os outras/os participantes.

Dicas

Evite que as/os participantes expressem quaisquer juízos sobre os gostos, paixões ou interesses das outras pessoas. A duração do discurso deverá também ser partilhada igualmente entre as/os participantes.

Variação

Se o grupo se reunir de novo para outra atividade, poderá solicitar às/aos participantes que preparem uma apresentação de quinze minutos partilhando o seu talento ou paixão com as outras pessoas.

Fonte

La Coordination pour l'éducation à la non-violence et à la paix, Commission éducation, *L'apprentissage de l'estime de soi. Treize fiches pédagogiques pour l'éducation à la non-violence et à la paix*, Paris, 2009.

Para mais informação, dirija-se a:

secretariat@education-nvp.org.

1.3.2. UM OBJETIVO POSITIVO

Objetivos

O objetivo desta atividade é possibilitar que as/os participantes:

- **Se conheçam melhor a si próprias/os.**
- **Fomentem a sua autoconfiança e autoestima.**
- **Sejam ajudados a criar as suas próprias ideias.**
- **Identifiquem os seus talentos e falem sobre eles.**
- **Formulem um objetivo positivo para si próprias/os, o apresentem e reflitam sobre como atingi-lo.**
- **Interajam com as/os outras/os participantes.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

6-12 participantes.

Materiais

- **Pedaços de madeira (preferencialmente pinho, 20x10 cm por exemplo).**
- **Marcadores.**
- **Papel.**

Duração

1-2 horas, a duração pode ser flexível dependendo da forma como a atividade for conduzida.

Preparação

- Forme um círculo com espaço suficiente para as/os participantes se sentirem confortáveis.
- Entregue depois às/aos participantes um pedaço de madeira e um marcador.

A atividade

Parte 1

- São dados alguns minutos às/aos participantes para pensarem em algo positivo que pretendam alcançar, um objetivo que desejam perseguir, um talento ou ponto forte que queiram desenvolver, e assim por diante.
- Na parte superior da madeira, as/os participantes escrevem/desenham/simbolizam esse objetivo com um marcador. Na parte inferior, escrevem os seus nomes, deixando espaço suficiente para escrever mais coisas.
- Reúna as/os participantes para que se envolvam num debate, coloque questões tais como:
  - *Consegues partilhar com o grupo qual é o teu objetivo positivo?*
  - *Quão fácil ou difícil é pensar em atingir um objetivo pessoal?*
  - *Até que ponto queres atingir esse objetivo?*
  - *Quão convencida/o estás de que irás atingir esse objetivo?*
- Se algumas das pessoas participantes tiverem dificuldade em clarificar o seu objetivo positivo, convide-as a usar mais detalhes para pensarem nele. Isto pode ser feito de forma simples, respondendo a questões como: *o que é que eu quero? Com o que sonho?*

Parte 2

- Individualmente, ou em grupos de dois, convide as/os participantes a refletirem sobre as condições que as/os ajudariam a alcançar o seu objetivo positivo. Para o fazerem, poderão responder às seguintes questões numa folha de papel:
  - *Como posso tornar este objetivo realista?*
  - *É um objetivo viável ou devo trocar o meu objetivo positivo por um objetivo fiável?*
  - *O que devo fazer para alcançar este objetivo?*
  - *O que devo fazer antes de estar apta/o para alcançar este objetivo?*
  - *Que passos podem ser definidos para que seja mais fácil alcançar o objetivo?*
  - *Que obstáculos podem surgir para desafiar a minha motivação e possivelmente alterar o meu caminho?*

As respostas a estas questões permitirão às/aos participantes desenvolver um plano para atingirem o seu objetivo positivo.

Avaliar a atividade

Peça às/aos participantes que se reúnam para analisarem o conteúdo do exercício. Deverá ajudar a iniciar o debate colocando as seguintes questões:

- *Ainda estás convencida/o de que conseguirás alcançar o objetivo positivo que definiste?*
- *Esse objetivo é realista?*
- *O que precisas para ser confiante?*
- *Que passos necessitas seguir para alcançar esse objetivo?*
- *O que te poderia ajudar a alcançar esse objetivo?*
- *Que obstáculos poderão surgir ao tentar alcançar esse objetivo?*
- *De que forma poderás superar esses obstáculos?*
- *Existe alguma formação ou programa de estudo que te possa ajudar a alcançar esse objetivo?*

Dicas

Se as/os participantes considerarem difícil pensar sobre o que escrever no pedaço de madeira:

- Poderá recorrer às suas próprias experiências com a pessoa participante (se a conhecer suficientemente bem).
- Se as/os participantes se conhecerem bem, considere perguntar se o grupo pode ajudar a definir um objetivo positivo.
- Se for este o caminho escolhido certifique-se de que o objetivo positivo continua a ser algo que a pessoa participante formulou e considera importante.

Durante a atividade, as/os participantes podem escolher acrescentar novos desafios ou substituí-los no pedaço de madeira.

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

1.3.3. EU GOSTO, EU NÃO GOSTO: ATIVIDADE DE LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

Objetivos

Esta atividade procura encorajar as/os participantes a falarem sobre aquilo de que gostam e não gostam, diante de um grupo. Os objetivos incluem:

- **Descobrir mais sobre si própria/o e sobre as pessoas ao seu redor.**
- **Aumentar a confiança das/os participantes quando falam para um grupo.**
- **Exercitar as capacidades de escuta, sem abrir necessariamente o debate.**
- **Aprender a escutar e respeitar os pensamentos e opiniões das outras pessoas.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

15-25 participantes.

Materiais

- **Um conjunto de cerca de 30 fotografias diferentes, com 5 ou 6 cópias de cada.**

Duração

1 hora.

Uma nota sobre o método

Jacques Nimier, um psicólogo e professor francês (1929-2014), define o processo de Linguagem Fotográfica da seguinte forma: "A fotografia é um objeto de projeção. Ou seja, a pessoa que escolhe a fotografia irá – ao focar-se em determinados detalhes – atribuir propriedades a essa imagem, as quais na realidade são apenas específicas para essa pessoa. De certo modo, a fotografia irá tornar-se uma extensão da pessoa; mantendo-se ainda assim como um objeto separado de si. É este processo que permite à pessoa "dar a entender", isto é, falar sobre si enquanto fala sobre a fotografia. A fotografia é a pessoa, mas simultaneamente não é a pessoa. Este processo irá facilitar a partilha até ao ponto em que cada pessoa consegue falar sobre si escondendo-se atrás da fotografia."

Referência

Alain Baptiste, Claire Belisle, Jean-Marie Pechenart, Claudine Vacheret, *Photolangage – Une méthode pour communiquer en groupe par la photo*, éd. Organisations Éditions, Paris, 1991.

Preparação

- Recomendamos que as/os participantes construam a sua própria linguagem fotográfica, reunindo fotografias recortadas de várias revistas. Por exemplo, fotografias de viagens, fotografias artísticas e fotografias de catálogos.
- Após reunirem as fotografias deverão colá-las em pedaços de cartão.
- No lado oposto do cartão, deverão numerar cada uma das imagens. Mantenham a legenda de cada fotografia separada, mas pronta para ser anexada a cada imagem caso se verifique necessário durante o debate. Esta legenda poderá incluir detalhes como a localização, a data, a autoria e a origem.

- Tentem não escolher fotografias de eventos muito recentes; isto poderia orientar o debate para factos reais em vez de questões específicas.
- Se possível, peça a todas as pessoas que entreguem uma ou mais fotografias com antecedência. Isto permitirá que haja um conjunto variado de fotografias sobre o mesmo tema, ou um conjunto diversificado de fotos sobre temas diferentes.
- Reúna pelo menos quatro ou cinco fotografias por participante e se possível tenha várias cópias de cada.
- Disponha as fotografias numa mesa de modo a que cada série esteja claramente visível (sobreponha os cartões da mesma série).
- Convide as/os participantes a familiarizarem-se com as fotografias no início da atividade.
- Cada participante será convidada/o a escolher duas imagens da mesa:
  - *Uma representativa de algo de que gostam e que as/os faz sentir positivas/os…*
  - *Uma representativa de algo de que não gostam e que as/os faz sentir negativas/os…*
- A mesa onde as fotografias estão dispostas terá de estar completamente desobstruída para que as/os participantes se possam mover livremente e assimilar todas as fotografias. Quanto mais espaço houver entre cada fotografia melhor.

A Atividade

- Assegure-se que existe um ambiente calmo e silencioso para a atividade.
- Convide cada participante a escolher duas fotografias. (Se as pessoas participantes forem muitas, convide-as a juntarem-se em redor da mesa em pequenos grupos de cinco ou seis pessoas).
- Após todas/os fazerem as suas escolhas, peça para regressarem aos seus lugares. Assegure-se de que não mostram as suas fotografias a nenhum(a) outra/o participante.
- Comece por pedir a todas as pessoas, sem seguir nenhuma ordem em particular, que mostrem o cartão de que não gostaram a todo o grupo. Cada participante deverá então falar sobre o que representa para si e porque lhe transmite um sentimento negativo. Assegure-se de que todas as pessoas conseguem falar livremente sobre a sua escolha de fotografia sem serem interrompidas e, acima de tudo, sem serem criticadas ou julgadas.
- Posteriormente, convide as/os participantes a fazerem o mesmo com a foto de que gostaram, identificarem-na, explicarem as razões para a sua escolha e por que motivo as/os faz sentir felizes.

Avaliar a atividade

- Após todas/os as/os participantes terem falado, deverão reservar algum tempo para refletir sobre o exercício, incluindo sobre o que sentiram e o que aprenderam sobre si próprias/os e sobre as/os outras/os participantes no decorrer da atividade. Mais uma vez, assegure-se de que todas as pessoas conseguem falar livremente sem interrupção.
- É possível que as/os participantes escolham a mesma imagem e tenham reações semelhantes ou opostas, e assim aprendam a respeitar as diferenças ou descubram afinidades que desconheciam.
- Poderá colocar questões para ajudar a avaliar o exercício, como por exemplo:
  - *Sentes que te escutaram/compreenderam: o que é que isto te permitiu constatar?*
  - *Que partes do debate te interessaram em particular?*
  - *Sentes que escutaste durante o debate, sem interromper?*
  - *Houve fotografias que não foram escolhidas no decorrer da atividade?*
  - *Como descreverias a tua experiência nesta atividade?*
  - *Escolheste a mesma fotografia que outra pessoa? O que aconteceu e como te sentiste acerca disso?*

Dicas

Foque-se no enquadramento do debate pedindo a todas/os as/os participantes que se expressem com base nas suas próprias experiências, evitando generalizações. É importante que não tire notas, e evite quaisquer juízos. Deverá assegurar que as/os participantes não se interrompem.

Fonte

La Coordination pour l'éducation à la non-violence et à la paix, Commission éducation, *L'apprentissage de l'estime de soi. Treize fiches pédagogiques pour l'éducation à la non-violence et à la paix*, Paris, 2009.

Para mais informação, dirija-se a:

secretariat@education-nvp.org.

1.3.4. AUTORRETRATO

Objetivos

O propósito desta atividade é possibilitar que as pessoas participantes se conheçam melhor a si próprias e que se projetem no futuro. Os objetivos incluem:

- **Desvendar detalhes sobre a personalidade das/os participantes, de forma imaginativa.**
- **Convidar as/os participantes a examinarem quais os aspetos da sua personalidade que consideram particularmente importantes.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

6-12 participantes.

Materiais

- **Folhas de papel grandes (uma por participante).**
- **Caneta, lápis de cor, tesoura.**
- **Um grande número de revistas/jornais que contenham fotografias (pode ser pedido às/aos participantes que os tragam).**
- **Tubos de cola.**

Duração

1 hora.

Preparação

- Dê a cada participante uma folha de papel grande. Distribua o material (revistas, jornais, etc.).

A Atividade

- Utilizando as fotografias, desenhos, letras, extratos de textos, peça a cada participante para criar uma colagem pessoal cobrindo a folha de papel. Esta colagem poderá expressar ou simbolizar:
  - Quem são e como se veem
  - Aquilo de que gostam e de que não gostam
  - Conhecimento ou talentos
  - Coisas que são importantes nas suas vidas
  - Esperanças e sonhos
  - Como veem o futuro, etc.
- Coloque as colagens em exibição na sala. Por cada peça, permita que a/o autor(a) reaja a quaisquer comentários do grupo.

Dicas

Certifique-se de que as/os participantes não julgam, permita apenas que expressem comentários, questões e sentimentos.

Fonte

La Coordination pour l'éducation à la non-violence et à la paix, Commission éducation, *L'apprentissage de l'estime de soi. Treize fiches pédagogiques pour l'éducation à la non-violence et à la paix*, Paris, 2009.

Para mais informação, dirija-se a:

secretariat@education-nvp.org.

Secção 2.

DIVERSIDADE E VIDA EM CONJUNTO

De que forma abordamos questões como a diversidade e a vida em conjunto, e em que aspeto são relevantes para o nosso trabalho de prevenção do extremismo violento?

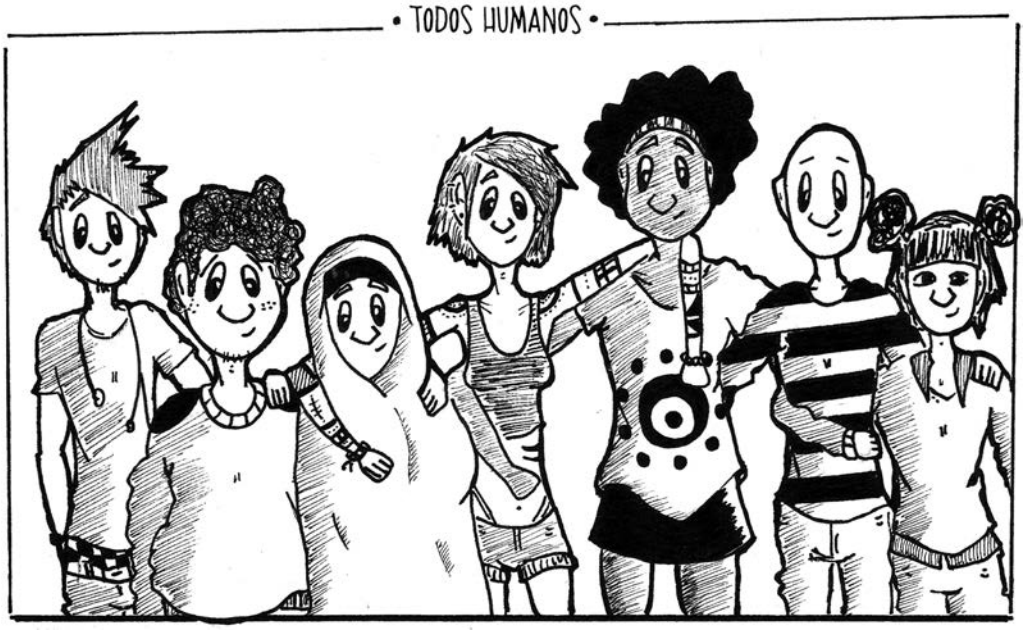
É claro que estas duas questões são reflexos da nossa sociedade quando consideradas no seu conjunto. Em muitos casos, a diversidade sociocultural é prejudicada por normas sociológicas e económicas estabelecidas, que podem explicar as divisões na sociedade. Podemos observar a homogeneização de certas populações em determinados territórios como resultado disso.

De facto, é possível considerar o extremismo violento como uma luta radical contra a diversidade numa determinada sociedade: um grupo representativo de uma ideologia específica tem dificuldades em se reconhecer nesta diversidade e, consequentemente, começa a sentir-se 'atacado', ou não reconhecido, e trabalha para eliminar a sociedade. Frequentemente, este sentimento de rejeição que o indivíduo radicalizado experiencia é acompanhado de uma necessidade intrínseca de pertencer a um grupo.

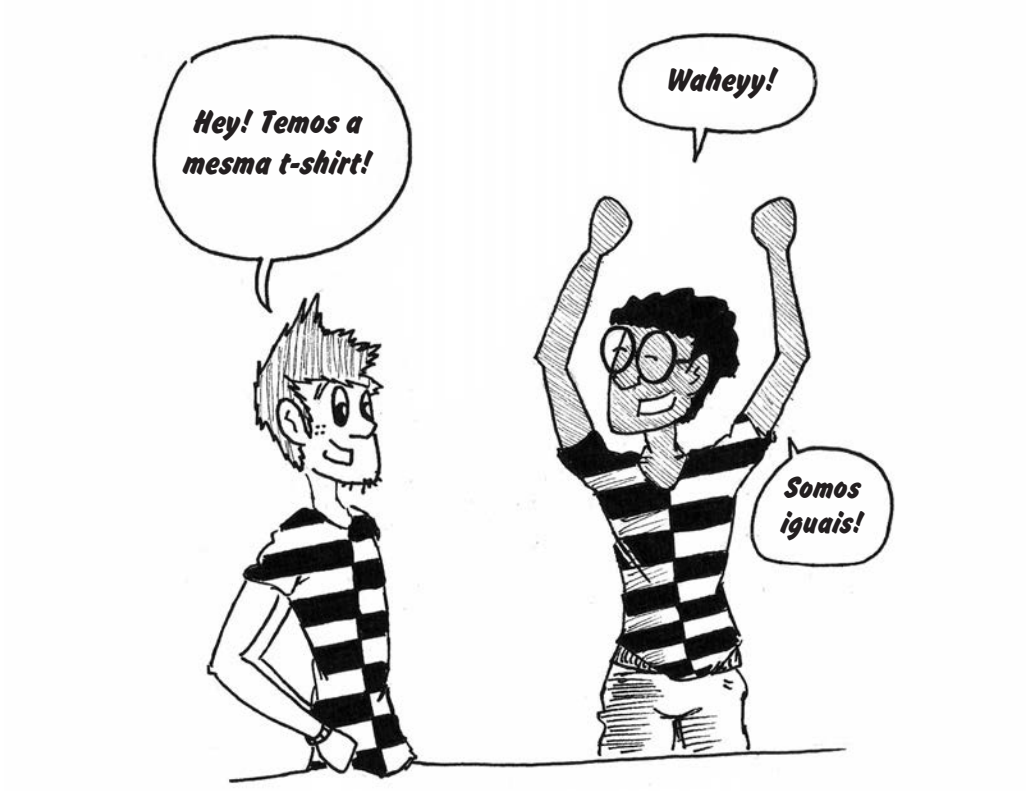
É importante fornecer ao público em geral as ferramentas necessárias para compreender e as competências para ultrapassar estes sentimentos de rejeição e reconhecer o benefício da vida em conjunto numa sociedade diversa. Ao reforçar a nossa capacidade de aceitar a diversidade, colocamo-nos em melhor posição para trabalhar no sentido de prevenir o extremismo.

Também é necessário insistir numa abordagem educativa a esta tarefa; todas as pessoas incorporam naturalmente elementos da diversidade que as rodeia na sua identidade. Estar consciente desta 'multiplicidade interna' (a visão de que o 'eu' é composto de múltiplas partes) é um verdadeiro recurso e certamente ajuda a contribuir para a vida em conjunto de forma positiva.

Esta secção do manual providencia ferramentas que nos encorajam a 'conhecer a/o outra/o', que por vezes é muito parecida/o connosco, embora consigamos ver diferenças à primeira vista… As atividades sugeridas permitem-nos compreender melhor os processos que originam os estereótipos e a discriminação de forma a ultrapassar sentimentos de rejeição passados e abraçar a interculturalidade e o valor acrescentado que ela traz.


• TODOS HUMANOS •

2.1. Conhecendo pessoas diferentes de nós: valorizar as semelhanças e as diferenças



Quanto me tornei consciente da minha própria identidade, consegui reconhecer que somos todas/os individuais, consegui reconhecer as nossas diferenças, mas também as nossas semelhanças.

As seguintes atividades ajudam a entender o nosso comportamento no que diz respeito a estereótipos, para que possamos ultrapassar questões que nos impedem de conhecer e compreender verdadeiramente as outras pessoas, e aceitar as suas semelhanças e diferenças... as suas identidades.

2.1.1. LIGAÇÕES

Objetivos

Esta atividade pretende:

- **Ajudar a criar ligações entre as pessoas.**
- **Demonstrar às/aos participantes como interagir, especialmente no que diz respeito à partilha de semelhanças e diferenças, e à criação de ligações com outras pessoas.**

Público-alvo

A partir dos 12 anos.

Tamanho do grupo

Mínimo de 5 participantes.

Materiais

- **Cadeiras: uma a menos do que o número de participantes.**

Tempo

20-30 minutos.

A Atividade

Disponha em círculo uma cadeira a menos do que o número de participantes.

Convide as/os participantes a escolherem um lugar, e peça a um participante (A) que se posicione de pé no meio. Peça a essa/e participante para dizer algo sobre si: uma característica, um *hobby*, um talento, um gosto, etc. Se alguém no grupo partilhar esta característica, então essas pessoas também se deverão levantar. Entre estas pessoas, uma delas deverá ceder a sua cadeira à/ao participante A e, por sua vez, dizer algo sobre si. Este processo pode repetir-se. Se ninguém se levantar, convide a pessoa que está no meio a dizer algo mais.

Avaliar a atividade

Recorra às seguintes questões para gerar o debate:

- *Verificaste que tinhas muitas ou poucas semelhanças com as/os outras/os participantes? Que influência teve este facto no modo como te sentiste durante a atividade? Consideras importante ter semelhanças com as outras pessoas?*
- *Que semelhanças ou ligações descobriste que partilhas com as outras pessoas do grupo?*
- *Verificou-se a existência de elementos bastante 'únicos' no grupo, em que ninguém se levantou? Ou aspetos em que as pessoas se deveriam ter levantado, mas não o fizeram?*
- *Tens alguma experiência pessoal que te tenha permitido descobrir semelhanças ou ligações com outras pessoas? Tendes a focar-te nas semelhanças ou diferenças quando conheces uma pessoa nova?*
- *Que semelhanças ou ligações consideras superficiais?*
- *Que semelhanças estão associadas aos teus valores ou a coisas importantes?*
- *Como seria o mundo se todas as pessoas fossem iguais? Como seria se todas/os fossem diferentes?*

Dicas

Trate as/os participantes de forma igual, quer tenham muitas semelhanças ou não. Se tiverem dificuldades a encontrar frases, poderá recorrer às seguintes sugestões para ajudar:

Sou um(a) rapaz/rapariga	*A cor do meu cabelo é…*
O clube que apoio é…	*Sou boa/bom a/em…*
Eu gosto de…	*Eu sou um(a)…*
Eu tenho um(a)…	*Eu gosto de comer…*
Uma vez aconteceu-me…	*Eu gosto de ouvir/ver…*
Eu habitualmente vou…	*Eu tenho… anos*
Eu tenho… irmãos e irmãs	*Eu tenho um animal de estimação…*
Eu costumo dormir… horas por noite	*Eu não atiro lixo para o chão*
Eu prefiro estar sozinha/o / em grupo	*Eu não fumo*
Eu sou vegetariana/o	*Eu rezo regularmente*
Eu gosto de passar tempo ao ar livre	

Variações

- Cada vez que as/os participantes trocam de lugar, registe quaisquer ligações/semelhanças expressas numa folha de papel, com os nomes em diferentes cores. Isto poderá tornar-se uma espécie de teia de aranha em que todas/os as/os participantes estão ligadas/os (um sociograma).
- Em vez de colocar uma pessoa no meio, convide cada participante, à vez, a sentar-se numa cadeira e a dizer algo sobre si. Se outras pessoas tiverem a mesma característica, poderão sentar-se no joelho da/o 'jogador(a)' atual. Posteriormente, convide outra/o participante a dizer algo sobre si. Se a/o primeira/o participante tiver de se deslocar, então quem estiver sentado no seu joelho também terá de o fazer.
- Finalmente, peça às/aos participantes que se reúnam em pequenos grupos. Nesse grupo, terão dois minutos para escrever o máximo de semelhanças e ligações possíveis. Também poderão escrever algo mais específico (por exemplo, descobrirem um prato que todas as pessoas adoram).

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

2.1.2. ADIVINHA QUEM VEM JANTAR

Objetivos

Esta atividade pretende:

- **Analisar as mensagens transmitidas pelas nossas famílias relativamente a pessoas com uma origem cultural ou social diferente.**
- **Analisar os valores por trás dessas mensagens.**
- **Consciencializar sobre o papel da família na transmissão dos valores da sociedade.**

Público-alvo

14-18 anos

Tamanho do grupo

15-25 participantes.

Material

- **Cópias das cartas dos papéis (suporte de atividade).**
- **Papel e canetas.**

Duração

45 minutos.

Preparação

- Faça uma cópia das cartas das personagens para as/os quatro intérpretes.
- Prepare o papel e as canetas para as/os quatro observadoras/es.

A Atividade

- Explique ao grupo que se trata de uma encenação para explorar o papel da família na transmissão de ideias sobre pessoas que pertencem a outras origens sociais ou culturais.
- Peça a quatro voluntárias/os para interpretarem as personagens (preferencialmente dois de cada sexo) e a outras/os quatro para serem observadoras/es especiais. As restantes pessoas do grupo serão observadoras/es gerais.
- Indique a cada observador(a) especial para tomar atenção a um(a) das/os intérpretes e anotar todos os argumentos usados.
- Dê uma carta de personagem a cada um(a) das/os intérpretes e dê-lhes dois ou três minutos para entrar na personagem.
- Prepare a cena: coloque quatro cadeiras em semicírculo e explique a todas/os que se trata da sala de estar de uma casa e que vão observar uma discussão familiar. Dê um sinal como, por exemplo, bater as palmas, para dar início à encenação.
- Terá de decidir quanto tempo durará a encenação, dependendo do modo como esta se desenvolve. 15 minutos é uma duração adequada. Dê um sinal claro para indicar o fim.

Avaliar a atividade

Comece a avaliação perguntando às/aos intérpretes como se sentiram.

Posteriormente, pergunte a cada observador(a) que leia os argumentos usados por cada intérprete como forma de persuadir as/os outras/os intérpretes dos seus pontos de vista.

Prossiga com um debate geral com todas as pessoas. Poderá perguntar:

- *Os argumentos usados são semelhantes aos que já ouviram nas vossas famílias?*
- *Teria sido diferente se, em vez de ser negro, o namorado fosse da mesma cor da rapariga?*
- *As coisas teriam sido diferentes se, em vez de uma rapariga trazer o namorado a casa, fosse o rapaz a trazer uma namorada para sua casa?*
- *O que teria acontecido se a rapariga tivesse anunciado que tinha uma relação com outra rapariga?*
- *E se fosse o rapaz a apresentar o seu namorado?*
- *Acreditas que este tipo de conflito ainda é comum nos dias que correm ou é algo do passado?*
- *Esta situação já te aconteceu ou conheces alguém no teu bairro que tenha enfrentado um desafio semelhante?*

Dicas

A atividade é facilmente adaptável à realidade cultural e social das/os participantes. Se considerar as personagens demasiado normativas, ou pouco relacionadas com a sua realidade, poderá criar as suas próprias cartas de personagem, que devem representar um resumo de quatro atitudes comuns típicas das famílias da sua cultura.

Fonte

Conselho da Europa – Pack Educação "all different – all equal", Direção de Juventude e Desporto, Conselho da Europa, 2.ª edição, revisto em 2016. https://rm.coe.int/1680700aac, p. 88.

COUNCIL OF EUROPE

CONSEIL DE L'EUROPE

Suporte de atividade: **Cartas de personagens**

Carta 1: uma jovem mulher

Decidiste enfrentar a tua família e contar-lhe que pretendes viver com o teu namorado de cor negra. Começa a encenação. Anuncia à tua família que vais viver com o teu namorado, que é negro. Tenta defender a tua decisão e argumenta que vais tomar uma posição para combater o preconceito contra relações entre jovens e especialmente relações entre jovens de diferentes origens.

Carta 2: a mãe

A tua filha tem um namorado negro com quem tem uma relação muito próxima. Tu amas muito a tua filha, mas não compreendes como pôde ela fazer-te isto. Apoias o teu marido em tudo o que ele diz. Não ameaças a tua filha, em vez disso tendes a ficar triste devido à dor que ela te causa. Pensas que o namorado negro a irá abandonar e que ela vai sofrer muito.

Carta 3: irmão mais velho

A tua irmã tem um namorado negro com quem tem uma relação muito próxima. Por princípio tu não te preocupas se a tua irmã namora com um homem negro, e na verdade defendes o direito das pessoas serem livres nas suas relações. Contudo, quando a tua mãe diz que é provável que ele abandone a tua irmã começas a pensar que ele a poderá estar a usar. Demonstras a tua preocupação e queres proteger a tua irmã.

Carta 4: pai

A tua filha tem um namorado negro com quem está a desenvolver uma relação muito próxima. Tu és a autoridade na casa, e não aprovas a relação da tua filha. Representas a tendência moral dominante e preocupas-te com o que as pessoas dirão. Não te consideras racista mas o facto de a tua filha casar com um negro é algo diferente. Pensa num pai austero e argumenta como tal.

2.2. Estereótipos e preconceitos

É impossível escapar ao 'reflexo' do estereótipo e dos preconceitos, pela simples razão de que os nossos cérebros procuram referências familiares para preencher os espaços, o conteúdo é produzido automaticamente! Existe uma solução: percebe como funciona experimentando...

As seguintes atividades ajudam a entender o nosso comportamento no que diz respeito a estereótipos, para que possamos ultrapassar questões que nos impedem de conhecer e compreender verdadeiramente as outras pessoas, e aceitar as suas semelhanças e diferenças, as suas identidades.

2.2.1. ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÃO

Objetivos

Esta atividade pretende:

- **Evidenciar as diferenças entre preconceitos, estereótipos e discriminações.**
- **Encorajar a discussão e o debate em torno destes conceitos.**

Público-alvo

12-15 anos.

Tamanho do grupo

5-10 participantes.

Materiais

- **Três caixas, com os rótulos dos conceitos 'estereótipos', 'preconceitos' e 'discriminação, e uma quarta caixa, contendo 18 bolas (ou algo onde colocar as frases) que serão sorteadas.**
- **Seis bolas, cada uma contendo frases relativas ao preconceito; seis bolas relacionadas com estereótipos e seis relacionadas com a discriminação.**
- **Mesa e cadeiras.**

Duração

Cerca de 30 minutos.

Preparação

- Prepare as frases para colocar no interior das bolas.
- Disponha as três caixas (estereótipos, preconceitos e discriminações).
- Coloque a caixa que contém todas as bolas com as frases para serem classificadas em frente das três caixas de 'conceito'.

A Atividade

- Peça às/aos participantes que se posicionem de pé num semicírculo em frente a si.
- Cada participante irá retirar uma bola e ler a frase em voz alta.
- Posteriormente, peça às/aos participantes para colocarem cada frase na caixa que se relaciona melhor com o seu significado.
- Se um(a) participante tiver dificuldade em colocar a bola numa caixa, sugira que peçam ajuda às outras pessoas participantes.

Exemplos de frases:

Estereótipos:

- *Os homens são mais aventureiros do que as mulheres.*
- *As mulheres são mais sensíveis que os homens.*
- *Os homossexuais são efeminados.*
- *As mulheres não sabem conduzir.*
- *As pessoas muçulmanas são terroristas.*
- *As pessoas pobres são preguiçosas.*

Preconceitos:

- *As pessoas adultas são superiores às crianças.*

- *As pessoas ricas são superiores às pessoas pobres.*
- *Os homens são superiores às mulheres.*
- *Uma pessoa alta é mais forte que uma pessoa baixa.*
- *As pessoas jovens são delinquentes.*
- *As pessoas jovens são viciadas em droga.*

Discriminações

- *É recusada uma entrevista a uma mulher devido ao seu último nome.*
- *É recusada uma entrevista a uma mulher porque ela utiliza um véu.*
- *Um homem recusa-se a sentar ao lado de uma mulher devido à cor da sua pele.*
- *Um(a) trabalhador(a) (de origem estrangeira) é falsamente acusada/o na empresa onde trabalha.*
- *Um(a) senhoria/o impede uma mulher grávida de arrendar uma casa.*
- *Não é permitido a uma criança com incapacidade frequentar uma escola convencional.*
- *Durante o processo de recrutamento, é dada prioridade a pessoas com incapacidade (discriminação positiva).*

Fonte

Fédération de Centres d'Information et de Documentation pour Jeunes (CIDJ Belgique) et Infor Jeunes Bruxelles, 2017

Mais informações:

www.cidj.be e www.inforjeunesbruxelles.be

2.2.2. ESTEREÓTIPOS 1-2-3

Objetivos

Esta atividade pretende:

- **Definir o que é um estereótipo.**
- **Desenvolver um pensamento crítico em relação aos estereótipos.**
- **Destacar a importância deste tópico (catalogar, classificar e simplificar a realidade através de generalizações).**
- **Analisar os estereótipos como limitadores e restritivos (eles distorcem a realidade, provocam sentimentos positivos e negativos, para as pessoas que os encorajam e para aquelas que os recebem).**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

15-25 participantes.

Materiais

- **Uma coleção de fotografias representativas de países diferentes sob duas luzes diferentes, preparadas pela/o facilitador(a)**
- **Fotocópias do suporte de atividade, previsto para a Parte 2.**

Duração

Cerca de 2 horas.

Preparação

- Prepare uma coleção de fotografias representativas de países diferentes. Cada país deverá ser apresentado sob duas luzes diferentes, ou mesmo representações opostas (por exemplo, a visão pública do país contra a realidade escondida). É importante que qualquer informação escrita indicativa da localização seja removida.
- Também poderá pedir às/aos participantes que tragam algumas imagens consigo para trabalharem com elas.
- Utilize a letra A para representar imagens "positivas" e a letra B para imagens "negativas".

A Atividade

Parte 1: "O estereótipo, a representação da mente"

- Forme subgrupos de 3-5 participantes e distribua as fotografias A e B a cada grupo.
- A atividade decorrerá em formato de jogo. Os subgrupos deverão tentar adivinhar o país que as duas imagens representam (A e B).
- Peça a um(a) participante de cada grupo para apresentar a imagem A ao resto do grupo. Os restantes membros do grupo deverão tentar adivinhar os países representados, primeiro individualmente, depois escrevendo a resposta e finalmente enquanto parte do grupo. Posteriormente, outra/o participante deverá fazer o mesmo com a imagem B.
- Peça a todas as pessoas participantes que se juntem ao redor da mesa para olharem para as imagens e falarem sobre as questões que a atividade levantou.
- Peça a um(a) participante de cada grupo para explicar qual foi o palpite delas/es e porquê.

- Posteriormente, dê a resposta.
- Peça ao grupo que reflita sobre o conceito de estereótipos (eles ajudam-nos a entender o mundo mas também podem ser bastante restritivos). Poderá optar por olhar para o modo como as agências de viagens utilizam os estereótipos, por exemplo, a ideia de concretizar um sonho, a aventura, o exotismo, a descoberta ou uma mudança de cenário.
- Dependendo do grupo, é possível comparar as imagens com experiências de vida reais das/os participantes, caso tenham viajado, por exemplo, ou talvez vivido noutro país. Também poderá ser interessante sublinhar que vários estereótipos diferentes podem representar o mesmo país.
- Finalmente, peça ao grupo para criar uma definição para um estereótipo. Poderá ser apenas um esboço passível de adaptação com o decorrer da atividade.

Parte 2: "O estereótipo, positivo ou negativo?"

- Distribua a ficha com frases por completar (suporte de atividade). Cada participante deverá então completar o Ponto 1 individualmente.
- Em subgrupos de 4-5 participantes, peça às/aos participantes que reúnam o seu trabalho individual, apresentando uma síntese do que escreveram. Registe as reações dentro de cada subgrupo. Também poderá ser interessante prestar atenção ao balanço entre frases positivas e negativas, sendo que as últimas serão provavelmente mais frequentes.
- Peça às/aos participantes que se dividam em pares, assegurando que não existem pares com membros do mesmo subgrupo. Em pares, cada participante deverá escolher uma frase que tenha evocado alguma reação, positiva ou negativa. Permita aos pares que confrontem os pontos de vista uns dos outros.
- Trabalhe com o grupo inteiro novamente:
  - Olhando para as percentagens de cada grupo, considere o balanço entre positivo e negativo e a sua origem. Também poderá optar por abordar questões como a identidade e autoconfiança como parte da tarefa.
  - Mais uma vez, volte à definição do conceito de estereótipo, e encoraje uma reflexão crítica sobre o assunto.
- Enquanto grupo, avaliem a definição inicial e tentem perceber se algo deve ser alterado.

Parte 3: O estereótipo, uma visão do mundo limitada e fixa

- Pense em idiomas ou expressões fixas na sua própria língua ou em outras línguas. Se possível, tire partido da diversidade do grupo e amplie o seu alcance.
- Peça às/aos participantes que indiquem expressões idiomáticas estereotipadas relativas a nacionalidades diferentes, no seu idioma. Por exemplo, 'fuma como um Turco', que significa em alguns países que alguém fuma muito.
- Sublinhe que estas expressões têm o objetivo de funcionar como forma de exagero ou caricatura, em vez de relacionarem as pessoas com uma identidade geográfica específica.
- Realce que estas expressões podem habitualmente ser insensatas e que não pretendem representar qualquer verdade.
- Pergunte às/aos participantes se conhecem alguma expressão noutra língua que possa indicar uma representação completamente diferente – até oposta – da mesma nacionalidade.

- Finalmente, indique que estas expressões abrangem a maioria dos povos/países que se encontram a grande distância. As expressões categorizam uma certa realidade de forma a 'poupar tempo'. Aqui estão alguns exemplos, sinta-se livre para acrescentar outros do seu próprio contexto.
  - *Em Francês, 'sair à Inglesa' significa sair discretamente, e em Espanha dizem 'sair à Francesa'.*
  - *Para as/os Brasileiras/os, as/os Portuguesas/es têm falta de imaginação e astúcia. É o mesmo que as/os Belgas dizem sobre as/os Francesas/es e sobre as/os Holandesas/es ('*blagues belges*')*
  - *'Beber como toda a Polónia' significa em Francês o mesmo que 'coragem holandesa' em Inglês.*
  - *No Ruanda, chamam às pessoas 'mentirosas como alguém do Zaire…' e as/os Francesas/es dizem que as pessoas do Ruanda são astutas.*
- Também vale a pena observar que estes estereótipos apresentam um ponto de vista muito específico; nem todas as pessoas portuguesas se encaixam neste estereótipo e de igual forma, nem todas as pessoas do Brasil acreditam que este estereótipo seja verdade.

Variação

Tente encorajar o sentido de criatividade convidando as/os participantes a fazerem desenhos, colagens ou produções que demonstrem o lado negativo do estereótipo (por exemplo, restritivo, etiqueta, juízo, simplificação).

Fonte

Centre d'information et de documentation pour jeunes (CIDJ Belgique), *Racismes et discriminations*. *Fiches pédagogiques*, Bruxelles, 2006, www.cidj.be/wp-content/uploads/2014/01/animations.pdf

Suporte de atividade: **Ficha individual (para a Parte 2)**

1. Completa as seguintes frases:

- As pessoas belgas são _____
- As pessoas inglesas são _____
- As pessoas polacas são _____
- As pessoas espanholas são _____
- As pessoas francesas são _____
- As pessoas estrangeiras são _____
- As raparigas são _____
- Os rapazes são _____
- As pessoas operárias são _____
- As/os professoras/es são _____

2. (Exercício Oral) Escuta as ideias do resto do grupo:

Propostas:

_____

_____

3. Cálculos

	De um texto individual		Do grupo como um todo	
Número de termos positivos		%		%
Número de termos negativos		%		%

4. Como explicas este balanço entre termos positivos e negativos (no teu próprio texto/no grupo)?

_____

_____

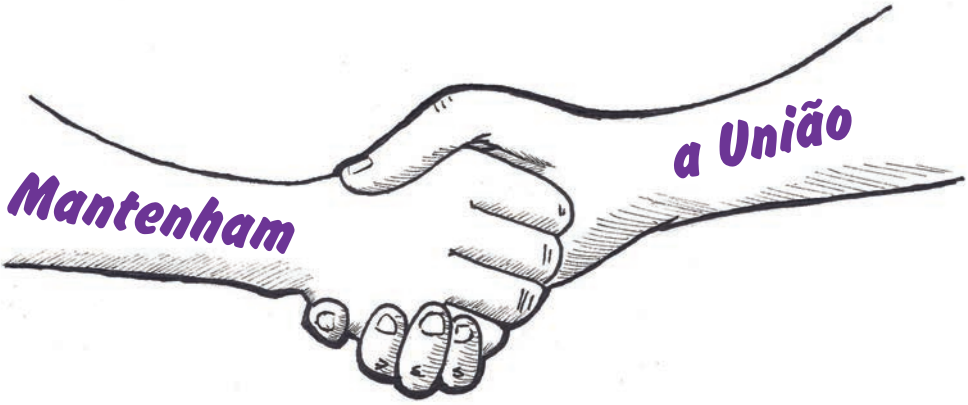
_____

5. Desejas rever a definição de 'estereótipo' que propuseste originalmente? Se assim o entenderes, que elementos devem ser modificados? O que gostarias de acrescentar?

_____

_____

2.3. Discriminação



A discriminação – mais do que ser ilegal – marginaliza as pessoas, fazendo com que grupos de pessoas vulneráveis procurem novos espaços a que sentem que pertencem. Aí estão a apenas um passo de serem 'colhidas' por estruturas organizadas que praticam o extremismo violento e a perseguição. Uma vez mais, para prevenir que isto aconteça, devemos informar e promover a sensibilização para esta questão!

Nas páginas seguintes, encontrará atividades que invocarão informação anterior, dando maior sentido aos significados, ao permitirem que as pessoas participantes vivam a experiência da discriminação.

2.3.1. TRATA-TE BEM

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Analisar de que forma os sentimentos de discriminação e injustiça podem gerar emoções negativas.**
- **Criar um cenário no qual as/os participantes possam experienciar estas emoções.**
- **Experienciar e analisar as sensações físicas que estes sentimentos provocam.**
- **Aprender a gerir as emoções dentro de um grupo.**
- **Interagir ao nível dos sentimentos de exclusão, discriminação e tratamento injusto.**

Público-alvo

Todas as faixas etárias.

Tamanho do grupo

8-15 participantes.

Materiais

- **Guloseimas: pequenas recompensas (por exemplo: doces).**
- **Um *Sudoku* fácil (suporte de atividade 1).**
- **Um *Sudoku* difícil (suporte de atividade 2).**
- **Uma mesa e cadeiras para metade do grupo.**

Duração

Cerca de 45 minutos.

Preparação

Coloque uma mesa e cadeiras no meio da sala para metade do grupo.

A Atividade

- Forme um círculo.
- Marque metade das/os participantes (por exemplo com um símbolo na mão).
- Cada participante que não tiver marcada/o recebe uma guloseima, as/os restantes não. Se um(a) participante questionar porque não recebeu uma guloseima ou porque receberam as/os outras/os, ou se questionarem outras diferenças no tratamento entre os dois grupos, então a resposta será 'porque não tens nenhuma marca', ou 'porque as outras pessoas têm uma marca'.
- O grupo 'não marcado' poderá ocupar os lugares em redor da mesa e receberá um *Sudoku* em formato A3, o *Sudoku* fácil, assim como a explicação de como o resolver. Receberão uma guloseima e poderão começar a resolver o *Sudoku* imediatamente.
- Passado algum tempo, o grupo marcado recebe o outro *Sudoku,* o mais difícil, em formato A5, sem qualquer explicação. Não recebem nenhuma guloseima, e terão de encontrar lugares no chão na parte lateral da sala.
- O primeiro grupo que resolver o *Sudoku* e lhe der a solução recebe outra guloseima.

Avaliar a atividade

Coloque às/aos participantes as seguintes questões:

– *Foi uma experiência positiva ou negativa?*

- *Experienciaste emoções positivas ou negativas? A emoção que sentiste foi percetível no corpo? O que despoletou a emoção? Por que emoções passaste? Consegues nomeá-las? Como conseguiste ver as emoções das outras pessoas? Tiveste controlo sobre estas emoções?*
- *Como reages a emoções negativas (como a frustração, a exclusão ou a discriminação) em situações do quotidiano?*
- *Como agiram os dois grupos um para com o outro? Verificou-se alguma polarização? Tens experiências de polarização entre os grupos? As/os participantes podem partilhar as suas experiências de discriminação, estigmatização, racismo e falar sobre as emoções e reações que estas situações originam.*

Dicas

- O objetivo deste exercício é permitir que as/os participantes experienciem o tratamento desigual sem qualquer motivo ('porque tens uma marca ou porque não tens uma marca na tua mão').
- Tenha cautela para que a atividade não provoque quaisquer reações de irritação que possam ter um impacto na dinâmica do grupo. Se alguém tiver uma reação forte, relembre as regras básicas (respeito mútuo, escuta e empatia). Permita que todas as pessoas se expressem e se demonstrem compreensivas.

Variações

- O *Sudoku* pode ser substituído por uma atividade mais ativa (por exemplo, construir uma espécie de modelo com diferentes materiais e limitar a qualidade e quantidade para o grupo 'não marcado').
- Na eventualidade das/os participantes não reagirem à injustiça, ou não a levarem muito a sério (uma vez que já a/o conhecem e não a/o consideram credível como pessoa 'maldosa'), poderá solicitar a uma pessoa externa, um(a) perita/o, que lidere a atividade.
- Não necessita de usar marcadores para diferenciar os dois grupos, poderá usar outras características: esquerdinos/destros, olhos azuis/olhos castanhos… os dois grupos não necessitam ter o mesmo número de participantes. Se o grupo desfavorecido for a minoria, os sentimentos de injustiça serão mais fortes.

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Para mais informação

The 'Blue eyed, brown eyed' – exercise by Jane Elliott, www.janeelliott.com.

Suporte de atividade 1: **Um *sudoku* fácil**

		5	7	2	3		4	
	4	7			9	1	2	
	2			4				
	5		8	1	6			3
4		8	3		7		1	6
1			4	9	2		5	
					8		3	
9	3	4	5			8		2
	8		2	3		9	7	

Suporte de atividade 2: **Um *sudoku* difícil**

		5			3		4	
		7			9	1	2	
	2							
	5		8	1	6			3
4			3		7			6
1			4	9	2		5	
							3	
	3	4	5			8		
	8		2			9		

2.3.2. O CÍRCULO

Objetivos

Esta atividade visa possibilitar às pessoas participantes experienciarem uma situação social complicada e sentimentos de exclusão de modo a:

- **Analisarem de que forma as pessoas são excluídas e questionarem os princípios sob os quais excluímos pessoas diferentes.**
- **Tornarem-se conscientes do seu próprio comportamento (atitudes, emoções, reações) em situações sociais complicadas.**
- **Praticarem diferentes técnicas de gestão para situações sociais complicadas e tornarem-se conscientes de formas alternativas de gerir essas situações.**
- **Analisarem as formas através das quais as pessoas tentam ser aceites por um grupo.**
- **Reverem as condições necessárias para que uma pessoa se sinta 'à vontade' num contexto de grupo.**
- **Experienciarem pertencer a um grupo.**
- **Ganharem autoconfiança perante situações sociais complicadas.**

Público-alvo

A atividade requer um certo nível de maturidade, podendo ser arriscada com participantes que fiquem perturbadas/os facilmente. Recomendaríamos que as pessoas participantes tenham 16 anos ou mais.

Tamanho do grupo

Mínimo de 6 participantes.

Materiais

- **Papel e canetas.**

Duração

Aproximadamente 1 hora.

Competências/conhecimento necessários à/ao facilitador(a)

Competências de comunicação e uma compreensão da gestão de conflitos (ver Secção 3).

A Atividade

- Peça ao grupo para nomear uma "pessoa intrusa".
- Peça às restantes pessoas do grupo para formarem um círculo impenetrável.
- Explique ao grupo que a pessoa intrusa deverá tentar entrar no círculo, enquanto as restantes a tentam impedir.
- Passados aproximadamente dois ou três minutos, encoraje outra/o participante a desempenhar o papel da pessoa intrusa, independentemente de esta ter conseguido entrar no círculo.
- A atividade termina quanto todas as pessoas interessadas em entrar no círculo tenham feito uma tentativa.
- Convide as/os participantes a escreverem coisas que consideram necessárias para se sentirem à vontade e o que as/os faz sentirem-se desconfortáveis ou embaraçadas/os em situações sociais. Poderá começar por dar exemplos do que a/o faz sentir bem e desconfortável num grupo.
- Discussão: reúna todas/os as/os participantes para discutirem a atividade e como se sentiram.

- Poderá querer perguntar:
  - *Como te sentiste quando fizeste parte do círculo?*
  - *Como te sentiste quando eras uma pessoa intrusa?*
  - *Como se sentiram as pessoas que conseguiram entrar no círculo, em comparação com as que não conseguiram?*
  - *O que fizeram as pessoas intrusas para conseguirem entrar no círculo? Quais foram as estratégias mais eficazes?*
  - *Alguma pessoa intrusa pediu para entrar? Funcionou?*
  - *Que estratégias utilizaram as/os participantes pertencentes ao círculo para impedir a entrada?*
  - *Em que ponto as pessoas intrusas desistiram?*
  - *Houve participantes que ficassem surpreendidas/os com as suas ações? O que podemos aprender sobre o nosso próprio comportamento?*
  - *Existem situações do teu quotidiano em que gostarias de fazer parte de um grupo mas em que isso se revela difícil ou impossível? Como lidas com essa situação?*
  - *Existem situações do teu quotidiano em que te sentes encurralada/o fazendo parte de um grupo? Como lidas com esta situação?*
  - *Existem situações do teu quotidiano em que sentes que fazes parte de um grupo que exclui outras pessoas? Como lidas com esta situação?*

Variação

A ideia no coração desta atividade é de que respeitar as outras pessoas é mais fácil quando nós nos sentimos respeitadas/os e quando as nossas próprias necessidades, medos, defeitos e limitações são respeitados.
Uma forma de variar a atividade poderá ser nomeando duas pessoas intrusas: uma está fora do círculo e tenta entrar e a outra está dentro do círculo e tenta escapar…

Fontes

Conseil de l'Europe, *Tous différents — tous égaux. Kit pédagogique,* Centre européen de la jeunesse, Strasbourg, 1995.

Centre d'Information et de Documentation pour Jeunes (CIDJ Belgique), *Mes tissages de vie. Une réflexion sur les identités jeunes. Dossier pédagogique*, Bruxelles, 2005.

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be.

COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE

cidj info jeunesse

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

2.3.3. O BODE EXPIATÓRIO

Objetivos

Esta atividade pretende:

- **Analisar as diferentes formas como uma pessoa pode encarar uma situação (postura subjetiva/objetiva).**
- **Compreender o que um grupo defende tendo em conta as pessoas que decide excluir.**
- **Encontrar soluções para combater a exclusão, reproduzindo um cenário.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

15-20 participantes

Materiais

- **Três imagens, em que todas são parte de um desenho maior (ver suportes de atividade 1, 2 e 3).**
- **A imagem principal (ver suporte de atividade 4).**
- **Folhas de papel grandes e marcadores, para registar as palavras-chave.**
- **A tabela que contém as palavras-chave (suporte de atividade 5) e um enquadramento para a encenação e análise para cada participante (ver suportes de atividade 6 e 7).**

Duração

Uma hora e meia.

Parte 1

Preparação

Divida o grupo em três. Utilizando o material de suporte: o Grupo 1 receberá a imagem da criança agachada; o Grupo 2 receberá a imagem das três pessoas jovens e o Grupo 3 receberá a imagem da pessoa de pé.

A Atividade

- Peça a cada participante para anotar cinco palavras-chave que considerem mais adequadas à imagem, com o objetivo de resumir a imagem em poucas palavras.
- Peça às/aos participantes para escreverem uma frase dirigida à(s) pessoa(s) representada(s) na imagem, tendo em conta que não a(s) conhecem.
- Reúna o grupo. Junte as palavras-chave para cada imagem na tabela, sejam elas positivas, negativas ou neutras. Deverá fazer isto.
- Interpretar as observações: ser-lhe-á possível perceber se os desenhos são interpretados da mesma forma; por exemplo:
  - As palavras-chave utilizadas são as mesmas para as três imagens?
  - Se não forem, as/os participantes conseguem explicar a disparidade?

Parte 2

Preparação

- Peça às/aos participantes para se dividirem em grupos de cinco.
- Recorrendo aos suportes de atividade, distribua a imagem principal (formada pelas imagens individuais) e um enquadramento para a encenação, de forma a preparar a próxima encenação.

- Cada grupo de cinco deverá então observar o desenho e completar o enquadramento.
- Posteriormente, peça a cada grupo para preparar uma encenação de 5 minutos, na qual todas/os têm um papel (preste atenção, pois 5 minutos é muito longo).
- O grupo deverá ser capaz de demonstrar a sua compreensão do desenho e sugerir formas de alterar a situação.
- Para a encenação, as/os participantes são livres de criarem o seu próprio cenário, utilizando o suporte de atividade.

A Atividade

- Peça a cada grupo para interpretar a sua encenação (5 minutos x o número de grupos).
- Reserve algum tempo para avaliar as interpretações e as reações das/os restantes participantes:
- Inicie um debate centrado na interpretação que todas as pessoas fizeram do desenho, permitindo que as/os participantes partilhem as suas próprias experiências também. Peça-lhes para refletirem sobre como agir ou reagir quando testemunhamos esse tipo de situações.
- É possível que surjam múltiplas interpretações do desenho. Ou o grupo se livra de uma série de frustrações posicionando-se contra alguém. Ou, em alternativa, é o rapaz no cenário quem, com medo das outras pessoas, sofre de *bullying* e se retira para si próprio. Existem várias interpretações possíveis.

Variações

Recorrer a técnicas de *brainstorming* contribuirá para apoiar esta atividade:

- Peça às/aos participantes que resumam a situação apresentada nos desenhos através de uma única palavra, por exemplo: bode expiatório, vingança, fantasia, jogo, imaginação, injustiça, patinho feio, timidez, proteção…
- Também se poderá focar em elementos por trás das cenas, perguntando às/aos participantes, por exemplo, quantas personagens existem na cena. É provável que as/os participantes respondam cinco, por isso poderá ser útil chamar a sua atenção para o facto de existirem seis personagens (tendo em conta a sombra).
- Através deste debate, uma nova personagem poder-se-á revelar a partir da imaginação do grupo ou do rapaz agachado.

Avaliar a atividade

As seguintes questões poderão guiar o debate sobre a atividade:

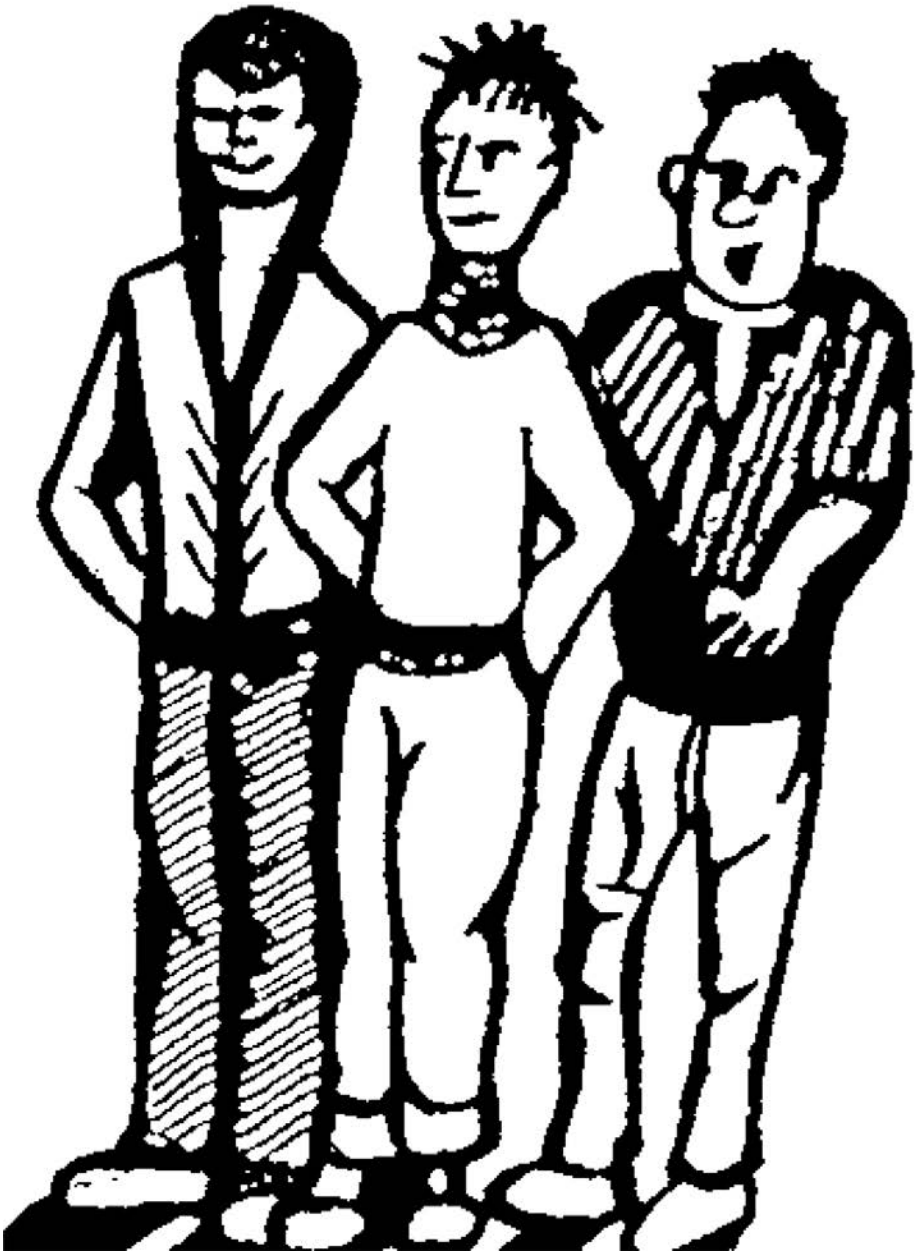
- *Este cenário lembra-te algum evento histórico em específico?*
- *Conheces alguma história que envolva este tipo de situação?*
- *Cria uma história em torno do tema do desenho, utilizando um(a) narrador(a) interna/o (Eu…) que irá contar a história no passado. A/o narrador(a) poderá ter vivido ou testemunhado o evento. Este trabalho individual poderá possibilitar que as/os participantes exteriorizem algumas das emoções associadas ao exercício.*

Fonte

Centre d'information et de documentation pour jeunes (CIDJ Belgique), *Racismes et discriminations. Fiches pédagogiques*, Bruxelles, 2006, www.cidj.bewp-content/uploads/2014/01/animations.pdf.

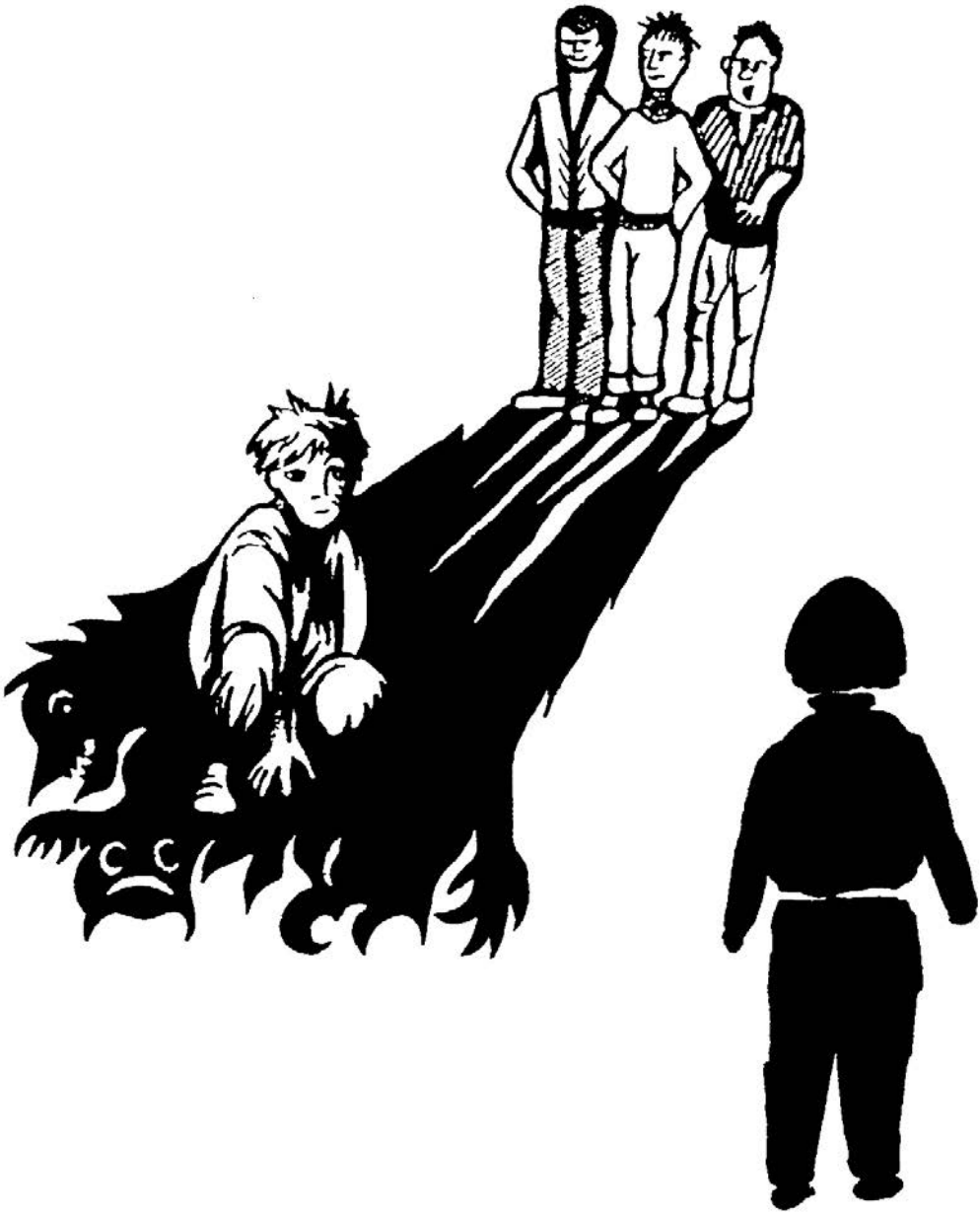
Suporte de atividade 1: **Imagem 1**

Suporte de atividade 2: **Imagem 2**



Suporte de atividade 3: **Imagem 3**

Suporte de atividade 4: **Imagem 4**



Suporte de atividade 5: **Tabela de palavras-chave**

1. Coloque as palavras-chave que surgem durante o debate na tabela, organizando-as de acordo com o seu caráter neutro, positivo ou negativo.

Palavra--Chave	Imagem 1	Imagem 2	Imagem 3
Neutra			
Positiva			
Negativa			

2. Acrescente as palavras-chave de todos os grupos à tabela.
Observações:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Suporte de atividade 6: **Enquadramento para a encenação**

Estas questões deverão ajudar a dividir as personagens para a encenação e a construir o cenário.

- Quem interpreta as três pessoas jovens?
- Quem interpreta o rapaz agachado?
- Quem interpreta a quinta pessoa?
- Porque está o rapaz agachado presente neste cenário?
- O que lhe dizem as três pessoas jovens?
- Como reage o rapaz?
- Quem é a pessoa de pé?
- Reage à situação? Se sim, como reage?
- Como reage cada personagem a esta intervenção ou não intervenção?

Suporte de atividade 7: **Enquadramento para a análise**

- Quantas personagens estão presentes no desenho? Nomeia as diferentes personagens.

- Se testemunhasses uma cena idêntica, como reagirias?

- Para ti, que palavra melhor representa a situação apresentada no desenho?

2.3.4. CONFLITOS ECONÓMICOS E CULTURAIS I

Objetivos

O objetivo desta atividade é sensibilizar para o facto de que não são necessariamente as diferenças culturais a principal fonte de conflitos, mas sim as frágeis condições sociais e económicas que afetam certas partes da população.

Público-alvo

15-18 anos.

Tamanho do grupo

15-25 participantes.

Materiais

- **Uma cópia dos textos para cada participante (ver suportes de atividade 1 e 2); se possível, peça às/aos participantes que se familiarizem com o texto antes de iniciar a atividade.**
- **Também poderá escolher outros movimentos que sejam mais específicos do seu país.**

Duração

Cerca de 50 minutos.

Preparação

- Distribua o texto do suporte de atividade 2 (previamente, se possível) instruindo as/os participantes a lê-lo como preparação para a atividade.
- Apresente o livro *Ni Putes, Ni Soumises* de Fadela Amara e explique o título às/aos participantes (recorrendo ao suporte de atividade 1).

A Atividade

Leia ou solicite a um(a) participante que leia o primeiro excerto (suporte de atividade 2) e analise-o com as/os participantes, utilizando o modelo em baixo:

- *O que se entende por "colapso social e político"?*
- *O que nos diz este texto sobre o modo como a vida se desenvolveu nos subúrbios das grandes cidades nos últimos anos?*
- *Este texto observa especificamente a situação em França, que poderá ser diferente da do teu país. Consegues estabelecer algumas ligações entre estas situações? Ou algumas diferenças importantes?*
- *À luz destas poucas páginas, dirias que as diferenças culturais são uma fonte de conflito? Que elementos devem ser considerados ao tentar compreender o conflito e o isolacionismo social?*

Fonte

Centre d'information et de documentation pour jeunes (CIDJ Belgique), *Racismes et discriminations. Fiches pédagogiques*, Bruxelles, 2006, www.cidj.bewp-content/uploads/2014/01/animations.pdf.

Suporte de atividade 1: **Apresentando *Ni Putes, Ni Soumises*, de Fadela Amera**

A Marcha

'*Ni Putes, Ni Soumises*' foi inicialmente um movimento criado em paralelo com a marcha das mulheres contra os guetos e pela igualdade, que teve lugar entre 1 de fevereiro e 8 de março de 2003, por toda a França. Partiu de Vitry-Sur-Seine, onde Sohanne, de 19 anos, foi queimada viva numa área de armazenamento na cidade de Balzac, uma vítima do seu próprio desejo de ser livre. De forma a chamar a atenção, durante cinco semanas, cinco raparigas e dois rapazes percorreram 23 municípios em França, alertando o público e as autoridades para as condições de vida das mulheres e raparigas vítimas da lei do gueto. Após uma audiência com o Primeiro Ministro francês, a marcha terminou em Paris com uma manifestação que reuniu 30 000 pessoas, no Dia Internacional da Mulher. Esta foi uma forma de encorajar a liberdade de expressão e romper com o muro de silêncio, para que hoje ninguém possa dizer 'nós não sabíamos!.

O movimento

Depois da detenção chegou a fase de construção… e a criação do movimento "Ni Putes, Ni Soumises", liderado por Fadela Amara. Dirigido a jovens raparigas e mulheres que experienciam a desagregação familiar, o movimento é apoiado de forma voluntária por psicólogas/os e advogadas/os que se encontram numa posição pronta a intervir em situações urgentes.

Para além disso, graças ao apoio popular expresso pelas muitas pessoas que assinaram uma petição nacional (65,000 assinaturas), o movimento foi enriquecido por 60 comités locais, de modo a responder o mais rapidamente possível às necessidades no terreno. Acérrimas/os defensoras/es da diversidade social e da mistura de diferentes classes sociais, o seu objetivo é disseminar os valores da laicidade.

O livro

Editado em setembro de 2003, este livro corresponde às motivações do movimento "Ni Putes, Ni Soumises", para romper com o muro de silêncio e dar continuidade ao debate iniciado desde a marcha das mulheres em 2003. Ao longo desta história, as vozes de milhares de jovens mulheres foram ouvidas, expressando as suas questões e desagrado. Ao observar a rutura dos laços sociais em vários bairros, que tem como consequência a deterioração das relações entre homens e mulheres, Fadela Amara transmite uma mensagem de revolta, luta e esperança, visando a conquista da liberdade pelas raparigas, numa relação pacífica e igualitária com os homens. (Texto escrito a partir de informação do *site* http://www.niputesnisoumises.com/ em francês).

Suporte de atividade 2: **Extrato de *Ni Putes, Ni Soumises*, de Fadela Amara, La Découverte, 2003**

"Cada vez mais, eu sinto, os nossos subúrbios encontram-se num ciclo de colapso social e económico avançado. O fenómeno não é novo, mas tem crescido com a crise económica dos anos 1990.

A deriva reflete a pobreza crescente nos nossos bairros, uma vez que a recuperação económica que se verificou a meio da década de 90 contornou os subúrbios. Mesmo com a diminuição do desemprego e com as/os francesas/es a verem o seu poder de compra aumentar, as/os habitantes dos bairros populares mantiveram-se fora do sistema e ficaram ainda mais entrincheiradas/os na pobreza. Aquelas/es que conseguiram recuperar rapidamente saíram. Estas pessoas eram habitualmente famílias francesas, e as sucessivas ondas de imigrantes vieram primeiro do Magrebe, depois da Turquia, e nos últimos anos de África. Em vez de reagir a esta situação, o governo deu continuidade às suas políticas de segregação social, agravando assim a pobreza nestes bairros. Tanto as/os presidentes das câmaras como o setor da habitação de baixo custo desistiram de qualquer tentativa para encorajar a mistura de classes sociais nos subúrbios e para a empurrar para os bairros residenciais. E, como é óbvio, surgiram consequências sérias desta negligência. A segregação, o confinamento, a pobreza, a delapidação da pobreza, a partida das pessoas que tinham os recursos para tal – e assim por diante, num ciclo vicioso.

A perceção do confinamento por parte das/os habitantes aumentou com o declínio dos programas educativos populares. Conforme o movimento associativo entrou em crise, as autoridades públicas reduziram simultaneamente e de forma sistemática os números de técnicos de juventude nos bairros. A diferença entre o período da minha juventude e o presente é impressionante. Contudo, também eu nasci num bairro composto por cerca de 90 por cento de imigrantes argelinas/os e 10 por cento de famílias francesas, em que todas as pessoas conviviam sem problemas. As crianças eram educadas com uma disciplina rigorosa e respeito pelas pessoas adultas. Os nossos bairros residenciais também tinham algumas infraestruturas públicas, educação popular, e clubes de jovens sob o patrocínio das associações locais; as pessoas jovens da minha geração tinham acesso a estas atividades e eram acompanhadas e supervisionadas. As/os técnicas/os de juventude que estavam presentes fisicamente nas ruas dos bairros faziam um excelente trabalho e até vinham conhecer as nossas famílias. E então, após a eleição de François Mitterand como presidente em 1981, as pessoas imigrantes tiveram a possibilidade de criar um grande número de associações próprias. O impulso no crescimento do movimento associativo permitiu o desenvolvimento de atividades culturais nos bairros, contribuindo para fortalecer a coesão social nos locais ao facilitar a integração na República Francesa.

Mas aos poucos, o Estado reduziu o número de técnicas/técnicos de juventude, pôs fim ao serviço público em certos bairros populares e retirou-se deles. Quanto às associações, tiveram de ultrapassar obstáculos para obterem financiamento, uma vez que as candidaturas se tornaram mais complexas e os atrasos nos pagamentos muito longos. Como resultado, devido à ausência de apoio real, muitas associações dos bairros fracassaram. As/os militantes e habitantes destes bairros, observando o declínio da situação, alertaram as autoridades locais e nacionais, mas estas não tiveram a vontade política de encontrar os meios humanos e financeiros necessários para contrariar este colapso. Ainda assim, a oportunidade existia: para travar as práticas discriminatórias na habitação, para renovar a mistura social e étnica nos bairros, e para reconstruir os laços sociais estabelecendo postos de trabalho para técnicas/os de juventude. Mas – para além de algumas medidas que foram tomadas no contexto das políticas das cidades, que tiveram pouco efeito nas/os habitantes dos bairros – as autoridades políticas não avaliaram a escala do trabalho a ser feito. Durante algum tempo, várias organizações e associações têm requisitado um 'Plano Marshall' para os bairros, tendo em vista uma mudança real para as/os suas/seus habitantes, e a solução para aquilo que foi eufemisticamente chamado na época de 'mal-estar dos subúrbios'. Mas estes sinais de alarme não foram ouvidos."[2]

2 Amara, Fadela. *Breaking the Silence – French Women's Voices from the Ghetto.* Tradução Harden Chenut, Helen. Originalmente editado em França como *Ni Putes, Ni Soumises (Nem Putas, Nem Submissas)*, University of California Press, 2006.

2.3.5. CONFLITOS ECONÓMICOS E CULTURAIS II

Objetivos

Esta atividade pretende chamar a atenção para o facto de que o conflito habitualmente surge devido às questões económicas e sociais, mais do que devido às diferenças culturais…

Público-alvo

15-18 anos.

Tamanho do grupo

15-25 participantes.

Materiais

- **Fotocópias do suporte de atividade para a Parte 1 para cada participante; se possível as/os participantes deverão ler o extrato antes da atividade.**
- **Fotocópias de um artigo atual de um jornal, relacionado com os conflitos sociais, económicos ou culturais.**

Duração

50-60 minutos.

A Atividade

Parte 1

- Distribua uma cópia do extrato do jornal às/aos participantes. Este extrato apresentará o tema da atividade. Peça às/aos participantes que leiam o extrato com atenção.
- Debatam a interpretação que as/os participantes fizeram da notícia e, a partir daí, poderá também querer debater outras histórias que as/os participantes tenham lido ou vivido.

Parte 2

- Distribua um extrato do livro *Ni Putes, Ni Soumises* a cada participante. Peça-lhes que leiam o extrato com atenção (ver o suporte de atividade anterior e/ou o extrato sugerido no suporte de atividade em baixo).
- Solicite às/aos participantes que leiam o excerto em voz alta, ou que o leiam para o grupo.
- Debatam de que forma as/os participantes reagiram ao excerto, recorrendo a algumas das questões abaixo como linhas orientadoras para a análise:
  - *Qual a evolução que ocorreu nos últimos anos?*
  - *Que movimento em específico marcou os anos 1990?*
  - *À luz destas páginas, podemos afirmar que as diferenças culturais são uma fonte de conflito? Que elementos são imperativos considerar quando tentamos compreender o conflito e o isolacionismo?*
  - *Analisa quaisquer alterações nos pontos de vista da Parte 1 para a Parte 2 da atividade.*

Fonte

Centre d'information et de documentation pour jeunes (CIDJ Belgique), *Racismes et discriminations. Fiches pédagogiques*, Bruxelles, 2006, www.cidj.bewp-content/uploads/2014/01/animations.pdf

Suporte de atividade: **Extrato de *Ni Putes, Ni Soumises*, de Fadela Amara, La Découverte, 2003**

"É frequentemente feita referência em França ao "Islão de cave". Para compreender esta expressão, que hoje designa o Islão sombrio do obscurantismo religioso, necessita saber que em tempos se referia a um Islão de imparcialidade e perdão, que agora emerge na República Francesa. A bela construção que é a mesquita de Paris, datada de 1928, demonstra que o progresso ainda é possível quando a vontade existe e todos os atores concordam. Eu descobri a magnificência deste edifício durante uma conversa com Dalil Boubakeur, o Reitor da mesquita de Paris, depois da marcha. Como acontece com qualquer visitante, a atmosfera de serenidade encantou-me. A experiência foi ainda mais memorável porque a minha conversa com o Reitor foi cordial e produtiva. Dalil Boubakeur assegurou-nos do seu total apoio e encorajou-nos na campanha que empreendíamos.

A emergência de um novo Islão político. Sem dinheiro ou locais de culto, as/os primeiras/os imigrantes estabeleciam salas de oração onde pudessem. Habitualmente estes locais eram salas desocupadas ou até caves que as pessoas responsáveis pelos bairros residenciais as deixavam usar. Por vezes a Igreja Católica cedia uma sala à comunidade muçulmana, como foi o caso da mesquita em Clermont-Ferrand. E a meu ver, deveríamos ter encorajado soluções semelhantes noutros locais, nem que fosse para promover o diálogo entre religiões. Estas salas de oração onde os nossos pais se reuniam eram também espaços de sociabilização. De facto, após as orações as pessoas juntavam-se para conversar e muitas vezes descobriam que, coletivamente, poderiam resolver os problemas de uma família. A solidariedade era abundante durante este período, e a maior preocupação de todos os pais nestes bairros era o sucesso das/os suas/seus filhas/os na escola. Lembro-me que quando uma pessoa do nosso grupo obteve um diploma, todo o bairro celebrou orgulhosamente o evento. Madame Dufraisse, que tinha vivido no nosso bairro desde que este tinha sido construído, aparecia sempre com barras de chocolate que distribuía às/aos estudantes como pontos de mérito. E quando alguém, rapaz ou rapariga, ingressava na universidade, era uma vitória, uma vitória que podíamos tornar nossa, mesmo enquanto crianças. Durante este período, estudar na universidade era muito desejado mas ainda assim reservado a uma certa elite, e nós sentíamos verdadeira alegria quando alguém do nosso bairro tinha sucesso. Lembro-me de um pai orgulhoso e feliz – um trabalhador da construção civil com a alcunha de "braço partido" por causa de um acidente no trabalho – por a sua filha, Yasmina, ter obtido o bacharelato e continuado os seus estudos na universidade que a certa altura a levaram aos Estados Unidos. Hoje ela continua a sua brilhante carreira numa grande empresa francesa. O seu pai, como muitos outros, havia feito sacrifícios de modo a oferecer às/aos suas/seus filhas/os um futuro melhor. Este era o ambiente em que eu vivia até o fim dos anos 1980, quando quase todas as pessoas perderam os seus empregos e os nossos subúrbios começaram a ficar à deriva. Pouco a pouco todos os marcos, todos os diques cederam. E neste vazio social o obscurantismo criou raízes.

Consequentemente, nos anos 1990 surgiu o Islão fundamentalista. Este havia-se desenvolvido na sequência da Irmandade Muçulmana, trazendo conseguido interpretações incorretas do Corão e, como que por acaso, uma leitura incorreta dos textos sagrados sobre o estatuto das mulheres. Em França em particular, os seus pregadores reacionários – conhecidos como "imãs de cave" – desenvolveram um discurso político muito machista sobre o confinamento da pessoa. O contexto ajuda a explicar como o Islão de cave conseguiu difundir-se e exercer tamanha influência sobre os bairros: ele emergiu quando um número significativo de jovens dos bairros residenciais se encontravam completamente desorientadas/os, enfrentando o fracasso na escola, o desemprego e a discriminação. Todas/os carregavam o estigma dos subúrbios e a sensação de que nunca o poderiam deixar para trás. Na procura pela identidade pessoal, o Islão militante foi uma das poucas respostas que encontraram. No início, todas as pessoas se sentiam confiantes de que tinham encontrado um novo enquadramento para as suas vidas, que rompia com o padrão da veneração do dinheiro e do tráfico. O Islão havia-se tornado um novo sistema de governação moral para manter as pessoas jovens livres de se virarem para a delinquência.

Desta forma, em 1995, em algumas áreas as autoridades locais e as/os representantes eleitas/os em todo o espectro político, e nomeadamente as/os presidentes de câmara, reconheceram os imãs radicais e escolheram-nos como porta-vozes privilegiados. Este foi um golpe terrível para as/os militantes da minha geração, que nunca pediram às autoridades religiosas que interferissem em assuntos públicos. Nós sabíamos do perigo que tal intervenção poderia implicar de um modo geral, mas particularmente em relação às jovens mulheres. O perigo aplica-se a todos os extremismos religiosos, de qualquer fé. Subitamente todas/os nós que enquanto ativistas usávamos a linguagem do universalismo para militar em favor dos direitos individuais, independentemente do sexo, nos encontrámos marginalizadas/os na vida dos bairros. As autoridades políticas não mais nos referiam ou reconheciam enquanto potenciais porta-vozes para os bairros; éramos apenas criadoras/es de problemas que combatiam a influência dos Imãs. A partir desse momento, sempre que havia um problema nos bairros residenciais, a/o técnica/o de juventude ou a pessoa que coordenava o bairro ou as pessoas militantes das associações laicas já não eram solicitadas/os para o resolver, mas sim o Imã local.

As autoridades começaram a lidar diretamente com estes homens religiosos ou com jovens que eles mantinham sob a sua influência; estes eram os novos líderes da opinião pública, pessoas com quem se podia falar. O Imã converteu-se ele próprio no novo regulador social. O reconhecimento exterior havia reforçado a sua autoridade nos bairros residenciais. Os pais acreditavam que era bom para as/os jovens irem às orações em vez de circularem pelos bairros à procura de lutas. Mas estes homens religiosos não professavam o Islão calmo e tolerante praticado pelos nossos pais. A influência nociva do Islão de cave conduziu membros de algumas famílias ao afastamento. Os desentendimentos surgiam entre os pais, de um lado, que tinham pouco conhecimento acerca desta prática radical e perigosa, e as/os filhas/os, do outro, que criticavam os seus pais pela 'ignorância', devido à sua iliteracia e falta de conhecimento rigoroso sobre o Corão.

O Islão de cave aproveitou-se de fatores como o desemprego, a guetização dos bairros, o refúgio em políticas sectárias – com tons de racismo e antissemitismo – e os sentimentos de discriminação e injustiça. Através da sua propagação religiosa de intolerância, o Islão de cave oferecia aos jovens rapazes um enquadramento teórico e as ferramentas para oprimirem as jovens mulheres. Se as jovens não se encaixassem no molde, elas eram "infiéis" ou "mulheres de má reputação". Estes termos, longe de serem aleatórios, revelam o poder da retórica religiosa. A sua influência é muito mais importante do que é reconhecido.

A partir do momento em que os Imãs se estabeleceram em vários bairros residenciais, alguns dos jovens rapazes começaram a aplicar códigos de conduta radicais em relação às jovens raparigas, em particular forçando-as a ficarem nas suas casas. A batalha pela companhia entre géneros perdeu assim terreno. A minoria ativista que se desenvolveu em torno do Islão de cave tem editoras, estações retransmissoras em vários pontos, intelectuais, e agências de propaganda. Nada é deixado ao acaso. Os seus defensores têm inclusive conseguido encontrar apoio através de decisões legais, como o decreto francês no que diz respeito ao véu. Ou, por exemplo, a decisão de que utilizar véu no trabalho não é incompatível com a função. Embora de acordo com outra decisão a utilização de bermudas para trabalhar seja inapropriada.

Os complexos problemas em causa levantam questões na minha mente. Além do mais, outras minorias ativistas estão a reunir as suas forças, pedindo a renovação moral a nível internacional. Aqui em França, existem brigadas católicas fundamentalistas que intervêm para evitar abortos, enquanto associações culturais judaicas e muçulmanas exigem horários especiais para banhos em piscinas públicas, e isto não é tudo. A República Francesa está a ser testada em todas as frentes para resistir às incursões religiosas."[3]

3 Amara, Fadela. *Breaking the Silence – French Women's Voices from the Ghetto*. Tradução Harden Chenut, Helen. Originally published in France as *Ni Putes Ni Soumises* (Neither Whore Nor Submissive), University of California Press, 2006.

2.3.6. QUATRO QUADRANTES

Objetivos

Esta atividade pretende:

- **Possibilitar que as/os participantes vivam e compreendam os preconceitos e a discriminação.**
- **Possibilitar a expressão e a partilha de informação e experiências ligadas aos preconceitos.**
- **Analisar a capacidade das/os participantes para reagirem em situações em que uma pessoa sofre discriminação.**
- **Possibilitar a aprendizagem de respostas eficazes aos comportamentos discriminatórios.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

Máximo de 50 participantes.

Materiais

- **Um relógio.**
- **Fotocópias do suporte de atividade 1 para cada par.**
- **Fotocópias para todas as pessoas do suporte de atividade 2 (os Quatro Quadrantes).**

Duração

30-60 minutos.

Competências/conhecimento necessários para a/o facilitador(a)

Dominar os conceitos de estereótipos e preconceitos. Ter noções de comunicação, especialmente ao nível da escuta ativa.

Preparação

- Peça às/aos participantes para encontrarem um par (preferencialmente misture os pares rapaz/rapariga, mais novo/mais velho).
- Distribua as questões do suporte de atividade 1.
- Explique que cada participante deve colocar ao seu par a série de quatro questões (que poderá ser encontrada no suporte de atividade 1), um(a) de cada vez, e que devem debater as suas respostas.

A Atividade

Parte 1

- Explique que enquanto uma pessoa está a responder à questão, a/o ouvinte deverá praticar a sua capacidade de escuta ativa. Não deverão existir reações não verbais, interrupções, ou comentários da parte da pessoa que ouve. Para melhorar a compreensão intercultural e a comunicação é crucial que aprendamos a ouvir de verdade as experiências, sentimentos e ideias das outras pessoas, em vez de pensarmos no que queremos dizer a seguir.
- Permita que cada par decida quem começa a falar. A pessoa que fala tem 2 minutos, e posteriormente os papéis são invertidos.

Parte 2

- Distribua o suporte de atividade 2: 'Quatro quadrantes'.
- Coloque às/aos participantes as questões listadas em baixo e indique que devem escrever a sua resposta num dos quadrados da tabela (através de palavras-chave ou pequenas frases).

- *Em que ocasião as palavras ou ações de alguém te magoaram?*
- *Algum vez disseste ou fizeste o que desejavas não ter dito ou feito?*
- *Em que ocasião intervieste contra o preconceito?*
- *Em que ocasião não intervieste contra o preconceito?*

Após as/os participantes escreverem as suas respostas, convide-as/os a debater uma das suas respostas em pequenos grupos ou pares. Relembre-as/os das regras de escuta ativa: quando alguém fala, as outras pessoas deverão permanecer em silêncio e escutar.

Dê a todas as pessoas 3 minutos para debaterem a resposta escolhida. Quando todas/os tiverem tido a oportunidade de falar, reúna de novo o grupo e pergunte-lhes:

- *Conseguiste escutar sem falar? Como te sentiste enquanto falavas/escutavas?*
- *Estás surpreendida/o com coisas que relembraste e/ou partilhaste?*
- *Algumas questões foram mais difíceis que outras. Como te sentiste enquanto discutias estes temas de discriminação e preconceito?*

Dicas

Este exercício depende da honestidade e das respostas espontâneas das/os participantes. Aprendemos sobre nós próprias/os, sobre cada um(a), e aprendemos a aprender: para o conseguir, as pessoas do grupo terão de se sentir 'seguras'.

Fonte

© 2011 Liga Anti-Difamação, https://www.adl.org/education. Todos os direitos reservados. Reeditado com permissão da editora.

Suporte de atividade 1

- Conta ao teu par uma situação em que alguém te magoou com preconceito.
- Conta ao teu par uma situação em que intervieste enquanto alguém sentia discriminação/preconceito.
- Conta ao teu par uma situação em que expressaste preconceito/discriminação de que te arrependas.
- Conta ao teu par uma situação em que não intervieste enquanto alguém enfrentava discriminação/preconceito.

Suporte de atividade 2: **'Quatro quadrantes'**

VITÍMA Uma situação em que as palavras ou ações de alguém te magoaram	**PESSOA AGRESSORA** Uma situação em que disseste ou fizeste algo de que te arrependes
INTERVENIENTE Uma situação em que intervieste contra o preconceito	**PESSOA ESPECTADORA** Uma situação em que testemunhaste e não intervieste contra o preconceito

2.4. Interculturalidade

Compreender quem eu sou, que as outras pessoas podem ser diferentes de mim e aceitá-lo é uma coisa... vivê-lo e conviver em sociedade com todas estas culturas diferentes (e com as más interpretações e dificuldades inerentes!) é outra coisa totalmente diferente.
Para ultrapassar isto, devemos encarar estas dificuldades de forma positiva e acreditar que, enquanto alternativa à luta, é possível construir alianças. Esta é uma experiência enriquecedora para todas as pessoas envolvidas, e levará a que nos aceitemos umas/uns às/aos outras/os pelo que somos.

As atividades que se seguem procuram encorajar a partilha dinâmica entre as/os jovens, de forma a chamar a atenção para como uma mistura de culturas diferentes pode contribuir para a sociedade. As atividades possibilitarão às pessoas participantes compreenderem algumas das dificuldades que a diversidade enfrenta e falarem sobre possíveis soluções.

2.4.1. O CALDEIRÃO CULTURAL

Objetivos

Esta atividade pretende ajudar as pessoas participantes a:

- **Serem capazes de identificar sinais do multiculturalismo e desenvolverem uma perspetiva renovada sobre o nosso meio a partir de uma perspetiva social.**
- **Identificarem de que modo as outras culturas influenciam e contribuem para a sociedade.**
- **Avaliarem estas influências de forma positiva.**

Público-alvo

12-18 anos.

Tamanho do grupo

16-24 participantes.

Materiais

- **Papel e canetas.**
- **Opcional: câmara, telemóvel ou tablet para tirar fotografias ou fazer gravações áudio.**

Duração

Preparação: 30 minutos.
Atividade (Parte 1): 3 horas.
Atividade (Parte 2): 1,5 horas.

Parte 1

Preparação

- Divida as/os participantes em grupos de pelo menos quatro pessoas.
- Explique a cada grupo que terá que explorar o seu meio local (bairro, cidade), procurando "pegadas" de outras origens e culturas para compor uma lista com as descobertas, ilustrando-as recorrendo a objetos, imagens, fotografias e gravações de vídeo, se possível. Se o grupo não tiver os recursos para isso, poderá simplesmente fazer uma lista com o que descobriram.
- Dê às/aos participantes tempo para pensarem sobre as diferentes áreas em que estas marcas podem ser encontradas. Por exemplo:
  - Gastronomia: produtos e especiarias de outros países que são bastante utilizados nos dias de hoje nas nossas cozinhas; a presença de restaurantes estrangeiros, etc.
  - Vestuário e moda: o vestuário e os acessórios de outros países e culturas, calçado e vestuário importados, etc.
  - Música: opções de programas para ouvir nas estações de rádio, assistir a espetáculos de artistas de países e culturas diferentes e locais especializados em géneros musicais específicos.
  - Comunicação de massas: comparar diferentes canais televisivos e os programas estrangeiros que estes oferecem, o mesmo para o cinema.
  - Linguagem: palavras de outras línguas que utilizamos diariamente na nossa linguagem.
  - Edifícios: traços de arquitetura estrangeira no nosso meio.
  - Etc.

A atividade

Peça às/aos participantes que reservem uma tarde para explorarem o meio que as rodeia em diferentes partes da cidade e procurarem "pegadas" de outras culturas e origens.

Parte 2

- Convide cada participante a apresentar e resumir brevemente as descobertas que fez durante a investigação.
- Ajude as/os participantes a preparar uma apresentação relativa às suas descobertas. Isto ajudará a desenvolver uma visão geral mais abrangente sobre aquilo que alcançaram.
- Finalizem a apresentação com um debate. Todas as pessoas deverão partilhar o seu ponto de vista sobre o trabalho feito. Poderá facilitar a partilha recorrendo a questões como:
  - *Alguma coisa te surpreendeu?*
  - *O que significa estar rodeada/o por "pegadas" de outras culturas e países?*
  - *O que pensamos sobre o facto de o nosso conhecimento sobre outras culturas e sociedades estar a aumentar, mesmo que este conhecimento seja baseado em pedaços de informação superficiais e parciais?*
  - *Como podemos usar este conhecimento? Como podemos expandir ainda mais o nosso conhecimento?*
  - *Existem mais "pegadas" de alguns países do que de outros? Porque achas que isto acontece?*

Dicas

É muito importante encorajar o grupo a compreender plenamente o valor da atividade. Por exemplo, poderá encorajar as/os participantes comparando este trabalho de investigação com uma investigação de detetive, uma viagem de descoberta ou uma aventura. De igual forma, também é importante enfatizar que este trabalho terá de ser colaborativo.

Durante o processo da partilha dos pontos de vista, tenha particular atenção aos elementos que podem levar às seguintes conclusões:

- *Vivemos num mundo interdependente e os nossos países dependem uns dos outros. Podemos encontrar traços de diferentes culturas em todas as sociedades.*
- *Temos inúmeras oportunidades para partilhar e para conhecer outras pessoas, devido aos desenvolvimentos nas áreas da tecnologia e da comunicação.*
- *Construir relações entre culturas diferentes e a forma como se influenciam mutuamente é uma fonte de enriquecimento.*
- *É mais fácil acolher certas contribuições para a sociedade – por exemplo, comida e bebidas – do que outras, tais como a filosofia e a religião. Também é mais fácil aceitar influências de determinados países (Estados Unidos, por exemplo) do que de outros (particularmente países em desenvolvimento). Finalmente, é mais fácil acolher ideias/produtos do que pessoas, especialmente se elas tiverem costumes ou hábitos muito diferentes dos nossos.*

Fonte

Conselho da Europa – Pack Educação "*all different – all equal*", Direção de Juventude e Desporto, Conselho da Europa, 2.ª edição, 2004.

COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE

2.4.2. A "ÁRVORE DA CONVIVÊNCIA"

Objetivos

Esta atividade pretende encorajar as/os participantes a refletirem e expressarem as suas opiniões sobre como vivemos em conjunto na sociedade e como o podemos melhorar.

Público-alvo

Todas as faixas etárias.

Tamanho do grupo

Não relevante.

Materiais

- **Suporte de atividade: poster da "árvore da convivência" (ímanes ou um pedaço grande de papel aderente para pendurar na parede).**
- ***Post-its* (três cores diferentes).**
- **Canetas, marcadores.**

Duração

Mínimo de 45 minutos.

Preparação

- Explique a atividade: Esta é a "árvore da convivência". Esta árvore representa a nossa sociedade; também pode representar um grupo do qual façamos parte (a tua turma, escola, grupo de igreja ou um movimento maior). Também poderá representar cada um(a) enquanto indivíduos. Contudo, uma vez que o nosso tema é a convivência, iremos olhar para a árvore como uma representação da sociedade, composta por indivíduos diferentes. Como uma árvore, para uma sociedade funcionar terá de ter:
  - Raízes, que alimentam a árvore, funcionando como os alicerces de uma casa.
  - Um tronco, que mantém a árvore de pé, servindo como coluna vertebral. O tronco assegura a coesão e o transporte da seiva desde as raízes até aos ramos e folhas, mantendo os ramos vivos.
  - Os ramos, folhas, flores e fruto, que mudam de acordo com as estações. Estas partes da árvore são expostas aos elementos, sejam eles o sol ou o mau tempo, e dependem do sítio da árvore onde estão localizadas. Elas são fundamentais para assegurar a reprodução e consequentemente o futuro da árvore.
- Distribua *post-its* de cores diferentes: azuis (ou outra cor qualquer) para as raízes, castanho (ou outra cor) para o tronco, verde (ou outra cor) para os ramos/folhagem. Poderá, em alternativa, escrever diretamente no poster, se estiver a trabalhar com um grupo pequeno.

A atividade

- Coloque uma série de questões a cada secção da árvore, as raízes, o tronco, e finalmente os ramos, debatendo com o grupo após um período de reflexão individual. Poderá adaptar esta situação ao tipo de grupo com que está a trabalhar, sejam estudantes, adultas/os, um grupo em que as pessoas se conhecem bem ou um grupo em que as pessoas não se conhecem.
  - As raízes: o que tenho eu de específico, que as outras pessoas talvez não tenham, que me permite ser capaz de viver em harmonia com as outras pessoas? *(Exemplos: cultura de origem, educação, gostos, a minha história pessoal, talentos e fraquezas…).*

- O tronco: o que é que faz com que o nosso grupo (ou a nossa sociedade) se una e viva em harmonia? Como é que indivíduos diferentes com raízes diversas se juntam para formar uma única entidade? O que é necessário para que a sociedade se consiga unir? *(Exemplos: leis, regras, modos de vida – um edifício escolar, um edifício da igreja, um bairro, uma região, um país, os direitos humanos, os valores partilhados, etc.).*
- Os ramos: quais são alguns dos benefícios de nos unirmos enquanto indivíduos, reunidos pelo "tronco"? Quais são os frutos da convivência? *(Exemplos: várias expressões artísticas, o bem-estar, a paz, a alegria da convivência, a expressão de talentos, ser prestável dentro da sociedade…).* Estes exemplos são apenas sugestões para que possa ter outras ideias, se necessário. As respostas do grupo poderão tomar uma direção inesperada que poderá ser explorada mais aprofundadamente entre as/os participantes.

- Peça a todas/os que colem o seu *post-it* e expliquem brevemente o que é que gostariam de dizer. Comece pelas raízes, e depois o tronco, os ramos e a folhagem.
- Posteriormente, aprofunde o debate:
  - *Há questões do resto do grupo sobre o que as pessoas disseram?*
  - *No grupo – na nossa sociedade – o que está errado? O que poderá colocar em perigo esta convivência harmoniosa? Existe algo nas raízes ou troncos que possa impedir o resto da árvore de florescer?*
  - *Consegues especificar o que podes tu mudar, em diferentes níveis da nossa sociedade (a tua turma, escola, grupo de amigos, bairro… e de forma mais ampla, dentro da sociedade, adaptar a escala de ação ao público com quem lidas).*
- O grupo pode escolher uma ou duas ações para levar a cabo enquanto grupo. Em alternativa, cada participante poderá colar o seu *post-it* na árvore, expressando as suas próprias ideias sobre a melhor forma de conviver dentro da sociedade.

Suporte de atividade 1: **A metafísica da árvore**

A árvore é a ligação entre o céu e a terra, entre o material e o espiritual e entre as nossas preocupações mais superficiais e as nossas aspirações…

A árvore é individual, é uma entidade definida, podemos ver onde começa e onde acaba. Ainda assim, ela está em constante interação com o seu meio: desde as suas raízes até às suas folhas, ela precisa de ser continuadamente nutrida. Ela retira água e nutrientes do solo; ela captura a luz e dióxido de carbono para produzir oxigénio a partir das suas folhas. É um refúgio para pássaros, os insetos polinizam as suas flores, os cogumelos crescem na sua base, que alimenta a árvore; de igual forma, ela produz frutos que nos alimentam. Os animais vivem entre as suas folhas, ela providencia a sombra fresca aos animais e humanos e a outras plantas que necessitam de abrigo do sol quente. As suas folhas em decomposição tornam-se matéria orgânica a partir da qual outras plantas poderão crescer. As árvores ajudam a prevenir a erosão dos solos e as cheias.

A árvore pode representar a sociedade, uma comunidade que partilha um espaço específico, como um país. Se uma sociedade se fechar não conseguirá sobreviver. Ela requer estímulos externos, da mesma forma que a sociedade necessita de contribuições como as dos migrantes. Nutrida pelas culturas estrangeiras, a árvore interage constantemente com o resto do mundo através do comércio, da arte, da cultura, do pensamento e da espiritualidade…

As raízes representam a história da comunidade e a sua terra, as guerras que a devastaram e as dificuldades que o povo enfrentou (para alcançar o progresso social ou os direitos humanos…). Estas são as suas tradições culturais e incluem a arte, a religião, a comida e a sabedoria… As raízes são as línguas que são faladas: uma ou mais? São a maioria ou a minoria? Internacional ou não? E igualmente a sua geografia, o seu clima…

O tronco é o que sustenta a sociedade: as suas instituições, os seus valores e o seu sistema de assistência social… É sólido, pelo menos durante alguns anos, mas pode ser danificado por golpes de uma faca ou até de um machado (na sociedade, isto pode ser representado por medidas de austeridade ou pelo avanço de partidos racistas ou elitistas).

Os ramos representam os diferentes 'lugares' que existem dentro da sociedade, expostos ao sol, ao vento e ao mau tempo.

As folhas são as pessoas, que se reúnem na mesma árvore, mas que têm origem em diferentes ramos. A árvore, uma entidade bastante visível, não é completamente autossustentável, também interage com os seus pares. O biólogo Jean-Marie Pelt explica no seu livro The Precious Gifts of Nature *que as árvores conseguem ajudar-se umas às outras, especialmente quando existem más condições climáticas, como altitudes elevadas.*

De igual forma, a árvore não é invulnerável nem imortal. Poderá ser corroída por um parasita do mesmo modo que a sociedade pode ser corroída pelo ódio e pelo racismo. A árvore pode ser atingida por um raio, assim como um terramoto, uma erupção vulcânica ou um maremoto podem destruir uma cidade ou região. Quando isto acontece, é necessário que as outras árvores demonstrem a sua solidariedade para salvar a floresta, tal como a humanidade tem que estender a sua mão quando áreas específicas enfrentam problemas.

Também podemos olhar para a árvore como representação de uma pessoa. As suas raízes são um símbolo da sua história pessoal, da sua cultura e grupo social de origem e daquilo que a pessoa herdou ao longo do tempo (a cultura, a educação, os valores, etc.).

O tronco é o que mantém a pessoa forte: a segurança material e emocional, o reconhecimento social, no sentido mais amplo, e os valores que procuras preservar.

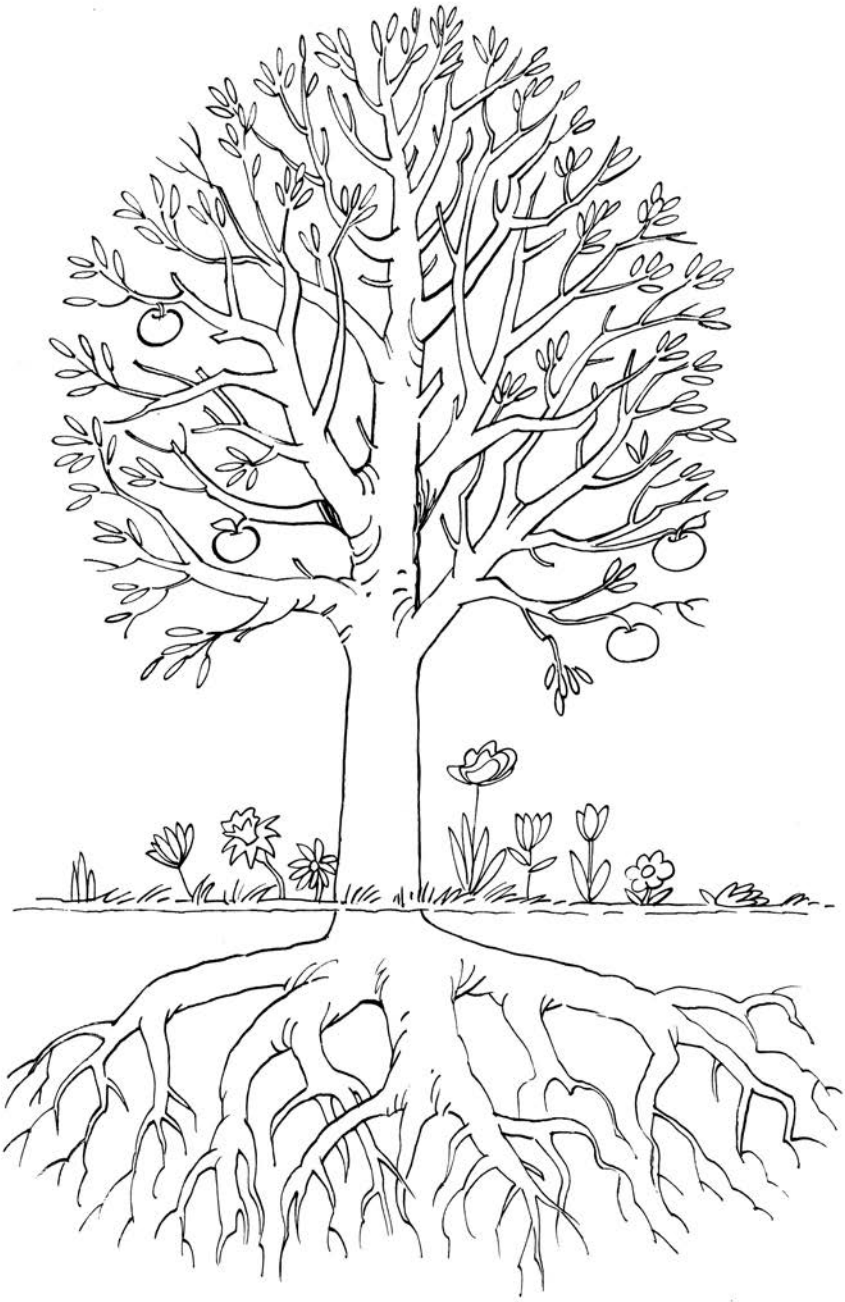
Finalmente, os ramos e a folhagem são nutridos pelas raízes e sustentados pelo tronco. Eles representam o trabalho, os hobbies, *a família, a criatividade, as crenças e as relações. Podemos observar como todas as pessoas são únicas – únicas, mas em permanente interação com as outras árvores e com a terra, a nossa vida material, e com o céu, que representa os nossos sonhos e espiritualidade.*

Fonte

Vivre ensemble-éducation, Bruxelles, https://vivre-ensemble.be/IMG/pdf/animation_l_arbre_du_vivre-ensemble.pdf.

VIVRE ENSEMBLE

Suporte de atividade 2: **A árvore da convivência**



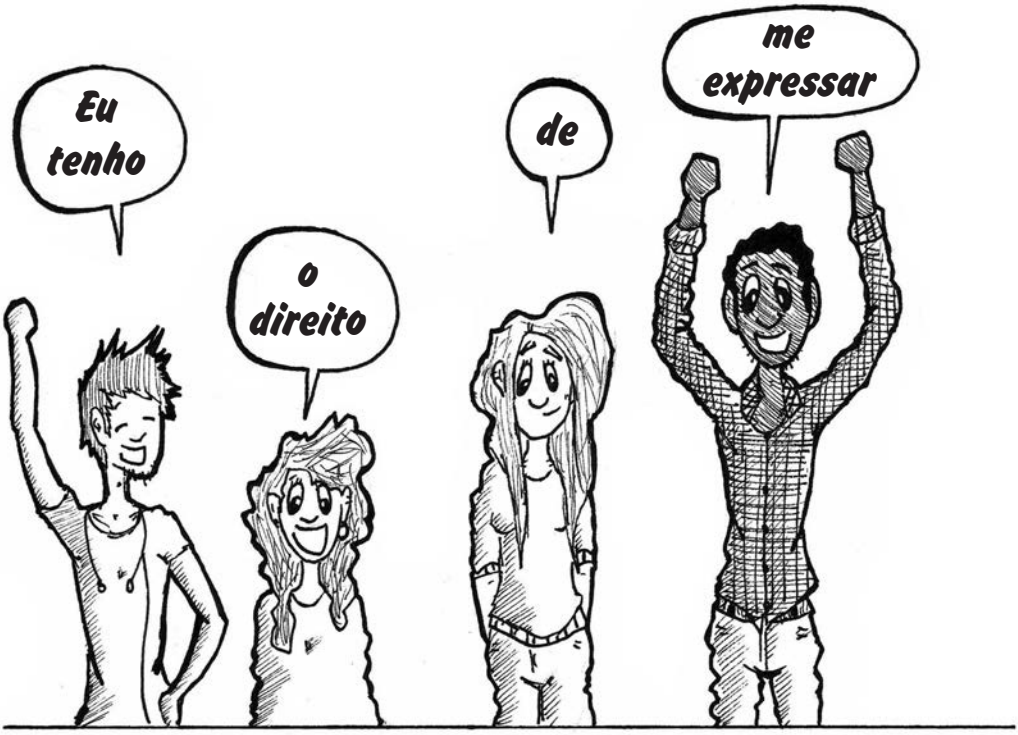
Secção 3.

COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

Farhad Khosrokavar, no seu livro *Radicalisation* publicado pela Maison des Sciences de l'Homme em 2014, define o processo de radicalização como uma transformação durante a qual o indivíduo ou o grupo atua de forma violenta de modo a desafiar a ordem estabelecida. No contexto de uma democracia, aderir a uma ideologia radical não pode ser considerado problemático, enquanto não impedir pessoas com diferentes opiniões de se juntarem. É apenas quando esta atividade se vira para ou encoraja a violência que devemos considerar que a linha foi ultrapassada.

Foi este facto que nos motivou a dedicar uma secção deste manual à comunicação. É verdade que a violência surge frequentemente quando nos é negado o direito de expressarmos o nosso ponto de vista, desconforto, insatisfação ou revolta relativamente à sociedade em que vivemos. A liberdade de expressão é um direito fundamental e todas as pessoas devem ser ouvidas, mesmo quando expressam pontos de vista que não parecem legítimos. É quando confrontamos ideias diferentes das nossas que conseguimos questionar-nos a nós próprias/ /os e evoluir. Também podemos considerar que não conseguir encontrar um lugar para se expressar pode levar a uma maior frustração, o que pode ser potencialmente perigoso.

Consequentemente, nesta seção propomos uma série de atividades que fomentem um ambiente positivo para as/os jovens falarem abertamente. Estas atividades deverão possibilitar que as pessoas participantes se expressem, partilhem os seus sentimentos, preocupações e pontos de discórdia. Se as/os participantes sentirem que o que estão a dizer pode não ser respeitado ou pode ser limitado pela necessidade de ser 'politicamente correto', então o objetivo geral das atividades não será alcançado. A/o facilitador(a) deverá por isso prestar especial atenção em assegurar que as/os participantes consigam expressar e sentir que o que dizem é ouvido e respeitado. Também é importante certificar-se de que todas as pessoas agem de forma respeitosa para com as/os outras/os participantes.


Eu tenho
o direito
de
me expressar

3.1. Expressa-te (criatividade, emoções, sentimentos, necessidades, pensamentos, ideias…)

Se eu consigo expressar os meus pontos de vista, isso significa que me encontro num espaço aberto onde poderei ser aceite;
Se eu consigo expressar os meus pontos de vista, isso significa que tenho algo para partilhar com outras pessoas e que posso existir;
Se não consigo expressar os meus pontos de vista entre vocês, isso significa que irei para outro sítio onde sinta que existo, independentemente do que diga ou de com quem esteja…

As atividades que se seguem irão explorar a importância de expressar e escutar ideias, emoções e necessidades, enquanto parte de um grupo…

Para criar uma sociedade de respeito mútuo, em que cada pessoa tem o seu lugar, devemos aprender a **gerir as nossas emoções e a demonstrar empatia.**

O dicionário de Inglês de Oxford indica que a emoção é *"um sentimento forte derivado das circunstâncias em que o indivíduo se encontra, da sua disposição, ou das relações com outras pessoas."*. A emoção é energia e, como toda a energia, deverá ser canalizada para se tornar construtiva. A capacidade de uma pessoa se colocar no lugar de outra – empatia – poderá ajudar-nos a compreender melhor as necessidades e emoções das/os nossas/os vizinhas/os. **A empatia é repleta de nuances, no sentido em que implica que a pessoa abandone o seu conjunto de valores, crenças e juízos de forma a compreender melhor como a outra pessoa perceciona e reage ao mundo que a rodeia.** De forma a compreender outra pessoa e as suas reações, devemos ser capazes de identificar as suas emoções, apesar de tudo o que estamos a sentir em determinada situação.

Paul Demaret, mediador e coordenador do Centro de Meditação no Luxemburgo, valida uma forma de escuta empática e livre de juízos. Ele acredita que é importante nomear as emoções sentidas – ira, revolta, tristeza – e oferecer à pessoa em questão a oportunidade de expressar os seus sentimentos e de identificar as suas necessidades. Ao trabalhar com jovens afetadas/os pela violência, P. Demaret sugere a adoção de uma posição que não implique a confrontação, de forma a evitar dificuldades emocionais (sentimentos de injustiça, reações violentas) que as/os jovens vulneráveis e impressionáveis enfrentam com frequência e que as/os impedem de se expressarem. É preciso tempo para estabelecer **uma relação de confiança** e **comunicação aberta**. Ao praticar a empatia, a/o técnica/o de juventude (profissional de educação, do setor social, da informação para jovens, etc.) conseguirá detetar pontos contraditórios no discurso da pessoa. Será então sua responsabilidade refletir sobre estes paradoxos com a pessoa, **identificar as emoções** sentidas e voltar o foco novamente para as suas necessidades básicas.

Aplicar a **escuta empática** enquanto ferramenta é essencial para um(a) profissional que trabalha no setor de juventude. Isto assegura que não deixa passar despercebido nada que seja crucial e que se sente preparada/o. Para Demaret, a relação que a/o profissional constrói com a/o jovem é a sua ferramenta mais importante.

3.1.1. DEFENDER UMA OPINIÃO

Objetivos

O objetivo desta atividade é enfrentar uma situação social desafiante recolhendo argumentos para sustentar a sua opinião. A atividade visa ajudar as pessoas participantes a:

- **Constatarem que existem opiniões diferentes sobre os assuntos.**
- **Terem consciência do seu comportamento em situações sociais desafiantes.**
- **Fortalecerem a sua confiança em situações sociais desafiantes.**
- **Recolherem argumentos para defender uma opinião.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

8-16 participantes.

Materiais

- **Folhas grandes e marcadores (um por grupo), material para marcar duas linhas, um pedaço de giz.**
- **Suporte de atividade.**

Duração

De 1,5 a 2 horas.

A atividade

- Marque ou trace duas linhas, com corda ou giz, com cerca de dois metros de distância.
- Divida os grupos em dois ou quatro conjuntos com igual número de pessoas. A cada conjunto será dado um papel: 'a favor ou contra os jogos de vídeo', por exemplo. Cada conjunto procura argumentos (pelo menos um argumento por participante) que confirmem a sua opinião sobre os jogos de vídeo. As/os participantes deverão decidir os argumentos e registá-los numa folha de papel grande.
- Cada grupo decide quem vai usar cada argumento e o modo como as/os participantes vão apresentar cada argumento durante o debate com o outro grupo (a postura, a forma de falar e as expressões, se adotam uma atitude fechada ou conciliatória, etc.)
- Debate: Os 'prós' estão de pé em frente aos 'contras', formando duas filas a dois metros de distância, aproximadamente. Um(a) participante inicia o debate avançando e apresentando um argumento. Após terminar, recua e um(a) participante do outro grupo poderá reagir ou recorrer a outro argumento.
- Estas regras deverão ser seguidas:
  - *Apenas uma pessoa fala de cada vez, avançando antes de falar.*
  - *A reação a um argumento poderá consistir em uma pessoa avançar e esperar até que a outra tenha recuado.*
  - *Quando um(a) participante tiver terminado o seu argumento ou reação, recua.*

Avaliar a atividade

- *Que tipo de atitude foi bem-sucedida na defesa de uma opinião, ou como forma de convencer outra pessoa?*
- *Quem foi persuasiva(o) ou convincente?*
- *Quão fácil/difícil é ouvir os argumentos das outras pessoas? Quão difícil é permitir que as outras pessoas falem antes de poderes reagir? Como te sentiste enquanto esperavas que terminassem?*

- *Com que tipo de atitude, fechada ou conciliatória, preferes apresentar os argumentos?*
- *Quão fácil/difícil é defender um argumento em frente a um grupo?*
- *O que consideraste ser um bom argumento e porquê? Isto deve-se ao conteúdo do argumento ou à forma como foi apresentado?*
- *Algum argumento ou apresentação forte de um argumento influenciou a tua perceção sobre o tema? Existem outras situações em que és influenciada/o na tua opinião sobre um tema? Por que motivo consegue uma influência ser forte?*

Finalmente, conclua fazendo uma síntese das ideias chave da atividade e abordando o princípio da assertividade.

Dicas

- Durante o debate, é possível que duas pessoas participantes tenham uma discussão que se mantenha durante algum tempo. Poderá intervir e dar a vez a outras/os participantes. Será dada oportunidade de falar a todas as pessoas.
- Quando preparar o debate, encoraje as/os participantes a sentirem que estão realmente no lugar de uma pessoa que tem essa opinião.
- Recorra a exemplos históricos ou contemporâneos de debates ou apresentações convincentes utilizando fragmentos de vídeo ou áudio de debates que correram bem ou mal.

Variações

- Se for difícil para algum grupo encontrar argumentos durante a preparação do debate, poderá ajudar, dando alguns exemplos.
- Se algumas pessoas dos grupos considerarem a encenação do debate intimidatória, permita que sejam voluntárias/os do grupo a encenar o debate, em vez de todas/os as/os participantes.
- Se o grupo for muito pequeno para formar quatro subgrupos, opte por dividi-lo em dois conjuntos: jovens 'pró' e pais 'contra', ou vice-versa.

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

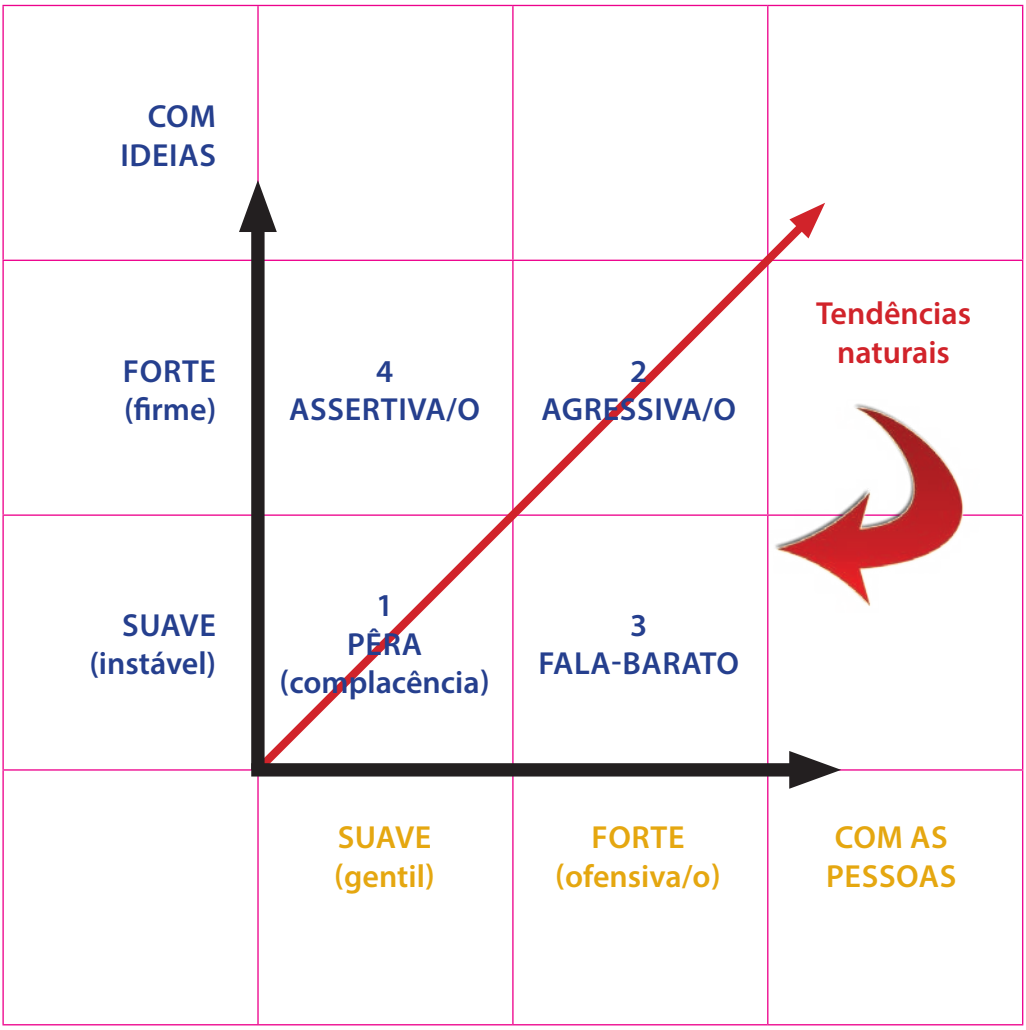
Contacte: bounce-support@ibz.fgov.be e www.ithaquecoaching.com

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Suporte de atividade: **Assertividade**

Nem sempre é fácil manter relações construtivas com outras pessoas e ao mesmo tempo fazer com que a nossa opinião seja ouvida constantemente. A atitude que permite consegui-lo é a assertividade. Dominique Chalvin, psicólogo e sociólogo, define-a como "ser capaz de expressar a própria personalidade sem provocar a hostilidade das pessoas em redor, é saber como dizer 'não' sem sentir culpa, é ter a autoconfiança e capacidade para tomar decisões difíceis e pouco populares." É, portanto, uma questão de ser livremente assertiva/o, respeitando as/os outras/os simultaneamente.

A comunicação assertiva combina a autenticidade e o respeito pelas outras pessoas. Em síntese, é a habilidade para ser "forte" com as ideias e "suave" com as pessoas. Desta forma, a assertividade é caracterizada em contraste com outras três posições visíveis no diagrama em baixo: agressividade, o "fala-barato" e a pêra (Joël Berger, *Management : Adhésion et Cohésion*).



A assertividade não é uma atitude 'natural'. É sim uma forma de endurecer a nossa posição sobre determinado tema quando receamos não conseguir manter a nossa posição ou, pelo contrário, descartar algumas das nossas próprias ideias de modo a sermos mais 'agradáveis' e não estragarmos as nossas relações com as outras pessoas. Para comunicar assertivamente, existem várias técnicas:

1. Escuta ativa: demonstra interesse naquilo que a outra pessoa está a dizer, de modo a construir uma relação de confiança, favorável a discussões abertas.
2. O método do edredão: consiste em tirar notas do que a/o interlocutor(a) diz, sem entrar em debate ou apontar razões para discordar. Isto ajuda a suavizar a crítica, sem abandonares a tua posição e evitando um contra-ataque: "*Eu percebo o que dizes, eu compreendo…*"
3. O disco riscado: repete incansavelmente os argumentos até que a/o interlocutor(a) desista.
4. A técnica da esfinge: consiste em observar a/o tua/teu interlocutor(a) enquanto manténs uma postura neutra mas confiante: a outra pessoa dirá, "tu não estás a dizer nada…" Resposta: "Estou a ouvir-te atentamente."
5. A técnica da neblina: consiste em concordar com a/o interlocutor(a) num aspeto do seu argumento, antes de refutar a parte com que realmente discordas. "Eu concordo contigo nesse ponto…contudo, creio que…"
6. A técnica da solicitação negativa: sendo alvo de crítica, esta técnica consiste em pedir mais críticas ou o esclarecimento da crítica.
7. Sinceridade ou informação sobre si próprio: para colocar um fim a quaisquer críticas, fala sobre ti e sobre as tuas potenciais fraquezas.
8. Finalmente, o DESC: Descrever os factos; Expressar os seus sentimentos; Sugerir uma solução; Consequências (procurar consequências positivas para todas/os).

3.1.2. CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

Objetivos

A finalidade desta atividade é providenciar uma estrutura para as/os participantes discutirem questões relativas à identidade, ao preconceito, à discriminação e ao racismo. No fim da atividade, as/os participantes deverão:

- **Estar conscientes dos estereótipos que existem no seio do seu quadro de referência.**
- **Saber melhor como escutar atentamente.**
- **Ser capazes de se expressarem relativamente a temas como a identidade, o preconceito, a discriminação e o racismo.**

Público-alvo

Preferencialmente multicultural e a partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

12-20 participantes.

Materiais

- **Lista de questões para os círculos concêntricos (suporte de atividade).**

Duração

30-60 minutos, dependendo do número de questões colocadas.

Competências/conhecimento necessários à/ao facilitador(a)

Conhecer conceitos relacionados com o preconceito, os estereótipos e a discriminação. Ser capaz de explicar as diferenças entre eles. Saber como a questão da discriminação é abordada no seu país. Dominar certas noções de comunicação.

Preparação

- Divida o grupo em dois.
- O primeiro grupo irá formar um círculo exterior, virado para o centro da sala, enquanto que o segundo grupo irá formar um círculo interior, virado para fora.
- Cada pessoa deverá encarar outra pessoa do círculo oposto. Se os números não forem equivalentes, poderá juntar-se para formar outro par ou poderá ser formada uma tríade.

A atividade

- Informe as/os participantes de que irá colocar um número de questões (ver suporte de atividade); Poderá decidir o número de questões, que não deverá ultrapassar as 10, e posteriormente cada par (as duas pessoas de frente uma para outra) terão dois minutos para responder à questão.
- Isto significa que cada pessoa tem um minuto para responder à questão. Diga às/aos participantes que irá sinalizar o fim desse minuto dizendo "Troca!", altura em que a pessoa que fala passa a ser ouvinte. Você decide que participante começa por responder à questão, se o do círculo exterior ou o do círculo interior.
- Dê instruções no sentido de as/os participantes praticarem a escuta ativa e não interromperem a pessoa que está a falar.
- Indique às/aos participantes que após terminarem os dois minutos você dirá "Rodem!" como sinal para que o círculo exterior rode uma pessoa para a esquerda. O círculo interior não se move. Desta forma, novos pares serão formados para responder a cada questão.

- Quando tiver colocado todas as questões (ou quando o círculo exterior tiver completado uma rotação), peça às/aos participantes para se voltarem a sentar.

Avaliar a atividade

Conduza um debate com todo o grupo recorrendo às seguintes questões:

– *Qual foi a sensação de partilhar esta informação pessoal sobre ti com outras pessoas?*
– *Sem nomear a pessoa, houve alguma atitude de alguém que te tenha feito sentir que eras escutada/o com atenção?*
– *Alguma informação que ouviste foi surpreendente ou nova para ti?*
– *Algumas questões podem ter sido mais complicadas de responder do que outras. Que questões foram particularmente complicadas de responder? Por que motivo consideras que assim foi? A que questões gostaste particularmente de responder?*
– *O que, se for o caso, aprendeste com esta atividade?*

Conclua fazendo uma síntese das principais ideias que surgiram do debate e relembre às/aos participantes os fundamentos dos preconceitos (de onde surgem, como se espalham, etc.), da discriminação (como eles são abordados no seu país), assim como da comunicação (empatia, escuta ativa, assertividade…)

Dicas

- Enquanto as/os participante respondem às questões, certifique-se de que a partilha entre os pares não consiste numa discussão, mas sim num exercício em que cada participante se pode expressar sem interrupções.
- Este exercício é particularmente interessante se o grupo for constituído por diferentes etnias.
- Algumas questões poderão fazer com que as pessoas se sintam desconfortáveis, não insista se um(a) participante se recusar a responder.
- Enquanto se compõe os círculos, certifique-se de que existe espaço suficiente entre as/os participantes (respeitando o 'espaço pessoal').

Fonte

© 2011 Liga Anti-Difamação, https://www.adl.org/education. Todos os direitos reservados. Reeditado com permissão da editora.

Suporte de atividade: **Lista de questões para os círculos concêntricos (sugestões)**

1. Partilha algo sobre o teu primeiro nome, nome do meio ou último nome.
2. Qual o teu destino de férias preferido e porquê?
3. Descreve a tua escola primária. Qual a/o tua/teu professor(a) preferida/o? Porquê?
4. Como te sentes ao ouvir alguém falar uma língua diferente do teu idioma nativo?
5. Conta ao teu par qual a tua origem racial, religiosa ou étnica, e algo acerca dessa origem de que te orgulhas.
6. Partilha com o teu par um estereótipo relacionado com o teu grupo racial, religioso ou étnico que te perturba.
7. Partilha com o teu par a tua primeira memória de um contacto com ou da constatação da existência de pessoas de um diferente grupo étnico.
8. Fala ao teu par sobre um grupo étnico ou cultural, diferente do teu, que admiras, respeitas ou aprecias.
9. Partilha com o teu par um preconceito que aprendeste enquanto crescias.
10. Descreve uma ocasião em que foste desencorajada/o de fazer algo devido ao teu género.
11. Descreve uma ocasião em que foste desencorajada/o de fazer algo devido à tua idade.
12. Descreve uma ocasião em que testemunhaste um ato de preconceito ou em que uma pessoa tenha sido discriminada. Como reagiste?
13. Partilha com o teu par uma ocasião em que não interrompeste um ato de preconceito.
14. Etc.

3.2. Debater (contexto, métodos, ferramentas…)

**A violência começa quando as palavras acabam!
Debater, não lutar, pode parecer muito simples,
mas é disso que estamos a falar aqui!**

As seguintes atividades convidam as/os participantes a debater ativamente e a confrontarem as suas ideias, num ambiente de incentivo.

Quem fala?

Não existe democracia sem debate e não existe debate sem que as pessoas se escutem umas às outras. A capacidade de escutar é tão importante como a capacidade de se expressar, apesar de estes dois aspetos nem sempre se conjugarem em harmonia quando se trabalha com um grupo onde as pessoas não se conhecem umas às outras. Assim sendo, como poderá encorajar a livre expressão e assegurar-se de que cada voz conta e que todas as opiniões são ouvidas, incluindo as da minoria? Esta questão é de particular importância para quem trabalha com grupos de jovens.

"Habitualmente, quem é a pessoa que fala?", pergunta Gerard Pirotton, professor do Instituto Saint-Laurent (Bélgica) num artigo publicado no seu *blog*. "Quase sempre as mesmas pessoas, sem dúvidas, e sempre aquelas com opiniões previsíveis e inflexíveis. E quem não fala? Qualquer pessoa que realmente não saiba, que está ainda a pensar no assunto, que aguarda para perceber a direção que a discussão irá tomar baseada em quem lidera a conversa…".

Porque o debate democrático muitas vezes só promove a voz da maioria, a qualidade do debate é baixa. Reflectir sobre isto convida-nos a pensar sobre novos métodos para facilitar discussões em grupo no sentido de encorajar a expressão de todas e quaisquer ideias.

As seguintes atividades fornecem algumas sugestões de técnicas específicas para facilitar atividades de grupo.

3.2.1. ALGUMAS TÉCNICAS PARA ATIVIDADES DE GRUPO

1. O Debate em Movimento

Objetivos

O debate em movimento é habitualmente utilizado no início de uma atividade, quando as/os participantes não sabem o que as/os espera. Esta atividade ajudará as/os participantes a:

- **Começarem a colocar questões.**
- **Definir a sua posição.**
- **Argumentarem e debaterem.**

Público-alvo

12-25 anos.

Preparação

Selecione algumas frases sobre um tópico específico e tenha cuidado para manter uma posição neutra. As frases devem ser cuidadosamente escolhidas de modo a estimularem o debate. Elas podem ser sujeitas a interpretação. Prepare cerca de uma dúzia de frases que abordem o tema escolhido. Poderá ter que eliminar algumas frases caso se tornem redundantes à medida que o debate progride. Seis frases no final serão o suficiente.

A Atividade

Fase 1, preparar o espaço:

- Desenhe três áreas no chão: "sim"; "neutra" e "não".
- Todas/os as/os participantes começam na zona neutra.
- Prepare uma tabela com duas colunas (sim e não) para exibir as respostas das/os participantes.

Fase 2, as regras do jogo:

- Conforme cada frase é lida, as/os participantes deverão posicionar-se na zona "sim" ou "não" ou, se não conseguirem tomar uma posição, na zona "neutra".
- Dê prioridade ao grupo minoritário. O grupo deverá reunir-se para discutir e apresentar o seu argumento.
- O grupo oposto poderá responder. As/os outras/os participantes são livres para alterar a sua posição e deslocarem-se para outro grupo no decorrer do debate se os argumentos apresentados as/os convencerem.
- Encoraje as pessoas da área "neutra" a assumirem uma posição. Se não o fizerem, convide-as a explicarem a sua neutralidade.
- Ao longo do debate, coloque uma marca na coluna do grupo maioritário.
- Por fim as/os participantes voltam à zona neutra. Aí deverá apresentar uma nova frase…

Avaliar a atividade

A tabela final não irá apresentar uma resposta clara, pois não existe uma. "A resposta certa é a tua" é o debate: todas as pessoas têm uma opinião e todas as opiniões são válidas. A tabela serve como testemunha do processo e da evolução do debate.

Dicas

- Adapte as frases à faixa etária das/os participantes.
- Mantenha uma posição neutra. Esta é uma ocasião para as/os participantes assumirem a sua posição individual. É importante que não sigam o seu ponto de vista.

- Uma outra etapa consistirá em reformular os argumentos, ou relançar o debate passando a palavra a quem ainda não falou. Isto também contribuirá para assegurar que todas/os escutam.

2. As Cores da Democracia

Objectivos

Esta atividade é uma variação de um debate em movimento. O método não visa obter um consenso, mas sim possibilitar a livre expressão de ideias. O objetivo principal é que o processo de debate seja mais valioso do que propriamente as posições de acordo ou desacordo.

A Atividade

Esta atividade assenta na ideia de que, quando confrontadas com um tópico para debater, apenas algumas pessoas vocalizam a sua opinião – frequentemente previsível. Teremos, portanto, que ser inovadoras/es na procura de estratégias que permitam que as outras pessoas falem.

No sentido de dar a oportunidade para que todas/os assumam uma posição sobre um tópico em debate, sem que tenham necessariamente de verbalizar a sua opinião, esta atividade envolve a exibição de um cartão colorido. As cores representam o acordo, o desacordo, a indecisão, a ideia de que talvez nos falte informação para decidir e, finalmente, se sentimos que a questão não foi colocada da forma correta. Recomendamos que evite a cor vermelha pois tem demasiadas conotações!

Sugestões de cores:

- Acordo: verde
- Desacordo: amarelo
- Indecisão/falta de informação para tomar uma decisão ponderada: laranja
- Questão/problema mal formulada: azul

Providencie a todas as pessoas uma seleção de cartões coloridos. Estes cartões indicarão a opinião da maioria do grupo, sem que ninguém a tenha que verbalizar. Terá que adaptar a discussão à opinião que a maioria do grupo expressa:

- Maioria "indecisa" ou "questão/problema mal formulada"

Não é aconselhável dar início ao debate se a maioria das pessoas se sente indecisa ou se várias pessoas necessitam que a questão seja clarificada. Neste caso, o tópico do debate deve ser tornado claro. A dinâmica de grupo irá mudar de direção, à medida que as pessoas que concordaram e aquelas que discordaram, e que anteriormente se encontravam em discordância, se aliam no sentido de trabalharem para que o tópico seja clarificado. Após este ponto ser alcançado, as/os participantes poderão alterar a cor do seu cartão, surgindo assim um novo grupo "elucidado". Aí poderá então dar a palavra em primeiro lugar às pessoas que se encontravam indecisas. Esta é uma forma de reverter a ordem tradicional das coisas e de chamar a atenção para o facto de que este grupo também merece ser ouvido.

- Maioria "concorda" ou "discorda"

Dê a palavra em primeiro lugar ao grupo minoritário. Desta forma poderá romper com a tradicional ordem de trabalhos, que habitualmente força o grupo minoritário a passar para segundo plano, após ouvir o grupo maioritário expressar-se exaustivamente. Esta situação também colocará a minoria no centro da discussão e encorajará um diálogo mais livre. No decorrer do debate, as/os participantes podem alterar a sua posição e expressar novas opi-

niões. Para as pessoas que não estão habituadas a expressar a sua opinião será mais fácil falar exibindo o seu cartão colorido, ainda para mais quando têm a liberdade de mudar de cor no decorrer do debate. (inspirado por Gérad Pirotton, http://users.skynet.be/gerard.pirotton/Textes-site-DW08/esperluette-2006-couleurs-viveret.pdf).

3. Os subgrupos

Irá constatar que algumas das pessoas participantes se mostram mais confortáveis para se expressarem quando sozinhas com outra pessoa ou num grupo pequeno, enquanto que outras são mais inspiradas por um grupo grande. Deste modo, será importante variar o número de participantes no decorrer das interações para que todas/os as/os participantes se sintam confortáveis. Isto também ajudará a alterar o ritmo dos debates.
Os subgrupos poderão ser compostos por grupos de duas, três, quatro (ou mais) pessoas, tantas quanto necessário para que as necessidades de todas/os sejam atendidas.
Existem várias abordagens à formação dos subgrupos: encontrar características comuns entre as/os participantes ou constituí-los de forma aleatória, deixando a decisão à responsabilidade das/os participantes.

4. A mesa redonda

Para esta atividade, os membros do grupo deverão estar dispostos em círculo (com cinco a oito membros em cada círculo), formando tantos círculos quantos necessários. Esta disposição irá favorecer as interações visuais e verbal.
Prepare o debate; este poderá ser uma simples questão ou problema. Deverá também apresentar as etapas e regras do jogo (escutar, demonstrar respeito, não julgar):

- Dando a vez a cada um(a), peça às/aos participantes a sua opinião ou resposta à questão. A duração poderá variar dependendo da/o participante, ou o tempo para cada participante falar poderá ser estabelecido previamente (especialmente se algumas pessoas forem muito faladoras, ou tenderem a monopolizar o grupo). Assegure-se de que não existem manifestações de aprovação ou reprovação durante esse tempo.
- Se uma pessoa não desejar falar, poderá abster-se, mas deverá evitar apresentar esta opção como uma regra, uma vez que o objetivo é que o máximo número de participantes fale.
- Após a primeira ronda de debates, resuma os diferentes pontos de vista e encoraje as/os participantes a reagirem. Regulamente o discurso e tenha atenção ao tempo. Cada participante poderá intervir uma única vez, não para debater, mas para expressar a sua opinião sobre as reações do grupo. Se necessário, interfira para clarificar alguns detalhes.
- De seguida, proponha uma segunda mesa redonda para que todas/os possam clarificar o seu pensamento à luz de observações mais recentes. As/os participantes poderão trazer nova informação para a mesa ou responder a uma observação que lhes tenha sido especificamente dirigida.
- Finalmente, resuma os pontos de vista e a tendência geral do grupo, destacando ao mesmo tempo os principais pontos de divergência. O objetivo não é alcançar um consenso claro, mas sim assegurar que todas as ideias são expressas.

Este método requer que as pessoas participantes se expressem de forma clara e concisa, que escutem as/os outras/os e, se necessário, que alterem os seus pontos de vista, evitando sempre o confronto pessoal direto. Esta atividade terá sucesso se o tópico da discussão for sensível ou uma potencial fonte de conflito.

5. A árvore *palaver*

A árvore *palaver* refere-se a uma aldeia na África Subsariana na qual as pessoas se reúnem à noite para debater, mas também para fazer planos para a cidade e para falarem de coisas menos sérias… É um local de debate, de fala e de escuta. Nelson Mandela, o antigo presidente da África do Sul, viu na árvore *palaver* africana uma "instituição democrática por direito próprio". Na sua autobiografia, realça o influente papel destas assembleias na vida política, declarando que "todas as pessoas que queriam falar faziam-no: era a democracia na sua forma mais pura".

A árvore *palaver* ganha agora popularidade nos países ocidentais enquanto meio para o debate de questões essenciais na sociedade, com ênfase na escuta e no respeito. É particularmente relevante para facilitar atividades e eventos no setor de juventude. No bairro Goutte d'Or em Paris, o centro de juventude 'La Salle' estabeleceu um espaço inspirado na árvore *palaver*: *'Duas vezes por mês, reservamos algum tempo para possibilitar que as pessoas falem sobre a vida no centro e nos seus bairros assim como uma variedade de tópicos, desde* hobbies *a assuntos mais sérios, como os recentes ataques terroristas, que tiveram um grande impacto em nós e colocaram bastantes dificuldades a algumas pessoas jovens'.*

O princípio fundamental da árvore *palaver* é muito simples; é a ideia de que todas as pessoas têm o direito a expressarem-se e de que todas as palavras têm igual valor. A tradição nas sociedades africanas é que as/os cidadãs/ãos mais velhas/os assumam a responsabilidade de decidir quem irá falar. No decorrer desta atividade, poderá assumir este papel ou confiá-lo a um(a) participante. A pessoa que assume a responsabilidade irá contribuir para promover o sentimento de harmonia e assegurar que ninguém se sente prejudicado durante o debate.

3.2.2. O "*FRASBEE*"

Objetivos

O "*frasbee*" é uma técnica de atividade inspirada por um método canadiano. Tal como os *frisbees*, são lançadas frases para estimular o debate. O objetivo do "*frasbee*" é encorajar as/os jovens a partilharem ideias sobre um tema específico. Os objetivos incluem:

- **Permitir que as/os jovens desenvolvam as suas capacidades de pensamento crítico, de modo a encorajar a reflexão pessoal e a ganhar perspetiva.**
- **Destacar o conhecimento e inspirar as/os jovens a serem mais assertivas/os no contexto de um debate.**
- **Promover a partilha de ideias.**
- **Fomentar a autoestima positiva.**

Público-alvo

Esta técnica é aberta a todas as idades, mas resulta particularmente bem com um público na faixa etária entre os 14 e os 18 anos.

Tamanho do grupo

10-25 participantes.

Materiais

- **Oito frases preparadas previamente pela/o facilitador(a).**

Duração

Cerca de 1,5 horas, com uma pausa a meio. Poderá reduzir a duração necessária para a atividade utilizando menos frases.

Competências/conhecimento necessários da parte da/o facilitador(a)

Deverá estar bem informada/o sobre o tema escolhido para o "*frasbee*".

Preparação

- Em primeiro lugar, escolha um tema. Poderá ser um tema que tenha escolhido ou um tema escolhido pelas/os participantes. Independentemente disso, o tema deverá "dizer" algo às/aos jovens; caso contrário poderá ser difícil iniciar o debate.
- Faça alguma pesquisa sobre o assunto. Existe a opção de convidar um(a) 'especialista' no tema para enquadrar o debate e responder às questões que possam surgir.
- Determine objetivos específicos. Por exemplo, 'No final do debate, gostaria que as/os participantes fossem capazes de…'
- Escolha oito frases (ou menos se não tiver muito tempo). Deverão ser frases com potencial para estimular o debate. Deverão incitar a discussão e colocar em questão ideias existentes, encorajando ao mesmo tempo as/os participantes a falarem e expressarem-se. Não existem respostas corretas e não deverá haver juízos. Poderá criar as frases de acordo com os resultados que espera obter do debate.
- Poderá sentir necessidade de testar as frases com um pequeno grupo de amigas/os ou colegas de modo a avaliar a sua relevância.

A Atividade

- Para começar, defina algumas linhas orientadoras para o debate.

- *Respeitar a confidencialidade (o que for dito deverá permanecer nesse espaço)*
- *Respeitar todas as opiniões expressas (sem juízos)*
- *Assumir a responsabilidade pelas palavras que proferiu*
- *Participar*
- *Escutar e dar seguimento à discussão*
- *Poderá querer que as/os participantes peçam permissão ao resto do grupo para falar. Contudo, tenha atenção que isto poderá limitar a participação e a espontaneidade do exercício*
- *Peça às/aos participantes para dizerem se concordam com estas linhas orientadoras antes de começarem*

- Explique o princípio do *"frasbee"* e como este funciona.
- Divida as/os participantes em subgrupos de quatro a cinco pessoas, com grupos mistos, se possível.
- Distribua as folhas para a atividade dentro do grupo. Estas folhas deverão conter todas as frases que preparou.
- Para cada uma das oito frases, cada subgrupo deverá escolher:
  - *duas frases com as quais concordem.*
  - *duas frases com as quais discordem.*
  - *duas frases com as quais concordam mais ou menos.*
- As restantes duas frases podem ser deixadas de fora, sobretudo se não suscitarem particular interesse ao grupo.
- Não existe votação – o grupo deverá discutir e debater.
- O grupo deverá preparar o resultado da atividade em formato escrito. Não é necessário que esteja muito bem escrito, bastam algumas palavras simples para explicar as suas escolhas e para resumir o debate (foi fácil escolher? Porquê? Todas as pessoas concordaram?, etc.).
- Reúna novamente todo o grupo, mantendo os subgrupos juntos de modo a manter uma boa dinâmica. O propósito desta parte da atividade é debater num grupo mais alargado. Não se trata de alcançar um consenso, mas sim ouvir os argumentos de todas/os e potencialmente alterar a sua forma de pensar. Os subgrupos não deverão nomear um(a) porta-voz e todas as pessoas deverão ser livres para se expressarem.
- Pergunte: *"Como correu a interação no subgrupo? "Como te sentiste? "Foi difícil alcançar um consenso?"…*
- Peça a um dos subgrupos que indique uma frase com a qual concordem e que a escrevam num quadro. O grupo terá que defender o seu ponto de vista. Poderá querer aprofundar o debate colocando questões como *'o que te faz pensar assim…?'; 'o que significa isso na prática?, etc.*
- Se o argumento aparentar ter origem num ponto de vista condicionado ou politicamente correto, tente encorajar uma expressão mais crítica.
- Relance o debate:
  - *Alguém do grupo considerou difícil concordar com a opinião do resto do grupo? Se sim, por que motivo? Quais foram os contra-argumentos utilizados?*
  - *Deu-se o caso de vários grupos terem a mesma opinião acerca de alguma das frases? Por que razão achas que isto acontece? Houve opiniões muito diferentes?*
  - *Será possível encarar a mesma frase a partir de outro ponto de vista? Pensas que alguém poderia ter uma opinião contrária, e se sim, porquê?*
  - *Por vezes, uma anedota, um artigo noticioso, um testemunho ou dados estatísticos poderão dar vida ao debate.*
- Quando a energia do debate desvanecer, avance com algumas conclusões.
- Repita o debate com tantas frases quantas conseguir.
- Conclua a atividade fazendo uma revisão dos diferentes tópicos e discuta com as/os participantes o que aprenderam.

- Tente abordar o máximo de argumentos e ideias que surgiram no debate.
- Se o grupo o pedir ou se tiver dificuldade em chegar a uma resposta, poderá mencionar informação de outras fontes.

Duração das várias etapas

- Introdução: 10 a 15 minutos.
- Trabalho em subgrupo: 30 minutos.
- Pausa: 5 minutos.
- Debate em grupo alargado: 50 minutos.

Dicas

- É importante que as/os participantes se sintam livres para falar. Se não conhecer bem as/os participantes, poderá ser difícil para elas/es expressarem-se à sua frente. De igual forma, caso as/os conheça demasiado bem, elas/es também poderão ter dificuldade em participar, com receio de a/o desapontar ou defraudar as expectativas. Se verificar que constitui um obstáculo ao debate, poderá confiar a liderança da atividade a uma pessoa externa.
- É preferível que as/os participantes se conheçam bem, de modo a sentirem-se encorajadas/os a falar livremente.

Fontes

Mutualité chrétienne, *Et toi, t'en penses quoi?* 2013, www.et-toi.be.

Mais informações

O *site* www.et-toi.be (em Francês e em Alemão) oferece uma descrição completa do *"frasbee"* do qual a atividade acima foi retirada. Também encontrará informação prática sobre como conduzir o debate, reavivar o debate, gerir o mau comportamento de um(a) participante, etc. Na secção "temática", também poderá encontrar várias frases (*"frasbee"*) alinhadas com temas chave, como o álcool, as drogas e a adição, as emoções, o stress e as redes sociais. Também inclui sugestões sobre como avaliar a atividade.

3.2.3. QUAL A TUA POSIÇÃO?

Objetivos

O objetivo desta atividade é desenvolver as competências de comunicação e persuasão. Através desta atividade, as/os participantes poderão:

- **Praticar a defesa de uma posição perante um grupo.**
- **Formular um argumento enquanto parte de um grupo.**
- **Apresentar uma opinião com convicção.**
- **Compreender os mecanismos da comunicação verbal e não verbal.**

Público-alvo

Todas as faixas etárias.

Tamanho do grupo

12-20 participantes.

Materiais

- **2 posters: Eu concordo e Eu discordo.**
- **2 cadeiras**

Duração

45 a 50 minutos.

Competências/conhecimento necessários da parte da/o facilitador(a)

Deverá ter algum conhecimento sobre como a democracia funciona, o que é a liberdade de expressão e pontos de partida para a comunicação.

Preparação

- Coloque os dois *posters* – concordo e discordo – em cada extremidade do espaço, que deverá ser suficientemente grande para que as/os participantes tenham uma linha reta (imaginária) entre eles.
- No centro do espaço disponha duas cadeiras viradas uma para a outra e peça às/aos participantes que se posicionem em redor das cadeiras.
- Explique as regras da atividade:
  - *Haverá uma série de frases em relação às quais cada participante deverá assumir uma posição.*
  - *Cada vez que surge uma frase, as/os participantes deverão posicionar-se no espaço entre os dois posters, dependendo do quanto concordam ou discordam da frase.*

A Atividade

Comece por ler as frases:

- *Estás moralmente obrigada/o a exercer o teu direito de votar nas eleições.*
- *Tens de obedecer a todas as leis, mesmo que pareçam injustas.*
- *As únicas pessoas que têm poder numa democracia são as/os políticas/os.*
- *As/os cidadãs/ãos merecem as/os líderes que têm.*
- *É da responsabilidade das/os cidadãs/ãos controlar a atividade diária das/os suas/seus representantes.*
- *Eu assumo sempre a mesma posição que as/os minhas/meus amigas/os ou sigo a opinião da maioria.* (Esta frase pode ser utilizada para dissipar suavemente o comportamento seguidista. Pode ser empregue rapi-

damente caso sinta que as/os participantes estão a seguir os membros mais fortes do grupo em vez das suas próprias ideias.)

– *Não deveria haver liberdade para as pessoas que não defendem a liberdade. Não podemos permitir que os partidos extremistas se manifestem nas ruas.*

Também poderá trabalhar com outros temas. O ponto fundamental é que as frases sejam controversas para o grupo com quem trabalha.

Argumentos

- Regresse às frases que suscitaram mais controvérsia e peça às/aos participantes para assumirem as posições que escolheram.
- Convide dois/duas participantes com as posições mais divergentes a sentarem-se nas cadeiras no centro do espaço. As/os restantes participantes deverão permanecer nos seus lugares.
- Cada um(a) das/os participantes sentadas/os terá então um minuto para explicar as razões que a/o levam a concordar ou a discordar da frase. Ninguém as/os deverá interromper ou ajudar.
- Os outros membros do grupo serão então convidados a ficar atrás da/o interlocutor(a) que consideraram mais convincente, constituindo assim um grupo "pró" e outro "contra".
- Os dois grupos dispõem de 10 minutos para trabalharem juntos no sentido de prepararem um argumento que suporte a sua posição. Podem nomear um(a) porta-voz, mas que seja diferente da/o anterior.
- As/os duas/dois novas/os interlocutoras/es devem então sentar-se. Dispõem de três minutos para apresentarem os seus argumentos, rodeadas/os pela sua equipa.
- No final das apresentações, as/os participantes poderão mudar de lado caso sejam persuadidas/os pelo outro grupo.
- Os novos grupos formados dispõem então de cinco minutos para desenvolver um novo argumento. Ambos os grupos deverão nomear um(a) nova/o porta-voz.
- Siga o modelo anterior, com as/os participantes livres de se moverem caso o outro grupo as/os convença.

Avaliar a atividade

- O foco não deverá passar por se envolverem num debate muito longo sobre uma frase escolhida, mas sim por encorajar as/os participantes a refletirem sobre o debate enquanto processo e a pensarem sobre os seus objetivos e valor no contexto de uma sociedade pluralista.

  É importante considerar como a discórdia, e até o conflito, é um dos motores da democracia e da evolução da sociedade.
- Algumas ideias para iniciar o processo de avaliação:
  - *Algum(a) participante alterou a sua opinião durante o debate? Se sim, quais foram os principais argumentos que as/os persuadiram? O que foi mais influente, o argumento em si ou a forma como a ideia foi apresentada?*
  - *As/os participantes sentem que foram influenciadas/os por fatores que não os argumentos, como a pressão do grupo, a linguagem emocional ou o sentimento de rivalidade?*
  - *Para as/os participantes que mantiveram a sua posição durante toda a atividade, o que pensam que obtiveram do debate? Continuariam a ter a mesma postura sobre esse assunto? Existe algum argumento que as/os poderia ter levado a alterar a sua opinião?*
  - *Porque acham que as pessoas têm diferentes opiniões e como podem estas ser geridas numa sociedade democrática?*
  - *Numa sociedade democrática, devemos tolerar todas as opiniões?*

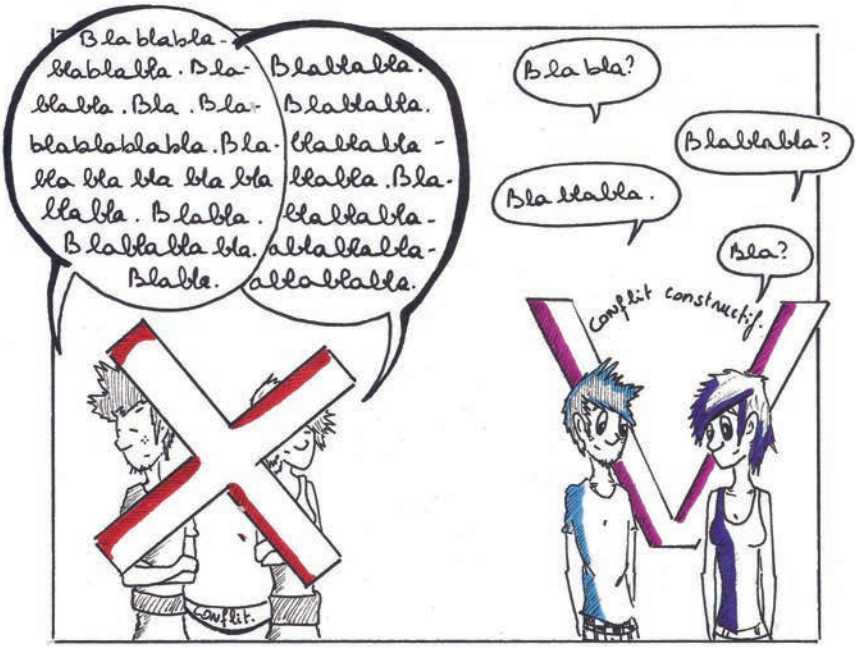
Dicas

Tenha atenção no sentido de assegurar que o exercício não se torna num fórum político.

Fonte

Conselho da Europa, *Compass: Manual for Human Rights education with young people, Strasbourg,* 2002.

3.3. Gestão de conflitos


Bla bla bla - bla bla bla bla . Bla - bla bla bla . Bla . Bla - bla bla bla bla bla . Bla - bla bla bla bla bla bla bla bla . Bla bla bla . Bla bla bla bla bla . Bla bla bla bla . Bla bla bla bla bla bla bla bla

Seria uma ilusão acreditar que a sociedade pode funcionar sem quaisquer conflitos ou até que isso seria desejável. É possível dissipar o conflito promovendo o respeito pela/o própria/o e a tolerância, respeitando as diferenças entre as pessoas e criando **espaços propícios ao debate e diálogo abertos**. Ainda assim, o conflito não pode ser completamente evitado; é inerente à vida em comunidade e, quando bem gerido, pode até ter os seus benefícios, permitindo que a sociedade evolua.

Dissipar situações de conflito e evitar uma preocupação excessiva com elas requer saber lidar com os contextos, adotando uma metodologia específica de modo a prevenir ou, se necessário, sair de uma situação de conflito. É também, acima de tudo, compreender **como e porquê surgem os conflitos**. Passa também por saber observar e questionar a relação de cada um com o conflito.

Ao longo do século XX, as/os psicólogas/os interessaram-se em compreender melhor os mecanismos do conflito, o que conduziu a uma definição bastante centrada no indivíduo: o conflito é uma expressão de frustração (medo ou revolta) causada por um obstáculo percetível que impede a satisfação das nossas necessidades. A personalidade do indivíduo em causa, os interesses divergentes, as questões de poder, a cultura ou convicções diferentes podem estar na origem desta perceção. Quando enfrentamos o perigo de não conseguirmos satisfazer as nossas necessidades, a reação é frequentemente emocional. Esta emoção, e o comportamento que ela despoleta, ocorre habitualmente antes de o indivíduo ter tempo para refletir, e como neste caso o indivíduo se sente em perigo, é provável que o comportamento seja agressivo.

Para prevenir o conflito é, portanto, necessário ter a capacidade de saber lidar com as emoções, de se expressar e assegurar que todas as necessidades são correspondidas, de escutar e de compreender as necessidades das outras pessoas e de adotar novos padrões de comportamento.

No contexto de uma situação de conflito, é por vezes tentador não fazer nada, de forma a não 'piorar as coisas'. Ainda assim não podemos seguir o *status quo*. No melhor dos cenários, o conflito pode ser superficialmente adormecido, contudo, mais cedo ou mais tarde, sem uma solução definitiva, ele explodirá novamente. Para o conflito ser resolvido, a situação terá que ser alterada.

Existem diferentes abordagens para ultrapassar este desafio:

Os psicólogos humanistas americanos Abraham Maslow (1908-1970) e Carl Rogers (1902-1987) realçam a importância de dar um passo atrás, assim como a necessidade de colocar o foco em **escutar a pessoa**. Facilitar a expressão de sentimentos e necessidades, colocar-se no lugar da outra pessoa de modo a compreender os seus sentimentos, renovar a comunicação e encontrar uma solução aceitável ajudará a prevenir ou a acabar com o conflito.

Mais recentemente, as técnicas de gestão de conflito da **Nonviolent Communication** (NVC) – do Centro para a Comunicação Não Violenta – têm-se tornado bastante populares entre vários atores da comunicação. Segundo Marshall Rosenberg, criador da NVC e antigo estudante inspirado pelo trabalho de Carl Rogers, a NVC transformaria o conflito em diálogo através da escuta da outra pessoa e das suas necessidades específicas. A técnica da NVC é baseada na aplicação dos seguintes princípios:

- Saber escutar sem julgar;
- Expressar os seus sentimentos sem agressividade;
- Expressar as suas necessidades com sinceridade;
- Definir pacificamente o que é esperado da outra pessoa.

Diversos livros abordam a NVC e as várias estruturas que a utilizam como método para a gestão de conflitos. Embora as técnicas propostas por Rosenberg mereçam a nossa atenção quando nos focamos na gestão de conflitos, é, contudo, aconselhável ter cautela relativamente às estruturas que promovem os seus métodos. Na verdade, tal como outras técnicas de comunicação que visam influenciar a interação entre indivíduos, a NVC pode desviar-se do seu objetivo original. A NVC não é mística, nem a resposta para todos os problemas do mundo.

Leitura adicional
Consultar bibliografia p. 39

3.3.1. O COMBOIO

Objetivos

Esta atividade visa permitir às/aos participantes:

- **Viver uma situação de conflito.**
- **Identificar atitudes que ocorrem durante situações de conflito.**
- **Compreender como os conflitos funcionam de forma a lidarem com eles.**

Público-alvo

12-15 ou 16-25 anos.

Tamanho do grupo

10-15 participantes.

Materiais

- **Quatro cadeiras (um par de frente para o outro)**
- **Viajante (suportes de atividade 1-5)**
- **Observador(a) (suporte de atividade 6)**

Duração

Previsivelmente entre 10 e 15 minutos para a encenação e 15 a 30 minutos para a reunião de balanço, dependendo do número de participantes.

Preparação

- Escolha cinco pessoas do grupo e distribua entre elas o suporte de atividade 'viajantes'.
- Distribua o suporte de atividade 'observadoras/es' às/aos restantes participantes.
- A situação de conflito surgirá uma vez que só existem quatro lugares para cinco viajantes.

A Atividade

- Tenha o cuidado de permitir que as/aos participantes descubram a situação no decorrer da atividade de modo a assegurar que as reações são naturais e espontâneas.
- Enquanto facilitador(a), irá desempenhar o papel de controlador(a).
- Comece a atividade fazendo o seguinte anúncio:
  - *'Senhoras e senhores, bem-vindas/os a bordo deste comboio com destino a Amesterdão. Gostaríamos de informar que o comboio se encontra lotado, solicitamos gentilmente a quaisquer pessoas que não estejam sentadas para saírem do comboio. Faremos uma paragem em Bruxelas, e posteriormente o nosso comboio prosseguirá direto a Amesterdão. Partiremos dentro de 10 minutos.'*
  - *5 minutos depois, faça o seguinte anúncio: 'Senhoras e senhores, damos as boas vindas às/aos passageiras/os que se juntam a nós neste trajeto até Amesterdão. O nosso comboio partirá dentro de 5 minutos.'*
  - *3 minutos depois, faça o seguinte anúncio: 'Senhoras e senhores, o nosso comboio está pronto a iniciar viagem. Gostaríamos de solicitar aos acompanhantes que façam o favor de abandonar o comboio. Relembramos que este comboio se encontra lotado, solicitamos a quaisquer pessoas que não tenham lugar que abandonem o comboio.'*
  - *2 minutos depois: atravesse o 'comboio' e dirija-se à pessoa que permanece de pé, dizendo: 'Senhora (ou senhor), o nosso comboio está prestes a partir. Tem muito pouco tempo para sair.' Se a/o passageira/o tentar argumentar, responda: 'Eu não quero saber, por favor abandone o comboio, poderá explicar a situação na plataforma. Se não abandonar, irei impedir a partida do comboio.'*

Avaliar a Atividade

- Questiona cada participante sobre como se sentiram.
- Porque foram combinados todos os elementos de um conflito nesta atividade?
  – *Todas as pessoas têm uma razão válida.*
  – *Todas as pessoas creem que a sua razão é mais válida que das outras.*
  – *O stress inerente à situação foi exponenciado pelos anúncios.*
  – *Existe conflito quando os recursos são limitados.*
- Posteriormente, peça às/aos observadoras/es que comentem a situação a que assistiram, utilizando a grelha da observação (suporte de atividade) de modo a introduzir as cinco atitudes presentes numa situação de conflito.

Dicas

Esta atividade é uma introdução a uma sequência sobre gestão de conflitos. Poderá completar esta atividade abordando possíveis soluções para a prevenção do conflito: lidar com as emoções, satisfazer as necessidades, lidar com as representações mentais e colocar em prática novos comportamentos. Para aprofundar o tópico, poderá imaginar uma situação da vida real – proposta por um(a) das/os participantes. Uma alternativa para grupos mais pequenos seria limitar a três o número de observadoras/es.

Fonte

Institut Supérieur de la Formation, Paris, www.institut-superieur-formation.fr.

Mais informação

Marsan Christine, *Gérer et surmonter les conflits*, Paris, Dunod, 2010.

Chalvin Dominique *Tensions et conflits dans les relations personnelles*, Paris, ESF Éditeur, 2012.

Suporte de atividade 1: **Viajante 1**

É dia 1 de agosto. Vais apanhar o comboio de Paris para Amesterdão. Acabas de chegar a Paris. Vens de Toronto, onde fizeste um estágio de 6 meses. Estás cansada/o devida à viagem e à diferença horária. Vais estar em Amesterdão apenas durante dois dias, onde te irás encontrar com a/o teu/tua companheira/o.

Lugar:

41.

Suporte de atividade 2: **Viajante 2**

É dia 1 de agosto. Vais apanhar o comboio de Paris para Amesterdão. Tens estado à procura de trabalho nos últimos oito meses. Vais a Amesterdão a uma entrevista de trabalho. Esta entrevista é muito importante para ti, o emprego corresponde tanto às tuas aspirações profissionais como às tuas competências. Já foste a uma entrevista em Paris que correu muito bem.

Lugar:

42.

Suporte de atividade 3: **Viajante 3**

É dia 1 de agosto. Vais apanhar o comboio de Paris para Amesterdão. Vais ver a tua avó que está muito doente. Ela tem estado muito sozinha desde a morte do teu avô. Escolheste este comboio porque te permite levá-la a um(a) médica/o.

Lugar:

43.

Suporte de atividade 4: **Viajante 4**

É dia 1 de agosto. És um(a) Gestor(a) de Conta. Vais viajar de Paris até Amesterdão para o encontro anual com a/o teu/tua cliente mais importante na Holanda. Vais e voltas no mesmo dia. Precisas das três horas de viagem para preparares a tua apresentação.

Lugar:

44.

Suporte de atividade 5: **Viajante 5**

É dia 1 de agosto. Vais apanhar o comboio de Paris para Amesterdão. Esta noite, vais apanhar um barco para Newcastle para umas férias bem merecidas. Se não conseguires apanhar o comboio irás perder o teu barco.

Lugar:

45.

Suporte de atividade 6: **Observador(a)**

Quais foram as fases do conflito?
Regista quais os comportamentos que correspondem às seguintes atitudes:

Inibição	
Agressividade	
Passividade	
Manipulação	
Assertividade	

Para a/o observador(a):

- **Inibição.** Quando atacadas/os, observamos uma reação inibitiva que nos faz pensar "quando ele explodiu, fiquei tão chocada/o que nem sabia o que dizer ou fazer." Esta é uma fase breve e transitória e, quando desaparece, tomamos então uma decisão sobre o que fazer.
- **Agressividade.** Uma atitude agressiva faz com que uma pessoa queira demonstrar que está certa, que está no seu direito, e que tem a resposta correta.
- **Passividade.** Uma atitude passiva é caracterizada por um comportamento evasivo. Consiste no medo de reagir, de dizer algo e envolver-se. Ser passiva/o significa evitar a situação e poderá levar ao conflito.
- **Manipulação.** Ao lisonjear, seduzir, conspirar, recorrer ao humor, a atitude manipulativa desvia-se engenhosamente no sentido do objetivo que a pessoa tem em mente, ocultando os outros. Durante um conflito, este comportamento não conduz a uma solução pacífica, uma vez que a pessoa apenas tem em conta os seus interesses, sem considerar as outras pessoas.
- **Assertividade.** Esta é a única atitude positiva durante o conflito, uma vez que a pessoa tem a capacidade de avaliar a sua própria responsabilidade na disputa. A pessoa quer compreender as outras e as dificuldades comuns. Procura soluções aceitáveis para ambos os lados e expressa os seus objetivos mantendo relações verdadeiras com as outras pessoas.

3.3.2. O JOGO DO CONFLITO

Objetivos

Este exercício complementa o anterior (O comboio). Possibilita às/aos participantes observar um exemplo de conflito para que desse modo possam compreender melhor os mecanismos envolvidos. Esta atividade visa permitir às/aos participantes:

- **Compreender as diferentes atitudes que as pessoas podem adotar durante um conflito.**
- **Reconhecer as vantagens e desvantagens do conflito.**
- **Ganhar consciência sobre como o comportamento assertivo pode prevenir e gerir o conflito.**

Público-alvo

A partir dos 16 anos; a atividade requer um certo grau de 'à vontade' para encenar as diferentes atitudes.

Tamanho do grupo

15-20 participantes.

Duração

Cerca de 45 minutos.

Competências/conhecimentos necessários da parte da/o facilitador(a)

Compreender conceitos relacionados com a gestão de conflitos e assertividade. Consultar as atividades 3.1.1. e 3.3.1. para material de suporte.

A Atividade

- Comece por referir o papel que o conflito desempenha na sociedade:
  - *O conflito é inerente a todas as sociedades: os seres humanos apenas existem devido às interações entre si e estas interações produzem, inevitavelmente, tensão e conflito. Se reprimíssemos este conflito, estaríamos a limitar a autoexpressão e a contribuir para a criação de um mundo totalitário e imóvel. O conflito ocorre devido ao antagonismo entre os indivíduos e entre os grupos sociais. Este antagonismo resulta do facto de os indivíduos procurarem uma solução para as suas diferenças. Se o conflito for bem gerido, ou seja, se não chegar a haver luta, a qualquer nível, então poderá contribuir para atenuar alguns problemas sociais, permitindo que os indivíduos se expressem e que o grupo evolua.*
  - *Para que o conflito tenha um impacto positivo, os indivíduos devem procurar uma solução para o problema que seja satisfatória ou até proveitosa. Sem uma solução, o conflito pode ser destrutivo.*
- Divida as/os participantes em equipas de quatro ou cinco pessoas e prepare a encenação.
- Em cada grupo, duas pessoas irão encenar uma situação de conflito: uma pessoa responsabiliza a outra pelo facto de terem ficado retidas/os antes de um concerto. Uma das pessoas gastou muito dinheiro nos bilhetes; a outra garantiu que seria providenciado transporte. Nenhuma das pessoas pôde ver a banda e provavelmente não a irão ver.
- Peça a um(a) participante que inicie o conflito e a outra/o que reaja das seguintes quatro maneiras. Estas diferentes reações podem ser interpretadas pela mesma pessoa ou por várias/os participantes:
  - Passivamente (assumindo total responsabilidade pelo sucedido).
  - Agressivamente (colocando toda a responsabilidade na outra pessoa).
  - Recorrendo à manipulação (interpretando a situação para seu próprio interesse, agindo de forma cínica e desonesta, mas escondendo-o).

  - Assertivamente (expressando um ponto de vista facilmente e de forma clara, sem retirar importância ao que a outra pessoa sente).
- Consultar o suporte de atividade do 'Comboio' para uma definição das atitudes mencionadas acima.
- 1-2 minutos será o suficiente para a encenação. Tenha atenção pois o objetivo da atividade é passar por uma situação de discórdia, e não encontrar uma solução simples para o problema, como, por exemplo, *'não importa, vamos a outro concerto.'*
- Certifique-se de que as outras pessoas observam atentamente a forma como as/os dois/duas participantes interpretam o cenário. Após as quatro situações serem observadas, peça às equipas que trabalhem em grupos de modo a identificarem as vantagens e as desvantagens das quatro diferentes respostas ao conflito.
- Posteriormente, poderá convidar as/os participantes a partilharem as suas opiniões sobre as situações e a decidirem qual a solução mais apropriada para a resolução do conflito.
- Por fim, poderá concluir a atividade apresentando os seguintes princípios sociológicos relacionados com cada uma das quatro reações à resolução do conflito:
  - *A pessoa passiva procura evitar a situação; tenta fugir por recear a sua própria reação. Isto pode dever-se a um sentimento de inferioridade ou simplesmente ao desinteresse na situação. Tal atitude pode adensar o conflito.*
  - *A pessoa agressiva que, em última instância, quer ser a pessoa que está correta (ainda mais se sentir que está errada). Esta pessoa apenas valoriza a sua própria opinião e não tem em consideração o ponto de vista da outra. A agressividade pode ser encarada como uma excessiva autoafirmação.*
  - *A pessoa manipuladora irá tentar alcançar o seu objetivo dando um passo atrás, em comparação com a pessoa agressiva, que opta pelo confronto. A/o manipulador(a) recorrerá à lisonja, à sedução, à conspiração e à compaixão. Deseja atingir o seu propósito sem pensar em mais ninguém, não dando espaço para a resolução do conflito.*
  - *A pessoa assertiva trata todas as outras de igual forma, tentando alcançar um acordo e recorrendo à negociação. Também é capaz de avaliar a situação e reconhecer a sua quota parte de responsabilidade, sem se diminuir. Esta é a única forma positiva de reação ao conflito, pois visa encontrar uma solução mutuamente acordada baseada em relações honestas.*

Variação

Dependendo do tamanho do grupo, poderá variar o número de equipas. Para um grupo de 10 pessoas ou menos, peça a todas/os que assumam as diferentes atitudes.

Fontes

Marsan Christine, *Gérer et surmonter les conflits*, Paris, Dunod, 2010.

Chalvin Dominique *Tensions et conflits dans les relations personnelles*, Paris, ESF Éditeur, 2012.

Hadfield Sue et Hasson Gill, *Développez votre assertivité dans toutes les situations,* Paris, Leduc éditions, 2012.

Université de Paix, Namur, www.universitedepaix.eu.

3.3.3. CHOQUE DE LIBERDADES

Objetivos

O objetivo desta atividade é explorar questões relacionadas com a diversidade, o pluralismo, a liberdade de expressão e a democracia. Esta atividade irá ajudar as/os participantes a:

- **Considerarem de que forma a liberdade de expressão contribui para o funcionamento de uma sociedade democrática.**
- **Discutirem as vantagens e desvantagens da ausência de limites para a liberdade de expressão.**
- **Praticarem as suas competências de negociação.**

Público-alvo

Todas as faixas etárias.

Tamanho do grupo

10-20 participantes.

Materiais

- **Duas salas.**
- **Papel e canetas.**
- **Suportes de atividade 1, 2 e 3.**

Duração

2 horas.

Preparação

- Explique que a atividade irá envolver uma simulação e divida o grupo em duas comunidades diferentes. A comunidade *Ixprat* deverá ser maior: cerca de dois terços das/os participantes. O restante terço do grupo representa a comunidade *Pastik*. As/os *Ixprats* vivem numa ilha. As/os *Pastiks* estão a considerar migrar para essa ilha.
- Explique que a primeira parte da simulação irá envolver trabalho nas comunidades separadas. Ao fim de 20 minutos, os grupos serão reunidos.
- O grupo minoritário deverá ser encaminhado para uma sala diferente. A/o porta-voz de cada grupo deverá ler em voz alta a informação sobre a comunidade relevante e posteriormente poderá distribuir cópias para as pessoas terem como referência (ver suportes de atividade).

A Atividade

- Dê início à discussão dentro de cada grupo perguntando às/aos participantes o que pensam sobre a vida na ilha. Pergunte se é sua intenção viver na ilha. Após alguma reflexão, deverão ser colocadas aos grupos as seguintes questões:
  - *Grupo Pastik: Quais as vossas preocupações relativamente a mudarem-se para a ilha?*
  - *Grupo Ixprat: Quais as vossas preocupações relativamente a receberem um grande número de imigrantes que desconhecem a vossa cultura e tradições?*
- Ao fim de 20 minutos, os dois grupos deverão reunir-se novamente. Convide as/os habitantes da ilha a apresentarem-se, e encoraje-as/os a utilizar frases breves, se assim o desejarem. Não permita que esta etapa dure mais de 10 minutos.
- Ao fim de 10 minutos, dê a seguinte informação às/aos participantes: *Passou um ano, e aumentou o número de problemas. As tensões entre as comunidades têm-se agravado e muitas pessoas preocupam-se com a grande*

instabilidade social. A/o Presidente convidou-vos a formar um grupo de trabalho para tentar encontrar soluções para estes problemas.

- Divida toda a comunidade em grupos mais reduzidos, de modo a que cada grupo de trabalho tenha (à volta de) dois membros Pastik e quatro membros Ixprat. Atribua a cada grupo um dos problemas (ver suporte de atividade).
- Indique aos grupos que dispõem de 20 minutos para chegar a uma decisão sobre como resolver o problema. Explique que qualquer proposta terá de ser submetida a voto e aprovada pela maioria das/os participantes (do grupo de trabalho) para ser aceite. Relembre que se não conseguirem aprovar uma nova decisão, o *status quo* irá prevalecer! A comunidade Ixprat poderá vetar propostas uma vez que constitui a maioria.
- Passados os 20 minutos, reúna todas/os para que apresentem as suas decisões.
- Dê a cada grupo de trabalho 2-3 minutos para transmitir de forma resumida a sua solução, e peça brevidade nas respostas a eventuais perguntas. Passe depois à avaliação da atividade.

Avaliar a atividade

Peça às/aos participantes que saiam das suas "personagens" e relembre que agora irão discutir a atividade como um todo. Deverão evitar regressar aos debates anteriores.

- *Como te sentiste em relação à atividade? De que gostaste e de que não gostaste?*
- *Quão fácil foi desempenhar o teu papel – e permanecer nele – quando as/os várias/os habitantes da ilha se juntaram?*
- *O que achaste do processo de negociação e, posteriormente, do processo de tomada de decisão? Quais foram os fatores mais importantes para ti ao tentar encontrar uma solução?*
- *Consideraste justo que a comunidade Ixprat tenha tido a possibilidade de vetar quaisquer propostas, devido ao facto de serem a maioria? Como podemos assegurar que as opiniões e direitos das minorias são representados de forma justa na vida 'real'?*
- *A atividade contribuiu para alterar alguns dos teus pontos de vista? Se sim, quais, em particular, e porquê?*
- *Consideras a atividade semelhante com a realidade: lembrou-te de alguns problemas atuais da sociedade?*
- *De que forma consideras que devemos lidar com o problema de as pessoas dizerem coisas ofensivas, intolerantes e por vezes perigosas?*

Dicas

- As descrições da vida nas duas ilhas são relativamente longas, de modo a que as/os participantes entrem no "espírito" da sua comunidade. Deverão ser lidas não como 'informação', mas sim como uma história!
- Poderá solicitar ao grupo de trabalho que lida com o problema relativo à campanha de Internet para se focar no aspeto *online* do problema. Deverão, pelo menos, ser direcionadas/os no sentido de considerarem este aspeto em conjunto com quaisquer propostas *offline*.
- Permita que a simulação decorra com a menor interferência sua possível. Certifique-se de que as pessoas compreendem as limitações de tempo e a natureza da tarefa, mas permita-lhes abordar as tarefas da forma que entenderem melhor. Interrompa apenas se parecer que não compreenderam, ou no caso de as tensões ou o conflito interferirem no processo.
- As/os participantes podem beneficiar com alguma informação sobre liberdade de expressão. Se houver disponibilidade de tempo, recorra a alguma informação.

Variações

Se o tempo for pouco, as descrições poderão ser encurtadas e durante as negociações finais poderá ser atribuído o primeiro problema a todos os grupos de trabalho. Assim as negociações serão aceleradas.

De forma a prolongar a atividade, poderá pedir às/aos participantes para debaterem sobre os principais grupos de imigrantes no seu país. Poderão identificar as razões pelas quais estes grupos de pessoas imigraram, se os seus direitos e opiniões são respeitados pela sociedade em que vivem, e olhar para o modo como são representados pelos *media*, *online* e *offline*.

Fonte

Council of Europe, *Bookmarks – A Manual for combatting hate speech online through human rights education*, Council of Europe, Strasbourg, 2014.

COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE

NO HATE
NO HATE SPEECH MOVEMENT

Suporte de atividade 1: **A Ilha Pastik**

Vives numa pequena ilha cujas fronteiras estão fechadas e onde não há imigração e que tem recebido muito poucas/os turistas desde que há memória. A tua sociedade é calma e pacífica: a paz e a ausência de conflito têm uma forte tradição e são encaradas como uma 'prioridade nacional'. Existe inclusive um artigo na Constituição que estabelece que: "Ninguém deverá dizer ou fazer nada que possa provocar dor ou desagrado a outras pessoas." Este artigo é cuidadosamente monitorizado, e as infrações são severamente punidas. Raramente é transgredido; é muito mais fácil concordar com as outras pessoas. A discórdia tornou-se dolorosa para o povo Pastik, pois perturba a mente.

O teu país considera-se uma democracia. Realizam-se eleições todos os anos e quase todas/os votam. Contudo, existe uma tendência para eleger as mesmas pessoas, uma vez que se discute muito pouco políticas alternativas.

Geralmente, as conversas, as declarações públicas e mesmo os *media* não vão muito além das opiniões normalmente aceites pela sociedade, e as pessoas não se importam que assim seja uma vez que se esqueceram ou são incapazes de imaginar formas diferentes de fazer as coisas. Existem muito poucas notícias sobre outros lugares do mundo, nenhuma literatura de outras culturas, e muito pouca mudança, já que a mudança é encarada como algo que perturba.

As pessoas têm reparado ao longo dos anos que o litoral se tem alterado: o nível do mar tem subido e muitos locais do país que antes eram habitáveis encontram-se agora submersos. Ao início não era dada grande importância a esta situação: havia terra suficiente para todas/os e as comunidades que viviam perto do litoral simplesmente deslocaram-se para zonas mais interiores. Contudo, nos últimos anos o problema agravou-se. Algumas pessoas começaram a discuti-lo entre si, mas este facto foi considerado perturbador, e assim o governo instaurou uma proibição. A vida continuou, essencialmente calma, previsível e livre de conflito e discórdia, até que, num terrível dia ventoso, um grave furacão atingiu a ilha. Edifícios foram destruídos, muitas pessoas morreram, e grande parte do terreno ficou alagado. Quando as ondas diminuíram, poucas colheitas sobreviveram e as que sobreviveram morriam devido à água salgada. Praticamente todas as infraestruturas foram destruídas. A comida começou a escassear, as infeções e doenças começaram a espalhar-se e as provisões de medicamentos não eram adequadas. A ilha caiu no caos. As pessoas começaram, inclusive, a discordar sobre a decisão mais acertada a tomar.

Quando parecia que toda a esperança estava perdida, foi recebida uma mensagem de uma ilha vizinha, a Ilha Ixprat. A mensagem expressava a sincera preocupação pelo povo Pastik e incluía uma oferta para acolher quaisquer pessoas que desejassem mudar-se para Ixprat. Tu és uma das pessoas que decidiu mudar-se.

Suporte de atividade 2: **A Ilha de Ixprat**

Vives na ilha de Ixprat, localizada no Oceano Pacífico e na trajetória de uma das vias marítimas ancestrais que atravessam o oceano. A tua ilha depende, por tradição, do comércio e da comunicação com outros países e tem tido uma política de abertura de fronteiras durante centenas de anos. Isto significa que viajantes e imigrantes oriundas/os de várias culturas têm sido um elemento presente no quotidiano da ilha. O resultado é uma população bastante diversificada, com um largo espectro de opiniões, crenças e práticas culturais. A tua cultura nacional aceita esta diversidade: as pessoas demonstram particular interesse em outras formas de fazer as coisas, nas diferentes crenças e ideologias. Claro que, com esta diversidade, nem todas as ideias ou ideologias conseguem ser bem acolhidas por todas as pessoas. A discórdia e o conflito são uma forma de vida em Ixprat. Quase todos os encontros entre duas mentes incluem uma discussão acerca de opiniões, crenças e ideias. Além do mais, quase todos os encontros passam ou acabam em discórdia. A discórdia é praticamente um *hobby* nacional. Por este motivo, não existem leis que limitem o que uma pessoa ou grupo diz sobre as/os outras/os. Algumas pessoas dizem coisas terríveis. Por vezes isto leva as pessoas a fazerem coisas terríveis. O 'fazer' é punido por lei; o dizer não. A vida em Ixprat é interessante, desafiante, e está em constante mudança. Tu valorizas a riqueza da cultura e o facto que poderes dizer tudo o que queres. Sabes que a discussão sem fim e a discórdia nem sempre conduzem à felicidade. Na verdade, acabas por considerar a discórdia bastante cansativa e dolorosa, na maior parte das vezes: nem sempre é fácil ouvir as pessoas dizerem coisas que consideras erradas, muito menos coisas que consideras cruéis. Também já constataste que alguns grupos dentro da sociedade tendem a ser vítimas mais frequentes de linguagem cruel e intolerante do que outros. Ainda assim, parece-te importante que nenhuma pessoa seja alguma vez impedida de expressar as suas crenças.

Num dia ventoso, a tua ilha recebeu notícias relatando que um furacão muito forte havia atingido uma das outras ilhas no Pacífico. Sabes muito pouco sobre essa ilha: o seu povo sempre foi muito reservado. Ouviste histórias que indicavam que as pessoas dessa ilha são muito estúpidas e retrógradas, mas nunca conheceste ninguém de lá. Sabes que é um local praticamente impossível de visitar.

O governo anunciou que a Ilha de Pastik foi tão abalada pelo furacão que a maior parte das/os residentes que sobreviveram serão realojadas/os em Ixprat. Elas/es talvez possam ser recebidas/os, mas isto significa que as/os residentes atuais terão de fazer muitos ajustamentos. Os postos de trabalho terão de ser partilhados e poderá hão haver alojamento para todas/os.

Suporte de atividade 3: **Problemas para os grupos**

Grupo de trabalho 1:

Foi iniciada uma campanha para 'Encontrar uma língua Pastik', que incendiou a Internet. O *site* da campanha inclui *slogans* como:

- *Pica um boneco Pastik: vê se ele guincha!*
- *Se não tem língua, não tem cérebro!*
- *Encontra uma língua Pastik, ganha um* smartphone*!*

As pessoas são convidadas a submeter fotografias de línguas de Pastiks. Existe uma 'Galeria de Línguas' com fotografia e vídeos de pessoas forçando Pastiks a abrirem as suas bocas, acendendo tochas no interior das suas bocas, pousando com telescópios ou apontando para a língua. A campanha tem ganhado força e já ocorreram bastantes incidentes em que Pastiks foram atacadas/os nas ruas. O povo Pastik responde dizendo que se recusa a ser arrastado para uma conversa insultuosa com pessoas que não respeitam.

Grupo de trabalho 2:

Uma jovem da comunidade Pastik foi vaiada por um grupo de rapazes Ixprats. Chamaram-lhe "gorda preguiçosa", "escória nojenta" e disseram que ela não tinha língua nem cérebro. A rapariga tem-se sentido miserável e não sai de casa nem fala com ninguém há duas semanas. Durante três dias ela não comeu nada. Os seus pais estão desesperadamente preocupados.

Grupo de trabalho 3:

Foi divulgado um relatório que demonstra que a taxa de desemprego entre as/os Pastiks é muito mais alta do que a da população no seu todo, não existem representantes Pastik no Parlamento e muito poucas/os desempenham cargos de poder em organizações. O relatório também monitorizou outros fatores sociais, por exemplo os níveis de *stress* e de doença mental, as habilitações académicas, e os níveis do crime. Em todos os indicadores, as/os Pastiks parecem estar em pior situação do que qualquer outro setor da sociedade. As atitudes para com as/os Pastiks por parte do resto da sociedade também são extremamente negativas.

Secção 4.

LITERACIA DOS *MEDIA* E DA INFORMAÇÃO

A era digital trouxe consigo uma riqueza de novas tecnologias, abrindo as portas a um mundo no qual a informação e o conhecimento podem ser partilhados num instante e sem limites. Estas novas autoestradas da informação representam uma grande oportunidade para ter acesso ao conhecimento, mas temos de ser capazes de garantir que a informação partilhada é fidedigna. Hoje em dia, é fácil sermos sobrecarregadas/os pelo volume de informação partilhada e perder o rasto à sua fonte. Todas/os contribuímos para este fluxo constante de novos dados e para a sobrecarga de informação, sobretudo através das redes sociais. As autoestradas estão congestionadas; uma espécie de 'infobesidade', uma contração dos termos 'informação' e 'obesidade'. No meio desta inundação de informação, é cada vez mais difícil distinguir a que é verdadeira da falsa; os factos fidedignos, verificados e atualizados da informação fraudulenta, dos erros de comunicação, dos rumores ou até das mentiras. Temos de estar equipadas/os com um olhar crítico.

Esta é uma tarefa que cabe a todas/os; *não nascemos com este olhar crítico, mas temos que o desenvolver através das aprendizagens e da experiência*.

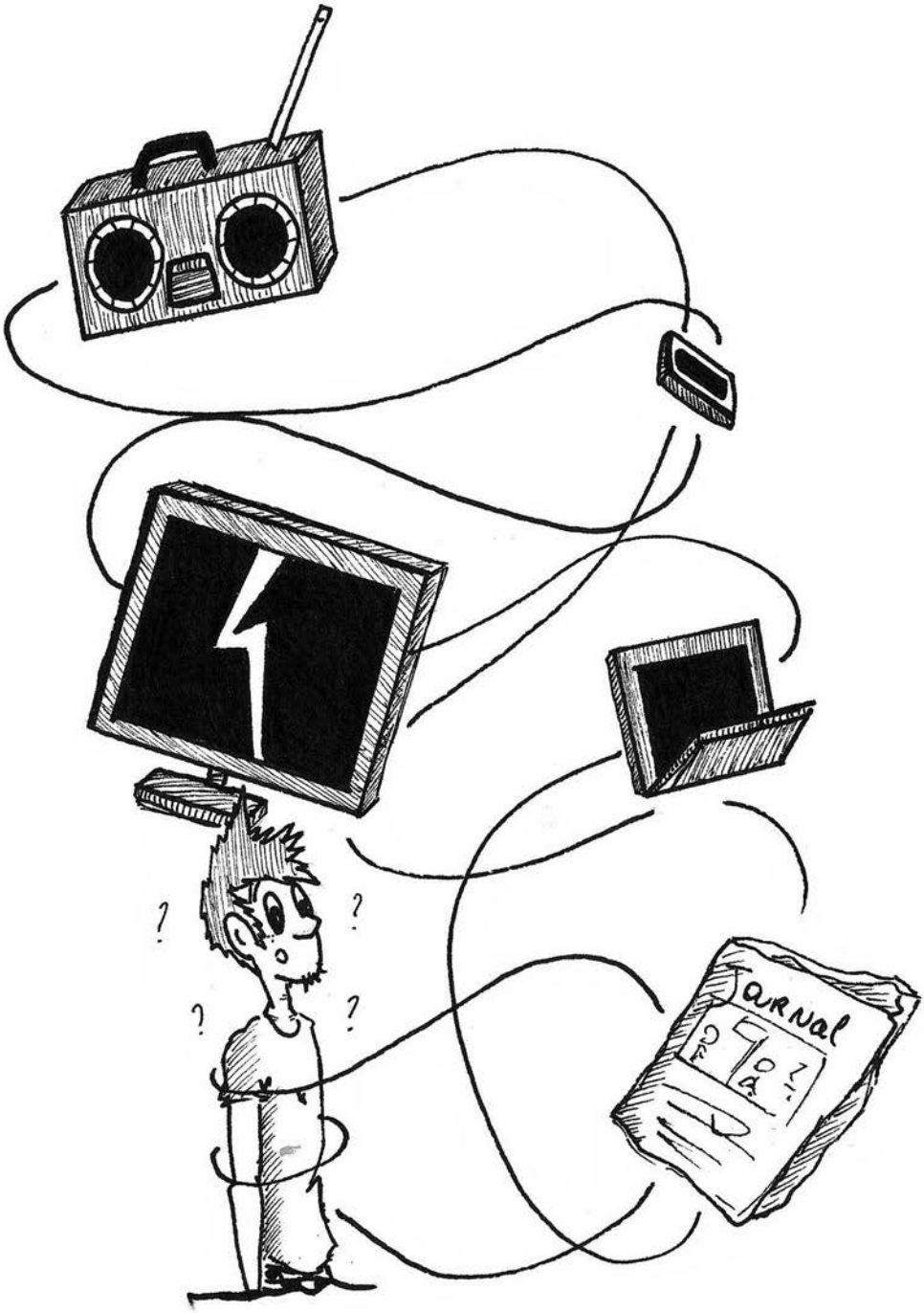
O facto de o conhecimento poder ser tão facilmente partilhado e disponibilizado a todas/os é uma característica do mundo moderno mas este progresso também acarreta novos riscos. Numa era designada por algumas pessoas como da pós-verdade, na qual a informação rapidamente se torna comunicação, na qual a propaganda moderna e as teorias da conspiração são alimentadas pelo populismo, pelas *fake news*, pelo discurso de ódio e pelos 'factos alternativos', adotar esta abordagem crítica é essencial, particularmente para as/os jovens.

A importância é dupla, na medida em que as/os jovens não consomem apenas informação, mas também desempenham um papel chave na sua criação e disseminação. É, portanto, essencial dar-lhes as ferramentas necessárias para discutir e desafiar a informação a que têm acesso. Também temos de as/os munir de modo a conseguirem produzir e disseminar informação da forma mais segura, diferenciada e responsável quanto possível.

Sem as devidas competências ao nível da literacia dos *media* e da informação, existe um risco real de as pessoas jovens serem manipuladas, desencaminhadas e conduzidas a tomar más decisões. A elas terão de ser dadas as condições para serem capazes de selecionar e compreender a informação, assim como para se defenderem. Em síntese, assegurar que têm acesso às melhores partes da Internet e que estão protegidas/os das piores irá contribuir para que se tornem cidadãs/ãos bem informadas/os, conscientes dos seus direitos. Assegurar a democracia e o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais implica o direito de as pessoas jovens acederem a informação completa, objetiva, fidedigna e compreensível. Esta é uma responsabilidade que cabe a todas/os as/os cidadãs/ãos, mas em especial às/aos profissionais da informação para jovens e formadoras/es na educação formal e não formal.

Esta secção oferece um conjunto de atividade práticas para desenvolver a mente e o pensamento crítico de que as/os jovens irão necessitar na sua relação com as diferentes formas de *media* e de informação. Os objetivos incluem:

- Questionar a informação e a fiabilidade das suas fontes;
- Compreender como funcionam os *media*;
- Decifrar a transmissão de informação falsa;
- Compreender os mecanismos por detrás das teorias da conspiração e dos 'factos alternativos';
- Desenvolver uma atitude crítica em relação às notícias e à informação.


JOURNal

4.1. Pensamento crítico

O pensamento crítico não pode ser fantasiado! Não se trata de duvidar de tudo aquilo que vê e ouve, como as pessoas que criam teorias da conspiração e as usam para justificar as suas crenças violentas.

As atividades que se seguem introduzirão novas formas de encarar as notícias e critérios através dos quais devemos examinar e selecionar a informação.

Os Homens Cegos e o Elefante

Num dia de sol, seis homens oriundos do Hindustão, cultos e curiosos, quiseram ter contacto com um elefante pela primeira vez.
O primeiro homem ~~cego~~ esticou-se e tocou na lateral do enorme animal. "Wow, um elefante é como uma parede!", disse ele.
O segundo homem ~~cego~~ sentiu os dentes pontiagudos do elefante. "Eu estava certo," decidiu ele. "Esta criatura é tão afiada e mortal como uma lança."
O terceiro homem ~~cego~~ colocou a mão na flexível tromba do elefante. "Um elefante é como uma cobra gigante," anunciou ele.
O quarto homem ~~cego~~ estendeu a mão impacientemente, tocou no joelho do animal e ficou convencido de que o elefante era como uma árvore!
O quinto homem ~~cego~~ sentiu a orelha gigante do elefante. "Até para o mais cego dos cegos, este elefante é como um enorme leque!", disse ele.
O sexto homem ~~cego~~ deu um puxão na cauda áspera do elefante. "Não percebo porquê, isto não passa de um pedaço de corda velha", ridicularizou ele.
Os seis homens ~~cegos~~ passaram as horas que se seguiram falando de forma apaixonada sobre o elefante, cada um insistindo no que acreditava ser verdade. Eles não pareciam ouvir-se uns aos outros e os seus gritos tornaram-se cada vez mais altos.
Um homem sábio, que estava de passagem, ouviu os velhos homens cegos. "Do que falam vocês?", perguntou ele.
"Não conseguimos concordar sobre com o que se parece o elefante!" E cada um deles repetiu ao homem sábio qual acreditavam ser a aparência do elefante. O homem sábio, com um sorriso, explicou: "Estão todos certos! Todos descrevem o elefante de forma diferente pois tocaram apenas numa parte do animal! O elefante é um animal muito grande, e tem todas as características que descrevem."
"Ooohh", exclamaram eles. E a discussão acabou aí! Todos os homens cegos ficaram contentes com o que haviam dito, pois todos estavam certos.

4.1.1. O QUE VISTE?

Objetivos

Esta atividade permitirá às/aos participantes:

- **Identificar a diferença entre a informação e a interpretação.**
- **Tomar consciência da sua tendência para se focarem na informação e/ou fazer interpretações.**
- **Aprender que as interpretações são pessoais e nem sempre refletem os factos.**

Público-alvo

A partir dos 12 anos.

Tamanho do grupo

10-15 participantes.

Material

- **Canetas e papel.**

Duração

Cerca de 50 minutos.

Competências/conhecimentos necessários da parte da/o facilitador(a)

Ter capacidade de improviso.

A Atividade

- Forme um círculo.
- Quando o grupo estiver na disposição correta, faça algumas ações sem falar: olhar para o seu telefone ou relógio, olhar para a porta, contacto visual breve com algumas das pessoas, permanecer séria/o, gemer, dar alguns passos da esquerda para a direita, tocar nos dedos dos pés, olhar para o seu telefone ou relógio novamente, ir ao exterior, fechar a porta e, alguns segundos depois, regressar, e outras coisas mais.
- Posteriormente, regresse ao círculo, permaneça numa posição relaxada, e comece a análise.
- Distribua uma folha de papel e uma caneta a cada participante.
- Pergunte às/aos participantes: O que viste? Peça-lhes para escreverem as respostas em duas colunas:
  - *Factos e informação: o que viram literalmente (exemplo: olhar para o telefone, fazer movimentos, contacto visual, etc.)*
  - *Interpretações: nervosa/o, à espera de alguém, parece zangada/o, parece furiosa/o, etc.*
- Convide as/os participantes a partilharem as suas impressões com o grupo.
- Pergunte-lhes qual a diferença entre o que está escrito nas duas colunas:
  - *Factos/O que vejo eu?/Informação*
  - *Opiniões/ Interpretação/ O que eu faço com a informação*
- Continue a análise colocando as seguintes questões:
  - *Qual foi o tipo de resposta mais frequente?*
  - *Em que coluna se encontra a maior parte das tuas respostas?*
  - *Que respostas são certamente respostas corretas?*
  - *Que respostas poderão estar corretas, mas não por completo?*
  - *No teu quotidiano, ao olhar para pessoas, eventos e outras situações, e ao descrevê-las/os, como costumas fazê-lo (factos ou interpretações)?*

- *Já tiveste alguma experiência em que as tuas interpretações sobre o comportamento de uma pessoa se revelaram corretas? E experiências em que as tuas interpretações se revelaram erradas?*
- *Quais são as vantagens e as desvantagens em manter o foco nos factos? Quais são as vantagens e as desvantagens de nos focarmos nas interpretações?*
- *Será "incorreto" fazer interpretações?*

- Conclua a análise. Quando interpretamos o que vemos, não conseguimos saber se estamos realmente corretas/os. Algumas dicas para evitar interpretações erradas:
  - *Descreve o que vês e não o que pensas que vês.*
  - *Quando fazes interpretações: coloca questões relacionadas com as tuas interpretações, confirma se o que vês está correto.*
  - *Sugere as tuas interpretações em formato de perguntas ou hipóteses, sem as impor como factos.*

Variações

- As/os participantes escrevem individualmente o que viram e todas/os partilham com o grupo aquilo que escreveram.
- Existe uma versão abreviada da atividade de modo a ilustrar as diferenças entre factos e interpretação: cerre o punho, levante-o, e corra em direção a um(a) das/os participantes. Factos: levantar o punho, correr em direção a um(a) participantes. Interpretação: 'Tu ias acertar-lhe com o punho'. 'Estás furiosa/o.'
- Recorra a uma imagem, ou uma pintura, por exemplo. Mostre-a às/aos participantes e peça-lhes que digam o que vêm.
- Pegue num jornal. As/os participantes terão de procurar factos e interpretações da parte da/o autor(a).

Dicas

- Antes de começar, não dê essa indicação às/aos participantes, simplesmente comece. Durante a 'performance', não reaja a questões das/os participantes.
- Durante a análise: considere descrever factos e interpretações de igual forma. O objetivo é que as/os participantes fiquem cientes dos dois, e não valorizar mais uns ou outros.

Fonte

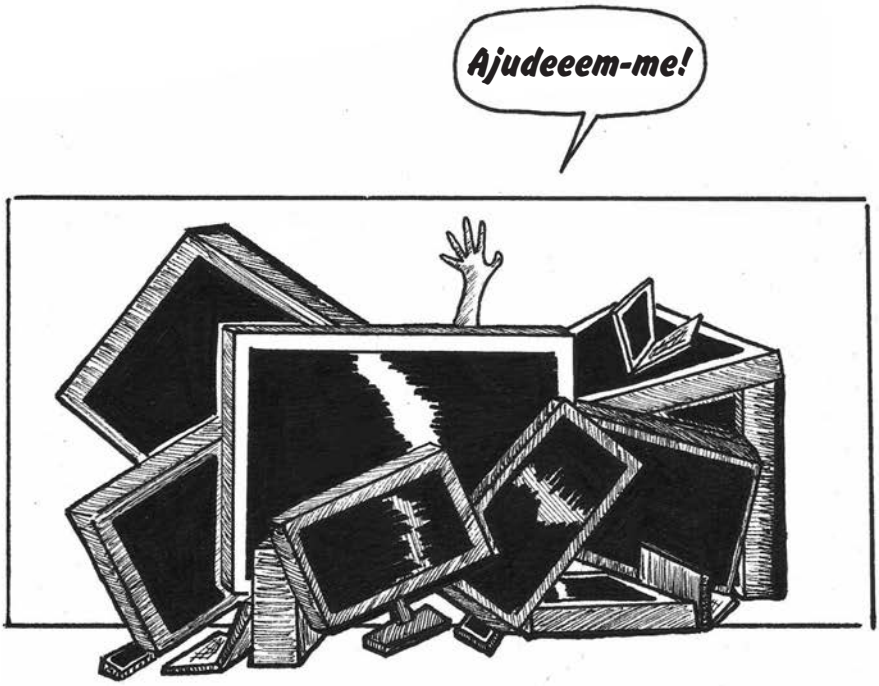
www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

4.2. Os *Media*



A informação é disseminada através de canais de comunicação. Para colocar em prática a capacidade de pensar de forma crítica e analisar as razões e motivações por detrás desta disseminação de informação, é importante compreender como estes canais de comunicação e informação funcionam.

As atividades que se seguem permitirão descodificar, de forma divertida e clara, como funciona o mundo dos media. *De igual modo, possibilitarão às/aos participantes abordarem a ideia da desinformação, particularmente em relação a ideologias específicas como o extremismo violento.*

4.2.1. MANCHETE

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Identificar os diferentes tipos de *media*.**
- **Compreender que diferentes *media* podem ter diferentes visões/opiniões de acordo com as suas origens.**
- **Experienciar que os factos podem ser interpretados de formas diferentes.**

Público-alvo

A partir dos 12 anos.

Tamanho do grupo

Mínimo de 10 participantes.

Materiais

- **Factos (suporte de atividade 1) – uma cópia por par.**
- **Tipos de *media* (suporte de atividade 2) – um tipo de *media* (cartão) por par (vários pares poderão ter o mesmo se for um grupo grande).**
- **Papel e canetas.**

Duração

1 hora.

Competências/conhecimento necessários da parte da/o facilitador(a)

Ter noções de literacia dos *media* e da informação.

Preparação

- Recorrendo ao suporte de atividade 2, prepare cartões com os diferentes tipos de *media* escritos em cada um (um tipo de *media* por cartão).
- Espalhe os cartões com os tipos de *media*, para que não se consiga ler a informação.
- Divida as/os participantes em pares.

A Atividade

- Cada par escolhe aleatoriamente um cartão de *media* e recebe a folha de factos, uma folha que contém informação breve e objetiva sobre um evento violento que tenha acontecido.
- Um(a) das/os participantes lê estes factos em voz alta.
- Cada par pega numa caneta e numa folha de papel, dispondo de algum tempo para pensar e escrever um título adequado para um artigo sobre factos, que irá circular através do tipo de *media* identificado no seu cartão.
- Os diferentes títulos de cada par são apresentados a todo o grupo.
- Questione as/os participantes sobre qual o título mais próximo (e depois o mais distante) do que pessoalmente eles reportariam sobre os factos.

Avaliar a atividade

Coloque às/aos participantes as seguintes questões:

– *Os títulos em que pensaram são diferentes: será que os artigos também seriam diferentes? O que seria diferente? Que factos seriam destacados e que interpretações seriam feitas?*

- *Pode um meio de comunicação, um título e um modo de reporte influenciar a tua opinião sobre um assunto?*
- *Serão todos os* media *neutros quando reportam sobre os temas? Deverão todos os* media *ser neutros? Consegues dar exemplos de eventos reais que são tratados de forma diferente por diferentes* media *e fontes? (Por exemplo: habitualmente, após uma manifestação, a polícia reporta um número de participantes menor que a organização).*
- *De que forma podemos ser resilientes em relação à informação e à influência de diferentes* media *nas nossas vidas?*

Dicas

É bom saber que a forma como se apresenta informação pode influenciar as pessoas a acreditar na informação tal como é transmitida.

Quando existe um objetivo por detrás da informação (como convencer as pessoas), é provável que outra informação seja omitida ou, pior, que a informação seja alterada. Habitualmente, quando algo é reportado e parece 'bom demais para ser verdade', aconselha-se uma abordagem crítica. A publicidade, os artigos nos *media*, etc. podem ser encarados com um sentido crítico saudável.

Variações

- Recorra a outro tema que seja do interesse das/os participantes, e apresente-lhes outros factos.
- As/os participantes pensam/tentam encontrar uma imagem que possa corresponder aos seus títulos. Ao trabalhar com imagens, faça também a ligação com a influência das imagens durante a análise.
- Cada par escolhe dois cartões de *media*, e pensa em dois títulos alternativos para o seu tipo de *media* (por exemplo, posições políticas diferentes).
- Seria interessante ligar o exercício com a propaganda extremista, na qual a informação é utilizada para influenciar outras pessoas. Habitualmente, a escolha da imagem apresentada, os títulos e a forma como as explicações são dadas podem ser muito convincentes, mas não totalmente corretas.

Fonte

www.bounce-resilience-tools.eu criado por SPF Intérieur em cooperação com ASBL Arktos

Para mais informações, dirija-se a:

Contacto: bounce-support@ibz.fgov.be

Cofinanciado pelo
Programa «Prevenir e Combater
a Criminalidade» da União Europeia

Suporte de atividade 1: **Factos**

Manhã de quinta-feira, no caminho para a escola, ocorre um esfaqueamento.
Um rapaz de 16 anos é esfaqueado por uma rapariga de 15.
Estudavam na mesma escola. Já tinha havido conflitos entre eles anteriormente.
A arma do crime é uma faca de cozinha.
A rapariga tinha estado a jogar um videojogo de 'tiro em primeira pessoa' na noite anterior e na própria manhã.

Suporte de atividade 2: **Tipos de *Media***

Um jornal de qualidade e objetivo: menciona os factos, não a interpretação.
Uma revista 'cor de rosa': menciona as sensações.
Uma revista educativa para pais: ajuda a educar as crianças.
Uma página de Facebook: combate a violência.
Uma revista de videojogos: defende que os jogos e a violência não têm ligação.
O *blog* de uma jovem: pretende reunir apoio para vítimas de violência.

4.2.2. ANALISANDO OS *MEDIA* EM SEIS PARTES

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Providenciar uma estrutura através da qual se possa analisar quaisquer conteúdos *media*.**
- **Ensinar às/aos participantes como questionar as motivações, aspetos e escolhas envolvidos na produção de conteúdo *media*.**
- **Encorajar as/os participantes a desenvolverem e aplicarem as suas capacidades de pensamento crítico.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

Não é relevante.

Materiais

- **Um documento *media* (um excerto de um vídeo, um programa televisivo, uma revista, uma campanha publicitária, uma plataforma *online,* etc.) ou mais, se pretender comparar vários documentos, olhando para as semelhanças e diferenças.**
- **O suporte de atividade 1: 'As seis dimensões da literacia dos *media*', tantas cópias quanto o número de participantes.**
- **Papel e canetas.**
- **Um *flipchart* com folhas de papel grandes e marcadores.**

Duração

Cerca de uma hora.

Competências/conhecimentos necessários da parte da/o facilitador(a)

Conhecimento básico sobre literacia dos *media* e da informação.

Preparação

- Para introduzir a atividade, apresente o documento *media* e o seu conteúdo.
- Dê a cada participante uma cópia do suporte de atividade: 'As seis dimensões da literacia dos *media*'.
- Peça às/aos participantes que se dividam em pequenos grupos (especialmente se estiver a trabalhar com um grupo grande). Dê-lhes papel e uma caneta.

A Atividade

- Em pequenos grupos, peça às/aos participantes que examinem o documento com o suporte de atividade como auxílio. Indique que deverão escrever o que analisaram.
- Reúna os grupos. Peça a cada subgrupo para designar um(a) porta-voz que deverá partilhar a análise do grupo, outros membros do grupo poderão contribuir, se necessário.
- No *flipchart*, deverá representar um resumo das opiniões do grupo recorrendo ao suporte de atividade como enquadramento. Os temas individuais só fazem sentido quando ligados a muitos outros; não podemos estudar um público, por exemplo, se não compreendermos que tecnologias são utilizadas para o alcançar.

Dicas

Esta atividade pode ser adaptada para diferentes faixas etárias alterando a escolha de *media,* mantendo o exercício interessante e relevante para o público-alvo.

Fonte

Conseil Supérieur de l'Éducation aux Médias (Fédération Wallonie-Bruxelles), *L'éducation aux médias en 10 questions*, 2011, www.educationauxmedias.eu/sites/default/files/files/2011-09-26-brochure_10_questions.pdf.

Suporte de atividade: **As Seis Dimensões da Literacia dos *Media***

Para conduzir uma análise crítica dos *media*, poderá considerar seis aspetos que estão interligados:

- *As/os produtoras/es*: É importante compreender o mundo da produção dos *media*, incluindo todas as formas de produção audiovisual, até mesmo os formatos mais tradicionais. Quem criou este conteúdo *media*? São totalmente independentes ou pertencem a um grupo maior? Se sim, o que sabes sobre o grupo? As pessoas que criaram este excerto de informação têm uma inclinação filosófica ou política? Como conseguem manter a produção e distribuição de conteúdo *media*, ao nível financeiro e técnico?
- *A linguagem*: Qualquer mensagem composta por texto, som ou imagem é complexa. Estas mensagens constam em múltiplos elementos alinhados para produzirem um significado específico (enquadramento, estética, som, *layout*, linguagem utilizada…). É importante analisar e compreender a linguagem utilizada para ser capaz de descodificar a informação e perceber as subtilezas e as ideias não verbais que são comunicadas.
- *A tecnologia*: A tecnologia refere-se ao equipamento de som e imagem utilizado para comunicar a mensagem. Isto inclui o equipamento normalmente utilizado para consumir conteúdo *media* e a descoberta de novas e mais avançadas tecnologias.
- *Representação*: Este tópico refere-se tanto à forma como o documento *media* trata o assunto que apresenta (um evento, pessoa, objeto, situação) como ao efeito que ela tem no modo como o público perceciona o assunto. Está relacionada com a compreensão da influência que os *media* podem exercer na forma como algo é representado.
- *Público*: Ao olharmos para o público, temos de considerar a perspetiva através da qual um(a) leitor(a), jogador(a), ouvinte, espectador(a) ou internauta perceciona o documento *media*. Isto depende da sua educação, experiência cultural, interesse e idade, entre outros fatores.
- *Categoria do documento*: Para compreender um documento *media*, é importante ser capaz de categorizá-lo de acordo com o seu conteúdo (política, desporto, notícia…) e o seu género (documentário, ficção, *cartoon*…) Estas categorias não são claramente homogéneas e cada categoria irá conter uma miríade de diferentes perspetivas. O objetivo é encorajar as pessoas a serem capazes de classificar os documentos com os quais interagem e as associações inerentes. Por exemplo, será que esta informação presente na Wikipedia tem valor científico, terá uma finalidade promocional ou será uma dramatização de um evento? Esta informação aparece repetidamente na televisão, será um artigo noticioso com vários novos desenvolvimentos ou será uma série? É uma reportagem ou ficção?

4.2.3. INFORMAÇÃO OU EMBUSTE?

Objetivos

As/os jovens que utilizam regularmente a Internet, as mensagens instantâneas e as redes sociais são suscetíveis de receber vários tipos de embustes ou rumores (petições falsas, vírus, hiperligações…). Poderão ter respondido, eventualmente sem os recursos para exercitarem o pensamento crítico. Esta atividade visa:

- **Ajudar as/os participantes a identificarem informação falsa na Internet.**
- **Potenciar a capacidade/reflexo de questionar a informação que circula na Internet.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

2-4 participantes por computador, dependendo do número de computadores disponíveis. Em alternativa cada participante poderá utilizar o seu telemóvel.

Materiais

- **Computadores ou telemóveis, com uma boa ligação à Internet.**
- **Diferentes mensagens contendo informação falsa para enviar às/aos participantes. Poderão ser retirados exemplos de sites que expõem informação falsa, tais como https://www.hoax-slayer.net/**
- ***Flipchart* e marcadores.**

Duração

Cerca de uma hora.

A Atividade

- Pergunte ao grupo, antecipadamente, se alguma vez tiveram experiências, ou se ouviram falar, com rumores ou embustes, quer via e-mail ou através da Internet em geral. Se não, dê exemplos de embustes bem conhecidos que tenham sido reportados pelos *media*.
- Peça às/aos participantes que se dividam em pequenos grupos de 2-4 participantes.
- Dê a todas/s as/os participantes uma cópia do embuste. Indique que deverão reunir tanta informação quanto possível sobre este embuste (sobretudo através de motores de busca).
- A sua pesquisa deverá ser focada em vários pontos:
  - *Qual a origem do rumor?*
  - *A disseminação (como se espalhou o rumor, quer através da Internet, mas também através de* media *tradicionais que poderão transmitir e amplificar a informação falsa).*
  - *Causas e efeitos do rumor.*
  - *Como é que a informação foi desmentida.*

Avaliar a atividade

- Para finalizar, as/os participantes voltam a reunir-se para partilharem as suas descobertas. Durante a discussão, o grupo deverá classificar os diferentes rumores por categoria. Poderão recorrer às categorias propostas pelo *site* https://www.hoax-slayer.net/.

O *site* Hoax Slayer permite às/aos utilizadores da Internet conferirem a veracidade da informação publicada na Internet, assim como detetar embustes. Apresenta argumentos, quer no sentido de validar quer no de desmentir a informação. Classifica a informação em diferentes categorias, por exemplo: *fake news*, *malware*, enganador, embustes, humor, política, burlas, avisos falsos, etc.
Aviso: o *site* Hoax Slayer não é infalível e também pode estar sujeito ao erro. É importante estar alerta e ser crítica/o em todas as circunstâncias.

- Peça ao grupo para refinar a sua definição de rumor, tal como aparece na Internet.
- Finalmente, discuta com as/os participantes de que modo elas/es poderão estar envolvidas/os na propagação ou denúncia de rumores. Por exemplo, informando *sites* de denúncia ou avisando outras/os potenciais recetoras/es de informação.

Dicas

Para que a atividade se desenrole da melhor maneira, tente escolher rumores que tenham sido amplamente discutidos para que haja bastante material de apoio *online*.

Fonte

Esta atividade foi adaptada da ferramenta 'Educaunet', uma ferramenta educativa relacionada com os riscos da Internet: www.educaunet.be.

4.2.4. VERIFICAR OS FACTOS

Objetivos

Esta atividade permitirá às/aos participantes:

- **Avaliar a fiabilidade da informação encontrada *online*.**
- **Explorar algumas das dificuldades enfrentadas pelas/os jovens homossexuais quando se deparam com o discurso de ódio *online*.**
- **Ponderar sobre o seu próprio comportamento em relação a conteúdos *online*.**

Público-alvo

A partir dos 18 anos.

Tamanho do grupo

8-20 participantes.

Materiais

- **Acesso à Internet.**
- **Papel e caneta.**
- ***Flipchart* e marcadores.**
- **Suporte de atividade 1: os cenários (tantas cópias quanto o número de participantes).**
- **Suporte de atividade 2: tarefas de 'investigadoras/es' e 'supervisoras/es' (tantas cópias quanto participantes: metade investigadoras/es' e metade 'supervisoras/es').**
- **Suporte de atividade 3: folha das/os supervisoras/es, para cada supervisor(a).**
- **Suporte de atividade 4: verificar a informação.**

Duração

Cerca de 2 horas (dependendo do tamanho do grupo).

Preparação

- As/os participantes são convidadas/os a tornarem-se 'investigadoras/es', estudando a questão dos ataques homofóbicos, sendo que esta investigação será apresentada às/aos seus/suas representantes parlamentares. As/os investigadoras/es deverão avaliar a fiabilidade da informação publicada *online* e desenvolver estratégias que possam utilizar para avaliar a fiabilidade.
- Explique que a atividade irá explorar a utilização da Internet enquanto fonte de informação. Questione quantas/os participantes utilizam a Internet para este fim e se têm *sites* aos quais preferem recorrer.
- Distribua os cenários (suporte de atividade 1) e certifique-se de que todas/os compreendem a tarefa.
- Explique que as pessoas irão trabalhar em grupos de quatro, em que duas pessoas atuam como 'investigadoras/es' e as outras duas (as/os 'supervisoras/es') observam a sua metodologia.

A Atividade

- Uma vez inseridas/os nos seus subgrupos, indique-lhes que a investigação exige uma metodologia própria. Pergunte-lhes se têm sugestões sobre como deve a investigação ser conduzida e faça uma lista num *flipchart*. Poderá optar por ficar responsável pela lista de sugestões caso não disponha de muito tempo.
- Peça a cada subgrupo para escolher duas/dois 'investigadoras/es' e duas/dois 'monitoras/es' e dê-lhes o respetivo cartão (suporte de atividade 2 para 'investigadoras/es' e suporte de atividade 3 para 'supervisoras/es').

Certifique-se de que todas/os compreendem a tarefa. Certifique-se de que tem, aproximadamente, o mesmo número de trabalhadoras/es para o governo e para os diferentes partidos da oposição.

- Indique às/aos participantes que dispõem de 30 minutos para conduzir a sua investigação. Sugira que utilizem os primeiros 20 minutos para encontrarem informação relevante e que reservem 10 minutos no fim para definirem os principais pontos que irão apresentar à/ao seu/sua representante parlamentar (apenas uma personagem política por grupo). Poderão ser apresentados por tópicos: as/os participantes deverão imaginar que estão numa reunião informativa com esse membro do parlamento e não deverão fazer um discurso!
- Quando os grupos terminarem as tarefas, convide-as/os a deixarem os computadores/telemóveis. Dê-lhes mais 5-10 minutos para que as/os supervisoras/es de cada grupo possam transmitir o que observaram.
- Reúna todo o grupo e peça às/aos investigadoras/es que apresentem as suas principais descobertas.
- Permita algum tempo após cada apresentação para as/os supervisoras/es apresentarem os seus resultados, e para eventuais questões de outros grupos sobre a informação apresentada ou a estratégia utilizada.

Avaliar a atividade

Convide as/os participantes para uma reunião de balanço sobre a atividade e coloque as seguintes questões:

Questões sobre a investigação e a comunicação da informação às/aos representantes parlamentares:

- *Quão fácil foi a atividade para ti?*
- *Como decidiste quais os sites a serem utilizados para reunir informação? Quão cuidadosa/o foste em relação à 'fiabilidade' dos sites ou à 'veracidade' da informação selecionada?*
- *Atribuis mais importância a encontrar informação que suporte a posição da/o teu/tua representante, ou a fazer uma descrição 'objetiva' da questão? O que consideras que deve fazer um(a) investigador(a) de verdade?*
- *Procuraste exemplos de discurso de ódio contra homossexuais? No caso de alguns grupos não o terem feito, consideram que teria sido relevante fazê-lo?*
- *Achas que a tua representante ficaria contente com a tua investigação? Achas que as pessoas que ela representa ficariam contentes?*

Questões sobre o uso da Internet para fins de investigação:

- *Descobriste algum aspeto importante a ter em conta quando do uso da Internet para fins de investigação? Gostarias de acrescentar algo à lista de sugestões compilada no início da atividade?*
- *Ficaste surpreendida/o pela diferente informação que as pessoas conseguiram encontrar? Como explicas isso?*
- *Quais são alguns dos métodos que temos para verificar se um* site *é fiável, ou se podemos confiar na informação? Aplicas normalmente estes métodos?*

Critérios para avaliar a qualidade da informação

Quando se avalia a qualidade de um elemento de informação ou documento, nenhuma ferramenta poderá substituir o julgamento humano. No decorrer da investigação, as/os participantes devem permanecer críticas/os e devem analisar as descobertas através da comparação, da avaliação crítica, etc. A informação é fiável? É um facto? Uma interpretação? Um rumor? Uma opinião? Existem outros pontos de vista sobre o assunto? É realmente isto o que procuro? Estará o meu método de investigação adaptado?...

Os principais critérios para avaliar a qualidade da informação são:

- *A informação foi referenciada?*
- *É fiável?*
- *É precisa, exata, completa?*
- *Acrescenta novos dados?*
- *Está acessível?*
- *Está bem estruturada, organizada, escrita?*
- *Etc.*

Questões sobre homofobia/discurso de ódio *online*

- *Encontraste exemplos de discriminação ou abuso?*
- *Pensas que encontraste alguma informação falsa ou injusta?*
- *Quais os riscos de permitir que qualquer pessoa publique as suas opiniões online?*
- *Consegues pensar em coisas que possas fazer para reduzir o risco de as outras pessoas encararem essas opiniões como factos?*

Dicas

- A atividade será mais eficaz se as/os 'supervisoras/es' forem previamente informadas/os. Se isto for possível, poderá ter apenas um(a) supervisor(a) para cada pequeno grupo e aumentar assim o número de 'investigadoras/es'.
- As/os investigadoras/es não devem sentir que estão a ser 'testadas/os' pelas/os supervisoras/es. Poderá dizer-lhes que a tarefa das/os supervisoras/es é observar diferentes métodos de investigação e que existem várias formas de abordar essa tarefa.
- Poderá decidir não mostrar a folha das/os supervisoras/es às/aos investigadoras/es: neste caso não seriam alertadas/os para algumas sugestões essenciais e os resultados podem ser mais interessantes. Contudo, isto também poderá colocar mais pressão nas/os investigadoras/es. Mostrar-lhes a folha permitiria uma relação de trabalho mais colaborativa entre investigadoras/es e supervisoras/es.
- Durante a reunião de balanço, poderá explorar a probabilidade de a investigação ser tendenciosa devido aos resultados que 'queremos' alcançar. Poderá fazê-lo no sentido de questionar as/os participantes sobre como se relacionam habitualmente com a informação a que têm acesso, mas na qual não querem acreditar.
- Um dos perigos de a desinformação ou de a informação altamente tendenciosa ser tão prevalente na Internet é o facto de ela poder ser facilmente disseminada enquanto 'facto'. Poderá explorar a probabilidade de as/os participantes terem transmitido 'factos' que viram na Internet, e o facto de alguma desta informação poder ter contribuído para disseminar o preconceito sobre grupos ou indivíduos específicos.
- Poderá usar a lista de verificação, incluída nos suportes de atividade sobre a literacia da Internet para complementar as sugestões das/os participantes sobre como podem verificar a fiabilidade da informação publicada na Internet. Realce que a maior parte do que vemos contém um elemento de 'opinião'. Existem várias formas de apresentar informação de modo a que um ponto de vista específico seja reforçado. Por exemplo, omitir exemplos de discurso de ódio homofóbico dá a sensação de que este problema não existe.
- Poderá fazer uma pesquisa sobre o rastreio de embustes *online* e debater com as/os participantes de que forma as notícias falsas contribuem para alimentar o discurso de ódio.

Variações

- Poderá selecionar um 'grupo alvo' diferente para as/os participantes investigarem, por exemplo as mulheres, as comunidades ciganas ou outra minoria étnica, requerentes de asilo, etc.
- Também poderá conduzir a atividade sem supervisoras/es, em que cada um se supervisiona a si própria/o. Neste caso, deverá recorrer previamente à folha das/os supervisoras/es, em conjunto com o grupo, e pedir-lhes que verifiquem os seus próprios métodos no decurso da investigação.

Fonte

Council of Europe, *Bookmarks – A Manual for combatting hate speech online through human rights education*, Council of Europe, Strasbourg, 2014.

COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE

NO HATE
NO HATE SPEECH MOVEMENT

Para mais informações

Para outras atividades educativas sobre estratégias de desinformação, consulte a página: mediasmarts.ca/sites/default/files/tutorials/facing-online-hate/html5.html

Suporte de atividade 1: **Cenário**

No seguimento de vários ataques homofóbicos contra jovens homossexuais – particularmente em *sites* e vídeos *online* – e fortes pressões da parte de ONG's, irá decorrer no parlamento um debate sobre a situação. O governo apresentou uma proposta legislativa no sentido de alocar fundos do orçamento para esforços na área da educação de modo a contrariar atitudes homofóbicas e providenciar apoio às/aos jovens homossexuais. Os principais partidos da oposição estão contra a nova lei.
Deverás imaginar que trabalhas como investigadora para uma política que pretende participar no debate. Ela solicitou uma reunião informativa para preparar o discurso, na qual lhe deverás apresentar os principais pontos a serem mencionados no debate. Tens 20 minutos para fazer uma investigação preliminar.

Suporte de atividade 2: **Tarefas para as/os "investigadoras/es" (que trabalham para uma personagem política) e para as/os "supervisoras/es"**

"Investigadoras/es" para a personagem política 1

A política para quem trabalhas pertence ao governo. Ela precisa de fazer um discurso forte a favor da nova legislação. Faz uma pesquisa na Internet para encontrares toda a informação que possa ser útil para o seu discurso. Depois compila numa lista os cinco pontos essenciais que acreditas que ela deve abordar.

"Investigadoras/es" para a personagem política 2

O político para quem trabalhas pertence à oposição. Ele opõe-se a alocar fundos do orçamento para abordar este problema. Faz uma pesquisa na Internet para encontrar qualquer informação que possa ser útil para o seu discurso. Depois compila numa lista os cinco pontos essenciais que acreditas que ele deve abordar.

"Investigadoras/es" para a personagem política 3

A política para quem trabalhas pertence a um partido minoritário. O teu partido ainda não decidiu se apoia ou se se opõe à nova legislação. Faz uma pesquisa na Internet de modo a encontrares qualquer informação que possa ser útil para ela poder tomar uma posição. Depois compila numa lista os cinco pontos essenciais que acreditas que ela deve abordar durante o discurso.

"Supervisoras/es"

A tua tarefa é tentar analisar a abordagem utilizada pelas/os investigadoras/es. Tenta encontrar tanta informação quanto possível sobre as questões que constam na folha das/os supervisoras/es. Podes pedir às/aos investigadoras/es para explicarem o que estão a fazer, ou porque estão a seguir uma abordagem específica, desde que não as/os distraias demasiado!

Suporte de atividade 3: **Folha das/os supervisoras/es**

Termos de pesquisa utilizados para encontrar informação	
Nome do *site*	
Número aproximado de minutos passados no *site*	
'Orientação política' do *site* (pró-homossexual, anti--homossexual, neutro)	
Razão da escolha do *site*	
'Autoridade' do site: porque deve ser confiado? O grupo fez esta verificação? Se sim, qual foi o resultado?	
Para qualquer informação retirada, existiu uma fonte ou referência? O grupo fez esta verificação?	
Mais observações relacionadas com o modo como as/os investigadoras/ /es abordaram a sua tarefa	

Suporte de atividade 4: **Verifica a informação**

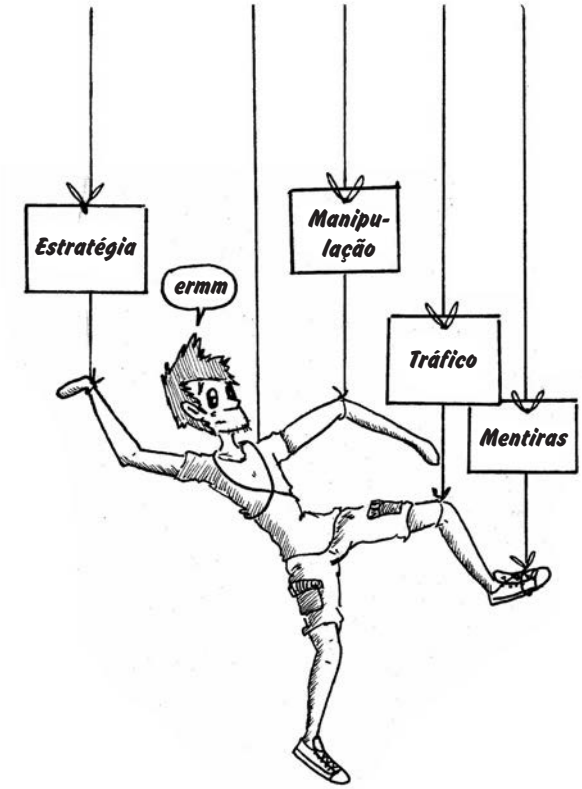
Analisa o argumento

- Qual a fonte das afirmações apresentadas? Ou os argumentos foram simplesmente baseados no "senso comum"?
- As fontes são citadas e reconhecidas como confiáveis em relação ao tema?
- Os argumentos são irrefutáveis ou deixaram espaço para outras conclusões?
- Os argumentos são baseados em "factos" ou apelam às emoções, crenças tradicionais, ou apenas a desfechos mais prováveis?
- Os "factos" ou argumentos apresentados podem ser testados?
- Os argumentos contêm generalizações em relação a indivíduos ou grupos?
- Verificaram-se generalizações racistas ou discriminatórias?
- É possível haver outras perspetivas e serão elas suscetíveis de provar a falsidade do argumento?
- As afirmações são baseadas em argumentos *ad hominem*, por outras palavras, argumentos que atacam o oposto pelo que é não pelo que diz?
- O argumento utilizado é mais convincente pelo modo como é apresentado, por exemplo recorrendo a imagens marcantes ou conteúdo multimédia?

Verifica a fiabilidade

- O *site* é reconhecido como uma fonte de informação ou de opinião? Existem outras fontes que façam referência a este *site?*
- As/os proprietárias/os e autoras/es do *site* estão claramente identificadas/os? Por que motivo podemos confiar nelas/es?
- O que refere o *site* acerca da sua missão?
- É provável que o *site* seja tendencioso devido à sua localização, identidade das/os autoras/es e aquela que refere ser a sua missão?
- O *site* menciona mais do que um ponto de vista?
- Com que rapidez é atualizado? E apresenta conteúdo recente?
- É possível encontrar conteúdos semelhantes em outros *sites*?
- É possível que existam conflitos de interesse que estejam relacionados, por exemplo, com interesses comerciais ou filiações políticas?
- O *site* apresenta referências e fontes para o conteúdo publicado?
- O *site* apresenta uma política de conteúdos racista e discriminatória?
- Como trata este tipo de conteúdo, e como responde a reclamações?

4.3. Propaganda



Qualquer ideologia extremista utiliza estratégias de comunicação muito eficazes, misturando manipulação, distorção dos factos, adulteração de imagens... É difícil para uma pessoa jovem não aderir a estas mensagens se não tiver a capacidade necessária para as analisar...

lrá encontrar neste capítulo algumas ferramentas pedagógicas para abordar a questão da propaganda.

4.3.1. ANALISAR UM CARTAZ DE PROPAGANDA

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Identificar um cartaz de propaganda.**
- **Identificar de que forma um cartaz de propaganda difere de outros tipos de cartazes (políticos, publicidade, cinema).**
- **Compreender e definir o que é a propaganda.**
- **Aprender a identificar os elementos visuais e semânticos da propaganda.**
- **Esboçar uma definição de propaganda.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

6-25 participantes.

Materiais

- **Papel e canetas.**
- **Cartazes de propaganda (uma cópia de cada cartaz escolhido por subgrupo). É aconselhável ter em conta as especificidades do grupo quando fizer a seleção de cartazes. Nos suportes de atividade são providenciados alguns exemplos.**
- **Suporte de atividade: Definições.**

Duração

Cerca de 1 hora e 15 minutos

Competências/conhecimento necessários da parte da/o facilitador(a)

Compreender o conceito de propaganda.

A Atividade

- Reúna uma seleção variada de cartazes da Internet, alguns de propaganda e outros não. No suporte de atividade são providenciados alguns exemplos.
- Crie subgrupos e distribua papel e canetas.
- Quando os subgrupos estiverem formados, peça às/aos participantes para indicarem o que o termo 'propaganda significa para elas/es e para escreverem quaisquer ideias, imagens e palavras de que se lembrem.
- Distribua a cada subgrupo um conjunto de cartazes. Poderá considerar apropriado dar o mesmo cartaz ou cartazes diferentes a cada grupo; Tudo depende das conclusões que pretenda retirar da atividade.
- Peça às/aos participantes que olhem para os cartazes e, enquanto grupo, respondam às seguintes questões:
  - *Qual é o vosso sentimento, no geral?*
  - *Quais as características comuns a todos estes documentos?*
  - *Quais destes cartazes consideram pertencer à categoria de 'propaganda'?*
- Reúna todas/os as/os participantes num só grupo e peça para partilharem e discutirem as respostas. Existem algumas semelhanças ou diferenças entre as opiniões? Se sim, porquê?
- **P**eça às/aos participantes para olharem de novo para todos os cartazes categorizados como 'propaganda' e tentarem identificar algumas das características predominantes.

- Voltando aos mesmos subgrupos, peça às/aos participantes para associarem a sua própria definição de propaganda a um cartaz da sua escolha. Deverão refletir sobre as características da propaganda e incluí-las nessa definição.
- Exiba todos os cartazes e apresente a informação a todo o grupo: existem alguns pontos semelhantes ou divergentes entre os vários grupos? Porque será que isto acontece?
- Peça ao grupo para utilizar as diferentes definições dos subgrupos de modo a criarem uma definição comum de propaganda.
- Compare esta definição com a que é apresentada em várias outras fontes, por exemplo num dicionário, enciclopédia, ou na Internet. O suporte de atividade providencia estas definições. Questione o grupo sobre quais as definições que considera mais precisas.
- Para o debate, aqui estão algumas características gerais da propaganda (poderá acrescentar outras!):
  - *Um inimigo escolhido, em muitos casos uma vítima.*
  - *Um problema complexo tornado bastante simples.*
  - *Realidades opostas.*
  - *Fazer crer às pessoas que todas/os têm a mesma opinião.*
  - *A perceção dos medos escondidos, ou uma referência a figuras famosas do passado.*
  - *Etc.*

Fonte

E-engagement against violence, a project of Università degli Studi di Firenze: e-engagementagainstviolence.eu/

daphne With financial support of the DAPHNE Programme of the European Union

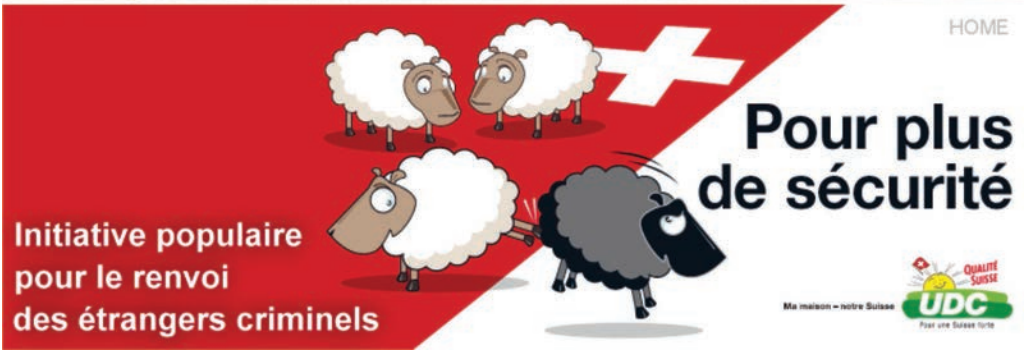
Suporte de atividade 1: **Cartazes**

Suporte de atividade 1: **Cartazes**

Suporte de atividade 1: **Cartazes**

Suporte de atividade 1: **Cartazes**

Suporte de atividade 1: **Cartazes**



Para maior segurança: Iniciativa popular para mandar os criminosos estrangeiros para os países de onde vieram

Suporte de atividade 1: **Cartazes**

Suporte de atividade 1: **Cartazes**

Stop! Sim à proibição dos minaretes

Suporte de atividade 2: **Definições de propaganda**

- *Dicionário de Inglês de Oxford: Informação, especialmente de natureza tendenciosa ou enganadora, utilizada para promover uma causa política ou um ponto de vista.*
- *Dicionário de Cambridge: Informação, ideias, opiniões, ou imagens, contendo habitualmente apenas uma parte do argumento, que são transmitidas, publicadas, ou de alguma forma disseminadas com a intenção de influenciar as opiniões das pessoas.*
- *Dicionário de Inglês da Collins: A propaganda é informação, frequentemente informação incorreta, publicada ou transmitida por uma organização política de modo a influenciar as pessoas.*
- *A tua própria definição:*

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

4.3.2. ANALISAR UM DISCURSO DE PROPAGANDA

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Compreender e definir o que é a propaganda.**
- **Identificar diferentes técnicas de propaganda.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

Máximo de 20 participantes.

Materiais

- **Marcadores coloridos.**
- **Um discurso de propaganda à sua escolha e se possível um vídeo do discurso.**
- **Suporte de atividade: técnicas de propaganda (tantas cópias quantas o número de participantes).**
- **Um computador com uma boa ligação de Internet e som e, se necessário, um projetor.**

Duração

Cerca de 1,5 horas.

A Atividade

- Recolha uma seleção diversificada de discursos de propaganda da Internet, incluindo gravações de áudio e vídeo.
- Prepare o dispositivo indicado para ouvir ou ver as imagens, se necessário.
- Escute ou assista ao discurso escolhido com as/os participantes.
- Distribua o discurso em formato escrito a cada participante, em conjunto com vários marcadores coloridos.
- Individualmente ou em grupo, peça às/aos participantes para:
  - *Sublinharem toda a informação a amarelo.*
  - *Sublinharem quaisquer ferramentas de comunicação a verde.*
  - *Sublinharem quaisquer promessas políticas a azul.*
  - *Sublinharem quaisquer ferramentas de propaganda a vermelho.*
- Peça às/aos participantes que identifiquem, para cada sequência de palavras sublinhadas, os elementos que são informação, comunicação, promessas e propaganda.
- Convide as/os participantes a partilharem a sua análise enquanto grupo.
- Retorne às "partes vermelhas" do discurso e verifique se as/os participantes identificaram corretamente as técnicas habitualmente utilizadas no discurso de propaganda. Poderá distribuir o suporte de atividade (técnicas de propaganda) como elemento de apoio.

Fonte

E-engagement against violence, un projet de projet de l'Università degli Studi di Firenze: e-engagementagainstviolence.eu

Suporte de atividade: **Técnicas de propaganda**

Técnicas	Descrição	Exemplo no discurso escolhido
Apelo ao medo	Um público que teme submete-se mais facilmente às ideias.	
Alusão a uma autoridade no assunto	Citar pessoas relevantes ou aludir a modelos do passado de modo a sustentar uma ideia: transfusão, uso de mitos para o bem da causa.	
Testemunho	Referir peritas/os ou pessoas comuns de modo a dar relevância à mensagem de propaganda.	
Comportamento de rebanho	Insinuar que um movimento influente de massas já apoia esta ideia (o princípio da unanimidade através da pressão conformista do grupo sobre o indivíduo)	
Revisionismo	Redefinir palavras ou falsificar a história de forma tendenciosa.	
Reprovação	Sugerir que uma ideia ou ação foi adotada por um grupo adversário, para que o público reprove essa ideia sem dispor de informação real sobre a mesma.	
Palavras virtuosas	Apelar ao patriotismo, a um desejo de paz, liberdade, justiça, honra, etc., limitando o pensamento crítico do público. Por associação, as ideias por detrás dos conceitos e programa da/o orador(a) serão percecionadas como positivas, ambiciosas e virtuosas.	
Imprecisão Intencional	Reportar factos apresentando-os de forma enganadora ou referindo estatísticas sem mencionar a sua fonte. A intenção é dar a ideia de que o discurso se baseia em factos.	
Transposição	Promover as qualidades positivas ou negativas de uma pessoa, entidade ou valor (um indivíduo, grupo, nação, etc.), comparando-os com terceiros, de modo a tornar esta segunda entidade mais (ou menos) aceitável.	
Simplificação exagerada	Recorrer a afirmações vagas de modo a providenciar soluções simples para problemas complexos.	
Pessoa Comum	Utilizar linguagem e elementos (roupas, gestos, sotaque) característicos das pessoas comuns.	
Estereótipo	Recorrer aos preconceitos e estereótipos do público.	
Bode expiatório	Escolher um único inimigo para atribuir a culpa, um indivíduo ou grupo de indivíduos, acusados de serem os únicos responsáveis pelo problema, de modo a evitar falar sobre quem é verdadeiramente responsável e sem aprofundar o debate sobre o problema.	
Slogan	Formular ideias através de expressões breves que se tornam memoráveis para o público.	
Alteração do significado semântico	Substituir uma expressão por outra, com intenção de dramatizar ou ampliar os factos, ou, pelo contrário, de os minimizar. Por exemplo, 'um país em ruínas' em vez de 'uma crise económica' ou 'ataque aéreo' em vez de 'bombardeamento', 'danos colaterais' em vez de 'baixas civis'.	

4.3.3. COMPREENDER O DISCURSO DE ÓDIO

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Melhorar a compreensão das diferentes formas do discurso de ódio *online* e as consequências que ele tem nas vítimas e na sociedade como um todo.**
- **Explorar possíveis respostas ao discurso de ódio *online*.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

10-25 participantes.

Materiais

- **Papel e canetas.**
- **Duas tabelas ou *flipcharts* e marcadores (prepare duas tabelas com os títulos 'Consequências para as Vítimas' e 'Consequências para a Sociedade').**
- **Suporte de atividade: Um exemplo de discurso de ódio (uma cópia por subgrupo).**

Duração

Aproximadamente uma hora.

A Atividade

- Pergunte às/aos participantes o que compreendem por discurso de ódio *online*.
- Pergunte se alguém já testemunhou o discurso de ódio *online*, quer seja dirigido a uma pessoa diretamente ou a representantes de grupos específicos (por exemplo homossexuais, negras/os, muçulmanas/os, judias/ /eus, mulheres, etc.). O que sentem as/os participantes quando têm contacto com estas situações? Como creem que as vítimas se sentem?
- Explique às/aos participantes que o termo 'discurso de ódio' é utilizado de modo a abranger um conteúdo muito alargado:
  - *Para começar, engloba mais do que o 'discurso' no senso comum e pode ser utilizado em relação a outras formas de comunicação como vídeos, imagens e música, etc.*
  - *O termo pode ser utilizado para descrever um comportamento muito abusivo e até ameaçador, assim como comentários que são 'meramente' ofensivos.*
- Explique às/aos participantes que irão analisar alguns exemplos da vida real de discurso de ódio *online*, olhando em particular para o impacto nas vítimas e na sociedade.
- Divida as/os participantes em grupos. Dê a cada grupo um exemplo de discurso de ódio *online*.
- Convide as/os participantes a discutirem o seu caso e a responderem às seguintes questões:
  - *Neste exemplo, quem são as vítimas do discurso de ódio? Quais são as consequências do discurso para as vítimas?*
  - *Que consequências pode este exemplo do discurso de ódio ter nas pessoas que se identificam com a comunidade alvo do discurso e na sociedade em geral?*
- Dê às /aos participantes 15 minutos para responderem às questões.

Avaliar a atividade

- Reúna todo o grupo.
- Partilhe cada exemplo solicitando aos grupos que apresentem as suas respostas. Anote as respostas às questões num *flipchart*. Se os grupos derem respostas semelhantes, registe-o sublinhando a resposta ou colocando um número ao lado, indicando que mais do que um grupo chegou à mesma resposta. Assim que todos os grupos tiverem apresentado os seus resultados, olhe de novo para as duas folhas do *flipchart* e recorra às seguintes questões para refletir sobre a atividade com todo o grupo:
  - *O que acharam da atividade? Como se sentiram em relação aos exemplos que analisaram?*
  - *Quais foram algumas das consequências comuns do discurso de ódio referidas pelos grupos?*
  - *Os grupos alvo do discurso de ódio presentes nos exemplos têm algo em comum?*
  - *Há semelhanças nas consequências, independentemente do grupo alvo do discurso de ódio?*
  - *Quais poderão ser algumas das consequências na eventualidade de este comportamento se disseminar* online *e ninguém fizer nada para abordar o problema?*
  - *Que ferramentas ou métodos conseguem sugerir para abordar o discurso de ódio* online*?*
  - *O que podemos fazer se nos depararmos com este comportamento* online*?*

Variações

- Se houver tempo suficiente, poderá querer convidar as/os participantes a desenvolverem mensagens de solidariedade para com as vítimas do discurso de ódio (nos exemplos abordados).
- Poderá recorrer aos casos estudados e observar as ligações entre o discurso de ódio e a liberdade de expressão. Neste caso, poderá discutir com as/os participantes as limitações (ou falta delas) que poderão ser aplicadas em cada caso.

Leitura adicional

- Poderá encontrar mais informação sobre a campanha contra o discurso de ódio *online* em https://www.coe.int/en/web/no-hate-campaign
- Convide as/os participantes a expressarem a sua oposição, ao descobrirem e aderirem ao movimento.

Fonte

Conselho da Europa, *Bookmarks – A Manual for combatting hate speech online through human rights education*, Council of Europe, Strasbourg, 2014

COUNCIL OF EUROPE
CONSEIL DE L'EUROPE

NO HATE
NO HATE SPEECH MOVEMENT

Suporte de atividade: **Exemplos do Discurso de Ódio**

1. Um jovem exibe uma grande bandeira de um partido nacionalista no seu perfil de uma rede social e publica comentários como "Islão fora do meu país – Protejam o nosso povo". Ele publica fotografias com o símbolo de um crescente e uma estrela num sinal de proibição. Dissemina esta informação através das redes sociais e do seu *website* pessoal.

2. X. escreve uma publicação na qual não só demonstra que o Holocausto "nunca aconteceu", mas também faz referências abusivas e racistas acerca do povo judaico. A. partilha a publicação no seu *blog* pessoal e em vários *websites* antijudaicos. A. também publica o conteúdo em *wikis online*, apresentando-o como 'informação científica' acerca do Holocausto.

3. Um artigo publicado por um jornalista de referência num jornal próximo de um dos principais partidos políticos apelida as pessoas de comunidades ciganas de "animais" e apela à sua eliminação através de quaisquer meios. No fórum da versão *online* do jornal, muitos comentários são feitos concordando com as afirmações do jornalista. O jornal não justifica nem apresenta desculpas pelas afirmações do jornalista. Outros artigos são publicados *online* tomando a mesma posição e recorrendo a um tom semelhante, e verifica-se um aumento do número de pessoas que comentam no fórum.

4. É organizada uma campanha *online* sugerindo que a crise económica do país é da responsabilidade das/os imigrantes e refugiadas/os. Começam a circular publicações em várias redes sociais: fotografias que retratam as pessoas refugiadas como agressivas, imagens que apresentam pessoas refugiadas em situações humilhantes, e comentários afirmando que estas pessoas roubam o emprego às/aos locais. Uma grande quantidade de desinformação é disseminada através das redes sociais, incluindo estatísticas falsas demonstrando que as pessoas imigrantes são violentas e causadoras de problemas.

5. São publicados comentários abusivos em vários *sites* de notícias afirmando que as/os estrangeiras/os não têm o direito de estar no país. Alguns dos comentários apelam à violência contra pessoas estrangeiras que não sejam brancas.

6. São publicados vídeos *online* sugerindo que as pessoas da comunidade LGBT são "perversas" e "doentes" e que devem ser mantidas à parte da sociedade pois destroem as tradições e a continuidade da nação. Os vídeos fazem referência a 'investigação científica', mas as referências são sempre deturpadas ou seletivas. Alguns dos vídeos exibem imagens de famílias LGBT com as suas crianças.

7. Um jogo de futebol é interrompido devido a insultos e cânticos das/os apoiantes contra um(a) jogador(a) vista/o como "preta/o". Um vídeo demonstrativo dos cânticos e da interrupção do jogo é publicado *online* e disseminado rapidamente. Os comentários racistas repetem-se em vários *sites*. Quando surgem queixas, muitas das pessoas que apoiam os comentários alegam terem sido vítimas de censura.

8. Um anúncio a calças de ganga circula na Internet há algum tempo. Exibe uma cena em que uma mulher é rodeada por homens. A cena é sexualmente sugestiva, mas a perceção geral é de violência sexual e violação. Num país, várias organizações queixam-se. As notícias na Internet sobre o caso geram muitos comentários, muitos deles reforçando a ideia de que as mulheres são coisas com que os homens podem brincar e infligir violência.

9. Um político acusa as pessoas muçulmanas de serem a principal causa dos crimes contra raparigas. Ele apela ao 'conhecimento comum' e dá alguns 'exemplos ilustrativos'. O vídeo associado ao artigo atrai muitos comentários, alguns de natureza racista e violenta. O discurso é citado por outras pessoas que apoiam a mesma posição e é apresentado como sendo uma opinião respeitável e informada.

10. Vídeos sobre conflitos violentos passados entre dois países permanecem num canal *online* de vídeo. São publicados muitos comentários utilizando linguagem racista para com as pessoas de um dos países. O racismo e os insultos entre representantes das duas comunidades continuam durante um longo período.

11. Música com conteúdo nacionalista é disseminada através de um canal *online* de música. Alguns temas são publicados por membros de duas comunidades étnicas que estiveram envolvidas num conflito violento no passado. Habitualmente os temas encorajam a violência contra pessoas de outro grupo étnico.

4.4. Teorias da conspiração

A perversidade das pessoas que nos manipulam denunciando conspirações falsas é inegável!

O pior é que resulta... especialmente com pessoas jovens que procuram estabelecer a sua própria identidade, testarem-se a si próprias e questionar o que as rodeia de modo a tornarem-se numa pessoa única!

Definir 'teorias da conspiração' não é suficiente para despertar consciências para o assunto. Nas atividades que se seguem, irá constatar como as teorias da conspiração funcionam na prática.

4.4.1. ACREDITAMOS NA CONSPIRAÇÃO?

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Permitir às/aos participantes compreender melhor a linguagem de conspiração.**
- **Familiarizar as/os participantes com acontecimentos interpretados através das teorias da conspiração e questionar essas interpretações.**

Público-alvo

A partir dos 15 anos.

Tamanho do grupo

9-25 participantes.

Materiais

- **Computadores ou telemóveis com uma boa ligação de Internet.**

Duração

Cerca de 50 minutos.

A Atividade

- Divida o grupo em subgrupos de 3-5 pessoas.
- Atribua a cada subgrupo um acontecimento que tenha sido tema para uma teoria da conspiração. Abaixo está uma lista de acontecimentos que foram interpretados desse modo. A lista não é de todo exaustiva:
  - *11 de setembro de 2001*
  - *atentados à bomba nos comboios de Madrid a 11 de março de 2004*
  - *ataques na Noruega a 22 de julho de 2011*
  - *ataques ao Charlie Hebdo, em Montrouge e a um supermercado Kosher – 7-9 de janeiro de 2015*
  - *ataques em Paris (Bataclan, Stade de France e restaurantes) a 13 de novembro de 2015*
  - *ataques à bomba em Bruxelas (estação de Maelbeek e aeroporto de Zaventem) a 22 de março de 2016*
  - *ataque à bomba na Manchester Arena a 22 de maio de 2017*
- Peça a cada subgrupo para eleger um(a) repórter e para trabalharem em conjunto de forma a responder às seguintes questões, recorrendo à Internet para conduzir a pesquisa:
  - *Qual o assunto? Quais são os factos?*
  - *Do que estamos a falar? Quem são as/os diferentes protagonistas?*
  - *O que sabemos sobre elas/es?*
  - *Onde aconteceu?*
  - *Quando aconteceu?*
  - *Qual é o interesse das/os envolvidas/os em apresentarem a sua interpretação dos acontecimentos?*
- Reúna de novo todo o grupo.
- Peça a cada subgrupo para apresentar os resultados da sua pesquisa.

Avaliar a atividade

Após as apresentações serem concluídas, a atividade poderá ser prolongada através de um debate aberto sobre o tema das teorias da conspiração e sobre como procuramos informação nos *media*. Aqui estão algumas questões a que pode recorrer para iniciar o debate:

- *O que é um facto? Qual a diferença entre um 'facto' e a sua 'explicação', as suas 'interpretações'?*
- *O que significa para ti a palavra 'conspiração'?*
- *Como procuras informação?*
- *Qual a diferença entre informação fidedigna e informação não fiável?*
- *Onde encontraste a informação que apresentaste?*
- *Como consegues reconhecer informação fidedigna?*

Fonte

BePax, *Déconstruire les théories du complot*, www.bepax.org/files/files/OUTILS/bepax-deconstruire-les-theories-du-complot-fiches-pedagogiques.pdf

4.4.2. A TUA VEZ DE CRIAR UMA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO!

Objetivos

Esta atividade visa:

- **Desenvolver o sentido de autonomia e criatividade.**
- **Alcançar uma melhor compreensão das teorias da conspiração.**
- **Desenvolver o pensamento crítico.**

Público-alvo

15-18 anos.

Tamanho do grupo

15-25 participantes.

Materiais

- **Papel-cartão e marcadores.**
- **Papel e canetas.**
- **Dispositivo para reproduzir vídeo (computador, projetor, etc) e uma boa ligação de Internet.**
- **Suporte de atividade.**

Duração

Duas sessões separadas de 50 minutos cada.

Preparação

- Poderá começar a atividade mostrando um vídeo de paródia de teorias da conspiração, se estiverem reunidos os recursos necessários. Aqui estão alguns exemplos, embora possa encontrar os seus:
  - Exemplo 1: Conspiracies (Web Exclusive): Last Week Tonight with John Oliver (HBO) https://www.youtube.com/watch?v=fNS4lecOaAc
  - Exemplo 2: 10 Hilariously Stupid Conspiracy Theories People Actually Believe – Whatculture.com https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=Q_OIXfkXEj0

A Atividade

- Posteriormente, inicie o debate em torno das seguintes questões:
  - *Que técnicas são utilizadas no vídeo para convencer quem assiste a ele?*
  - *O que tem o vídeo em comum com outros vídeos de teorias da conspiração?*

Poderá querer registar os diferentes aspetos que emergem deste debate para utilizar na parte seguinte da atividade.

- Divida o grupo em vários subgrupos de quatro a cinco pessoas e indique a cada grupo que deverão trabalhar em conjunto para criarem a sua própria teoria da conspiração.
- Peça às/aos participantes para escolherem uma forma de representação da sua teoria (artigo, guião, esboço, etc.). Para definir o enredo da conspiração, cada grupo deverá trabalhar em conjunto para responder a estas questões iniciais:
  - *Que evento marca o ponto de partida para a teoria da conspiração que inventaram?*
  - *Quem ou que grupo tenta tirar partido da teoria da conspiração?*
  - *Qual é o objetivo da teoria da conspiração?*

Tenha atenção e certifique-se de que o grupo é um grupo social e não um grupo étnico ou religioso. Por exemplo, um grupo baseado em categorias profissionais – agricultoras/es, professoras/es –, faixas etárias – séniores, adolescentes – ou até seres sobrenaturais ou animais – extraterrestres, *smurfs*, cangurus, etc.

  – *Qual é a história por trás do enredo que inventaram? O que acontece no decorrer do enredo*?

- Quando todos os grupos tiverem formulado uma ideia básica, podem começar a incorporar elementos do suporte de atividade 'ingredientes da conspiração'. Também poderão incluir ideias exploradas durante o debate inicial. Poderá querer separar os 'ingredientes da conspiração' em diferentes pedaços de papel. Peça a cada grupo para selecionar três pedaços aleatoriamente e integrar os ingredientes na sua história.
- Após criarem e reverem a história, peça a cada grupo para apresentar a sua produção ao resto do grupo.

Dicas

- Esta atividade ajudará na conclusão da jornada pedagógica sobre teorias da conspiração. Recomendamos que forneça previamente alguma informação geral sobre o assunto.
- Aconselhamos também a não abordar grupos étnicos e religiosos e evitar recorrer a quaisquer estereótipos sensíveis, mesmo que de forma irónica.

Variação

- Se houver tempo, meios e competências técnicas, as/os participantes poderão também criar um vídeo.

Fonte

BePax, *Déconstruire les théories du complot*, www.bepax.org/files/files/OUTILS/bepax-deconstruire-les-theories-du-complot-fiches-pedagogiques.pdf

Suporte de atividade: **Ingredientes para uma teoria da conspiração**

1. Após todos os grupos terem escolhido o seu tema principal, deverão integrar 'os ingredientes para uma teoria da conspiração', acrescentando-os ao que discutiram no debate inicial. Uma possível ideia seria cortar o papel em pequenos fragmentos e pedir às/aos participantes para escolherem três de forma aleatória e adicionarem à sua teoria da conspiração.

- Utiliza perguntas retóricas
- Reúne detalhes (verdadeiros ou falsos) que sustentam a teoria
- Demonstra que existem várias coincidências entre os 'factos' e as teorias
- Demonstra quais as possíveis consequências do evento em questão
- Estrutura a história: uma introdução histórica e um fim chocante
- Sê agressiva/o na tua argumentação e demonstra autoridade
- Escolhe algumas frases: utiliza frases com um 'fator de choque' para ajudar o teu argumento
- Utiliza os tempos condicionais e imperativos
- Utiliza estereótipos
- Utiliza fotos chocantes

> Se o teu grupo tiver tempo/meios técnicos para criar um vídeo, aqui estão alguns ingredientes que podem acrescentar:

- Utiliza música dramática
- Utiliza voz para uma narração com um tom perturbador
- Utiliza um(a) narrador(a) anónimo
- Utiliza cores escuras

2. Quando as/os participantes tiverem terminado as suas teorias da conspiração, cada grupo apresenta o seu resultado ao resto do grupo.

GLOSSÁRIO

Convivência

Coexistência harmoniosa entre diferentes indivíduos e comunidades. De acordo com o Conselho da Europa, a convivência significa: liberdade de expressão e pluralismo de opiniões; respeito pela dignidade humana, diversidade cultural e os 'direitos dos outros', de modo a assegurar a tolerância e a compreensão; participação de todas/os as/os cidadã(o)s nos assuntos públicos, a possibilidade de aceder à informação e aos *media*.

Conselho da Europa, *Living together*. A handbook on Council of Europe standards on media's contribution to social cohesion, intercultural dialogue, understanding, tolerance and democratic participation. Council of Europe, Strasbourg, 2009. p.50.

https://rm.coe.int/1680483533

Discriminação

Discriminação direta: quando uma pessoa é tratada de forma menos favorável em relação a outra, numa situação comparável, devido à sua raça, origem étnica, religião ou convicções religiosas, incapacidade, idade ou orientação sexual. Um exemplo de discriminação direta seria promover uma oferta de emprego indicando que 'pessoas com incapacidade não se podem candidatar'. Todavia, na realidade, a discriminação assume frequentemente formas mais subtis. Por este motivo a discriminação indireta é também uma tendência igualmente crescente.

Discriminação indireta: quando uma disposição, um critério ou prática aparentemente neutros desfavorecem um grupo de pessoas, com base na sua raça, origem étnica, religião ou convicções religiosas, incapacidade, idade ou orientação sexual, a menos que essa disposição, critério ou prática possam ser objetivamente justificados por um objetivo legítimo. Por exemplo, exigir que uma pessoa candidata a um emprego em particular realize um teste num idioma específico, mesmo sabendo que esse idioma não é essencial à função. Este é um exemplo de discriminação indireta. O teste poderia excluir qualquer pessoa que tenha outro idioma nativo.

Desinformação

Informação falsa que visa enganar, em especial a propaganda difundida por uma organização governamental em relação a uma organização rival ou aos *media*.

Oxford, https://en.oxforddictionaries.com/definition/disinformation

Desradicalização

O processo social e psicológico no qual o compromisso, ou envolvimento, de um indivíduo com a radicalização é reduzido até que deixe de estar em risco de envolvimento em atividades violentas. O termo 'desradicalização' poderá também referir-se a qualquer iniciativa que vise alcançar uma redução do risco de reincidência, abordando as questões específicas e relevantes da desvinculação. A desradicalização implica um desvio cognitivo – uma mudança fundamental ao nível da compreensão.

Comissão Europeia, *STRIVE for Development, Strenghtening Resilience to Violence and Extremism*, Serviço das Publicações da União Europeia, Luxembourg, 2015,

https://ec.europa.eu/europeaid/sites/devco/files/strive-brochure-20150617_en.pdf

Discurso de ódio

O termo discurso de ódio, tal como foi definido pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa, abrange todas as formas de expressão que propagam, incitam, promovem ou justificam o ódio racial, a xenofobia, o sexismo ou outras formas de ódio baseadas na intolerância, discriminação e hostilidade para com minorias, imigrantes e pessoas com ascendentes imigrantes, religiões ou discriminação em relação a orientações sexuais diferentes.

Era Digital

A era digital refere-se ao período em que a troca de informação através de código digital se tornou desenvolvida e generalizada. Este período é considerado por algumas pessoas revolucionário para a nossa história, tal como a invenção da escrita pelos Sumérios ou a invenção da impressão por Gutemberg.

Extremismo

Literalmente, "extremismo" significa a "crença e o apoio em relação a ideias que estão longe do que a maior parte das pessoas consideram ser correto ou razoável." "Extremismo" refere-se portanto a atitudes ou comportamentos considerados como fora da norma. Este entendimento básico de dicionário realça a natureza inerentemente subjetiva do termo, que pode estar associado a diferentes significados dependendo de quem define a norma e decide o que é, em conformidade, aceitável ou não.

UNESCO, *Preventing violent extremism through education. A Guide for policy-makers*, UNESCO, Paris, 2017.

http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002477/247764e.pdf

Fake News

Informação falsa e manipulada com intenção de prejudicar. De acordo com o Les Décodeurs, a secção de verificação de factos do jornal francês *Le Monde*, as *fake news* "utilizam códigos e formas da imprensa tradicional para se mascararem enquanto exercício jornalístico".

UNESCO, https://en.unesco.org/courier/2017-july-september/lexicon-digital-age

Identidade Cultural

A noção de identidade cultural é um assunto controverso, com várias interpretações diferentes. Geralmente entendida como o princípio através do qual uma pessoa é definida devido às suas origens na sua área de residência, a ideia de um Estado-nação. Mais recentemente, em particular no contexto de movimentos migratórios, a identidade cultural tende a ser definida de acordo com a cultura de origem ou a cultura da família, independentemente da relação da pessoa com o seu país ou região ou com a origem dos seus pais. Esta evolução do significado de identidade cultural choca com a ideia de que a identidade é sobretudo uma construção individual.

Identidade Social

A identidade social é caracterizada pelos atributos pessoais (idade, sexo, emprego…) e estatuto (estudantes, jovens, executiva/os…). Consequentemente, é estabelecida de acordo com uma suposta pertença a um grupo ou subgrupo. Tal como a identidade individual, é provável que a identidade social evolua ao longo da vida de uma pessoa, dependendo das experiências vividas, sejam estas favoráveis ou não.

Interculturalidade

Interculturalidade é um conceito dinâmico e refere-se a relações progressivas entre grupos culturais. Tem sido definida como "a existência e interação equitativa de diversas culturas e a possibilidade de gerar expressões culturais partilhadas através do diálogo e respeito mútuos." Interculturalidade pressupõe multiculturalismo e resulta da partilha e diálogo 'interculturais' a nível local, regional, nacional ou internacional.

UNESCO, *Guidelines on Intercultural Education*, UNESCO, Paris, 2006

http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878e.pdf

Laicidade

Laicidade é um princípio que estabelece uma separação entre o poder político e o poder religioso. Garante a neutralidade do Estado e a sua não interferência nos assuntos religiosos.

Literacia digital

A capacidade de recorrer a tecnologia, a ferramentas de comunicação ou redes para localizar, avaliar, utilizar e criar informação. Também se refere à capacidade de compreender e utilizar informação em vários formatos e com origem em fontes bastante diversas, quando apresentada através de computadores, ou à capacidade de uma pessoa realizar tarefas de forma eficaz num ambiente digital. A literacia digital inclui a capacidade de ler e interpretar conteúdo *media*, apresentar informação e imagens através de meios digitais, e avaliar e aplicar o novo conhecimento adquirido a partir de um ambiente digital.

Akyempong Kwame, Cheung Chi-Kim, Grizzle Alton, Tuazon Ramon, Wilson Carolyn, *Media and information literacy. Policy and Strategy Guidelines*. UNESCO, Paris, 2012,

http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225606e.pdf

Literacia dos *Media* e da Informação

Ser letrada/o nos *media* significa ter as competências práticas, conhecimento e atitudes que conduzem à compreensão do papel e funções dos *media* nas sociedades democráticas, à avaliação crítica do conteúdo *media*, à interação com os *media* no sentido da autoexpressão, ao diálogo intercultural e à participação democrática. As pessoas têm assim maior probabilidade de estarem equipadas para reconhecer a importância dos *media* e outras fontes de informação, assim como os pontos fracos ou a força das mensagens ou informação disseminadas por eles.

Akyempong Kwame, Cheung Chi-Kim, Grizzle Alton, Tuazon Ramon, Wilson Carolyn, *Media and information literacy. Policy and Strategy Guidelines*. UNESCO, Paris, 2012.

http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225606e.pdf

Marginalização

O processo no qual indivíduos ou grupos são excluídos e empurrados para as margens da sociedade devido à pobreza, incapacidades, falta de educação, e racismo ou discriminação, relacionados com a origem, etnia, religião ou orientação sexual.

European Commission, *The contribution of youth work to preventing marginalization and violent radicalization. A practical toolbox for youth workers & recommendations for policy makers, Office des publications de l'Union européenne*, Luxembourg, 2017.

Multiculturalismo

A preservação e inclusão proativa de um vasto conjunto de culturas, práticas religiosas e etnias no contexto de uma sociedade, região ou Estado unificados. Este poderá ser um objetivo geral visado pelas políticas ou encorajado pelas autoridades locais e cidadã(o)s. Poderá ser visto como uma prática ou um objetivo normativo.

Comissão Europeia, *STRIVE for Development, Strenghtening Resilience to Violence and Extremism*, Serviços de Publicações da União Europeia, Luxembourg, 2015,

https://ec.europa.eu/europeaid/sites/devco/files/strive-brochure-20150617_en.pdf

Pensamento Crítico

A capacidade de examinar e analisar informação e ideias de modo a compreender e avaliar o seu valor e hipóteses, em vez de simplesmente as aceitar conforme nos são transmitidas. A educação para os *media*, em particular, promove o pensamento crítico de forma a encorajar uma atitude crítica de todas/os no seu processo de decisão e no processo de aprendizagem em geral.

Populismo

Uma abordagem política com intenção de apelar às pessoas comuns que sentem que as suas preocupações são ignoradas pelas elites estabelecidas.

Oxford, https://en.oxforddictionaries.com/definition/populism

Pós-Verdade

Declarada Palavra do Ano 2016 pelos Dicionários de Oxford, o adjetivo é definido como "relativo a ou referindo-se a circunstâncias em que os factos objetivos são menos influentes para moldar a opinião pública do que os apelos à emoção e as convicções pessoais". O termo foi originalmente utilizado na década de 1990, e popularizado pelas campanhas do referendo do Brexit e das eleições presidenciais americanas em 2016. A pós-verdade descreve uma política retórica que não se preocupa com os factos e que demonstra a perda de confiança das/os eleitoras/es nos *media* tradicionais e nas instituições.

UNESCO https://en.unesco.org/courier/2017-july-september/lexicon-digital-age

Prevenção

O ramo da Estratégia de Combate ao Terrorismo da União Europeia que se foca principalmente no Combate ao Extremismo Violento. Tem o objetivo de reduzir ou eliminar o risco de os indivíduos se envolverem em atividades terroristas. Prevenção envolve a identificação e o encaminhamento das pessoas suscetíveis ao extremismo violento para intervenções adequadas. Estas intervenções visam evitar que indivíduos suscetíveis entrem na via da radicalização.

European Commission, *STRIVE for Development, Strenghtening Resilience to Violence and Extremism*, Serviço de Publicações da União Europeia, Luxembourg, 2015

https://ec.europa.eu/europeaid/sites/devco/files/strive-brochure-20150617_en.pdf

Propaganda

Uma forma de comunicação que visa influenciar a atitude da comunidade em relação a uma causa ou posição. As/os cidadã(o)s a quem não foram incutidas as competências da literacia dos *media* e da informação desde cedo podem tornar-se autoras/es de um uso antiético da informação, por exemplo disseminando propaganda na Internet de modo a contribuírem para os potenciais aspetos negativos dos *media* e da Internet.

Akyempong Kwame, Cheung Chi-Kim, Grizzle Alton, Tuazon Ramon, Wilson Carolyn, *Media and information literacy. Policy and Strategy Guidelines*. UNESCO, Paris, 2012

http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225606e.pdf

Radicalismo

Radicalismo é a defesa de e o compromisso com mudanças radicais e a reestruturação das instituições políticas e sociais, procurando remover as restrições tradicionais e processuais que sustentam o *status quo*.

Comissão Europeia *The contribution of youth work to preventing marginalization and violent radicalization. A practical toolbox for youth workers & Recommendations for policy makers*, Office des publications, União Europeia, Luxembourg, 2017.

Radicalização

Tal como o termo "extremismo", o termo "radicalização" é altamente debatido quando utilizado no contexto do extremismo violento. A preocupação é a de que o uso do termo possa servir para justificar limitações à liberdade de expressão. Na verdade, "radical" pode ser definido de várias formas dependendo da circunstância. Em certos contextos, poderá simplesmente significar "vontade de provocar a mudança política". No contexto dos esforços para a prevenção do extremismo violento, "radicalização" é frequentemente usado para descrever os processos pelos quais uma pessoa adota visões ou práticas extremas ao ponto de legitimar o uso da violência. A noção chave aqui é o processo de aceitar a violência. Se se pretender visar o processo pelo qual uma pessoa se torna um(a) extremista/o violenta/o, a expressão "radicalização que conduz à violência" será mais apropriada do que "extremismo violento", que se foca no recurso à violência com motivação ideológica.

UNESCO, *Preventing violent extremism through education. A Guide for policy-makers*, UNESCO, Paris, 2017

http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002477/247764e.pdf

Radicalização que conduz à violência

Um processo através do qual as pessoas adotam um sistema de crenças extremista – incluindo a intenção de utilizar, encorajar ou facilitar a violência – de modo a promover uma ideologia, um projeto político ou uma causa como meio para a transformação social.

Resiliência

Resiliência refere-se, habitualmente, à capacidade de uma pessoa para ultrapassar desafios que têm um impacto negativo no seu bem-estar emocional e físico. No contexto do extremismo violento, "resiliência" refere-se à capacidade de resistir – ou não aderir – a visões e opiniões que retratam o mundo através de verdades exclusivas, que legitimam o ódio e o uso da violência. Na educação, isto implica desenvolver a capacidade das/os estudantes para pensar de forma crítica, aprender através do questionamento (aprendizagem com base no questionamento) e verificar os factos de modo a não se tornarem vítimas das visões simplistas e unidimensionais do mundo propagadas por grupos extremistas violentos. Construir a resiliência entre as/os estudantes e jovens é uma das medidas chave que podem ser implementadas pelo setor da educação de modo a prevenir a disseminação do extremismo violento.

UNESCO, *Preventing violent extremism through education. A Guide for policy-makers*, UNESCO, Paris, 2017

http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002477/247764e.pdf

Teoria da Conspiração

Uma falsa interpretação de informação que explica um assunto como sendo o resultado de um procedimento conspirativo. Por exemplo, um(a) teórica/o da conspiração poderá afirmar que uma nação se encontra secretamente sob controlo de uma espécie de cabala e não do próprio governo. As teorias da conspiração surgem frequentemente a partir de um desejo de encontrar respostas "maiores" e mais complexas para acontecimentos que na verdade são relativamente simples. Também podem ser criadas por pessoas que procuram retirar legitimidade a eventos que não são bem-vindos.

https://www.adl.org/resources/glossary-terms/conspiracy-theory

Liga Anti Difamação (ADL)

Terrorismo

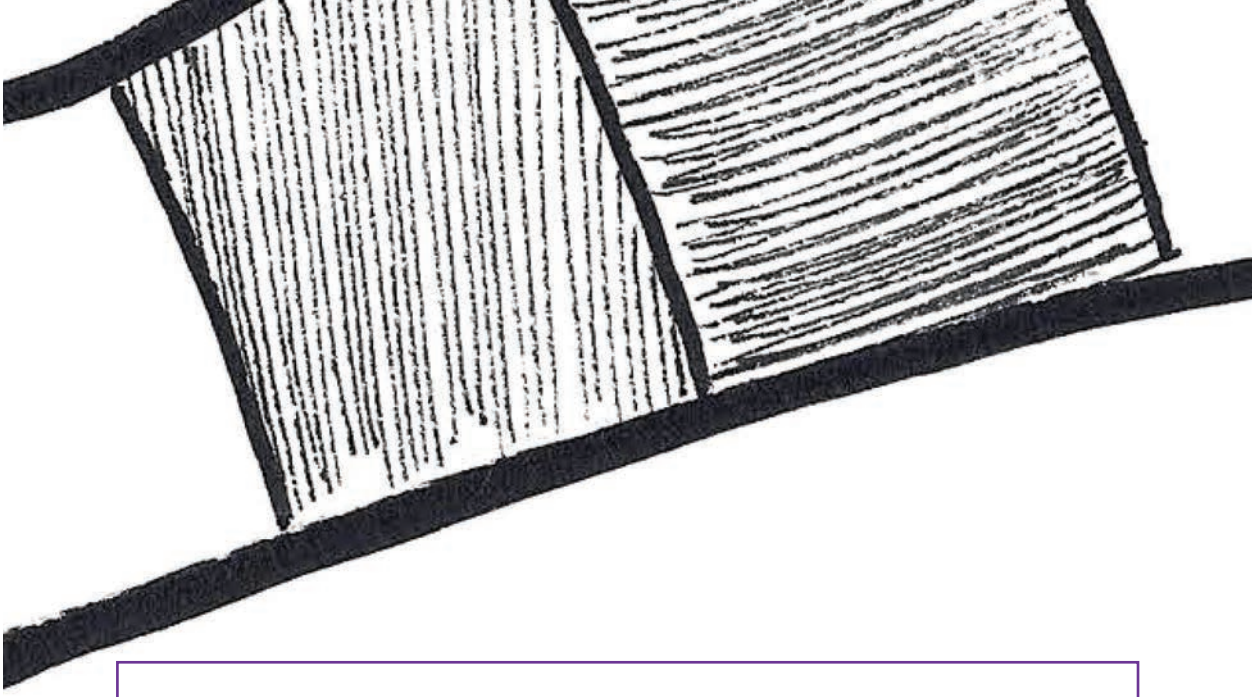
"Terrorismo" refere-se a uma estratégia específica adotada para alcançar um objetivo político, sendo unicamente a criação e exploração deliberada do medo. Numa marcante Resolução (A/RES/64/297) da Assembleia Geral das Nações Unidas, os vários países condenaram de forma firme e inequívoca o terrorismo em todas as suas formas e manifestações, *"cometido por quem for, onde for, e independentemente dos objetivos, uma vez que constitui uma das mais sérias ameaças à paz e segurança internacional"*. Este Guia não abrange o vasto conjunto de atividades que podem ser incluídas no entendimento do terrorismo. Ao invés, limita-se a abordar o uso da violência com motivação ideológica. Os termos "extremismo violento" e "terrorismo" são frequentemente utilizados erradamente em substituição um do outro. Embora o terrorismo seja uma forma de extremismo violento, e sendo o terrorismo também habitualmente motivado pela ideologia, o fundamento concetual do terrorismo que o distingue do extremismo violento é a criação de medo ou terror como meio para atingir um fim.

UNESCO, *Preventing violent extremism through education. A Guide for policy-makers*, UNESCO, Paris, 2017

Trabalho com Jovens

Um vasto conjunto de atividades sociais, culturais, educativas ou políticas empreendidas por, com ou para as pessoas jovens. Poderá também incluir o desporto e serviços de juventude (por exemplo, serviços de informação para jovens), educação fora das escolas, atividades informais ou recreativas. Poderá ser feito a nível local, regional, nacional e europeu.

Comissão Europeia *The contribution of youth work to preventing marginalization and violent radicalization. A practical toolbox for youth workers & Recommendations for policy makers*, Serviço de Publicações da União Europeia, Luxembourg, 2017.



O objetivo de *Liaisons* não é decifrar e analisar os pormenores técnicos do extremismo violento. Acima de tudo, *Liaisons* é uma **ferramenta prática** para qualquer pessoa que trabalhe com jovens (técnicas/os de juventude, técnicas/os de informação para jovens, educadoras/es, professoras/es, assistentes sociais, jovens líderes e voluntárias/os, etc.) possa abordar e discutir, com elas/es, as questões e conceitos que podem contribuir para a prevenção do extremismo violento nas/os jovens.

Este manual providencia uma abordagem aprofundada, que tem em conta o longo prazo e considera questões como **a identidade, as diferenças, a autoconsciência, a arte de debater, e a literacia dos *media* e da informação.** Trata-se de uma tarefa ambiciosa, uma vez que pretende **sensibilizar as/os jovens** de que:

- As diferenças são valiosas;
- A divergência de opinião ajuda a promover a livre **troca de ideias** e possibilita a mudança na sociedade;
- O **pensamento crítico** ajuda a promover a autonomia e a liberdade;
- A **auto confiança** é a base da realização pessoal e é uma condição necessária para que uma pessoa encontre o seu lugar na sua sociedade; e que
- Todos estes elementos (e outros) se tratam de ingredientes importantes para a coexistência, e como tal são essências para a construção de uma sociedade multicultural respeitadora e progressiva.

As/os profissionais que trabalham no setor de juventude, através da estreita relação e confiança que estabelecem com as/os jovens, estão na posição ideal para identificar os fatores de risco e prevenir eventuais desvios no sentido da radicalização e do extremismo violento. Esta é definitivamente uma tarefa desafiante, mas bastante necessária de modo a enfrentar as atuais mudanças na sociedade. Em última instância, esperamos que *Liaisons* ajude as pessoas que trabalham com jovens a estarem à altura dos desafios que enfrentam no seu trabalho diário.

eryica

european youth information
and counselling agency

info@eryica.org
www.eryica.org

ISBN 978-2-919810-16-1